



**Pesquisadores Guarani no Processo de Transmissão de Saberes e
Preservação do Patrimônio Cultural Guarani**

Convênio nº 762977/2011



Sumário

Apresentação	3
O Projeto e seu Contexto	3
Primeiras Ações	4
Equipe.....	4
Sobre o Processo: A Pesquisa pelos Guarani Mbya.....	6
A Formação.....	6
Tarefa da Tradução	9
Audiovisual como Pesquisa	17
Avaliação do Processo.....	21
Algumas Dimensões do Xondaro	22
Bibliografia Citada.....	31
Relatório do 1º Curso de Formação de Pesquisadores.....	34
Relatório do 2º Curso de Formação de Pesquisadores.....	58
Relatório do 3º Curso de Formação de Pesquisadores.....	82
Relatório do 4º Curso de Formação de Pesquisadores.....	102
Relatório do 5º Curso de Formação de Pesquisadores.....	117
Relatório de Acompanhamento de Pesquisadores – Aldeia Jaraguá	124
Relatório de Acompanhamento de Pesquisadores – Aldeia Krukutu	149
Relatório de Acompanhamento de Pesquisadores – Aldeia Tenonde Porã	155
Relatório de Acompanhamento de Pesquisadores – Aldeia Peguaoty.....	165
Relatório de Acompanhamento de Pesquisadores – Aldeia Ribeirão Silveira	171
Relatório de Acompanhamento de Pesquisadores – Ko’enju	176
Relatório: O Audiovisual no curso de Formação de Pesquisadores	180

Apresentação

O Projeto e seu Contexto

O projeto *Pesquisadores Guarani no Processo de Transmissão de Saberes e Preservação do Patrimônio Cultural Guarani* é uma extensão da 1ª fase do Inventário Nacional de Referências Culturais Guarani (INRC), realizada entre os anos 2009 e 2011 por meio de uma parceria entre o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID).

Durante a 1ª fase do INRC, seguindo a metodologia do IPHAN, foram apontadas “referências culturais” dos Guarani, que poderiam servir de guia para estimular jovens guarani a registrar e pesquisar, eles próprios, alguns dos conhecimentos de seu povo. Dentre as referências culturais, foi eleito como primeiro foco de pesquisa o *xondaro*.

Apesar de ser uma prática viva nas diversas aldeias, a realização dessa pesquisa foi uma possibilidade de fortalecer ainda mais essa expressão, e de atualizar os conhecimentos dos mais velhos por meio da aproximação entre as gerações e pela maior articulação entre as comunidades guarani.

Este trabalho se situa, portanto, no campo das atuais políticas públicas estimuladas e criadas a partir da Constituição Federal (CF) de 1988, que reconhece claramente a dimensão “imaterial ou intangível” do patrimônio cultural.

Contudo, se a metodologia do INRC foi o ponto de partida desse trabalho, proporcionando sua realização, ela não foi o objetivo último, nem o único guia do processo. Os objetivos principais da realização de uma formação de pesquisadores guarani eram: 1. Proporcionar uma reflexão sobre os modos de conhecimento em jogo nesse encontro de regimes de saber, questionando-se sobre as possibilidades de uma apropriação e transformação do instrumento da pesquisa por jovens guarani, que se deparam com modos de aprendizado muito distintos em sua vida cotidiana; 2. Fomentar uma reflexão e capacitação dos jovens guarani para a tarefa de tradução – não meramente linguística, mas principalmente acerca das formas culturais –, tomando a tradução como um importante instrumento político, que possibilita aos guarani se fazer conhecer pelos

brancos, para que esses os respeitem; e 3. Motivar o interesse das gerações mais jovens por saberes e formas de expressões próprias aos Guarani.

A grande relevância desse projeto encontrou-se, dessa maneira, no processo de formação desses jovens, sendo os produtos (o livro *Xondaro Mbaraete - A Força do Xondaro*, o filme de mesmo nome e a ficha de Celebrações do INRC) apenas cristalizações de parte desse complexo trajeto executado pela equipe.

Primeiras Ações

O projeto, desde sua elaboração, manteve um diálogo com algumas lideranças guarani de aldeias de São Paulo, a saber: Timóteo Popygua, Giselda Jera e Marcos Tupã. Foram realizadas algumas reuniões informais prévias à escrita do projeto para adequá-lo aos interesses e demandas das comunidades de São Paulo, bem como discutir a melhor forma de conduzir o processo de formação a partir da experiência prévia de Joana Cabral de Oliveira com os pesquisadores wajãpi (AP).

A primeira reunião oficial (com o projeto plenamente aprovado), ocorreu nos dias 14 e 15 de setembro de 2012 na aldeia Tenonde Porã (SP), com a presença de comitivas das cinco aldeias que participariam do projeto, a equipe do CTI e representantes do IPHAN. O primeiro dia de reunião foi deixado às apresentações, à realização de danças e cantos guarani, e às falas de aconselhamento dos *xeramõi*¹ e *xejaryi*². O segundo dia foi dedicado a apresentar e discutir o projeto, esmiuçando seus objetivos, seu contexto, sua forma e seus produtos.

Estando todos de acordo com as ações propostas, construímos o cronograma de trabalho que foi seguindo ao longo do ano.

Equipe

Compuseram a equipe de pesquisa os jovens guarani: Alexandre Ferreira Benites (Wera Poty); Donizete Karai Fernandes Soares da Silva (Karai); Edson Tejekupe dos

¹ Avôs, conhecedores, pajés

² Avós, conhecedoras, pajés

Santos; Kerexu Mirim da Silva; Miller Orue Gonçalves; Nilson da Silva; Silvio Aquiles Euzébio; Vilmar Evaristo da Silva; Vitalino Gomes Euzébio; Vladmir Karai Poty Macena; passando por ela também Cristian da Silva; Osmar Veríssimo; Joraci Taoya Gonçalves.

Além desses jovens, Marcos Tupã dos Santos foi coordenador do projeto, sendo uma figura de mediação e tradução indispensável para sua execução. Tupã foi peça fundamental para conseguir aumentar o escopo de diálogo do projeto, explicando em cada aldeia pela qual passamos as ações das políticas públicas de direitos culturais, proporcionando uma reflexão mais ampla sobre o projeto e possíveis desdobramentos futuros relacionados aos direitos culturais.

Outra figura de extrema importância foi Pedro Vicente, *xeramõi* e *xondaro ruvixa*³ que acompanhou todo o processo. Ele interferiu diretamente nos cursos e apontou diversas questões acerca do *xondaro*, permitindo uma formação singular desses jovens. Outro *xeramõi* que acompanhou a equipe em boa parte das atividades foi Hortêncio, que também contribuiu para os aconselhamentos e boas palavras dirigidas aos pesquisadores guarani.

Quanto a equipe dos não-índios, o trabalho de formação foi conduzido e coordenado por Joana Cabral de Oliveira. Lucas Keese ficou responsável por focar-se no uso do audiovisual como instrumento de pesquisa, participando ativamente da formação dos pesquisadores em diálogo constante com Joana. Contamos ainda com a participação de Daniel Pierri, Maria Inês Ladeira e Eliza Castilla em alguns momentos, auxiliando na compreensão do contexto mais amplo em que se insere esse projeto e de como os direitos culturais se apresentam nas políticas do Governo.

A presença de constante de Damiana Bregalda, consultora do Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN, também foi importante para mantermos as ações do projeto em diálogo com as propostas da instituição governamental, além de ter auxiliado no registro fotográfico do trabalho.

³ Aquele que puxa a dança do *xondaro* e, como Pedro Vicente gosta de ser chamado, “ensinador de *xondaro*”.

Por fim note-se a contribuição fundamental de Inaiá de Carvalho na administração e logística para realização das atividades.

Sobre o Processo: A Pesquisa pelos Guarani Mbya

A Formação

Um relato detalhado dos cursos de formação pode ser encontrado em anexo nos relatórios de cada um dos cinco módulos ministrados, aqui nos deteremos apenas em uma caracterização geral, pontuando aspectos da metodologia utilizada.

Os cursos, realizados em cada uma das cinco aldeias participantes do projeto (Krukutu, Tenonde Porã, Peguaoty, Jaraguá e Silveira), foram marcados por uma combinação entre a metodologia de ensino dos brancos, coordenada por Joana Cabral de Oliveira, e momentos de ensino guarani, onde se destacaram as falas de aconselhamento dos mais velhos, a dança, o canto e ensinamentos orientados por Pedro Vicente, sendo as noites deixadas para a participação nas casas de reza (*opy*).

O primeiro curso teve como foco iniciar uma discussão acerca dos diferentes modos de conhecer. Trazendo exemplos de outros povos, sendo a ciência uma entre outras formas de conhecer, visávamos começar uma reflexão sobre os modos apropriados de se aprender e de conhecer na concepção guarani, para pensar como a pesquisa poderia ser apropriada e elaborada como um instrumento que levasse em conta as particularidades guarani. Após essa discussão pudemos olhar criticamente para os procedimentos metodológicos da pesquisa em antropologia e, assim, formular melhor um roteiro de pesquisa que fizesse sentido dentro desse contexto. Finalizamos formulando um cronograma de trabalho e atividades.

A escolha de iniciar o caminho por essa questão dos modos de conhecer foi fundamental para se construir algo próprio, isso justifica nossa escolha inicial de não partir da ficha do INRC, pois ensinava-se que os Guarani apontassem quais eram as questões relevantes a serem encaradas, além de se construir conjuntamente uma estratégia de pesquisa.

O segundo curso foi dedicado a refinar a reflexão sobre modos de conhecer, e as possibilidades de diálogos e embates entre as formas de conhecimento científico dos *jurua kuery*⁴ e as formas de conhecimento guarani. Nesse curso iniciamos uma aproximação de alguns conceitos fundamentais nessa interlocução com o Estado, tais como: cultura, inventário cultural, bem cultural, referência cultural, material e imaterial etc. Com isso pudemos evidenciar a esfera de ação política do trabalho do pesquisador guarani, sendo fundamental manejar esse aparato conceitual para a tarefa de traduzir e se mostrar aos brancos. Também iniciamos uma discussão sobre formas de tradução. Dado que a pesquisa já havia começado pudemos começar uma avaliação da execução de algumas técnicas (como a entrevista e a transcrição), para poder refletir sobre o andamento da pesquisa e repensar sua execução.

O terceiro curso além de começar a organizar e discutir o material produzido pelos pesquisadores pôde, devido ao desenvolvimento do trabalho nas aldeias, começar a olhar e refletir sobre o trabalho do pesquisador guarani e sua relação com as políticas de direitos culturais dos *jurua kuery*. Assim discutimos e problematizamos, por exemplo, as implicações de registros de bens culturais imateriais, os desdobramentos e efeitos realização de inventários culturais etc.

No quarto curso demos prosseguimento a análise e cristalização da pesquisa realizada. Também apresentamos o INRC, mais precisamente as cinco categorias de bens culturais segundo o IPHAN. A partir das proposições e categorias do INRC discutimos em quais locais o xondaro se encaixaria realizando um esforço cuidadoso de tradução.

O quinto curso foi dedicado à finalização dos produtos e discussões de traduções de conceitos guarani, incluindo um primeiro esforço de preenchimento da ficha de celebrações do INRC.

É preciso notar que a discussão sobre modos de conhecer perpassou os cinco cursos, sendo fundamental para construir criticamente as atividades de pesquisa e, em especial, para compreender as dificuldades que surgiam ao longo do processo, destacando-se alguns embates e diálogos fomentados pela inadequação da metodologia de pesquisa antropológica para apreensão e registro de saberes guarani.

⁴ Um dos modos como os Guarani se referem aos não-índios.

A metodologia empregada pode ser resumida pelos seguintes pontos: aulas expositivas, movidas por perguntas constantes que visavam estimular uma formulação e reflexão dos pesquisadores; leitura, discussão e produção de textos; sessões de filmes e discussão; levantamento e sistematização de conhecimentos guarani; realização de *xondaro* pelos *xeramõi*; falas e aconselhamentos dos *xeramõi* e *xejaryi*; realização de entrevistas em equipe; exercícios de transcrição e tradução; e discussões a partir dos textos e das imagens produzidas pela equipe.

Além dos cursos, também foram realizadas outras atividades como os acompanhamentos dos pesquisadores em suas aldeias (em anexo constam os relatórios detalhados dessa atividade). Os objetivos desses acompanhamentos eram: auxiliar nas dúvidas e dificuldades surgidas no momento de execução da pesquisa; estimular o trabalho dos pesquisadores nas aldeias; ajudar esses jovens a esclarecer à comunidade sobre o trabalho que estavam realizando (explicar o projeto); e auxiliar na organização do material registrado. Em suma, visava uma orientação individualizada dos pesquisadores.

Realizamos, também, dois encontros de trabalho: um na aldeia Peguaoty (em janeiro de 2013), onde foram apenas os pesquisadores e os coordenadores guarani, Marcos Tupã e Pedro Vicente. Optamos por experimentar a realização de um momento de trabalho sem a presença dos *jurua kuery*, para que eles pudessem conduzir mais livremente o trabalho; o segundo encontro foi na aldeia Guyrapaju (uma aldeia retomada recentemente, próxima a represa Bilings e à aldeia Krukutu). Lá Joana e Lucas conduziram algumas atividades visando o fechamento de textos, discussão de traduções e organização do material em vídeo para o filme.

A equipe também fez uma viagem à aldeia Ko'enju (RS – São Miguel das Missões) por ocasião de uma assembleia da Comissão Guarani Yvyrupa (relatório em anexo). Lá os pesquisadores puderam desempenhar as funções de *xondaro* sob orientação de Pedro Vicente, além de dançar, realizar/observar as formas de saudação aos visitantes guarani das demais aldeias, guiadas pelos *xondaro* locais, e fazer entrevistas e filmagens com guaranis de diversas regiões. Além disso, também puderam participar de uma reunião com o IPHAN, que tinha como pauta a patrimonialização das ruínas de Missões de São Miguel (chamadas de *táva*, pelos guarani), o que foi uma boa oportunidade para compreender melhor o contexto em que se inseria o projeto e as políticas culturais do Estado.

Por fim, em novembro de 2013, fizemos um fechamento do projeto na aldeia de Boa Vista (Ubatuba – SP). Essa foi a única ocasião em que conseguimos congregamos moradores de todas aldeias (Tenonde, Krukutu, Jaraguá, Peguaoty, Silveira, Ko’enu, e Mboapy Pindo) que de alguma maneira participaram das ações do projeto. O encontro objetivava apresentar os resultados e possibilitar uma confraternização por meio das danças e cantos realizados na casa de reza (*opy*) e no pátio. Além disso, a presença de membros das superintendências do IPHAN envolvidas com o projeto possibilitou conectar as ações passadas e futuras das políticas do Estado em relação aos Guarani, bem como esclarecer as possibilidades que se apresentam nesse momento.

Tarefa da Tradução

Tendo em vista que a tradução ocupou um lugar central nesse projeto, trataremos aqui de como ela foi se configurando ao longo da pesquisa, apontando os desafios, dificuldades e questões que emergiram.

No segundo curso de formação, fizemos alguns exercícios de transcrição e tradução de algumas falas selecionadas. Foi nesse contexto que certos obstáculos se explicitaram, em especial a dificuldade de entender as palavras dos mais velhos, desafio que perpassou diversos momentos do trabalho. A dificuldade de compreender a fala dos *xeramõi*, segundo os pesquisadores, dava-se tanto pelo uso de termos (vocabulário) desconhecidos, como pela construção do argumento. Conforme explicaram, os mais velhos desviam-se do ponto perguntado, falando de outros assuntos não respondem de maneira pontual as questões, recorrendo também a imagens de linguagem que os jovens não dominavam.

No mais, ficou evidente nas tentativas de transcrição que a tarefa de passar para o papel uma entrevista gravada era árdua, sobretudo pela ausência do contexto do diálogo (o gestual, as expressões faciais, etc.) que agrega informações para o entendimento de uma fala, que já têm em si grande complexidade de expressão.

É preciso pontuar que nenhum dos pesquisadores fora alfabetizado em língua guarani, nem sequer possuem o hábito de escrever ou ler em sua língua materna. Essa distância em relação à escrita do guarani é, sem dúvida, mais um ponto que tornou a transcrição e, conseqüentemente, a tradução tarefas desafiantes e difíceis.

Nesse intuito de traduzir cuidadosamente, a transcrição apresentava-se como uma ferramenta importante, afinal ela permite congelar o fluxo discursivo e dar tempo à reflexão, contudo, as dificuldades foram tremendas e o trabalho de transcrição tão moroso que após algumas tentativas acabamos abandonando sua realização sistemática. O processo de tradução se deu, então, a partir de um acúmulo de entrevistas, aprendizados práticos e vivências cotidianas desses pesquisadores, que eram estimulados nos cursos, acompanhamentos e encontros, a produzir uma reflexão acerca dos saberes apreendidos, o que gerava tanto exegeses sobre o *xondaro*, como também novas questões.

Os textos apresentados no livro “Xondaro Mbaraete – A Força do Xondaro” são justamente o resultado desse esforço coletivo de traduzir e explicar o *xondaro* aos *jurua kuery*. Assim, o material de base para a produção desses textos foi um aprendizado que passou tanto pela pesquisa (entrevistas, filmagens, realização de discussões etc.), como também pela maneira apropriada, segundo os Guarani, de aprender o *xondaro*, isto é: dançando, suando, ouvindo os aconselhamentos dos *xeramõi* e *xejaryi*, sentindo o *xondaro* no peito (-*pya*), meditando e se concentrando para estabelecer uma relação com os *nhanderu kuery*⁵. Podemos dizer, portanto, que o processo desses pesquisadores guarani conseguiu equacionar modos distintos de conhecer, em vista a produção de um entendimento possível dessa complexa manifestação cultural. Note-se que o método de pesquisa operado por essa equipe não foi o mesmo de pesquisadores *jurua*, os quais não se furtam à transcrição e à tradução (literal) de falas, a um registro sistemático de entrevistas, danças, cantos etc., e de uma análise do material. Assim, pode-se dizer que essa equipe conseguiu criar um caminho próprio de produção de conhecimento.

Os exercícios de tradução que fizemos contaram, por exemplo, com uma atividade na qual diferentes grupos traduziram uma mesma fala transcrita, o que possibilitou evidenciar a diversidade de maneiras e opções de conceber uma tradução. Nesse exercício notamos que houve grupos que optaram por uma tradução do sentido da mensagem, sem se preocupar em seguir as palavras ditas, enquanto outros optaram por algo mais literal, acompanhando o encadeamento da fala. Exercícios como esse permitiram evidenciar a marca autoral que estava presente na tarefa de tradução e, conseqüentemente, no trabalho

⁵ *Nhanderu kuery*, literalmente “nossos pais”, se refere a um panteão de divindades habitantes de um plano celeste, que são tidas como os pais dos Guarani. .

do pesquisador indígena, que não se restringia ao registro e a passagem da oralidade à escrita.

Outro procedimento que gerou uma discussão interessante foi ensejado pelo esforço de compreender as categorias de bens culturais do IPHAN e os fundamentos do INRC (uma descrição detalhada desse processo pode ser lida no relatório do 4º curso de formação de pesquisadores em anexo). No esforço de tradução do *xondaro* para um arcabouço conceitual e categorial do IPHAN, evidenciou-se as diferenças nos modos de compreender as manifestações culturais. Se para o IPHAN o *xondaro* era compreendido na chave da cultura, para os guarani estávamos diante de uma conexão vital com uma série de entes dos cosmos, em especial com os *nhanderu kuery*.

Discussões como essa possibilitaram reforçar a concepção que guiou essa formação: os pesquisadores indígenas têm uma agência nesse processo, produzindo inovações nas formas de expressão dos saberes de seu povo, as quais estão para além da mera reprodução e registro de discursos e manifestações culturais.

É importante frisar a particularidade que se configurou nessa formação de pesquisadores guarani, que se refere, como já mencionado, à intensa participação do *xeramõi* e *xondaro ruvixa* Pedro Vicente. A presença constante dele e de outros *xeramõi* e *xejaryi* nos cursos, proporcionou uma evidenciação das diferenças entre brancos e guarani no que tange a compreensão do conhecimento e dos modos corretos de se apreender saberes. Nesse contexto, uma reflexão importante foi em relação às perguntas, algo característico do formato de entrevistas que compõem a pesquisa, e das aulas expositivas onde as questões desempenham um papel de estímulo à reflexão da equipe.

Pedro Vicente e outros *xeramõi* foram enfáticos em criticar esse procedimento, o que eles qualificavam como “perguntas demais”. O incômodo com as perguntas, que lhes pareciam em excesso, parece dever-se ao embate entre teorias de conhecimento. De um lado o método construtivista dos cursos orquestrados por Joana, onde as perguntas possibilitavam justamente que os alunos construíssem sua própria reflexão. De outro, uma concepção complexa de conhecimento, que se articula a toda uma cosmologia guarani, algo que pôde ser notado em uma das colocações de Pedro Vicente acerca do conhecimento do *xondaro*: “Não tem uma pessoa que vai dançar igual à outra, não é porque é irmão que vai dançar igual, cada um sente de um jeito e vai dançar de um jeito!

Não existe um que vai dançar igual ao outro!”. Essa afirmação remete diretamente a compreensão que os guarani têm de que uma das rotas principais de conhecimento é a relação direta com os *nhanderu kuery* (as divindades celestes).

Essa conexão com os *nhanderu kuery* por sua vez é individualizada, ou melhor, pessoalizada, já que a noção de indivíduo não tem rendimento nesse recorte etnográfico. A relação dos Guarani com os *nhanderu kuery* se dá desde o pré-nascimento, quando os *nhe’ẽ kuery*⁶ (as alma-palavras) ainda estão nas moradas celestes vivendo junto com tais divindades. Quando são enviadas à terra, por ocasião de um nascimento, cada *nhe’ẽ* vem com conhecimentos que foram adquiridos pelo convívio com os *nhanderu kuery* na morada celeste (*amba*). Podemos ver essa explicação no texto escrito por Kerexu:

“No quarto curso que aconteceu aqui na aldeia Krukutu vivi uma experiência muito boa em relação ao modo de conhecimento guarani sobre o xondaro. Numa noite houve a dança do xondaro na opy, com o xondaro-ruvixa Wera Sílvio, um dos pesquisadores. Fiquei muito feliz ao ver as crianças dançando, os mais velhos ainda estavam sem vontade de dançar, mas na noite seguinte os adultos também se animaram e se juntaram e todos dançaram juntos. Depois daquela emocionante noite me veio uma curiosidade enorme sobre o conhecimento. Tinham crianças de 4 a 9 anos daqui da aldeia que praticamente vi crescerem, e nesse período eu não tinha mais visto a prática do xondaro aqui na aldeia krukutu, inclusive meu irmão caçula de 10 anos.

Minha curiosidade era: ‘como as crianças sabem dançar o xondaro sem nunca ter visto antes?’. Eu vi aquelas crianças dançando tão bem, com uma sintonia inexplicável que me deixou muito emocionada. Para tentar esclarecer essa minha curiosidade eu pensei em fazer umas perguntas para alguns meninos: ‘Onde eles tinham visto o xondaro?’. Primeiramente perguntei para o meu irmão Kuaray se ele já tinha visto a dança do xondaro antes, ele me disse que sim, perguntei onde ele tinha visto, mas ele não soube me responder, ele apenas disse que já tinha visto,

⁶ Conforme Macedo (mimeo) *nhe’ẽ* foi traduzido por dois grandes guaraniólogos, Pierre Clastres e Léon Cadogan como “palavra habitante” e “alma-palavra” respectivamente. Esse termo compreende segundo a autora o princípio que cofere capacidades singulares de linguagem e agência a cada sujeito.

mas não sabe onde. Isso aumentou mais minha curiosidade, então eu perguntei para meu tio e ele me disse que todos sabem dançar o xondaro porque eles já tinham praticado no ‘nhande amba’ de onde viemos todos. Ele me disse também que todos os meninos sabem que o xondaro existe, mesmo nunca tendo visto a dança do xondaro na Terra, eles já tem isso dentro de si, eles apenas precisam relembrar. Então me dei conta de que não iria adiantar perguntar para as crianças, porque elas não saberiam responder.

Esclareci uma parte da minha curiosidade, pelo que eu entendi já nascemos com o conhecimento do nosso povo, apenas praticamos o que sabemos desde sempre. Por isso que o fato de hoje em dia os índios serem modernos, não quer dizer que perdemos nossa cultura, nossa cultura estará sempre dentro de nós.” (“Xondaro Mbaraete – A Força do Xondaro”, p.51).

Essa reflexão, realizada no âmbito do projeto, explicita não só as concepções e teorias guarani, mas também o processo de distanciamento e reflexão proporcionado por essa interlocução entre distintos modos de conhecer. Podemos ver nesse texto tanto como a necessidade de produção de explicação, criada pelo projeto, fomentou a formulação de questões aos pesquisadores guarani, como também estimulou um esforço de tradução política, onde a conclusão da reflexão de Kerexu aponta para o desmonte do argumento da aculturação⁷.

Retornando a teoria guarani de conhecimento, é preciso pontuar que apesar do conhecimento ser apreendido em um momento anterior ao nascimento, quando as almas estão junto de seus pais no plano celeste, sendo o conhecer, portanto, um processo de “relembrar”, a efetivação dos saberes na terra não estão simplesmente garantidos, a concretização do conhecimento dependerá das ações da pessoa, de “sua vontade” conforme insistem em explicar os Guarani.

⁷ Como se poderá notar nos relatórios dos cursos, especialmente do 2º, os temas relacionados ao conceito de cultura, bem como o argumento da perda de cultura (aculturação) foram trabalhados, justamente para discutir a importância de boas traduções que não se restringe a um exercício antropológico pelos importantes desdobramentos políticos que pode gerar.

Além disso, a relação contínua de cada pessoa com os *nhanderu kuery*, ou seja, a conexão entre patamares celeste(s) e terrestre, deve ser constantemente efetivada para permitir o fluxo de saberes.

O ponto que parece ser central é que, ao realizar ações como dançar, cantar, fumar cachimbo, sonhar e se concentrar, entra-se em contato com os *nhanderu kuery* e é dessa maneira que os saberes são colocados no “nosso coração”, como dizem em português, ou no “*nhandepy’a*⁸” como falam em guarani. Essa relação, por sua vez, é pessoalizada, na medida em que cada um terá a seu modo uma relação com as divindades celestes e terá um conhecimento singular, o que fica claro no depoimento que Vilmar Evaristo (um dos pesquisadores) nos forneceu ao falar de sua experiência nesse projeto:

“Cada um tem seu jeito de entrar em contato com *nhanderu*... Tem alguns que é ao dançar o *xondaro* ou então quando um *xeramõi* levanta para cantar um *mborai*... Tem algumas, principalmente as mulheres, eu percebi, que quando entram em contato com alguma energia começam chorar...”.

Cada um dança *xondaro* à sua maneira, pois cada um “sente o *xondaro* dentro de si”, expressão correntemente usada pelos guarani, de modo único. O sentir o *xondaro* dentro de si, no peito, refere-se a esse aprendizado pessoal que vem da concentração que permite a cada um conectar-se com o mundo celeste. Vale pontuar, como se verá em detalhe adiante, que a dança do *xondaro* é uma forma de comunicação com os *nhanderu kuery*: os guarani dançam para mostrar e lembrar sua origem – eles são filhos dos *nhanderu kuery* que estão a dançar e cantar no céu.

Vale recuperar ainda a explicação que uma liderança da aldeia do Jaraguá, Pedro Macena, nos forneceu por ocasião de uma pequena reunião sobre o projeto. Ele dizia que os *xeramõi* não iriam falar sua sabedoria, aquela adquirida da relação forte com os *nhanderu kuery*, aos jovens. Se eles queriam aprender, eles deveriam ir atrás dos conhecimentos, buscá-los. Isso implicava tanto em ir conversar da maneira apropriada com os *xeramõi*, ou seja, sem enchê-los de perguntas, como também participar das atividades da casa de reza, das danças e dos cantos. Note-se que não se deve perguntar

⁸ É corrente a tradução desse termo como coração, mas assim como em outras línguas da família Tupi-Guarani, esse termo se refere a região do peito.

muito aos mais velhos, pois, como insiste Pedro Vicente, quem os faz falar são os *nhanderu kuery*. Isso permite compreender o que essa liderança do Jaraguá nos disse àquela ocasião: “Primeiro o conhecimento entra pela orelha, depois ele desce para o coração, e só depois ele sobe e sai pela boca”. Os *xeramõi* falam a seu modo, desenvolvem seus discursos conforme desejam. Tentar direcionar, orientar e restringir a fala dos mais velhos por meio de perguntas, além de indelicado, perturba um modo próprio de expressão, o que os desagrada e os faz perder a vontade de contar.

Outro episódio interessante se deu nas atividades realizadas na aldeia Ko’enu. Conforme relataram os jovens pesquisadores, Pedro Vicente os estimulava a aprender e a ser *xondaro*: eram chamados a auxiliar nas tarefas de buscar lenha, construir barracões (para abrigar as comitivas que chegariam), buscar madeira para fazer esteios etc. Nesse processo, Pedro Vicente os acordava cedo – os *xondaro* não deveriam dormir demais. Em uma dessas manhãs, antes do sol nascer, Pedro Vicente os acordou e mandou que eles lavassem seus rostos com o orvalho gelado que se acumulava na grama (*ixapy*). Segundo explicaram Pedro Vicente e outros guarani, lavar o rosto com o orvalho é uma ação fundamental para espantar a preguiça e constituir um *xondaro* bem disposto. Essas ações, bem como a insistência de Pedro Vicente em executar a dança nos cursos, mostra o esforço vertido por esse *xeramõi* para inscrever um saber no corpo. Restringir a formação ao falatório das aulas, à escrita e à filmagem, representaria o não aprendizado do *xondaro*, que deve passar por ações que incidem sobre o corpo.

Assim, o trabalho dos pesquisadores caminhou por entre esses contrastantes modos de conhecer e de expressar saberes, processo que foi muito rico tanto para produzir as explicações presentes no livro e no filme “Xondaro Mbarate”, como também para o crescimento desses jovens pesquisadores. O maior ganho do projeto não foi, pois, os produtos dele resultantes, mas sim o processo de aprendizado vivido por cada um dos membros da equipe (incluindo os brancos).

Nesse sentido, é preciso frisar que esse trabalho produziu também um relevante efeito interno: intensificação das danças e o aumento do interesse desses jovens. Se alguns pesquisadores se destacaram nas tarefas de escrever e filmar, outros apareceram como dançadores e como auxiliares (desempenhando a função de *xondaro*), e até exerceram o papel de *xondaro ruvixa* perante as crianças das aldeias pelas quais passamos.

Essa aproximação e envolvimento dos pesquisadores em relação ao *xondaro* foi perceptível ao longo dos cursos. No primeiro, os meninos, sob protestos de que não sabiam dançar, foram impelidos pelos mais velhos e puxados por Pedro Vicente para se aquecer e girar ao som da rabeca, do violão e do tambor. Do segundo curso em diante, passamos a notar o gosto desses jovens pela dança, sempre puxada e dirigida por Pedro Vicente, a cada vez estavam mais animados e orgulhosos da beleza com que passaram a dançar.

Esses efeitos internos podem ser notados nos depoimentos de alguns dos pesquisadores acerca de sua participação no projeto:

“Quando eu tinha assim uns 12 anos, eu só ficava observando mesmo... Eu nunca tinha dançado. Então, foi a partir do momento que eu entrei para esse projeto que eu comecei a dançar. Quando eu danço eu fico muito cansado, porque eu nunca tive a experiência de dançar. [...] Eu acho... Não, eu tenho certeza, como os mais velhos falam, essa dança é para você ter leveza, agilidade, então eu sinto que eu fico mais leve.” *Vilmar Evaristo*.

“Eu não sabia quais os tipos de *xondaro* que existiam. Então, com essa pesquisa, eu ouvi os nomes diferentes de cada *xondaro* e os objetivos de cada um, então isso foi o que teve de mais interessante para mim” *Donizete da Silva*.

“Antes eu não sabia o que era *xondaro*, agora eu sei, não sabendo muito, mas aprendi um pouquinho... Aprendi com Pedro Vicente. Para mim mudou tudo, porque antes eu não queria dançar *xondaro*, nem tinha interesse... Agora eu tenho, quando as pessoas dançam *xondaro* eu tenho vontade e entro para dançar. Foi bom ter entrado nesse grupo, porque os jovens de hoje não se interessam pela vida guarani... Agora as tecnologias entram muito na aldeia, você vê as crianças com celulares na mão, assistindo TV e não se interessam entrar na casa de reza... Mesmo tendo celular, usando computador, eu não me esqueço que eu sou Guarani. [...] Só depois desse projeto que eu comecei a dançar. Quando eu danço eu sinto muita coisa batendo no peito... Esse *xondaro* não vai acabar!” *Edson Jekupe dos Santos*.

“Para mim essa pesquisa é boa, porque só a pessoa falando, explicando e a gente só escutando, a gente não consegue pegar tudo. Escrevendo e filmando a gente consegue guardar um pouco também. Vendo e revendo dá para lembrar mais... Tem algumas partes interessantes, que você acha interessante que ficam na cabeça e o resto vai ficar no caderno escrito... Eu só dançava às vezes, mas não sabia para que, agora eu sei para que e como. Antes eu só dançava rindo, imitando...” *Vladmir Macena*.

Vemos nessas falas que o projeto possibilitou de fato uma aproximação entre gerações, adensando a conexão desses jovens com os saberes e com certa ética guarani. Sem dúvida esse é um dos efeitos mais relevantes, ainda que tenha incidido apenas sobre alguns poucos jovens, que agora se alegram e se orgulham ao dançar e desempenhar a função de *xondaro*.

Audiovisual como Pesquisa

A formação de pesquisadores indígenas, em seu objetivo de desenvolver habilidades de apropriação e tradução de formas de conhecimento distintas das praticadas tradicionalmente na cultura guarani, teve a escrita como meio principal de organização dessas reflexões. Entretanto, permaneceu fundamental no projeto a utilização de mediações mais próximas às modalidades de aprendizado dos guarani, aquelas centradas na fala e no corpo. Neste aspecto, a linguagem audiovisual e as tecnologias de registro a ela relacionada possibilitaram essa aproximação. É evidente, como ressaltado acima, que nada substituirá o aprendizado presencial, sobretudo aquele que se inscreve sobre o corpo, exigindo engajamento total de quem aprende. Mas a imagem em movimento é ainda uma das melhores arenas para o encontro dessas distintas modalidades do conhecer. É através das imagens do vídeo que os guarani podem ver a fala de um *xeramoí* de maneira próxima a como ela foi proferida, e é pelo meio dessa mesma imagem que os *jurua*, auxiliados pela legenda e conduzidos pela montagem, tem a chance de acessar uma forma traduzida desses saberes, mas que ainda mantém aspectos elementares de sua construção: o idioma, o tempo, o lugar - a fala.

Assim, o audiovisual não apenas flexibiliza a hierarquia epistemológica imposta pela escrita, podendo ser plenamente apropriado por culturas não organizadas através do papel (*kuaxia*), como seu processo de realização abre margem para práticas políticas

extremamente sofisticadas de construção da visibilidade. As questões formais levantadas em todo fazer audiovisual nada mais são do que decisões sobre o quê e como mostrar. São, portanto, análogas ao trabalho de campo e à tradução contidos na pesquisa antropológica e produzem a cada escolha de quadro, movimento de câmera e construção de sentido pelo corte da montagem, uma forma específica de se fazer ver, de se mostrar, aos *jurua kuery*.

O tema escolhido para o trabalho - o *xondaro* - também reforçou a importância do audiovisual na pesquisa. Pois, apesar da metodologia que utilizamos privilegiar o procedimento das entrevistas, material que compõe grande parte da edição final do DVD, as filmagens das danças e o registro da diversidade de movimentos do *xondaro* foram importantes não só para os produtos finais, mas para as reflexões durante os encontros de formação. Em algumas ocasiões, conforme descrito nos relatórios dos cursos, tivemos a oportunidade de vermos imagens gravadas de danças que eram analisadas e comentadas por todos, principalmente pelos mais velhos presentes, destacando-se o nosso *xondaro ruvixa* Pedro Vicente.

Devido às características do processo de formação, foram os depoimentos a matéria-prima principal que os pesquisadores utilizaram para construir o discurso audiovisual de sua pesquisa. A fala dos mais velhos não pode ser entendida, no entanto, como uma modalidade de expressão audiovisual inferior aos registros das danças mesmas, que descrevem o *xondaro* com a riqueza de detalhes das imagens. Além do que já foi acima sugerido, que o audiovisual ensina que um de seus diferenciais é que a *fala pode ser vista*, os discursos dos mais velhos, dos conhecedores, é extremamente complexo e segue uma lógica de exposição que justapõe uma grande variedade de descrições, sendo frequentemente um relato de vida de cada entrevistado, cujo tema de interesse aparece entremeado a diversos outros assuntos. Tal condição reforça o caráter do *xondaro* como uma conceito-prática imbricado na vida guarani.

O trabalho de organização e roteirização dessas falas constitui-se como um processo de tradução que buscou, em muitos momentos, decifrar o aspecto enigmático do discurso dos mais velhos, que efetua uma não distinção entre detalhe e corpo do assunto. Esse aspecto influenciou de modo determinante o estilo da montagem.

Não parece ser à toa que os guarani, nos momentos de exibição de gravações em vídeo, têm preferência por trechos longos, de poucos cortes e que tentam preservar a

íntegra das falas. Conforme nos foi enfatizado ao longo dos encontros, o conhecimento para os guarani é algo que pode ser lembrado e/ou revelado, e o conceito de "transmissão", tal qual o entendemos, pouco se aplica. Desse modo, o trabalho de redução dos depoimentos a unidades elementares de informação tende a ferir esse princípio da fala como expressão da alma-palavra (*nhe'e*), do que se sente no peito, *nhandepy'a py*. Da mesma forma como os guarani não se interrompem em suas falas na *Opy* (casa de reza), sugerindo que a agressão à fala possui violência equivalente a agredir a própria pessoa, também na montagem do vídeo buscamos garantir, da melhor maneira possível, o tempo para elas. Deixando que se desenvolvam e aplicando os procedimentos trabalhados no curso (como a organização e a tradução das ideias) no modo de relacionar as falas entre si, evitando qualquer hierarquia entre elas e mantendo seu caráter inconcluso quanto ao tema, talvez um dos poucos e evidentes consensos na diversidade de abordagens sobre o *xondaro reko*: todos afirmam que sempre haverá mais para ser dito.

Entre os depoimentos e gravações de danças que entraram no filme, há um momento que se destaca e que vale alguns comentários, talvez por ser, dentre os registros do *xondaro* que realizamos, aquele que melhor une suas diferentes dimensões de dança e de função na organização guarani: o *xarura*.

Na viagem para aldeia Ko'enju, em ocasião da 6ª Assembleia da Comissão Yvyrupa, os pesquisadores tiveram a oportunidade de participar dessa atividade conduzida pelos *xondaro* que consiste na recepção das comitivas que chegavam das aldeias participantes. Diferente de outras demandas relacionadas às funções do *xondaro*, como coletar lenha, construir casas, caçar etc, o *xarura* é executado com dança.

Estalando seu *popygua*, o *xondaro* conduz os recém-chegados em fila até uma entrada, espécie de pórtico feito com folhas de pindó (palmeira). Lá, outros *xondaro* dançando do lado de dentro fecham a passagem. Antes de dizer a saudação que fará com que esses *xondaro* descruzem suas bordunas, o *xondaro* que conduziu a longa fila dança diante da porta. Simula ataques e defesas. Demonstra sua agilidade, sua capacidade de esquivar-se. Finalmente, libera a passagem proferindo o "*aguyjevete*" prontamente respondido. Procedimento que, após a entrada, será repetido por todos, entre os que recebem e os que são recebidos na aldeia.

Nesse breve momento, vemos a dança, seus instrumentos marcando o ritmo dos passos e abrindo caminhos, vemos os guardiões (*xondaro*) exercendo sua função, atuando

como auxiliares, mensageiros, protetores: cuidando dos demais, como diz Pedro Vicente no filme. Contudo, o fazem sem deixar de se mostrar como aqueles cuja movimentação do corpo e a busca da leveza são marcas da conduta do *xondaro* guarani. Tais imagens, ainda que breves, tem potência de síntese de parte dos apontamentos feitos nos depoimentos, sem com isso, limitá-los.

Outro dado da pesquisa que apareceu de modo expressivo, tanto no livro como no filme, foi o aprendizado do *xondaro* e a relação entre gerações, sobretudo dos mais velhos, *xeramoi kuery*, com os jovens. Esse processo de formação foi relatado em quase todos os depoimentos no filme, além de uma cena também marcante de um dos muitos momentos em que Pedro Vicente conduziu um *xondaro* com crianças. Além da associação com os depoimentos de Tupã e Timóteo, que descreveram processos de formação junto a grupos de pequenos *xondaro* através de ajudas comunitárias e incursões na mata conduzidos por um *xondaro ruvixa*, as imagens da dança de seu Pedro com as crianças ecoam fortemente no texto de Kerexu presente no livro. Conforme trecho acima citado, Kerexu se pergunta sobre como muitas daquelas crianças conseguiam dançar o *xondaro* se jamais o haviam visto. Ela encontra como uma das repostas possíveis que o saber do *xondaro* já habita os guarani desde que suas alma-palavra viviam junto das divindades em seus *Amba'i* (morada celeste), dançando junto com eles. Aqui na terra era necessário, então, relembrar o *xondaro*. E é esse o convite que seu Pedro faz as crianças enquanto dançam. Apenas dançando é possível aprender, lembrar o *xondaro*. Por isso, também seu Pedro recusa a tradução de "mestre" para o termo *xondaro ruvixa* e prefere "ensinador, mostrador de *xondaro*", pois é aquele que ajuda a revelar, relembrar o *xondaro*.

Este é um dos muitos diálogos possíveis entre o livro e filme, que vão se complementando sem jamais proporcionar uma interpretação final sobre o *xondaro*. Acreditamos que a forma alcançada nesse documentário e a maneira como se relaciona com os textos buscou um equilíbrio entre a realização do filme e o suporte à pesquisa e à produção textual, seja através da metodologia das entrevistas filmadas, seja nos registros que reuniram imagens do *xondaro* que, além de incluídos no DVD, ajudaram nas reflexões durante os encontros.

Cabe apenas ressaltar que o processo de formação em audiovisual, sobretudo na parte de edição, requer mais tempo e estrutura do que o cronograma do projeto permitiu, já comprometido com objetivos que também demandam muito esforço e organização. Entretanto, caso se mantenha a compreensão do audiovisual como um meio e um processo

caro à formação e ao trabalho dos pesquisadores indígenas, é importante repensar sua dimensão no projeto e a logística necessária para que a montagem/edição, a escritura do audiovisual, possa ser melhor apropriada pelos pesquisadores. E que assim eles possam exercê-la de modo mais completo, mesmo que com tropeços e ajudas, mas com desenvoltura e mais autonomia, tal qual é possível realizar com os textos.

Avaliação do Processo

Esse projeto foi um excelente ensejo para produzir uma reflexão com os Guarani acerca do que é cultura e de como esse conceito se insere em um contexto político de disputas, de esclarecer e pensar criticamente sobre as ações relativas aos direitos culturais e, principalmente, para envolver alguns jovens na vida guarani, tanto do ponto de vista de seus saberes ditos tradicionais, como na constante relação política que travam enquanto grupo com os *jurua kuery*, trabalho que possibilitou uma aproximação entre gerações.

Sem dúvida o INRC foi o mote de todo processo, todavia, essa motivação não se dá pela excelência da metodologia e pela adesão completa à ela. Como descrito acima a opção inicial de não apresentar a metodologia do INRC desde o início da formação foi construída pela impressão de que ela poderia tolher a criatividade da equipe. Objetivava-se com isso que os Guarani pudessem ir construindo ao longo do processo uma forma de fazer pesquisa que lhes fosse própria.

Se de um lado a discussão da metodologia e das categorias e conceitos presentes no INRC propiciaram um estranhamento e problematização das concepções do Estado frente às concepções guarani, tendo sido mais eficaz pelo contraste produzido, de outro lado, o preenchimento propriamente da ficha do INRC não acrescentou nada ao processo. A tentativa de preencher a ficha de Celebrações com a equipe gerou frustração aos pesquisadores, que ficaram desmotivados e prostrados frente ao encapsulamento do *xondaro* em categorias e questões que estavam aquém de toda a compreensão e vivência que eles tiveram sobre *xondaro*. Essa inadequação nos leva a sugerir que o preenchimento das fichas do INRC não deva ser obrigatório.

Assim, ao fim desse caminho, ao começar a preencher a ficha do INRC e compreender os conceitos atrelados a essa metodologia, vimos que o conhecimento que os jovens pesquisadores haviam produzido estava muito além das lacunas da ficha. O *xondaro*, enquanto um conceito do pensamento e uma prática da vida guarani, ultrapassa em muito as possibilidades categóricas de descrição apresentadas na metodologia do INRC.

Contudo, a abertura fornecida pelo IPHAN para poder olhar criticamente para sua metodologia, e construir um processo próprio e singular de lidar com o INRC, foi fundamental para realizar o projeto tal como ele se apresenta, tendo como marca uma participação ativa e crítica dos Guarani. O INRC (em sua acepção mais ampla, excluindo as fichas) foi interessante enquanto uma referência de como procede e pensa o governo dos *jurua kuery* sobre a cultura e os direitos culturais, algo que serviu de contraponto para a equipe formular de maneira diversa temas correlatos. Além disso, o INRC forneceu, sobretudo, mais uma via de ação política aos Guarani, sendo o projeto mais entre outros contextos para compreender e agir frente aos *jurua* e ao Estado, em especial.

Em suma, *xondaro* se apresentou como um conceito-prática da vida guarani que extrapola nosso arcabouço categorial e conceitual dos *jurua kuery*, de um modo geral, e do INRC especificamente, sendo difícil e empobrecedor encaixá-lo na grade pronta apresentada pelas fichas. É preciso, antes, deixar que nos afetemos por sua beleza e complexidade, algo que esse processo evidenciou, mas que ainda está ainda aquém de apresentá-lo em sua completude.

Algumas Dimensões do Xondaro

Devido às limitações impostas pela ficha do INRC, que deixa de fora algumas dimensões do *xondaro*, julgamos pertinente apresentar aqui outros aspectos dessa manifestação cultural que puderam ser apreendidos ao longo do processo e que evidenciam as críticas acima pontuadas.

É importante frisar que o que se segue é uma leitura da equipe *jurua*, em especial de Joana Cabral de Oliveira, sobre o *xondaro*. Essa interpretação – construída a partir do

diálogo estreito com os pesquisadores, com alguns *xeramõi*, bem como da leitura de determinadas etnografias – não reflete, portanto, diretamente a visão guarani do *xondaro*, mas é antes um esforço de fornecer uma outra aproximação sobre esse bem cultural.

No mais, entende-se que nesse processo de construção de uma pesquisa coletiva, todos os atores envolvidos tenham trajetórias e interesses próprios e distintos. O texto abaixo é justamente fruto do caminho percorrido pela equipe de formação *jurua*, que construiu o seu entendimento sobre o *xondaro* no diálogo com os pesquisadores guarani.

No começo do processo, o *xondaro* apareceu como uma dança, contudo não demorou para delinear-se a complexidade em que está envolta essa manifestação, a começar pela polissemia do termo *xondaro*: uma dança, uma função social, uma forma de expressão e um modo de relação.

Começamos abordando o aspecto que os Guarani têm ressaltado aos brancos – o *xondaro* como dança:

Ao som dos *mba'epuja*⁹ os homens se perfilam, começam girando e aquecendo os corpos com movimentos puxados pelo *xondaro ruvixa*: balançando o tronco de um lado a outro, agachando, pulando em um só pé e tantos outros movimentos que o *xondaro ruvixa* sinta vontade de executar. Gradativamente os movimentos de aquecimento transformam-se em dança: passos ritmados, pé ante pé, deslizam com leveza sobre chão; conforme a frase cantada pela rabeca os dançadores dão meio giro e de costas dão um ou dois passos arrastados e voltam novamente a dançar frontalmente. Os corpos arqueados, os braços abertos, por vezes rodopiam conforme a melodia da rabeca, lembrando movimentos de pássaros. Às vezes os passos são intensos, os joelhos sobem alto como em uma breve corrida, em outros momentos os passos são curtos e rápidos. Alguns parecem até parar no ar antes de voltar a deslizar. Enquanto os *xondaro* seguem girando nessa diversidade de expressões corporais, o *xondaro ruvixa* com ajuda de um bastão (*yvyraimbe*), do *popygua*¹⁰ ou de seu próprio corpo, coloca obstáculos para testar e treinar os movimentos de esquiva: os dançadores devem pular o bastão segurado a meia altura; passar entre os

⁹ Os tocadores, literalmente os donos do som.

¹⁰ Instrumento composto de duas pequenas varas de madeira que são seguradas em uma das mãos e batidas uma contra a outra.

braços que se movimentam alternadamente de cima para baixo; desviar do corpo que vem em sua direção; passar por debaixo das pernas... A diversidade de movimentos e obstáculos é do tamanho da criatividade e saber que cada *xondaro ruvixa* carrega em seu peito. O ensinador pode colocar-se, ainda, no meio da roda e chamar um a um os dançadores para enfrentá-lo: buscando pegar, derrubar ou tocar o corpo de seu adversário, o dançador deve esquivar-se, demonstrando sua destreza, agilidade e leveza. O ritmo da música vai diminuindo, a dança arrefece e rapidamente termina. Os dançadores colocam-se lado a lado, voltam-se para o sol nascente, fletam o joelho três vezes, braços erguidos, e dizem: *aguyjevete*. Voltam-se para o lado oposto e repetem a mesma saudação. Perfilam-se novamente, dão mais uma volta, e um por um, com os braços erguidos, saúdam os músicos: *aguyjevete*.

Essa breve descrição, um tanto específica já que se baseia na execução do *xondaro* puxado por Pedro Vicente dentro da *opy*¹¹ tantas vezes visto ao longo do projeto, está muito aquém da beleza e da diversidade da dança realizada nos pátios e nas casas de reza das aldeias guarani.

A ênfase na apresentação do *xondaro* como uma dança, que pode também ser notada na opção deles em alocar o *xondaro* na categoria de *celebrações* do IPHAN, está sem dúvida atrelada a um processo mais amplo e longo da forma como eles querem se fazer ver pelos brancos. Como mostra Macedo (2009 e no prelo), a música, sobretudo os corais infantis, e a dança, em especial o *xondaro*, fazem parte de uma estratégia guarani de construir uma imagem indígena aos brancos. Trata-se de processos de objetificação da cultura¹², onde a relação com o IPHAN é apenas mais um contexto entre outros de se fazer visível aos brancos de modo controlado – afinal os Guarani estão à frente e são os protagonistas dessa construção de uma identidade étnica via cultura *para* e *em contraposição* aos brancos. Essa objetivação de aspectos culturais, que se encaixa bem à

¹¹ Ao longo do projeto as danças ocorreram em sua maioria dentro da *opy* e algumas vezes elas ocorreram no pátio. Segundo as conversas proporcionadas pela pesquisa, era mais comum antigamente que a dança do *xondaro* ocorresse no pátio, atualmente parece que essa relação entre pátio e *opy* como local para a execução do *xondaro* tem se invertido. Podemos pensar que essa modificação ocorre justamente devido aos processos de apresentação da cultura como uma forma de firmar e marcar a indianeidade, nesse processo a *opy* tem aparecido como um espaço da tradição. Ladeira (2008) menciona que os Guarani constroem algumas casas de reza para os brancos, deixando outras longe dessa relação. Macedo (2009) também aborda essa questão de forma detida em sua tese.

¹² A questão da objetificação da cultura é inauguralmente tratada por Roy Wagner (2010), e se refere à forma dialógica e reflexiva em que diversos coletivos constroem sua cultura em contraposição a outras, num processo onde a criação (invenção) de uma cultura necessariamente contra-inventa outra.

ideia institucional de “bens culturais”, tem se apresentado como uma artifício estratégico de luta política dos Guarani por terras e direitos, como mostra Macedo (op. cit.).

Contudo, se o que aparece de imediato acerca do *xondaro* é sua manifestação enquanto dança, a possibilidade de contar com uma participação ativa dos Guarani na elaboração da pesquisa, permitiu ultrapassar essa dimensão. No universo guarani dança não é apenas dança.

Como já mencionado, a dança está atrelada a uma comunicação dos Guarani com os *nhanderu kuery*, por meio da emulação do que fazem seus pais celestes em suas moradas, os guarani se mostram a eles e assim dizem por meio dos movimentos e músicas que jamais se esqueceram de onde vieram e de quem são:

“Os conhecedores falam que a dança do *xondaro* é uma forma de mostrar que estamos em sintonia com os *nhanderu kuery* (as divindades), porque os *nhe’ẽ kuery* que estão nas moradas do *nhanderu ete*, estão dançando no pátio da *opy* dele. Por isso, nós fazemos o mesmo que os *nhanderu kuery*, para mostrar que não esquecemos de onde viemos.” (Pesquisadores Guarani, 2013 :48)

Algo que também foi abordado recentemente pela pesquisa de Daniel Pierri:

“Diz-se comumente que o fito desses rituais é trazer alegria (*-guerovy’a*). Também as atividades corporais realizadas fora da casa de rezas, e que também trazem alegria, são realizadas pelas divindades em suas moradas, e devem ser replicadas na terra. Nos seus pátios os Tupã dançam o *tangara* ou *xondaro*, dança ritual que deve ser praticada pelos Guarani todas as tardes antes de entrar na casa de reza. Ouvi durante uma dessas práticas, o cacique explicando às crianças que elas devem dançar da forma como ele as ensinava, pois é assim que os Tupã Kuery fazem em seus pátios celestes, e vendo os Guarani dançarem da mesma forma eles saberiam que se tratam de parentes deles. O mesmo disseram-me a respeito da brincadeira com peteca, que os Guarani identificam como uma das práticas que devem valorizar.” (Pierri, 2013 :19).

A *opy* nessa concepção ocupa uma posição central, afinal é o lugar por excelência onde a comunicação com o patamar celeste ocorre. Além das danças e cantos (que ocorrem em seu interior) ou ao seu redor, o espaço em si se apresenta como um lócus de conjunção entre tempo-espaço celeste e terrestre, tal como nos explica Ladeira (2008):

“O outro sentido explícito na semântica do termo *opy* é o de interioridade (o = casa – py = interior, dentro). É, pois, no seu interior que, vindos das várias regiões do mundo celeste, concentram-se os Nhanderu. É onde as almas das pessoas se comunicam e se integram. Onde as pessoas, por meio dos cantos e das danças sintonizam a alma e o corpo. Na *opy*, pode ser estabelecido, coletivamente, o elo entre os dois mundos: *yvy vai* e *yvy marãey*” (:167).

A dança também se conecta a uma compreensão da pessoa, onde a relação corpo-alma ocupa um lugar central. A busca pela leveza e por uma plenitude da composição corpo-alma visa alcançar o estado de *aguyje* – no qual a alma se torna corpo e o corpo alma, permitido o ingresso em *yvy marãe’ỹ* (a terra imperecível, o patamar celeste) sem passar pelas provações das doenças e da morte. Para Pierri (2013 :216), trata-se de um “estado de imperecibilidade corporal”, uma vez que a alma já é imperecível. Estando atrelada a construção da pessoa, a dança, juntamente com prescrições alimentares (comer pouco, preferir determinados alimentos que são mais leves) e remédios aplicados sobre o corpo ^{são} fundamentais para a construção de um *xondaro* hábil, leve e resistente, que em sua potência máxima, chamado *kyre’yimba*¹³, poderia alcançar o *aguyje*.

Note-se que o *xondaro* não remete, assim, apenas às relações verticais com as divindades celestes. Ao se apropriar de qualidades e potências animais por meio dos remédios, o *xondaro* apresenta uma dimensão horizontal. Isso aparece, segundo a bibliografia, também nos passos inspirados em aves:

“A rabeca é tocada no ‘pátio’ em frente da casa, durante o *xondaro*. O *xondaro* é uma dança realizada pelos homens no final da tarde, antes do pôr-do-sol. Nela se insere uma espécie de jogo, mas seu intuito é o

¹³ Literalmente, “aquele que tem disposição para tudo”.

aquecimento, isto é, esquentar o corpo para as rezas noturnas e proteger a *opy*.

Sua coreografia segue os princípios de três pássaros: *mainoĩ* (colibri), para o aquecimento do corpo; *taguato* (gavião), para evitar que o mal entre na *opy*; *mbyju* (andorinha), cuja coreografia é uma espécie de luta, em que um deve “derrubar” o outro com os ombros ou esquivar-se de um possível tombo. Essa última dança serve para fortalecer os *xondaro* contra o mal.” (Ladeira, 2007 :135).¹⁴

O *xondaro* é, assim, um elemento fundamental na constituição de uma cosmopolítica, onde se estabelecem relações com divindades, pássaros, animais e com parentes e co-residentes, afinal as danças se executam sempre a partir de um conjunto de dançadores relacionados pela teia social do parentesco e moradia.

Voltando à qualificação do *xondaro*, é preciso notar que a leveza e destreza valorizados não se restringem, apenas, à elaboração de corpos e pessoas em vistas ao ideal do *aguyje* – estado que nas condições atuais de vida muitos Guaraní consideram impossível de alcançar, uma vez que não podem mais se alimentar de produtos de sua roça e da mata atlântica. Obrigados a recorrer aos alimentos impróprios dos *jurua kuery*, tornam-se pesados e lentos. Rapidez, força, resistência, leveza e agilidade são qualidades importantes para as atribuições daqueles que são *xondaro*, mesmo que não as alcancem em sua potência máxima. Tidos como guerreiros, os *xondaro* deveriam ter tais atributos também para enfrentarem os inimigos nas épocas antigas de guerra.

Entender a dança nos conduziu assim ao *xondaro* em sua manifestação personificada em sujeitos que desempenham importantes funções sociais. As várias

¹⁴ Note-se que nesse e em outros trabalhos, bem como na pesquisa, o *xondaro* apareceu como uma dança que se realiza fora da *opy*, como um aquecimento para as ações que transcorreriam em seu interior. Contudo, ao longo de todo projeto, boa parte das danças de *xondaro* se deram dentro da *opy*. Aventamos aqui algumas hipóteses sobre esse deslizamento: de um lado talvez os efeitos de se pensar a cultura, onde a *opy* apresenta-se como um espaço da tradição; de outro, possivelmente o fato do futebol ter tomado o espaço do *xondaro*, sendo difícil convencer os jovens a não usarem o fim de tarde para jogar bola, a *opy* passa, então, a ser um local no qual ainda conseguem mobilizar os jovens para dançar, consolidando-se como o novo local da dança. Ou, talvez, pelo próprio contexto da realização do *xondaro* no âmbito da pesquisa, em que a utilização da *opy* se converte em um espaço para eventos, oficinas (“cursos”) e reuniões agenciadas pelas instituições não-indígenas, propiciando o inverso do entendimento da *opy* enquanto espaço segregado aos rituais.

funções e qualidades dos *xondaro* permitem apreciar diferentes tipos *xondaro*, como se pode ler nos textos elaborados pela equipe de pesquisadores guarani. Há *xondaro oka regua*, *xondaro opy regua*, *xondaro pyrague*, *xondaro porã*, *xondaro vai* e *xondaro poxy*.

De acordo com a pesquisa dos jovens guarani, o *xondaro* em sua acepção personificada aparece como um auxiliar (*tembiguai*) que pode desempenhar diversas funções: o *xondaro oka regua* é aquele que auxilia nas atividades ordinárias da aldeia, como fazer roça, limpar o pátio, caçar, construir casas, buscar água e lenha em ações comunitárias; o *xondaro opy regua* se resigna as atividades relacionadas à casa de reza (*opy*), controla a entrada e saída da *opy*, traz lenha e água, serve o chimarrão e pode ajudar os *xeramoĩ kuery* nas rezas e curas; o *xondaro pyrague* funciona como um mensageiro, comunicando os acontecimentos aos membros da comunidade, é aquele que está sempre atento a tudo que ocorre na comunidade. Mais do que modalidades de especialização, esses termos designam conjuntos de ações desempenhadas pelos *xondaro*, que pode ser qualificado também como *porã* (belo, bom) ou *vai* (feio, ruim), *poxy* (raivoso, bravo, ruim). Essa oposição entre *porã* e *vai* ou *poxy* não possui um julgamento moral como a tradução pode sugerir, mas se refere antes ao potencial agressivo do *xondaro* e a uma apreciação estética em seu sentido pleno. Nos tempos de guerra os *xondaro vai* e *poxy* eram os grandes guerreiros, apreciados não só por sua destreza, mas sobretudo por sua agressividade que, nesse contexto, era valorizada.

Note-se que o termo *xondaro* é uma corruptela de soldado¹⁵, o que remete diretamente a função guerreira que exerciam. Se hoje os tempos não são mais de guerra (em sua acepção de embates físicos), é interessante notar que há uma transferência e transformação dessa concepção, que passa agora a qualificar as lideranças guarani que se dedicam a defesa dos direitos de seu povo, como no caso de Marcos Tupã que se apropria da figura do *xondaro* para caracterizar seu trabalho político de enfrentamento e negociação como a sociedade dos não-índios. Conforme nota Pierri (2013):

“*Xondaro* [...] [n]a língua mbya, porém, funciona como um termo polissêmico. Denota tanto uma dança ritual realizada aos finais de tarde, e repleta de movimentos que emulam o comportamento corporal de alguns animais [...], como também os praticantes dessa dança. Em

¹⁵ Algo mencionado por Cadogan (1992 :38) e que também apareceu ao longo da pesquisa.

muitos contextos, é utilizado como sinônimo de auxiliar, e empregado para designar as pessoas que apoiam os chefes em suas atividades tanto nos rituais realizados na casa de reza, quanto na organização social das atividades realizadas coletivamente. Os auxiliares são no contexto da casa de rezas também chamados *yvyra'ija* [...] e no contexto das atividades cotidianas ou políticas podem ser ditos *tembiguai*, termo que literalmente traduz-se também por emissário, em suma, alguém que age a serviço de outrem.” (:34).

Todavia o empréstimo da palavra soldado não parece ter ocorrido apenas em função de uma aproximação das ações bélicas. Uma hipótese, aqui aventada, é que o termo soldado contempla também a relação de auxiliar, ajudante, algo que remete a um potencial de multiplicação da ação. Um general coordena e estende-se por meio de seus soldados, assim como um *xeramõi* ou um *tuvixa* (chefe) se estende e age por meio de seus *xondaro*. Para compreender essa relação é preciso voltar-se ao termo *tembiguai* que se refere a essa capacidade de se multiplicar por meio de auxiliares, uma forma de relação que se replica em diversos níveis: no plano celeste cada divindade possui seus *xondaro*, seus auxiliares; no plano terrestre além dos Guaraní e dos *jurua*, alguns animais também têm seu chefe e seus *xondaro*. Algo que foi notado por outras pesquisas. Maria Inês Ladeira replica a fala de um guarani que afirma a existência de *xondaro* entre os queixadas:

“[...] *Koxi* [queixada] anda sempre em bando. Em cada bando tem um chefe, um *yvyraiija*, que vai na frente mostrando os caminhos, e dois ajudantes, guardiões iguais aos *xondaro*, um no meio, e um que vai por último, que ficam cuidando para nenhum se perder.” (Ladeira, 2008, :165).

Pierri (op. cit.) nos dá diversos elementos ao longo de sua dissertação que mostram como o céu está repleto de *xondaro*. Cada divindade possui seus auxiliares, assim como todas as divindades podem ser pensadas como *xondaro* de *Nhanderu Tenonde* (nosso pai principal, primeiro):

“Nesse diálogo, eu estava perguntando a esse senhor a respeito de uma comparação que outro guarani me havia feito, dizendo que os Pais das

Almas seriam como *xondaro* (auxiliares) de Nhanderu Tenonde, e que cada um deles, por sua vez, tinha seus próprios auxiliares” (:104).

Em suma, nessa acepção, o *xondaro* se refere a um modo de relação, que tem como efeito multiplicar como sugere Pierri (op. cit.).

Por fim, acho que vale a pena apontar para uma sugestão de Montardo (2009) e Keese (2013) – a dança do *xondaro* se apresentaria como um modo de ação política dos Guarani e, em especial, a maneira como lidam com a conjuntura do contato com os *jurua kuery*:

“Um dos treinamentos mais significativos efetuados nos rituais Guarani é o aprender a ‘desviar-se’, em danças/lutas. O comportamento de não se contrapor, característico dos Guarani, é trabalhado corporal e musicalmente. O que aparentemente é uma não-resistência se apresenta como uma estratégia desenvolvida diante dos desafios que vêm enfrentando há séculos e na qual a música e a dança ocupam papel constitutivo” (Montardo, 2009 :37).

Se a antropologia com a obra de Lévi-Strauss (2004) apontou para o mito como um espaço de reflexão, como bem nos mostra Sáez (2002), talvez pudéssemos pensar a partir dos Guarani que a dança e a música não se restringem a expressões estéticas, mas ultrapassam as nossas divisões e nos colocam diante de modos de distintos de pensar e agir no mundo, seriam pois modos reflexivos. Isto torna a tarefa de tradução, sobretudo quando nos restringimos às tecnologias escrita ou fílmica, sempre aquém do que é pensado e sentido quando se realiza o *xondaro*, o *tangara*, *mborai*...

Nesse sentido finalizo com uma reconsideração: o *xondaro* não é apenas um termo polissêmico, mas um conceito que designa um modo de relação, que, por sua vez, une práticas que nós, *jurua kuery*, tendemos a separar. A dança, o sujeito que a executa, a forma de comunicação e a relação que se configura, são elementos intrínsecos entre si. As ações desempenhadas por um *xondaro* estão intimamente ligadas à dança, seja devido à destreza e agilidade fornecida por ela, que funciona como um treinamento para exercer atividades como a caça, andar pela mata, a guerra etc., seja pela conexão e comunicação que se estabelece com os *nhanderu kuery* que inspiram toda e qualquer ação. Mas, como

já pontuando, ainda que a ligação vertical com as divindades celestes tenha sido o ponto mais marcado ao longo da pesquisa, o *xondaro* estabelece relações horizontais com habitantes da plataforma terrestre, o uso de remédios que são compostos em sua maioria por animais, evidencia a captura de afecções¹⁶ da tartaruga, do peixe muçum, do esquilo, do gavião etc. para compor os corpos desses sujeitos.

Em sua complexa acepção, o *xondaro* nos conduz a uma cosmopolítica guarani, onde se negocia e se estabelece relações com uma miríade de sujeitos: os brancos, os *nhanderu kuery*, os inimigos, os animais etc.

Bibliografia Citada

CADOGAN, León. 1992. *Diccionario Mbya-guarani – Castellhano*. Asunción: Fundación León Cadogan CEADUC, CEPAG.

KEESE, Lucas. 2013. *Resistência esquiva e linhas de fuga: o movimento como ação política entre os guarani-mbya*. Projeto de mestrado apresentado ao Departamento de Antropologia da USP, mimeo.

LADEIRA, Maria Inês. 2007 [1992]. *O caminhar sob a luz: o território Mbya à beira do oceano*. São Paulo: UNESP.

_____. 2008 [2002]. *Espaço Geográfico Guarani-Mbya: Significado, Constituição e Uso*. Maringá: UEM e Edusp.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2004 [1964]. *Mitológicas I: O Cru e o Cozido*. São Paulo: Cosac & Naify

MACEDO, Valéria. 2009. *Nexos Da Diferença: Cultura e afecção em uma aldeia guarani na Serra do Mar*. Tese de Doutorado em Antropologia Social - USP.

_____. Mimeo. *Guarani Cosmopolitics and the World of Projects*.

¹⁶ O conceito de afecção ganhou proeminência na etnologia americanista com Eduardo Viveiros de Castro (2002). Tomando-o de empréstimo da filosofia de deleuziana, Viveiros de Castro usa o conceito de afecção para pensar o corpo a partir do seu conjunto de capacidades e não de sua fisiologia distintiva.

PIERRI, Daniel Calazans. 2013. *O perecível e o Imperecível: Lógica do sensível e corporalidade no pensamento guarani-mbya*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – USP.

PISSOLATO, Elizabeth (2007) *Duração Da Pessoa: Mobilidade, Parentesco e Xamanismo Mbya-Guarani*. São Paulo: Unesp.

_____(2008) “Dimensões do Bonito: cotidiano e arte vocal mbyaguarani. IN *Espaço Ameríndio* v. 2, n. 2, p. 35-51. Porto Alegre: UFRGS.

SÁEZ, Oscar Calávia (2002) “A variação mítica como reflexão” In *Revista de Antropologia* V. 45 nº . São Paulo: USP.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo. Cosac & Naify.

WAGNER, Roy. 2010. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify.

Anexos

Relatório do 1º Curso de Formação de Pesquisadores

Aldeia Peguaoty

1) Apresentação

-Responsáveis: Joana Cabral de Oliveira (CTI), Lucas Keese (CTI), Marcos Tupã (Aldeia Krukutu, Coordenador Nacional da Comissão Guarani Yvyrupa).

-Local e período de realização: Peguaoty de 12 a 16 de outubro de 2012.

-Nome e (aldeia dos participantes):

1. Vilmar (Silveira)
2. Müller (Silveira)
3. Vitalino (Peguaoty)
4. Alexandre Wera (Peguaoty)
5. Silvio (Peguaoty)
6. Vladimir (Jaraguá)
7. Nilson (Jaraguá)
8. Kerexu (Krukutu)
9. Edson (Krukutu)
10. Osmar (Tenonde porã)
11. Cristiam (Tenonde porã)
12. Jacira (Tenonde porã)

-Presenças não-indígenas (Instituições): Daniel (CTI), Inaiá (CTI), Maria Inês (CTI), Damiana (IPHAN) e Marcos (IPHAN).

2) Objetivos do Curso

Refletir sobre distintos modos de conhecer; Apresentar as etapas e estrutura de uma pesquisa; Pensar sobre como se apropriar da pesquisa como uma forma de conhecimento que possa fortalecer os saberes guarani; Organizar um plano de pesquisa sobre o *xondaro*; Proporcionar falas dos *xeramoï* para os jovens; Fomentar a prática do *xondaro*.

3) Procedimentos e Metodologia

Aulas expositivas; Leitura e discussão de textos; Filmes; Levantamento de conhecimentos guarani; Produção de textos; Realização de *xondaro* pelos *xeramoï*; Falas e aconselhamentos dos *xeramoï*.

4) Resumo das Atividades Desenvolvidas

Dia	Temas desenvolvidos
12/10/2012	Apresentações; Discussão sobre modos de conhecer.
13/10/2012	Os modos guarani de conhecer. Etapas da pesquisa.
14/10/2012	O vídeo como pesquisa; Organização do conhecimento prévio sobre <i>xondaro</i> .
15/10/2012	Organização da pesquisa sobre <i>xondaro</i> ; treinamento técnico.
16/10/2012	Organização de cronograma; Avaliação.

5) Descrição das Atividades Desenvolvidas

12/10 – Apresentações: do chefe e membros da aldeia presentes, dos *xamoï* vindos de outras aldeias; da equipe de pesquisadores; dos brancos; do projeto e seu histórico; das atividades que compõem o projeto e do curso.



Joana conduziu um levantamento do que os alunos sabiam sobre o que era pesquisa e ciência. A partir das ideias apresentadas por eles fui construindo uma caracterização do conhecimento científico: aprendido na escola; por meio da escrita; formalizado; que está sendo constantemente construído nas universidades, por meio da pesquisa etc.

Nesse levantamento já surgiram comparações com os Guarani, como um conhecimento oral, transmitido geracionalmente. Joana esforçou-se por desconstruir essas grandes tipologias, lembrando que eles também vão à escola e usam a escrita, assim como os brancos também aprendem com os pais, oralmente; o conhecimento guarani também é formalizado, na medida em que possui formas de transmissão, enunciação e aprendizado que devem ser respeitadas. Joana lembrou que não são todos os brancos que dominam o saber científico, que há brancos que por motivos diversos não frequentam a escola e a universidade e, apesar disso, também possuem seus conhecimentos como, por exemplo, os colonos nos arredores da TI Tenonde Porã.

Joana ressaltou que a sociedade dos não-índios concebe a escola e a universidade como o centro do conhecimento, e que por isso as pessoas e sociedades que não têm essas instituições sofrem preconceitos, pois outros modos de conhecimento não são reconhecidos pela ciência como saberes válidos.

Leu-se e discutiu-se os textos sobre conhecimento científico (em anexo ao fim do relatório). Joana sistematizou, com a participação dos alunos, as principais ideias abordadas.

Joana enfatizou que esse era apenas um modo de entender e produzir conhecimento. Há muitos outros, passou-se para os exemplos a partir de: texto de Davi Kopenawa (em anexo); filme “O Arpão e o Anzol” (de Carlos Soutchuk: http://www.youtube.com/watch?v=_mGqXjz4Sqo); texto dos pesquisadores wajãpi. Após discutidos cada um desses materiais, foram feitas algumas comparações com a ciência enfatizando diferenças e semelhanças.

A partir dessa atividade começaram a surgir elementos ligados ao trabalho dos pesquisadores guarani sobre o *xondaro*: Osmar lembrou que no primeiro encontro, realizado na Tenonde Porã, ele percebeu que cada *xeramoï* explicava o *xondaro* de um modo. Joana apontou que o trabalho de tradução de Davi Kopenawa e dos Wajãpi, era algo central para que se possa reivindicar ações do Estado que respeitem os modos de vida e as especificidades desses povos; sendo esse o foco da formação de pesquisadores guarani.

Devido à chuva, não foi possível realizar o *xondaro*. Então, assistiu-se a algumas filmagens feitas nos encontros e nas oficinas. Depois Pedro Vicente (mestre *xondaro*, TI Tenondé Porã) e Luis Euzébio (cacique TI Peguaoty) fizeram uma longa fala em guarani sobre o *xondaro* e como eles deveriam se comportar. Por fim, Tupã organizou uma pequena reunião entre os pesquisadores e os *xeramoï* sem a presença dos brancos e dos demais guarani.

13/10 – Joana retomou o fio condutor do dia anterior – os diferentes modos de conhecer. O texto sobre o aprendizado dos *kene* (Kaxinawa) foi lido e discutido coletivamente. Joana enfatizou os

seguintes aspectos: a diferença da forma como é compreendido a sede do saber em relação a ciência (espalhado pelo corpo *versus* cérebro); a observação; o uso de remédios; a ausência de palavras.

Joana propôs que começassem a fazer uma reflexão sobre como se aprende e transmite alguns saberes guarani. Tupã explicou e coordenou a atividade. Foram divididos quatro grupos e cada um ficou responsável por desenvolver um tema: escultura em madeira; *xondaro*; plantio; formação do pajé. Alguns grupos conversaram e pediram ajuda dos *xeramoï* presentes.

Cada grupo apresentou o que fez:

1. **Escultura de Madeira** – Transmitido pelos mais velhos para os mais novos; oralmente e pela observação; e fazendo. Tem que conhecer os tipos de madeira, as que servem e que não servem; os animais que se vai imitar; conhecer e ter habilidade sobre as ferramentas; tem conhecimento geográfico, para saber onde tem cada tipo de madeira; tem que ter habilidades manuais, de caça, de reprodução e memorização. De acordo com os mais velhos cada pessoa nasce com um “dom” (uma “habilidade”, “capacidade”) para fazer cada função.
2. **Plantio** – Tem muitos tipos de plantação. Aprende desde pequeno, acompanhando os pais na roça, observando e avaliando como os pais trabalham. Tem que saber quais as épocas certas para cada etapa, o plantio tem que ser na lua crescente, que é a época em que tudo se renova (*ara pyau*). Também tem que ter dom, dependendo da pessoa que planta um cultivo pode ir bem ou não. Tem que conhecer a terra, saber prepara-la. Conhecer as fases da lua e sua relação com o plantio, as pragas etc. Esse conhecimento é passado ao acompanhar os pais, observando, praticando, os pais também explicam.
3. **Xondaro** – Antigamente os mais velhos ensinavam as crianças desde cedo; as crianças observavam como os mais velhos dançavam, para depois praticar. A partir dos 6 anos pode praticar, antes os mais velhos orientam que o objetivo da dança é ficar com o corpo mais ágil e leve. Depois que aprendem, eles ainda observam os mais velhos, e vão desenvolvendo mais técnicas. Depois que sabem um pouco podem ensinar também os mais novos.
4. **Formação do pajé** – É escolhido por *nhanderu*. Já nasce com o dom para ser pajé. Antigamente ele morava na *opy*.

O tema sobre formação de pajé foi muito difícil para eles explicarem, mesmo tendo conversado com os *xeramoï* presentes, por isso Pedro Vicente interveio e fez uma fala em guarani explicando.

A fala de Pedro Vicente foi resumida e traduzida por Osmar: só quem tem o “dom” para uma determinada função vai conseguir reter o saber que está sendo transmitido; para ser pajé é *nhanderu* quem determina quando manda a alma para terra...

Osmar comentou que a fala dos velhos é muito enigmática, pois é para prestar atenção e refletir, não é para dizer tudo de uma vez só. Os velhos também mudam de assunto no meio da conversa para confundir, por isso só aprende quem tem o “dom”.

Tupã lembrou que há também momentos de aprendizado coletivo, em atividades que envolvem uma família ou mais.



Joana e Daniel apontaram para o problema da imprecisão de algumas palavras em português para traduzir ideias complexas, como o caso do termo “dom” para falar dessa relação dos saberes que vêm de divindades.

Joana retomou a discussão a partir das etapas de pesquisa (1. Escolha de tema; 2. Organizar o conhecimento prévio; 3. Elaborar questões e estratégias de pesquisa; 4. Executar as atividades de pesquisa e fazer os registros; 5. Organizar as informações; 6. Comparar; 7. Explicar; 8. Traduzir), dizendo que nesse exercício eles tinham explicitado uma teoria guarani sobre o conhecimento. Abordou mais uma vez a questão da tradução, enfatizando que além da tradução de uma língua a outra, o esforço maior era de traduzir conceitos que estavam por traz de algumas palavras; conceitos que muitas vezes não existem em outro sistema de pensamento e, por isso, exigem um esforço de explicação para ser preciso e minucioso. Para refletir sobre um exemplo, Daniel sugeriu o termo *xondaro*. Ao perguntar como eles traduziriam, um falou: “tipo de dança”; com alguns exemplos Joana mostrou que essa não era uma tradução que dava conta da complexidade do termo, que também designa a função de algumas pessoas, suas qualidades, funções dentro da casa de reza, o papel desempenhado por determinadas divindades auxiliares, etc.

Tupã fez uma fala em Guarani: o *xondaro* feito dentro da *opy* é diferente daquele dançado no pátio. Dentro da *opy* não se usa o bastão, mas apenas o *popygua* e o cachimbo, sua função é de proteger o rezador com suas armas espirituais e não com armas como a dos soldados *jurua*.

Joana propôs que eles escrevessem um texto que condensasse essa discussão sobre os modos guarani de conhecer. Tupã explicou a atividade e sugeriu que eles ficassem sozinhos para realiza-la.

Eles produziram um pequeno texto (em anexo), que é entendido como uma primeira versão de uma reflexão que deve ser aprofundada.

Joana finalizou lendo o texto e pedindo para que eles contassem um pouco da dinâmica de produção: Osmar acabou coordenando a escrita, mas disse que todos deram palpites e que alguns alunos mais tímidos conseguiram se soltar e contribuir de uma forma que ainda não haviam feito no curso.

14/10 – Lucas começou falando sobre o audiovisual, perguntando para eles o que era e que tipos eles já conhecem: animação, documentário, reportagem e ficção. Abordou a diferença entre reportagem (em que alguém reporta, relata um acontecimento) e documentário, além da imagem, nesses gêneros há as explicações sobre o que assistimos – nos conduzindo pelo filme. Aponta a diferença entre reportagem – gênero no qual existe um argumento ou ideia prévia e as imagens servem apenas para ilustrá-la (muitas vezes carregada de preconceito) – e o documentário, que se aproxima mais da pesquisa – devido ao processo de produção, o argumento costuma se realizar durante a execução.

Foca no documentário como um processo de pesquisa, em que se aprende sobre um tema e se pensa sobre ele nesse processo de construção de uma narrativa fílmica.

Fala sobre as várias funções do audiovisual: o audiovisual como meio de guardar conhecimento (registro). Vilmar deu exemplo, ele filmou uma armadilha que fez e seus filhos vão poder assistir e saber como ele fazia; além do registro, o audiovisual também é um meio de transmissão e difusão de conhecimento, que tem um alcance maior que a escrita.

Lucas questiona qual a diferença entre ler uma fala do *xeramoï* e assistir ele falando. A turma responde: ler é mais cansativo, assistir ao filme é mais animado; é mais parecido com o que vivemos no dia a dia; a gente vê que aquilo é verdade mesmo. Lucas comenta: o audiovisual tem uma força de verdade mais intensa que a escrita para nós, para o bem e para o mal, no sentido de que também pode passar uma ideia de verdade com força de algo que é falso.

Há diferenças entre ver/ouvir a fala (oralidade) e a transcrição (escrita).

No filme também é importante o processo de montagem, que é análogo às etapas de organização, comparação e explicação da pesquisa. Nesse momento também se está produzindo um conhecimento. A forma do filme é construída, por isso um mesmo material filmado, quando montado por diferentes pessoas resultará em filmes distintos, em narrativas diferentes.

A importância de se pensar quem é o público que se quer atingir para pensar na forma do filme.

Lucas pediu para que eles prestem atenção em alguns aspectos: quais as perguntas, qual o tema, se tem explicação ou não, identificar as etapas da pesquisa.

Assistimos ao filme “Desterro Guarani” de Ariel Ortega.

Lucas retomou o roteiro de pesquisa para identificar **as etapas** no filme “Desterro”:

Tema: perda e recuperação das terras, as ruínas das Missões – relação dos guarani com o território. Tem uma narração que conduz/explica. Quem narra: Ariel. O que ele **pergunta:** “será que os *jurua* quando veem a placa ‘Terra Guarani’ pensam que a gente sempre esteve aqui?”, a pergunta que orienta a pesquisa, o filme; “se antes essa terra toda era nossa, porque agora nós estamos em sem terras?”; “Se todos os guarani morreram, como dizem os brancos, quem somos nós?”.

A **estratégia** traçada por Ariel: conversar com os mais velhos, viajar, consultou arquivos e entrevista alguns *jurua* que tiveram envolvimento com a história guarani.

Organização do material registrado: nomear, agrupar... Para conseguir manejar e usar o material.

Explicação: construção de uma narrativa fílmica (montagem) – os guarani não vieram do Paraguai como dizem os brancos; os guarani não acabaram; os guarani se mudam como um modo de resistência... Criação de sentido a partir de um material enorme, que é selecionado e encadeado de um modo para contar uma história, apresentar uma ideia, um discurso.

Inês estimula-os a pensar sobre o papel das imagens no filme. A força das imagens que transmitem informações, emoções... A imagem e o áudio estão juntas, mas transmitem diferentes mensagens e sensações.

Surgiu uma discussão sobre os momentos da narrativa em que se deseja passar uma mensagem precisa, ou mais solta (ambígua), para uma interpretação mais livre. Osmar lembrou que às vezes os *xeramoĩ* falam de um modo mais solto, que esse jeito mais livre se aproxima mais de um estilo guarani.

Que eles podem desenvolver um jeito próprio de fazer os filmes guarani, desenvolver um olhar guarani nessa linguagem.

Tocou-se na questão de que os *jurua* constroem uma história que tem um interesse em legitimar a não demarcação de terras, o desmatamento...

Xeramoĩ Carlito fez uma fala em guarani: Comentou sobre o filme, dizendo que os *jurua* pensam que ao matar os Guarani os exterminaram, mas não pois suas almas continuam vivas e são enviadas por *nhanderu*; falou sobre os instrumentos que tem na *opy* que devem ser mantidos dentro dela e não podem ser retirados de lá.

Lucas retoma a discussão sobre audiovisual, falando sobre o direcionamento da atenção por meio da construção/enquadramento da imagem (aproximação, distanciamento, diferentes planos).

Lucas e Joana falaram um pouco sobre a organização para realização das filmagens, que todos vão pensar e fazer parte desse processo, mas alguns que tenham mais interesse ou jeito podem ficar à frente dessa atividade.

Lucas fez o exercício de eles pensarem em como se poderia filmar sobre o tema do *xondaro*: a dança, a preparação, entrevistas, pesquisar imagens já feitas...

Joana sugeriu que eles comessem a pontuar as informações que a equipe sabe sobre o *xondaro*. Eles se dividiram em 4 grupos, para organizar seus saberes prévios sobre o tema. Cada grupo apresentou o que fez:

1. O que é *xondaro*? Pode ser considerado soldado, também uma dança, um vigilante. Pode ser chamado de *tangara*. Para que serve? É praticado como uma dança com o objetivo de adquirir agilidade, para ficar alegre. Tem idade certa para praticar, separa criança de adulto. Não pode ser praticada com brincadeira. Na atualidade é apenas uma dança, mas para os antepassados era o desenvolvimento da força, agilidade e leveza, era usada para andar no mato.
2. Definição de uma dança tradicional, que faz parte do cotidiano das aldeias (mas hoje não); é uma pessoa com preparo para defender as aldeias; é um treinamento; pode ser feito por

meio de brincadeira; está ligado as qualidades comportamentais da pessoa, ela deve ser leve, tem que ter virtudes. Aprendizado contínuo.

É realizado por etapas: tem iniciação e preparação que é feita desde criança, tem “simpatias” para se tornar leve (uso de um inseto aquático que deve ser pego e usar para banho); depois tem a prática, quando começa a dançar; aí tem orientação para dançar; e quando é adulto já está preparado. *Xondaro vai* (que já está pronto para batalhar), que vai para a batalha; e *xondaro okaregua* que cuida mais da aldeia, cuida dos mais velhos.

Perguntas: Qual a origem do *xondaro*? Se existe relação dos *xondaro* com os nomes sagrados, com os lugares de onde vêm as almas? O uso dos instrumentos musicais e dos instrumentos de guerra antes e agora?

3. *Xondaro* é um conceito, uma cultura, é uma dança. Tem dois tipo *xondaro porã xondaro vai*, para ter equilíbrio corporal e mental. Esse conhecimento é passado pelos *xeramoï* e *xondaro ruvixa*. Perguntas: Se o nome antigo é tangara porque não permaneceu esse nome? Porque chama *tangara* e *xondaro*?
4. Tem vários tipos de *xondaro*. É uma pessoa que recebe os visitantes, tem que estar na frente. Antigamente era uma pessoa preparada para tudo, que tem um treinamento. Ele tem que vigiar e cuidar da comunidade. Tem a parte da dança para atingir o equilíbrio físico e mental. Aprende práticas de esquiva e luta para sair de qualquer situação (batalhas e para se embrenhar na mata). *Tangara* é praticado mais pelas crianças, é uma primeira parte do treinamento.

Tupã fez uma fala lembrando sobre o *tangara*. Osmar completou que *tangara* é uma ave que tem movimentos muito suaves e ágeis. Tupã continuou falando em guarani e fazendo perguntas à turma em guarani: falou da ave *tangara*, que voa em bando e é muito ágil; falou dos remédios que se usa, como a gordura do *tangara* no joelho e cotovelo; falou que ele também é *xondaro*, porque ele usa os conhecimentos que tem para defender o povo dele, que todos aqui são *xondaro* (como uma postura de defesa e respeito aos guarani).

Seu Pedro fez uma longa fala e demonstração sobre o que é *xondaro* e o que é *tangara*, qual a diferença, a formação (as etapas). Mais do que a dança é um comportamento que deve ser respeitado. Tem alguns *xondaro* que fica mais em torno da casa de reza e outro que é um guardião da aldeia. Tem o mestre de *xondaro* que conduz o aprendizado, que dá os conselhos de comportamento e espiritual. Falou que está muito feliz com o curso...

15/10 – Aproveitamos a presença do professor Arlindo, da aldeia Krukutu, para falar sobre a importância de se escrever em guarani. Arlindo trabalhou no Summer Institute e teve uma formação em linguística. Ele fez uma fala em guarani sobre o tema da escrita. Depois, propôs que os alunos fizessem pequenos textos para que ele pudesse avaliar o conhecimento da escrita guarani. Por fim, abordou a questão da tradução, dando exemplos de como se estrutura a língua guarani e como se traduz alguns termos. Falou sobre palavras emprestadas e porque se faz empréstimos.

Joana apresentou da atividade seguinte: começar a fazer o plano de pesquisa, que deveria iniciar pelas perguntas. Fazendo um gancho com a participação do Arlindo, falou da importância desse planejamento e das questões serem feitas em língua guarani. Assim, Tupã iria conduzir a construção das perguntas:

Porandua (Perguntas):

Jaa rã nhamombe'u ranhe, mba'e ete'i pa nha ikoteguë. (Primeiro devemos contar exatamente o que precisamos do mais velho entrevistado, porque estamos lá)

Jaiporavo mava'e ete'i pa nhaporãdurã (Para quem vamos perguntar?)

Mba'exa nhaporandu ramo pa ha'eve ve. (Qual é o melhor jeito de perguntar?)

Mba'e tu xondaro? (O que é *xondaro*?)

Mba'e tu ojapo? (O que ele faz?)

Mba'e re tu oikuapota? (Para que ele é ensinado?)

Mava'e tu ombo'e xondaro oiko aguã? (Quem ensina ser *xondaro*?)

Ymaramo marami hery raka'e? (Como que se chamava *xondaro* antigamente?)

Mava'e tu nembo'e xondaro rã? (Quem ensina para se tornar *xondaro*?)

Mamo tu nhanhembo'e? (Onde se aprende?)

Mba'e tu jaiporu xondaro jaiko vy? (O que se usa de ferramenta quando se tornar *xondaro*?)

Mba'exa gua mabo'epu jaiporu raka'e? (Qual os instrumentos musicais se usava?)

Nhanhembo jegua pa raka'e? (Antigamente se usava pintura corporal?)

Mba'e tu jaiporu raka'e nhande jee? (O que se usava no corpo?)

Xondaro jaiko aguã pa nhandepoano raka'e? (Xondaro usava remédios especiais?)

Marã ramigua poã tu oiporu raka'e? (Como se usava os remédios?)

Ojepo ravo pa raka'e? Terã any? (Se escolhia a pessoa que vai ser xondaro? Ou não?)

Mba'exa tu xondaro reko? (Qual é o modo de ser do xondaro?)

Xondaro pa onhembo'e? (O Xondaro estuda?)

Yma ramo mba'exa tu hery raka'e? (Qual era o nome do xondaro antigamente?)

Raka'e jave tu ha'eve nhandembo'e? (Quando se aprende xondaro?)

Xondaro kuery amba nhe'ã oguereko ha'e kuery.

Mba'epu pa ojeporu a'e ma raka'e? (Antigamente se utilizava o violão?)

Mba'exa ete'i tu ojeporavo mba'exagua xondaro oiko aguã? Onhe poãno pa? (Como se escolhe qual tipo de xondaro ser? Se usa remédios?)

Mba'exa ete'i tu nhanderu xondaro kuwery ikuai nguu ete amba re? Havy ho amba re? (Como vivem os nhanderu xondaro nas moradas dos pais celestes? E nas suas moradas?)

Ojeroky avi pa ha'e kuery? Mba'exa tu peteĩ teĩ ojeroky. (Eles dançam lá também? Como cada um deles dança?)

Lembrei-os que nem sempre essa estrutura de perguntas é a forma correta de se conversar com um xeramoï. Que essas perguntas serviam mais para orientar a conversa e para o pesquisador saber onde ele quer chegar do que para fazer aos velhos. Aproveitamos o esforço que Osmar fez de fazer um caminho de perguntas para chegar à questão que ele estava interessado: se há uma relação entre as almas-nomes e os lugares celestes de onde elas vêm e o modo de dançar o *xondaro*. Ele apresentou sua reflexão e as perguntas a que chegou.

Daniel e Alexandre Wera aproveitaram para falar um pouco da estratégia que pensaram para conversar com os mais velhos, no estudo para a demarcação da terra, levando em conta essa forma de conversa guarani.

Daniel contou que ao ir fazer a primeira entrevista sobre a demarcação da Tenonde, ele recebeu o conselho de um guarani, de que ele deveria deixar o entrevistado bem à vontade, tranquilo para falar. Esse modo de conversar guarani deve ser respeitado para que se consiga acumular as informações que se deseja.

Daniel e Wera construíram como estratégia no levantamento da terra conduzir a conversa pela trajetória de vida do *xeramoĩ*, da *xejaryi*. Abordou a questão de não desistir caso a entrevista não renda, as vezes a pessoa não está num bom momento.

Tupã e Daniel lembram que uma estratégia pode ser chamar vários *xeramoĩ* para conversar na *opy*.

Falei de outras estratégias de pesquisa: caderno de campo (diário de pesquisa), para anotar observações, impressões, sua trajetória de aprendizado de *xondaro*.

Distribuímos os gravadores, explicando seu uso e como organizar o material de áudio.

Aproveitando a folga da chuva, terminamos mais cedo para a realização do *xondaro*. Seu Pedro Vicente comandou um treinamento e dança de *xondaro*. Depois Jacira puxou as *xondaria*.



16/10 – Joana retomou as atividades planejadas para que eles fizessem na aldeia: as questões que nortearão a pesquisa; conversas (gravadas, transcritas e organizadas); elaboração de um diário de pesquisa. Lembrou que a pesquisa deveria considerar também as *xondaria*.

Organizou-se o cronograma:

Acompanhamentos:

Jaraguá de 25 a 30 de outubro.

Silveira de 15 a 20 de novembro.

Peguaoty de 01 a 06 de novembro.

Tenonde de 05 a 10 de novembro.

Krukutu de 11 a 16 de novembro.

Cursos:

2º - 09 a 14 de dezembro, 2012. Local: Jaraguá.

3º - Começo de fevereiro, 2013. Local: Silveira.

4º - Final de abril, 2013. Local: Krukutu.

5º - Começo de julho, 2012. Local: Tenonde.

Encontro Final:

Setembro. Local: A definir.

Interesse de Viagem de Pesquisa:

Aldeias da Argentina

Aldeias do Paraguai

Piraquara - PR

Aldeias de Ubatuba - SP

Cantagalo - RS

Ao fazer essa lista, Tupã e Pedro Vicente falaram das diferenças e do rigor das aldeias da Argentina ao realizar o *xondaro*; fizeram algumas demonstrações de movimentos.

Tupã falou sobre a ideia dele de que os meninos façam uma apresentação de *xondaro* nesse encontro final, e que eles devem nos ajudar na organização desse evento (pensando nos convidados, na programação etc.). Pediu que cada um falasse sobre seu interesse e motivação para participar do projeto. Depois lembrou que eles eram um grupo, que deveriam trabalhar juntos, ajudar-se e compartilhar das atividades. (Tudo em guarani).

Seu Luis Euzébio fez uma fala em guarani sobre a atividade dos pesquisadores. Tupã fechou falando da parceria com IPHAN e sobre a bolsa de estudos.

Foi feita uma avaliação do curso, onde os pesquisadores disseram o que acharam. Todos afirmaram ter gostado muito e estarem felizes em participar. Alguns aspectos mencionados por eles foram: a importância desse curso para que eles mesmos aprendam sobre *xondaro* e *xondaria*; registrar esse conhecimento para futuras gerações; que essa era uma oportunidade de conhecer o modo como os antigos dançavam; que é importante para mostrar aos *jurua* que eles também têm cultura. Joana avaliou o curso positivamente e agradeceu a todos. Damiana fez duas falas: uma em nome próprio, em que enfatizou a alegria de ter compartilhado esses dias com os guarani; outra institucional, enaltecendo a qualidade do curso e o envolvimento dos guarani e que espera, por isso, que esse seja um trabalho bem sucedido.

6) Avaliação

Joana: A turma estava animada e acompanhou bem o conteúdo do curso. Alguns alunos se destacaram por sua participação ativa (Osmar, Vilmar, Kerexu, Vladimir) outros, mais tímidos, apesar de não falarem, participaram com interesse das atividades em grupo. Nilson, por exemplo, contribui com texto coletivo no momento em que ficaram apenas os pesquisadores trabalhando. Essa parece ser uma boa estratégia de trabalho, já que há uma grande pressão sobre a turma que é assistida por uma equipe de *jurua* e por vários guarani. Alguns se destacaram na discussão sobre audiovisual (Alexandre e Nilson). Os demais (Vitalino, Cristian, Muller, Silvio e Edson) apesar de não se expressarem nas discussões estavam atentos e contribuíram nas atividades de grupo.

As vezes a turma parecia cansada e desatenta, devido ao sistema de aula que reproduz o cotidiano que eles tem na escola. É preciso haver um esforço de diversificar as atividades e a forma, para que eles mantenham a atenção. Interessaram-se bastante pelos filmes apresentados, algo que deve ser mantido na dinâmica. Talvez uma mudança no local e organização da sala no próximo curso possam auxiliar em uma descaracterização da estrutura de aula escolar.

7) Anexos

1. Textos discutidos durante o curso
2. Textos produzidos pelos pesquisadores

1. Textos Discutidos

Ciência

A ciência é uma das formas que os *jurua* têm de conhecer e explicar o mundo. A ciência é um conhecimento que é ensinado na escola e na universidade.

O conhecimento científico é produzido através de pesquisas e depois transmitido através de aulas, textos escritos e eventualmente de vídeos.

Para aprender a produzir este tipo de conhecimento, os estudantes também devem fazer suas próprias pesquisas ou ajudar pesquisadores mais velhos a organizar as informações de suas pesquisas. Mas não são todos os estudantes que aprendem a fazer pesquisas científicas, só aqueles que vão à universidade para se formarem como cientistas.

Algumas das áreas que fazem parte do conhecimento científico são: a biologia; a linguística; a matemática; a história, a geografia, a antropologia, etc.

O conhecimento científico é construído através de pesquisas feitas por pessoas especialistas (que estudam só um assunto), que trabalham nas universidades, em centros de pesquisa ou em museus. Por exemplo: existem pesquisadores que só estudam a língua portuguesa, existem pesquisadores que só estudam tipos de mandioca, pesquisadores que só estudam uma língua indígena, pesquisadores que só estudam sapos, pesquisadores que estudam só uma doença etc.

Assim, o conhecimento científico é construído por especialistas que trabalham e estudam para produzir novos conhecimentos, para avaliar conhecimentos anteriores que foram feitos por outros pesquisadores, ou para estudar assuntos que ainda não foram pesquisados.

Mas o conhecimento científico é só um dos jeitos de conhecer. Existem muitas outras formas de construir e transmitir conhecimentos.

Desenvolvimento do Conhecimento Científico

Para contar a história do conhecimento científico podemos ir muito longe no tempo e até voltar para o começo da história dos não-índios. Existem muitas opiniões sobre como e quando surgiu o pensamento científico, por isso conto aqui duas passagens importantes para pensar como ele se desenvolveu.

No final dos anos de 1400 e começo de 1500 vivia na Itália Leonardo da Vinci. Leonardo foi muito importante para diversas áreas da ciência, ele era ao mesmo tempo pintor, escultor, arquiteto, engenheiro, músico, biólogo e anatomista. Nessa época ainda não havia a especialização e cada pessoa tinha conhecimentos sobre muitos assuntos.

Leonardo acreditava que a ciência só poderia se desenvolver através da **observação** e **experimentação**, dois procedimentos fundamentais para o conhecimento científico. Foi assim que ele fez seus famosos estudos sobre o corpo humano, ele abria os corpos de pessoas mortas para poder ver como eram por dentro e depois desenhava o que via. Esses estudos do corpo humano foram muito importantes para o desenvolvimento da medicina, pois para fazer uma cirurgia ou engessar um osso quebrado é preciso saber como é o corpo da pessoa.



Estudos sobre feto de Leonardo.

Leonardo também inventava algumas máquinas para tentar ajudar nos trabalhos. Ele pensava como ela poderia ser depois desenhava e tentava construir para ver se dava certo. Essa tentativa de realizar na prática suas ideias é o que chamamos de experimentação.

Outra pessoa fundamental para o conhecimento científico foi Galileo Galilei. Galileo também viveu na Itália, mas depois de Leonardo, nos anos de 1600. Nessa época o conhecimento já era um pouco especializado e Galileu se dedicou aos estudos na área da física e da matemática.

Galileu estudava os movimentos dos objetos: como e porque as coisas caem; o movimento pendular; o movimento das estrelas e do sol etc. Algo muito importante que Galileu fez foi estabelecer um jeito de estudar e pesquisar: ele também observava as coisas, mas foi ele que começou a tentar reproduzir (fazer de novo, repetir) aquilo que estava observando. Por exemplo, para poder mostrar aos outros que o peso dos objetos era importante quando eles caíam ou rolavam, ele montou um “plano inclinado”: pegou uma tábua de madeira inclinou e colocou duas bolas com pesos diferentes (uma de metal outra de madeira) e mostrou a todos que elas rolavam com velocidades diferentes, a de metal chegava antes que a de madeira.

Esse procedimento é muito importante para o conhecimento científico, pois nesse sistema de conhecimento é importante provar aquilo que se fala. Provar é conseguir repetir o que foi observado, é mostrar aos outros que aquilo de que se está falando não foi tirado só das ideias que se tem, mas é algo que todos podem observar.

Galileu também ficou famoso por inventar o telescópio. Com o telescópio ele conseguiu observar o céu de um modo diferente e começou a descrever as estrelas e a desenvolver novas ideias sobre o mundo e o céu. Suas ideias eram muito diferentes daquelas que os outros não-índios acreditavam e por isso naquela época ele foi preso e seus livros foram proibidos.

Muitas outras pessoas foram importantes para o desenvolvimento do conhecimento científico, assim como Leonardo e Galileu. Mas esses dois italianos se destacaram não só pelo conteúdo de seus estudos, mas principalmente pela forma como faziam esses estudos: observando, descrevendo, experimentando, demonstrando e provando suas ideias.

A Busca por Um Conhecimento

O objetivo da ciência é produzir um conhecimento sobre o mundo que seja universal, que valha para todos os lugares, pessoas e condições. Não é por acaso que o centro mais importante de produção e ensino de conhecimento se chama “universidade”, nessa instituição se pretende construir um conhecimento único sobre o mundo.

Por isso, a possibilidade de repetir um fenômeno, do modo como Galileu fez com o plano inclinado, é um dos procedimentos centrais na produção da ciência. Ao reproduzir um fenômeno em diferentes momentos e lugares pode-se observá-lo muitas vezes, diferentes pessoas podem testá-lo e descrevê-lo e assim os cientistas pensam ser possível atingir um saber universal.

Assim, os cientistas criam regras e protocolos para realizar suas experiências, que devem ser seguidos com rigor, para poderem ser repetidas na China, no Brasil, na Alemanha e em qualquer lugar do mundo e dessa maneira chegar a uma explicação só sobre o fenômeno quer estudar.

Textos baseados em: “A invenção das Ciências Modernas” de Isabelle Stengers.

Sonhos das origens

Davi Kopenawa Yanomami

Os espíritos xapiripë dançam para os xamãs desde o primeiro tempo e assim continuam até hoje. Eles parecem seres humanos mas são tão minúsculos quanto partículas de poeira cintilantes. Para poder vê-los deve-se inalar o pó da árvore yãkõanahi muitas e muitas vezes. Leva tanto tempo quanto para os brancos aprender o desenho de suas palavras. O pó do yãkõanahi é a comida dos espíritos. Quem não o "bebe" assim fica com olhos de fantasma e não vê nada.

Os xapiripë dançam juntos sobre grandes espelhos que descem do céu. Nunca são cinzentos como os humanos. São sempre magníficos: o corpo pintado de urucum e percorrido de desenhos pretos, suas cabeças cobertas de plumas brancas de urubu rei, suas braçadeiras de miçangas repletas de plumas de papagaios, de kujubim e de arara vermelha, a cintura envolta de rabos de tucanos.

Milhares deles chegam para dançar juntos, agitando folhas de palmeiras novas, soltando gritos de alegria e cantando sem parar. Seus caminhos parecem fios de aranhas brilhando como a luz do luar e seus ornamentos de plumas mexem lentamente ao ritmo de seus passos. Da alegria de ver quanto são bonitos!

Os espíritos são tão numerosos porque eles são as imagens dos animais da floresta. Todos na floresta têm uma imagem utupë: quem anda no chão, quem anda nas árvores, quem tem asas, quem mora na água. São estas imagens que os xamãs chamam e fazem descer para virar espíritos xapiripë. Estas imagens são o verdadeiro centro, o verdadeiro interior dos seres da floresta. As pessoas comuns não pode vê-los, só os xamãs. Mas não são imagens dos animais que conhecemos agora. São imagens dos pais destes animais, são imagens dos nossos antepassados.

No primeiro tempo, quando a floresta estava ainda jovem, nossos antepassados eram humanos com nomes de animais e acabaram virando caça. São eles que flechamos e comemos hoje. Mas suas imagens não desapareceram e são elas que agora dançam para nós como espíritos xapiripë. Estes antepassados são verdadeiros antigos. Viraram caça há muito tempo mas seus fantasmas permanecem aqui. Têm nomes de animais mas são seres invisíveis que nunca morrem. A epidemia dos brancos pode tentar queimá-los e devorá-los, nunca desaparecerão. Seus espelhos brotam sempre de novo.

Os brancos desenham suas palavras porque seu pensamento é cheio de esquecimento. Nós guardamos as palavras dos nossos antepassados dentro de nós há muito tempo e continuamos passando-as para os nossos filhos. As crianças, que não sabem nada dos espíritos, escutam os cantos do xamã e depois querem ver os espíritos por sua vez. É assim que, apesar de muito antigas, as palavras dos xapiripë sempre voltam a ser novas. São elas que aumentam nossos pensamentos. São elas que nos fazem ver e conhecer as coisas de longe, as coisas dos antigos. É o nosso estudo, o que nos ensina a sonhar. Deste modo, quem não bebe o sopro dos espíritos tem o pensamento curto e enfumaçado; quem não é olhado pelos xapiripë não sonha, só dorme como um machado no chão.

Maloca Watoriki, setembro/ 1998 - depoimento de Davi Kopenawa recolhido e traduzido por Bruce Albert.

Todos os Wajãpi têm a Mesma Origem?

Wajãpi não é tudo igual!

Todos os Wajãpi não têm sua origem no mesmo grupo. E cada grupo é diferente dos outros grupos. Cada grupo é um *wanã*. *Wanã kô* são os diferentes grupos. Desde antigamente, existiram grupos diferentes que moravam em diferentes regiões. Na origem, os grupos vieram todos separados e depois acharam seu lugar para morar, em regiões que ocupam até hoje. Cada *wanã* conhece muito bem sua região e seus caminhos.

Wanã não é a mesma coisa que aldeia (*taa*). *Wanã* é a origem das pessoas de um mesmo grupo, que não moram todas na mesma aldeia. A gente pode casar com uma pessoa de outro grupo, mas a gente sempre sabe de que grupo a gente é. Quando alguém morre cedo e deixa filho pequeno, as pessoas vão ensinar para ele: “seu pai era de outro grupo, de outro *wanã*”. Quando a gente tem filho com uma pessoa de outro grupo, esse grupo vai sempre dizer que a gente é de outro *wanã*.

Cada grupo wajãpi tem seus conhecimentos

Cada *wanã* tem seu jeito de falar, tem sotaque diferente. A gente reconhece até hoje esses sotaques. Por exemplo, *Kamopi wanã kô* fala bem rápido. Outros grupos que vivem na TI Wajãpi também falam de jeitos diferentes. Há também outras diferenças: em alguns grupos as pessoas são mais altas, em outros são mais baixinhas.

Cada *wanã* tem suas histórias e suas festas, que transmite do jeito de seus antepassados. Tem jeito diferente de contar histórias para a família e jeitos diferentes de ensinar, de fazer artesanato, etc.

Trocas de Festas

Nós Wajãpi não temos só uma festa. Nós fazemos várias festas. Cada *wanã* tem seus conhecimentos de festa e por isso sempre tem troca de festa com caxiri.

Existem 57 tipos de festa. Não fazemos todas as festas num mesmo ano. Fazemos festas quando as mulheres podem oferecer caxiri para quem sabe bem fazer um tipo de festa.

Não podemos fazer festa sem a participação das mulheres. Não fazemos festa sem beber. As mulheres fazem primeiro a preparação do caxiri. Mas, antes de terminar de preparar o caxiri, o dono do caxiri conversa com quem sabe bem fazer a festa e convida.

Tem festa à noite, como a festa do milho, a festa da borboleta, as festas de pássaro. Também tem festas de dia, como a festa dos peixes que nós chamamos *pakuwasu*. Os chefes fazem festa para ensinar os jovens. Nós temos vários tipos de instrumento que usamos em vários tipos de festas. Cada instrumento tem música e canto.

Texto feito pelos Pesquisadores Wajãpi. In: “Jane reko mokasia. Fortalecendo a Organização Social Wajãpi”.

Aprendizado dos Grafismos Kene – Kaxinawa

Kene é o nome dos grafismos kaxinawa, que são pintados nos corpos com jenipapo, desenhados nas cestas e tecidos em panos e tipoias.

Para aprender a fazer os *kene* existe um modo correto. As mães ensinam para as suas filhas, que devem observar o desenho e depois ficam sozinhas tentando executá-los.

Elas usam também o sumo de algumas folhas, que é pingado nos olhos das meninas que estão aprendendo. Esse colírio auxilia a menina a enxergar os *kene*, pois os kaxinawa dizem que para aprender é preciso ter uma habilidade, um saber, nos olhos, que eles chamam de *bedu unan*, por isso esse colírio é um elemento fundamental da aprendizagem dos *kene*.

Também são usados outros remédios para lavar as mãos, pois para tecer bem e fazer belos *kene* é preciso que a mão tenha um conhecimento (*meken unan*) para executar tais tarefas.

Uma antropóloga ao falar sobre seu convívio entre os Kaxinawa menciona o modo como ela tentou aprender a fiar algodão, atividade que achou muito difícil, sobretudo, pelo modo como os Kaxinawa a ensinaram:

“Certamente, fiar algodão não é algo que se aprende com explicações verbais, pois, como qualquer habilidade manual, requer muita prática. Contudo, no começo de meu próprio aprendizado, eu estava certa de que algumas dicas básicas poderiam me ajudar, tais como: em que parte da perna exatamente colocar o fuso, como girá-lo, quão esticado deve estar o fio, etc. No entanto, esse tipo de explicação parecia alheio àquele contexto. [...] tratava-se de um aprendizado ‘sem palavras’. [...] Para os Kaxinawá, a aquisição de uma habilidade é percebida como algo estritamente vinculado ao convívio que se mantém com ela, já que é nesse espaço-tempo de observação, de imitação e de prática que o aprendizado se dá.” (Ingrid Weber, In: “Copo de Cultura”, p.196-197).

Texto baseado em: “Copo de Cultura” de Ingrid Weber & “A Fisiologia do Pensar” de Ana Yano.

2. Textos Produzidos

“Nhande arandu regua”

Modos guarani de conhecer

Pesquisadores Guarani

O conhecimento no mundo do guarani passado de geração a geração, toda a transmissão saber e fazer muitas vezes feito oralmente primeiramente no núcleo familiar, sempre ensinado pelos mais velhos aos mais novos, a educação tradicional guarani é um processo contínuo, como forma de preparação para a vida adulta, onde os guarani desde crianças aprendem observando os mais velhos no cotidiano, sendo nas atividades de práticas tradicionais como danças, cantos e outros rituais e consagrações como o *“ka`a nhemongarai”* entre outros...

As crianças e adolescentes aprendem e desenvolvem livremente algumas coisas mais simples, muitas vezes por meio de algumas brincadeiras, mas sempre com acompanhamento de uma pessoa mais velha sempre por perto para elas não fazerem nada de errado ou com que possam se machucar.

A maior parte do aprendizado guarani é ensinado durante o rito de passagem dos jovens para vida adulta, onde aprende a fazer as coisas mais difíceis como: a prática da agricultura, construção de casas (meninos) feita pelos pais, trabalhos domésticos e cuidar de crianças (meninas) pelas mães, muitas vezes com rodas de conversas na casa de reza com os xeramoí e os mestres xondaro para aconselhamentos para o seu comportamento diante de outras pessoas de sua comunidade, o respeito aos mais velhos, seu próximo, agregando valores e conhecimento de mundo a cada um deles...

Uma das etapas de ensinamento para os meninos é prática do xondaro, como uma forma deles adquirirem equilíbrio físico e mental, onde eles aprendem o trabalho em grupo, companheirismo e ser mais solidário e se tornar uma pessoa mais responsável e educada.

Relatório do 2º Curso de Formação de Pesquisadores

1) Apresentação

-Responsáveis: Joana Cabral de Oliveira (CTI), Lucas Keese (CTI), Marcos Tupã (Aldeia Krukutu, Coordenador Nacional da Comissão Guarani Yvyrupa).

-Local e período de realização: Jaraguá de 12 a 16 de outubro de 2012.

-Nome e (aldeia dos participantes):

1. Vilmar (Silveira)
2. Müller (Silveira)
3. Vitalino (Peguaoty)
4. Alexandre Wera (Peguaoty)
5. Silvio (Peguaoty)
6. Vladimir (Jaraguá)
7. Nilson (Jaraguá)
8. Kerexu (Krukutu)
9. Edson (Krukutu)
10. Osmar (Tenonde porã)
11. Cristiam (Tenonde porã)
12. Jacira (Tenonde porã)

-Presenças não-indígenas (Instituições): Daniel (CTI), Damiana (IPHAN), Roseana (IPHAN) e Monica (IPHAN).

2) Objetivos do Curso

Refletir sobre distintos modos de conhecer; Apresentar as etapas e estrutura de uma pesquisa; Pensar sobre como se apropriar da pesquisa como uma forma de conhecimento que possa fortalecer os saberes guarani; Organizar um plano de pesquisa sobre o *xondaro*; Proporcionar falas dos *xeramoï* para os jovens; Fomentar a prática do *xondaro*.

3) Procedimentos e Metodologia

Aulas expositivas; Leitura e discussão de textos; Filmes; Levantamento de conhecimentos guarani; Produção de textos; Realização de *xondaro* pelos *xeramoï*; Falas e aconselhamentos dos *xeramoï*.

4) Resumo das Atividades Desenvolvidas

Dia	Temas desenvolvidos
10/12/2012	Revisão; apreciação sobre o desenvolvimento da pesquisa; o trabalho do pesquisador guarani.
11/12/2012	Trabalho com o texto coletivo sobre modos guarani de conhecer; dificuldades em fazer pesquisa.
12/12/2012	Atuação do IPHAN; conceitos de cultura, referência cultural, inventário, patrimônio cultural e bem cultural.
13/12/2012	Transcrição e tradução o; apresentação e discussão de um filme sobre o <i>xondaro</i> .
14/12/2012	Tradução; avaliação; planejamento das atividades seguintes.

5) Descrição das Atividades Desenvolvidas

10/12 – Um dos membros do conselho de chefes da aldeia do Jaraguá fez a abertura (em guarani), falando sobre a importância de a atividade ocorrer na aldeia do Jaraguá.

Tupã fez uma fala agradecendo a recepção. Falou sobre a relevância do *xondaro* e de como essa atividade de pesquisa pode ajudar no fortalecimento dessa prática. Mencionou os produtos finais (livro e filme) que vão ser um retorno do trabalho para a comunidade. Falou da composição da equipe.

Tupã pediu que cada um dos pesquisadores se apresentasse, eles falaram o nome e aldeia.

Os moradores do Jaraguá presentes também se apresentaram.

Seguiu-se a apresentação da equipe de *jurua* presente.

Joana fez uma breve revisão lembrando o tema principal do primeiro curso: Conhecimentos. Destacou que o plural no termo, pois são vários tipos de conhecimento. Recuperou a questão da pesquisa como um modo de aprender, que poderia ser apropriado pelos jovens guarani como meio de fortalecer as práticas culturais e sua transmissão.

Hortêncio entrou com seu *popygua* e fez uma fala para os jovens, orientando que eles prestassem atenção, não ficassem rindo, mostrou o *popygua* e os colares que estava usando, falando sobre a importância de se portar direito.

Joana deu continuidade e perguntou se havia diferença entre os trabalhos de pesquisadores *jurua* e guarani: o primeiro elemento apontado pela turma foi a língua; Osmar falou: “a pesquisa acadêmica é um pouco diferente (faz entrevistas, relatórios, escreve...) e antes guarani só conversava, agora está mudando e está fazendo pesquisa acadêmica também, que não tem diferença”.

Joana então explicou o que era pesquisa acadêmica aos demais e marcou as diferenças apontadas por Osmar entre os modos científico e guarani de aprender. Joana relatou o exemplo do acompanhamento de Adriana Testa¹⁷ no Jaraguá para falar das diferenças entre um *jurua* fazendo pesquisa e um guarani: ao acompanhar os pesquisadores do Jaraguá em uma entrevista, ela fez uma pergunta em guarani sobre os tipos de *xondaropoã* (remédio de *xondaro*); apesar da pergunta ter sido feita em guarani, a senhora respondeu dizendo que *xondaro* não usa remédio porque não fica doente; pelo fato da perguntar partir de uma *jurua*, a entrevistada associou a questão aos remédios de *jurua* e deu uma resposta distinta do que forneceu posteriormente aos dois pesquisadores guarani.

Retomamos as etapas da pesquisa. Enfatizou-se que ela não se restringe ao registro, mas inclui uma parte final importante, que consiste na comparação e elaboração de explicações, além da tradução. Quanto à questão da tradução, Joana abordou que será preciso fazer uma seleção do que será traduzido de acordo com o segmento dos *jurua* com quem se dialoga: IPHAN, Secretária de Educação, Funai, CTI etc.

Feita a revisão, Joana pediu que cada aldeia se reunisse e organizasse uma apresentação do trabalho realizado (com quem conversou, o que aprendeu de novo, como foi feito o trabalho de pesquisa, quais as dificuldades).

¹⁷ O exemplo está descrito no relatório produzido por essa assessora.

Cada grupo falou primeiro em guarani e depois fez um resumo em português:

Peguaoty:

Conversou com pessoal da comunidade e com alguns visitantes que estavam por lá. Aprendeu de novo sobre os remédios para ficar leve e aprenderam como se defender do *xondaro ruvixa* (deve focar colado a ele, não dar espaço), aprenderam sobre os instrumentos que se usa, e como se faz.

Dificuldade tradução, transcrição e de chagar nos *xeramoí*, sobretudo o da argentina,

Tenonde Porã:

Aprendeu que tem que fazer aquecimento antes de dançar; Jacira disse que aprendeu diferente, e como ela mulher ela falou mais sobre *xondaria* e escreveu um pouco sobre isso, que se dança *xondaria* para não ter medo, levantar cedo. Falaram com Seu Pedro e Timóteo. Aproveitaram quando conversam com os mais velho de perguntar algumas coisas em uma conversa normal, corriqueira, pois os mais velhos não se sentem à vontade as vezes com a entrevista.

Aprendeu que dentro de um grupo de 20 *xondaro* que são treinados apenas alguns chegam a fase final para ser mestre, *kyre'yimba*, para poder pegar o *popygua*. O *xonadoruvixa* usa o *popygua* para todos prestarem atenção. E aquele bastão também, tem que pegar o bastão do mestre de *xondaro* para ele virar *xondaroruvixa*.

Dificuldade é colocar o que estão aprendendo no papel.

Aprendeu com Timóteo a fazer um “mapa cosmológico”, uma pirâmide que explica porque de 20 só um ou quatro vão virar *xondaro*.

Xondaro tem que organizar trabalhos coletivos, reunião, estar preparado para tudo, para as dificuldades.

E o que já sabiam: que se dança *xondaro* para ficar ágil, leve e ter disposição.

Sempre que tem dúvida eles conversam com parentes próximos.

Krukutu:

Fizeram o trabalho separado, primeiro conversou com a mãe da Keretuxu, sua mãe contou que via muito no Paraná, mas que quando chegou aqui em São Paulo ela notou que não se dança mais.

Kerexu conversou com seu tio, que disse que não pratica mais, ele praticava mais em Ubatuba e na Krukutu não dança mais.

Todos falaram que antigamente se dançava xondaro toda a tarde antes de entrar na casa de reza.

Aprendeu de novo sobre os remédios, principal é a tartaruga.

Dificuldade foi chegar no xeramoí e explicar o trabalho, não conseguiram explicar direito sobre o trabalho. De transcrever e passar para o papel. Falam em português e guarani junto.

Conversou com seu Laurindo que pediu para falar na casa de reza, ele falou uma hora e meia, mas falou de outras coisas e só um pouco do xondaro. Kerexu acha que foi porque eles não conseguiram explicar direito.

Silveira:

Conversou um pouco com Karai, que falou sobre os remédios, pintura, as madeiras usadas, as comidas que o xondaro deve comer.

Dificuldade foi como abordar as pessoas, chegar nos xeramoí.

Jaraguá:

Não teve dificuldade com as entrevistas, pois falaram antes com as pessoas para elas se preparem.

Aprenderam de novo sobre a pintura corporal.

A dificuldade maior foi na transcrição e tradução.

Joana listou junto com eles as dificuldades:

- Tradução; Transcrição (escrita); Como ganhar a confiança dos mais velhos; Se fala misturado português/guarani; Fala do *xeramoí* é diferente; Fala do *xeramoí* mistura vários assuntos

Joana começou a falar sobre os 2 primeiros itens relacionados à escrita. Discutindo com eles, pontuou-se que a dificuldade é com a escrita em guarani se deve à: não haver um acordo ortográfico (a escrita guarani é recente); a alfabetização ser em português; e não terem a prática de escrever em guarani.

Joana falou da importância da prática de escrever em guarani como um meio de fortalecer a língua. Enfatizou a responsabilidade e relevância do trabalho dessa turma, que poderá produzir

material escrito em língua guarani (relação entre leitura e fortalecimento da escrita na língua), bem como pensar em possíveis soluções para tais dificuldades, as quais não são exclusivas dessa equipe, mas dos Guarani como um todo, já que a escrita na língua materna não tem uma funcionalidade cotidiana e que eles não são alfabetizados nela.

Sendo esse um processo longo, que exige um envolvimento com a língua escrita para engendrar convenções e acordos, Joana ressaltou que o importante nessa fase é escrever sem se preocupar com a ortografia e pontuação.

Tupã fez uma fala em guarani falando sobre a questão da escrita e da importância de se ter em mente o público que vai ler.

Joana retomou a questão da transcrição, lembrando que é uma passagem para a escrita de uma fala e que, por isso, deve respeitar exatamente o que foi dito. A transcrição auxilia o entendimento do que foi dito em seu detalhe, a perceber o encadeamento das ideias, os modos de expressão e pode auxiliar na comparação das falas dos *xeramoí*.

Daniel lembrou que as transcrições também podem ser usadas na publicação final, como um modo de dar espaço as palavras do *xeramoí*, respeitando seu jeito de falar.

Passou-se a falar sobre as dificuldades de entrevista. Joana começou mencionando acerca da importância de falar um dia antes com a pessoa que se quer entrevistar, para que ela se prepare (como aconselhou-nos Pedro Vicente e outros). Ressaltou que uma vez combinado deve se ter o cuidado de cumprir ou de avisar em caso de imprevisto, para que eles sejam levados a sério pelos mais velhos. O mesmo compromisso deve reger o trabalho com o resto da equipe (*jurua* e guarani).

Joana falou da importância de começar a entrevista (que nada mais é que uma conversa) respeitando os modos e cuidados de se iniciar uma conversa guarani. Retomou as diferenças entre pesquisadores *jurua* e guarani: como a pesquisa guarani é nova, está sendo construída, ainda não se sabe qual é o melhor jeito de proceder; é importante levar em conta os modos guarani de conversar e abordar as pessoas; não é produtivo chegar logo perguntando “o que é *xondaro*?”.

Joana pediu que Tupã e Pedro Vicente falassem um pouco sobre como se deve conversar com os mais velhos.

Pedro Vicente fez uma longa fala em guarani onde ressaltou os modos corretos de se comportar e perguntar/conversar; bem como um *xondaro* deve se portar.

Tupã também fez uma fala sobre o jeito de conversar.

Joana retomou a especificidade do trabalho de um pesquisador guarani, que deve incorporar elementos do modo guarani de conversar e se comportar. Joana retomou as diferenças entre o trabalho do pesquisador guarani e *jurua*. Falamos da expectativa que a comunidade tem em relação ao trabalho dessa equipe e se chegou aos seguintes pontos: que se tornem *xondaro*; que sejam lideranças; que auxiliem no processo de fortalecimento cultural; que se tornem “multiplicadores”, despertando o interesse de outros jovens e crianças.

A partir da fala de alguns pesquisadores da turma, Joana organizou uma diferenciação das tarefas do pesquisador entre ocasiões formais e informais do trabalho: formal seriam as ações planejadas de pesquisa, como entrevistas, elaboração de textos, transcrição; informal seriam os momentos cotidianos em que se fala e pratica o *xondaro*. Enfatizamos que o trabalho do pesquisador não se resume as entrevistas, mas inclui observação e participação nas atividades relacionadas ao *xondaro*, que é preciso estar sempre atento e movido pelo interesse para aproveitar as oportunidades ocasionais que ocorrem no dia a dia. Nesse sentido, uma diferença significativa em relação à pesquisa feita por um *jurua* é o fato de se realizar a pesquisa com seus parentes, no local onde se vive, e que incorpora uma série de modos guarani de viver e transmitir saberes.

Daniel auxiliou na reflexão tomando parte da fala de seu Pedro Vicente como exemplo. Ele destacou o termo *anhemombya* e pediu uma tradução. Eles falaram que poderia ser pensar. Daniel então começou a proceder uma análise do termo em que foi auxiliado por Silvio e Vitalino, que haviam discutido formas de traduzir essa palavra no trabalho de acompanhamento dias antes. Chegou-se ao ponto que esse termo traduzido correntemente como pensamento, refere-se a uma teoria guarani do conhecimento, em que os saberes são guardados no peito, uma concepção que parece aliar também ideia e prática, onde não se deve apenas ouvir para aprender, mas também participar e assim fixar o conhecimento no peito/coração (*-pya*). Tal concepção se contrasta com a teoria mentalista dos *jurua* em que o conhecimento se localiza na cabeça.

Joana ressaltou a importância da prática na atividade do pesquisador guarani, lembrando as falas wajãpi de que “placa não fala” (e por isso não pode sozinha evitar a invasão da terra indígena, sendo preciso que os Wajãpi vivam nos limites da terra para fiscalizá-la), assim como “livro não ensina” (referindo-se ao fato de que a produção de materiais não garantem por si só o fortalecimento de práticas culturais, sendo preciso que eles aprendam de modo apropriado para ensinar as futuras gerações).

Joana abordou a dificuldade enunciada por eles de que os *xeramoí* falam de muitos assuntos misturados, retomando um comentário de Alexandre Wera, “*xondaro* está ligado com

tudo que está ao redor”, Joana lembrou que o *xondaro* é algo muito complexo, que não se restringe apenas a dança, mas inclui um comportamento, uma atitude, modos de comer, etc. O fato dos mais velhos falarem de muitas coisas além do *xondaro* está provavelmente ligado ao fato do *xondaro* não estar separado da vida cotidiana, das atividades da *opy*, etc.

Por fim, Tupã fez uma fala em guarani, que traduziu resumidamente para os *jurua*: Rezador, antes de começar a reza na *opy*, toca seu maracá e fala; ele tem pensamento amplo, vê longe, até o fim da terra... *Xondaro* tem que ter esse pensamento, tem que pedir força a *nahderu* para contemplar a todos. O conceito do *xondaro* é de ser protetor, tanto nas palavras como nas ações, de modo amplo.

Seu Pedro fez uma fala em guarani complementando Tupã.

Tupã fez outra fala em guarani, sobre a necessidade de se ouvir as falas da *opy* com atenção, sem falar no celular; que se deve dançar, fumar... Escutando e pensando com o coração.

O dia terminou lembrando que o fim da tarde fica reservado para organizar danças do *xondaro*, conversar etc. Que deve partir da iniciativa da equipe guarani.

11/12 – Retomando a discussão do dia anterior, acerca da diferença da teoria guarani e científica sobre o conhecimento, bem como o modo como os *xeramo*i falam (por metáfora, misturado...), Joana propôs que eles retomassem o texto do primeiro curso sobre os modos guarani de conhecer para aprofundar e complementar [anexo -1].

Devido à lentidão do processo de escrita coletiva, optamos por retomar o texto em outro momento. Osmar que preferiu não participar diretamente da elaboração do texto, para dar oportunidade para os demais pesquisadores se soltarem e tentarem escrever, produziu alguns parágrafos complementares, que foram lidos e inseridos no texto coletivo.

Joana fez uma introdução para assistir ao filme “kene” (Vídeo nas Aldeias, Diretor Zezinho Yube), pontuando como o anseio de grupos que vêm seus conhecimentos ameaçados pela falta de interesse das gerações mais jovens encontram nas políticas do IPHAN ações de fortalecimento cultural.

Assistimos ao filme e a partir dele Joana propôs algumas questões: O que motivou a realização da pesquisa sobre o kene? Quais as dificuldades encontradas?

Os motivos: 1. “revitalização cultural” e fortalecimento (os alunos apontaram esse como um motivo semelhante ao que promoveu o projeto do “*xondaro*”); 2. que os próprios Kaxinawa

pudessem falar sobre seu povo e não apenas os pesquisadores brancos; 3. registrar esses saberes para protegê-los do uso indevido dos brancos.

Dificuldades: o pedido de pagamento dos parentes que eram procurados para colaborar com a pesquisa. Esse ponto rendeu uma longa discussão, pois alguns dos pesquisadores guarani enfrentaram situação semelhante.

Joana fez uma fala tentando diagnosticar com eles qual era a origem dessa demanda: 1. Pesquisador sempre foi uma função exercida pelos *jurua*, e se pensa que os pesquisadores guarani vão proceder da mesma maneira (roubo do conhecimento, sem retorno a comunidade, sem comprometimento político...); 2. Os pesquisadores ganham muito dinheiro a partir do conhecimento dos outros.

Conversamos sobre os possíveis argumentos para enfrentar esse problema: 1. Explicar qual é o trabalho do pesquisador guarani, e como esse trabalho vai ser revertido para a comunidade; 2. Que eles ganham dinheiro, mas eles não fazem apenas registros do conhecimento e da fala dos outros, essa é apenas uma etapa do trabalho, eles fazem explicações e traduções que exigem uma formação e dedicação, por isso recebem uma “bolsa” (remuneração).

Tupã fez uma fala em guarani sobre esse tema, concentrando-se nos vários tipos de pesquisa, pesquisador e seus produtos (comercial, divulgação, etc.), lembrando da importância de diferenciar cada um e saber quais são os retornos e o que esperar dos pesquisadores *jurua* e guarani.

Seu Pedro também fez uma fala em guarani.

Daniel fez um fechamento, falando que atualmente muitos indígenas estão se formando nas universidades e estão podendo avaliar o que foi dito sobre seu povo e podem agora produzir discursos antropológicos sobre seu grupo. Deu o exemplo da trajetória de Tonico Benites. Disse que se essa turma continuar trilhando o caminho da pesquisa, poderá também ler o que foi escrito sobre os Guarani, assim como ajudar a comunidade a avaliar o trabalho de pesquisadores *jurua*.

Seu Pedro encerrou o dia com alguns enigmas e brincadeiras que tratava do modo apropriado de adquirir conhecimento – pelo coração/sentimento e sorte.

12/12 – Joana apresentou brevemente o trabalho do IPHAN – a passagem das políticas de tombamento e patrimônio material para o registro e o patrimônio imaterial.

Pontuou o conceito de cultura como central nas políticas públicas. Perguntou para eles o que era cultura: conjunto de conhecimentos de um povo, língua, trabalho... A partir da conversa surgiram algumas noções: assimilação, civilizado, e aculturação.

Joana explicou que há muitos conceitos de cultura: cultura como um conjunto traços, que deve, por isso, se manter coeso e inalterado, a mudança é entendida como perda (aculturação); cultura como visão de mundo, um modo de pensar e viver, que se transforma e se inova, a mudança é entendida como intrínseca e não possui um valor negativo. Joana explica que os *jurua* que dizem que os Guarani perderam a cultura, têm em mente a primeira noção de cultura. Mas que os antropólogos e mesmo a legislação brasileira e o IPHAN compreendem a cultura como algo dinâmico, um modo de pensar e fazer.

Tupã disse que muitas vezes *jurua* fala para ele que os Guarani são civilizados (no sentido de que perderam sua cultura original) e que ele diz que são mesmo, pois têm sua organização, seus conhecimentos... Joana fez uma explicação de como o conceito de civilização nasce, tendo como referência a sociedade europeia (francesa), e de como esse conceito se relaciona por oposição à ideia de primitivo. Os alunos dizem já ter ouvido pessoas dizerem que os povos indígenas são primitivos. Joana explica a teoria evolucionista do século XIX (povos autóctones como a infância da humanidade e o caminho inequívoco rumo à civilização), que apesar de ter sido superada pela antropologia, continua presente em muitos nichos do pensamento e da sociedade *jurua*.

Joana disse que eles (pesquisadores guarani) têm que lidar com essas duas concepções de cultura, e também com o modo como as gerações mais velhas pensam que eles devem viver. A questão central dessa turma é começar a pensar sobre a transformação (processo inexorável a toda cultura) e qual o sentido que ela está tomando.

Eles leem o verbete cultura [anexo -2]. Joana organiza na lousa os principais aspectos retidos por eles, pontuando melhor as noções de “bem cultural” e de “referência cultural” [anexo -2]. Ao tratar da ideia referência, Joana toma como exemplo os corais guarani, que são uma referência para os *jurua* da cultura guarani. O que se considera como referência, depende de quem olha; a política do IPHAN enfatiza que a referência deve ser definida pelo próprio grupo. Osmar diz que a língua guarani é uma referência tanto para os brancos como para os Guarani. Tupã dá o exemplo do *petygua* como referência.

Joana toma o *petygua* como um exemplo para discutir o conceito de cultura e sua complexidade. O *petygua* é mais do que apenas um cachimbo; ao perguntar sobre a importância desse objeto os alunos apontam duas: ele é um elemento de socialização, proporcionando

conversas e transmissão de saberes em seu uso cotidiano; ele é um meio de comunicar-se com *nhanderu* na *opy*. Além disso, há todo o processo de confecção desse objeto, que envolve um conhecimento específico. Osmar fala que essa é a dimensão imaterial do *petygua*. Joana aproveita o gancho para explicar a oposição entre material e imaterial, divisão que fundamenta o trabalho do IPHAN, mas que na lógica guarani talvez não faça sentido cindir: o *petygua* une as dimensões matérias e imateriais de um modo que não é possível separá-los.

Passamos ao verbete sobre “patrimônio” [anexo -2]. Eles leram e Joana retomou na lousa o modo como o conceito de patrimônio migrou de algo restrito aos bens familiares, passando por uma concepção de patrimônio coletivo (nacional), até incluir os bens imateriais reconhecidos como importantes para um grupo.

Joana apresentou a ideia de “inventário cultural” a partir da leitura do verbete [anexo -2] sobre esse conceito. Levantou com eles quais seriam as dificuldades para realização de um inventário total de uma cultura: a cultura guarani (e qualquer outra) é muito complexa e extensa, necessitaria de muito tempo de pesquisa; a cultura se transforma, e exigiria uma pesquisa constante e eterna.

Joana questionou sobre qual seria o primeiro passo para uma ação de fortalecimento de uma manifestação cultural: o inventário, para que se possa conhecer e depois propor uma ação. Joana falou sobre o INRC, a metodologia do IPHAN para conhecer aspectos culturais e a partir daí propor ações. Explicou porque eles não estavam trabalhando diretamente com o INRC: a possibilidade de que eles desenvolvessem um caminho próprio de pesquisa; que fosse uma pesquisa para além do INRC, que servisse, sobretudo, para os próprios guarani – a pesquisa como uma ação de fortalecimento cultural em si, em seu processo.

Lucas começou a abordar a questão do áudio visual, perguntando sobre a ideia de Vilmar sobre a produção de um filme. Vilmar falou que era fazer uma ficção de uma guerra entre Mbya e Kaiowá, onde os *xondaro* apareceriam guerreando. Lucas falou que mesmo para fazer uma ficção é preciso ter muita pesquisa, que os Kaiowá não iam gostar de ver o povo deles retratado de modo descuidado...

Tupã falou da história dos Avapoãpe, um grupo inimigo que atacou uma aldeia guarani, e que depois teve uma retaliação executada pelos *xondaro* de outra aldeia.

Lucas apresentou a temática do filme que ele iria mostrar (*Ojepota rai*), falando que se tratava de uma ficção, mas que ao contrário de outras ficções produzidas pelos guarani, não era referente a um tempo antigo, mas sim atual. O fato de mostrar as coisas que ocorrem em um tempo

atual, ajudaria a desmistificar a concepção de cultura como um conjunto fechado e imutável de elementos. Retratar *ojepota* nos tempos atuais é mostrar que apesar das roupas e emblemas do *jurua* na vida cotidiana, a visão de mundo guarani se mantém forte.

Seu Pedro fez uma fala em guarani sobre *ojepota*.

Assistiram ao filme.

Lucas fez algumas perguntas em torno dessa ficção ser ambientada nos tempos de hoje, destacando: os elementos que marcam os tempos de hoje; que *ojepota* pode ocorrer atualmente; que pode combater a ideia de que a cultura guarani para ser original não pode ter elementos do *jurua*... Esse filme combate à ideia de que a cultura se resume a índices de cultura material e mostra como a visão de mundo guarani se mantém forte e presente.

Falou sobre a estratégia de não mostrar a onça: o uso do som, como um jeito de colocar a onça sem sua imagem; a força do som em produzir uma imagem na mente de quem assiste.

Seu Pedro fez uma longa fala em guarani sobre a importância do trabalho, comparando os tempos atuais com o tempo da criação, onde ninguém precisava trabalhar. Aconselhou-os a seguir os comportamentos e ações corretas.

Tupã fez uma fala final em guarani, acerca das regiões cosmológicas e seus deuses e sua relação com os vários tipos de conhecimento e os nomes.

Tupã perguntou sobre o real interesse dos pesquisadores em participar, que não deveriam só pensar no dinheiro, mas ter no coração a vontade de ser pesquisador.

No fim do dia, dançaram *xondaro* e *xondaria*.



13/12 – Fizemos um exercício de transcrição e tradução: botamos uma das falas de Pedro Vicente, feita durante o curso, e em grupos eles fizeram uma transcrição, as transcrições foram

comparadas, chegando-se a uma versão [em anexo – 3]. Atividade que eles tiveram bastante dificuldade (com a escrita e entendimento das palavras do *xeramoĩ*) e demoraram finalizar. Digitamos e imprimimos a transcrição para que fizessem a tradução.

Cada grupo trabalhou na tradução [anexo – 4] do trecho transcrito. Notaram que havia passagens com problemas. Eles tiveram muita dificuldade na tradução, atribuída a tais erros de transcrição, o que tornou essa uma atividade demorada.

Passamos para a apresentação do filme do *xondaro* feito na Tenonde Porã, pelo projeto VAI da prefeitura, aproveitando a presença da comitiva da Tenonde que veio apresentar o filme.

Gera fez uma fala em guarani sobre o filme e seus participantes. Falou sobre a importância do projeto de pesquisadores: pois não são os *jurua* que estão fazendo pesquisa, mas eles mesmos. Ressaltou a importância de que a pesquisa não se restrinja ao registro e a escrita de texto, mas que eles aprendam a dançar e ser *xondaro*, pois se não, eles não conseguirão transmitir o *xondaro* para as futuras gerações.

Gera contou em português que antes do projeto a prática do *xondoro* estava dormindo, o projeto fez com que todos fossem despertando para a prática do *xondaro*, e o aprendizado dos menores foi incentivando a participação dos pais e dos mais velhos. Falou sobre a linguagem do trecho da fala de Pedro Vicente que eles transcreveram e traduziram: a dificuldade era normal, porque a fala dos *xeramoĩ* é complexa e construída de um jeito que eles não estão acostumados a ouvir.

Assistimos ao filme.

Osmar fez uma fala em guarani enfocando a importância da equipe se comprometer com o trabalho e, sobretudo, participarem da dança e ter a atitude de *xondaro*.

Tupã também fez uma fala em guarani avisando que Alísio falaria na *opy* à noite sobre o *xondaro* e era para todos irem.

Ao final dançaram *xondaro* e *xondaria*.

À noite Tupã organizou a conversa na *opy* com os *xeramoĩ* Pedro Vicente, Alísio, Hortêncio e Bastião.

14/12 – Dada a dificuldade de tradução, que resultou em comentários de dois dos três grupos durante o processo de que o texto (transcrição) estava todo errado, Joana propôs fazer uma revisão

coletiva: projetou-se a transcrição realizada e ouviu-se mais uma vez a gravação, pequenos ajustes foram feitos.

Frente ao pequeno número de correções, Joana indagou: “Se a transcrição não estava tão errada, porque será que vocês disseram que estava ‘tudo errado’ e não dava para traduzir?”. Começamos um diálogo em torno da diferença entre a linguagem oral e escrita, pontuando os seguintes aspectos que podem ter gerado a dificuldade: 1. A dificuldade com a escrita em guarani (a não alfabetização em guarani, a falta de uso da escrita); 2. No discurso oral se tem gestos e entonações, elementos que são difíceis de colocar na escrita, e que permitem o entendimento de ideias subentendidas; 3. A diferença do tipo de encadeamento de ideias em um discurso oral e em um texto; 4. A descontextualização da fala ao ser colocada no papel, o que permite que ela seja acessada em qualquer tempo e local, por um lado, mas que perde uma série de informações relevantes para seu entendimento.

Diante dessas questões surgiu como saída à realização da tradução sempre acompanhada da gravação, para que se possa entender as ideias implícitas colocadas pela situação oral.

Cada grupo apresentou a tradução que fez [anexo – 4]. Comparando brevemente, vimos que havia muitas diferenças. Joana enfatizou que não há um modo correto de traduzir, há muitas opções: os grupos de Osmar e Edson (que foi auxiliado por Gera) optaram por uma tradução da mensagem; o grupo da Kerexu fez uma tradução mais literal, acompanhando a encadeação da fala feita por Pedro Vicente.

Ao constatar a primeira diferença, referente a expressão *nhandaretarã kuery* (traduzido como “nosso povo” e “nossos parentes”), Osmar falou que usou os dois termos para não ficar repetindo muito, pois ele já tinha aprendido na Universidade que não se deve repetir a mesma palavra no texto. Joana comentou que no modo como os *jurua* compreendem a escrita, eles se incomodam muito com a repetição; contudo ao se tratar de uma fala que passada para a escrita, Joana não via problemas em manter a repetição. Joana comentou que em suas traduções de falas wajãpi ela mantém as repetições para tentar mostrar a forma como os Wajãpi se expressam; há uma diferença entre transcrever a fala dos outros e escrever um texto com suas ideias. Joana enfatizou também que essas questões de tradução são opções muito pessoais e que não há uma regra a ser seguida, mas que a experiência e a reflexão sobre essa tarefa vai fazer com que eles estabeleçam as opções que mais lhes agradam. Enfim, Joana enfatizou que não há regras e não há problemas em repetir a mesma palavra na transcrição.

Pedro Vicente fez uma fala em português, começando a falar que não entendia direito o que Joana falava, mas acha que não era para ficar repetindo a mesma pergunta. Ele não gostava

que ficassem fazendo sempre a mesma pergunta para ele, quando repetiam muito ele fechava o coração e não queria mais falar. Não era para os *jurua* judiarem da turma de pesquisadores, se não eles iriam desistir e quem faria o trabalho?

Arlindo também fez uma fala contando brevemente a sua experiência de pesquisa em linguística, dizendo que ele fazia pesquisa aproveitando ocasiões cotidianas de conversa, sem fazer perguntas em um formato de entrevista. Falou também da dificuldade de fazer as traduções com Dooley, que insistia em traduções corretas e detalhadas.

Osmar fez uma fala tendo como ponto central sua facilidade em fazer traduções por entender bem as palavras dos *xeramoĩ*, e que não quis impor o seu conhecimento aos demais, para que eles aprendessem por seu próprio esforço e tivesse sua interpretação sobre a fala dos mais velhos.

Joana amarrou as diversas manifestações dizendo que todas apontavam em uma mesma direção: a multiplicidade da tradução, não havendo um modo único e correto.

Passamos para o planejamento do trabalho da equipe no encontro de *xondaro* que seria realizado dias 15 e 16 na Tenonde Porã. Estabeleceu-se uma equipe que se concentrará na atividade vídeo (Alexandre, Nilson, Edson, Miller e Kerexu); uma equipe de articulação (Cristian, Vladimir, Silvio), responsável por organizar as entrevistas (foram listados os possíveis entrevistados) e articular o trabalho de toda a equipe; uma equipe de pesquisa, que vai conduzir as entrevistas, fazer a gravação de áudio e produzir material escrito (Jacira, Alexandre, Silvio, Vitalino). Daniel sugeriu que ao final da atividade eles se entrevistassem mutuamente sobre o que aprenderam, como um modo de fazer um caderno de campo alternativo a escrita.

Apontamos que as mesmas atividades devem ser realizadas nas aldeias no mês de janeiro. Joana enfatizou a necessidade de que eles produzam materiais (transcrições, traduções, textos, gravações etc.) para serem trabalhados no próximo curso.

Tupã sugeriu que haja um encontro da equipe em janeiro. Foi acordado que essa atividade não tenha a presença da equipe *jurua*, para que eles se sintam à vontade e criem seu próprio caminho para trabalhar com os registros produzidos. O encontro ficou marcado na aldeia Peguaoty de 25 a 28 de janeiro de 2013.

Marcamos o terceiro curso na aldeia Ribeirão Silveira de 17 a 22 de janeiro.

Os alunos fizeram uma avaliação em língua guarani das atividades realizadas no curso. A equipe *jurua* presente também. Finalizaram as falas Hortêncio, Pedro Vicente, Tupã e um membro do conselho de chefes da aldeia do Jaraguá.

Grosso modo, as avaliações foram muito positivas e todos enfatizaram a importância desse trabalho.

6) Avaliação

Joana: O segundo curso teve avanços significativos, além da introdução do vocabulário e dos conceitos usados pelo IPHAN, pudemos notar um aprofundamento no conhecimento sobre o tema de pesquisa, e a realização de reflexões complexas sobre os modos de produzir conhecimento.

Houve dificuldades evidentes com as tarefas de transcrição e tradução, o que tornou o trabalho lento. Contudo pontos de suma importância foram discutidos. Esse avanço juntamente com uma prática crescente deve aprimorar a proficiência da equipe nessas atividades.

Destaco o interesse crescente da equipe de pesquisa e o envolvimento mais intenso na realização da dança do *xondaro*. Houve em alguns momentos uma cobrança de comprometimento feita pelos próprios pesquisadores a eles mesmos.

A discussão sobre a função e o trabalho do pesquisador guarani teve um aprofundamento significativo.

7) Anexos

1. Texto produzido coletivamente
2. Textos lidos
3. Transcrição
4. Traduções

“Nhande arandu regua”

Modos guarani de conhecer

O conhecimento no mundo do guarani passado de geração a geração, toda a transmissão saber e fazer muitas vezes feito oralmente primeiramente no núcleo familiar, sempre ensinado pelos mais velhos aos mais novos, a educação tradicional guarani é um processo contínuo, como forma de preparação para a vida adulta, onde os guarani desde crianças aprendem observando os mais velhos no cotidiano, sendo nas atividades de práticas tradicionais como danças, cantos e outros rituais e consagrações como o *“ka`a nhemongarai”* entre outros... As crianças e adolescentes aprendem e desenvolvem livremente algumas coisas mais simples, muitas vezes por meio de algumas brincadeiras, mas sempre com acompanhamento de uma pessoa mais velha sempre por perto para elas não fazerem nada de errado ou com que possam se machucar.

Esse modo de aprender e a sua transmissão se difere do modo de conhecimento do jurua, pois segundo alguns mais velhos nada se aprende sem se sentir aquilo que se está vivenciando, para o guarani tudo está relacionado ao modo de ser ou seja ao *“nhande reko”*, enquanto que o jurua trata esse conhecimento com ideias e pensamento que se pode considerar como um conhecimento universal adquirido com passar dos anos, e até mesmo nas escolas e universidades... Muitas vezes o pesquisador juruá, faz um trabalho mais não tem uma visão mais ampla sobre o tema trabalhado, por isso, muitas vezes essa produção do trabalho acaba se tornando muito superficial, como e o caso sobre as culturas indígenas que em sua maioria são muito complexas e que poucos conseguem decodificar as mensagens. Enquanto pesquisador guarani é importante ter um pensamento e o sentimento mais profundo, olhar e ouvir com mais atenção cada detalhe para ter uma melhor compreensão daquilo que se está estudando para saber traduzir para outras pessoas a para si mesmo...

A maior parte do aprendizado guarani é ensinado durante o rito de passagem dos jovens para vida adulta, onde aprende a fazer as coisas mais difíceis como: a prática da agricultura, construção de casas (meninos) feita pelos pais, trabalhos domésticos e cuidar de crianças (meninas) pelas mães, muitas vezes com rodas de conversas na casa de reza com os xeramoi e os mestres xondaro para aconselhamentos para o seu comportamento diante de outras pessoas de sua

comunidade, o respeito aos mais velhos, seu próximo, agregando valores e conhecimento de mundo a cada um deles...

Xondaro reko

Uma das etapas de ensinamento para os meninos é prática do xondáro, como uma forma deles adquirirem equilíbrio físico e mental, onde eles aprendem o trabalho em grupo, companheirismo e ser mais solidário e se tornar uma pessoa mais responsável e educada. Mas para se formar, essa pessoa tem que passar por várias etapas de treinamento e aperfeiçoamento das técnicas e o próprio desenvolvimento de seus praticantes, além de uma boa alimentação, como os alimentos tradicionais guarani a base de mel, frutas “Yva’a”, para ter um corpo mais leve e mais saudável...

Geralmente durante as tarde é realizado as danças antes de entrar na casa de reza “Opy” A primeira fase da dança do xondaro é a observação das técnicas e os movimentos e logo em seguida é feita com um aquecimento, por meio do “Mangá”, onde os praticantes desenvolvem o reflexo físico para uma maior resistência durante as danças que podem ser realizada por um longo período e se prolongando até a noite. Nessa parte é importante sentir o xondaro dentro de si.

Primeiramente é preciso ouvir os conselhos dos mais velhos como se deve reagir diante da comunidade, aprendendo a respeitar os mais velhos até mesmo as crianças.

Primeira fase é a observação como é a dança os movimentos que os mais velhos produzem durante a dança, que as crianças sentem no coração a vontade de dança e ter conhecimento sobre a dança, mas fazem isso imitando, tem que ter a sua vontade própria para aprende essa dança, se for obrigado o máximo que você dá é uma volta, duas ou três vezes e desisti. Mas se você tem dentro de si a vontade de aprender as práticas, e corre atrás do conhecimento, até NHANDERU estará ajudando você adquirir esse conhecimento. Mas para adquirir todo esse conhecimento é preciso ter prática para executar as necessidades das comunidades.

Tangará

Atualmente o tangará como e conhecido uma dança feminina que também podemos considerar como xondarias, o tangará e um pássaro que faz movimentos harmônicos e graciosos, sempre ao começo do ano novo guarani “Ara Pyau” que acontece durante a segunda quinzena de Agosto e ao início da primavera com a renovação da natureza, e em comemoração a esse acontecimento e realizado.

Alguns Conceitos Relacionados aos Direitos Culturais

Cultura

A palavra cultura pode ter vários sentidos. Além de ser usada no cotidiano ela também é um conceito e há diferenças no modo como esse conceito é pensado, ou seja, não há uma concordância em torno da definição do que é cultura.

Na constituição federal cultura é definida como as expressões e realizações de “formas de criar, fazer e viver”.

A cultura engloba as ideias que se tem sobre o mundo, os modos de contar história, de conversar, de cantar, de dançar, modos de construir casa, de cozinhar, de festejar, de plantar, de fazer cestos etc.

A cultura é entendida como dinâmica, ou seja, ela se transforma ao longo do tempo. A transmissão de geração para geração dos modos de fazer e pensar de uma cultura, não permanece idêntico ao longo do tempo, há criações e inovações no processo de transmissão.

Bem Cultural: É um aspecto de uma cultura. Esse aspecto pode ser um produto como os cestos feitos de palha, desenhos, um banco, músicas, cantos, uma casa etc. Mas também, e principalmente, é o modo de fazer esses produtos, ou seja, o modo de fazer uma casa, um modo de cantar e transmitir cantos, os modos de narrar histórias, de plantar etc.

Referência Cultural: Referência cultura é um ou mais bens culturais que são entendidos por um grupo como representativo de sua cultura. Ou seja, são aspectos de uma cultura que se destacam de acordo com o grupo que a vivencia.

Patrimônio

Patrimônio é uma palavra que vem de *pater*, que significa pai. É principalmente usada para falar daquilo que um pai deixa para seu filho. A palavra patrimônio começou, por isso, a ser usada para falar dos bens e riquezas de uma pessoa, família ou empresa e assim se associou a ideia de propriedade. Patrimônio também é aquilo que é propriedade de alguém.

Por ocasião de revoluções e guerras a ideia de patrimônio começou a ganhar outros sentidos. Nessas situações de conflitos havia uma grande destruição das construções, obras de arte, livros etc. Começou a se pensar que era importante preservar esses bens, pois eles contavam a história de um povo, e tinham beleza e valor não só para quem os produziu, mas para toda a humanidade. Assim começou a surgir a ideia de um patrimônio coletivo, que era de um povo.

Por isso um órgão mundial, a UNESCO (Organização Cultural, Científica e Educacional das Nações Unidas), passou a ter uma política para cuidar e preservar os patrimônios que representam grandes criações da humanidade e de um povo. A UNESCO criou uma lista de Patrimônio Mundial, e o que estava inscrito nela receberia auxílio para ser preservado e cuidado. Mas com o tempo começou-se a reparar que apenas aquilo que os Europeus achavam bonito e importante é que entrava nessa lista, ou seja: igrejas, monumentos, castelos, etc.

Começou-se, então, a pensar que era importante valorizar outros tipos de bens culturais, como: histórias, rituais, jeitos de fazer um objeto, cantos, etc. Ou seja, era preciso que cada povo fosse ouvido sobre o que eles achavam que era importante em sua cultura.

A ideia de patrimônio cultural se refere ao conjunto de saberes, de modos de fazer, de modos de contar, de ideias sobre o mundo, de práticas e produtos resultantes dessas atividades, que estão ligados a um povo e sua história.

Inventário Cultural

Inventário é uma listagem descritiva dos bens de uma pessoa ou de um lugar. Fazer um inventário de uma cultura é levantar, descrever e listar o que faz parte de uma cultura.

Fazer um inventário cultural exige assim uma pesquisa dedicada e longa, mas se entendemos que nenhuma cultura não está parada no tempo, mas sim produzindo inovações constantemente, entendemos que um inventário é sempre parcial e momentâneo.

Um dos instrumentos desenvolvidos pelo IPHAN como política para valorização cultural é o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). O INRC é uma forma de fazer pesquisa que serve para conhecer e documentar aspectos de uma cultura.

Só conhecendo e entendendo bem uma cultura é que o Estado pode fazer uma ação política que respeite os modos de vida de outros povos, assim como auxiliar na valorização de aspectos da cultura de grupo, ou seja, ajudar que as condições necessárias para que a transmissão e manutenção de uma prática cultural se mantenham.

Anexo – 3: Transcrição

Ha'e rami aguã ae ma xee aipoe'a rami, yvyra pekue para re penearandu! Peneretarã kuery peraa jepe, pereko kuaa e'ỹ jepe peneretarã kuery rupi, peneretarã kuery pepya rupi pende ayvu, nhande ayvu, pende ayvu aguã. Ha'e gui nhama'ẽ porã nhandereko re... nda'evei nhea`ã aÿ. Nhaĩ apy, nhanekane'õmba, penekaneõmba, nhanderaxy pa. Opamba'e ma reke rejupya re rive ndevy pe hekovia'i ome'ẽa va'e rã nunga nderejouvei. Mba'eta yjypy ma nhanderu nhaneramoĩ ypy omoĩgo vy ma nombae`apoi. Nomba'epoi!

Nhanderu ha'e temitỹ ndojapoi ha'e va'e já omba'eapo ae ma Nhanderu. Nhanderu xee aipo'eia rami xeayvu. Xee xeayvu py xeayvu. Nhanderu mba'e rei rei ty rema opena aguã omoĩ nhandevy. Ijypy'i nhande'i va'e omoĩgo. Ha'e ko'ẽ nhavõ ndokarpi ndoikovyi, ko'ẽ nhavõ ndoroxa ndoikovyi, ko'ẽ nhavõ nomaetỹi ndoikovyi. Va'e ri mba'e rei reity nhanderu mba'e re ma ko'ẽ nhavõ`i oma'ẽ, ojere oikovy. oma'ẽ oikovy, mymba re ma opena, oma'ẽ oikovy.

Anexo - 4: Traduções

Edson kuery:

Como eu falo, que vocês sabem ler e escrever! Para defender seus parentes, para defenderem seus parentes com palavras do jurua. E também para lutar pela nossa cultura... Não podemos nos cansar, mesmo quando a gente fica muito cansado e dolorido devemos aguentar. Quando você luta pelos seus parentes recebe tudo em dobro. Como eu falo, nhanderu fez o primeiro mbya. Ele não carpia todo dia, não roçava nem plantava. Porém nhanderu dava para ele força e alimentação.

Kerexu kuery:

Como eu falo, vocês têm o conhecimento da escrita! Para salvar o seu povo, mesmo não sabendo como, defendendo seu povo, para vocês falarem, para nós falarmos, entendermos melhor nossa cultura. Agora estamos cansados, se ficarmos só dormindo sem fazer nada, ninguém vai te dar algo em troca, no começo da geração nhanderu gerou o nosso primeiro ancião, não tinha um trabalho específico, mas ele era o ajudante de nhanderu e como eu sempre digo as coisas que nhanderu gerou, também deixou alguém para cuidar.

O primeiro guarani que viveu não ficava todo dia carpindo, não ficava todo dia roçando, não ficava todo dia plantando, mas ficava cuidando de todas as coisas de nhanderu, ficava ao redor e olhando, cuidando dos animais, isso ele fazia.

Osmar Kuery:

Então esse sentido e como eu costumo falar, vocês que tem conhecimento sobre a escrita, usem ela para defender nosso povo, mesmo que vocês não tenham o conhecimento suficiente para defender nossos parentes, sempre devemos andar com eles para nós falarmos os nossos direitos, eu e você devemos falar e olhar com mais atenção para nosso estilo de vida atual, não podemos nos entregar ao cansaço físico, pois nada vem de graça! Ninguém vai te dar nada se você não trabalhar. No começo quando nhanderu criou o primeiro antepassado nosso, não havia necessidade de trabalhar e não trabalhava.

O próprio nhanderu fez e criou muitas coisas para o homem cuidar delas no lugar de nhanderu... O nhanderu pelo que eu sei, eu falo de acordo com que eu sei, falarei todas as coisas feitas e criadas pelo nhanderu com um propósito que foi a gente aprendesse a trabalhar e cuidar das coisas criadas por nhanderu mesmo não havendo necessidade de ficarmos trabalhando e cuidando, devemos fazer igual ao que fazia nosso antepassado, que o cuidar das plantas e animais mesmo não fazendo isso todo dia de nossa vida.

Relatório do 3º Curso de Formação de Pesquisadores

1) Apresentação

-Responsáveis: Joana Cabral de Oliveira (CTI), Lucas Keese (CTI), Marcos Tupã (Aldeia Krukutu, Coordenador Nacional da Comissão Guarani Yvyrupa).

-Local e período de realização: Ribeirão Silveira de 18 a 22 de outubro de 2012.

-Nome e (aldeia dos participantes):

1. Vilmar (Silveira)
2. Müller (Silveira)
3. Vitalino (Peguaoty)
4. Alexandre Wera (Peguaoty)
5. Silvio (Peguaoty)
6. Vladimir (Jaraguá)
7. Nilson (Tenonde Porã)
8. Kerexu (Krukutu)
9. Edson (Krukutu)
10. Donizete (Jaraguá)

-Presenças não-indígenas (Instituições): Inaiá (CTI), Damiana (IPHAN), Marcos (IPHAN).

2) Objetivos do Curso

Proporcionar uma apropriação da pesquisa como instrumento de fortalecimento dos saberes guarani; Produzir material audiovisual para o documentário; Discutir o trabalho de tradução; Organizar os dados coletados no desenvolvimento da pesquisa sobre *xondaro*; Apresentar as políticas públicas de valorização cultural, e seus embasamentos antropológicos; Proporcionar falas dos *xeramoï* para os jovens; Fomentar a prática do *xondaro*.

3) Procedimentos e Metodologia

Aulas expositivas; Filmagem; Leitura e discussão de textos; Filmes; Levantamento e organização dos conhecimentos sobre *xondaro*; Produção de textos; Realização de *xondaro*; Falas e aconselhamentos dos *xeramoï*.

4) Resumo das Atividades Desenvolvidas

Dia	Temas desenvolvidos
18/03/2013	Apresentação do projeto, da comunidade e de suas atividades envolvendo o <i>xondaro</i> .
19/03/2013	Apresentações de <i>xondaro</i> e <i>xondaria</i> ; elaboração de textos.
20/03/2013	Discussão sobre pesquisa e patrimônio.
21/03/2013	Discussão sobre tradução; <i>xondaro</i> e a cosmologia guarani.
22/03/2013	Fechamento

5) Descrição das Atividades Desenvolvidas

18/03 – As atividades foram abertas com um canto-reza e dança em homenagem ao Cristiam (pesquisador falecido em Janeiro).

Seguimos então para uma apresentação do projeto em uma reunião com a comunidade. Dado o interesse dos moradores da aldeia em participar, falamos mais sobre o histórico do projeto (a relação dos guarani com o IPHAN), como se deu a escolha do tema e das aldeias que iriam participar. Recapitulamos o que havia sido feito nos outros cursos e qual seria o foco deste (organizar o material acumulado pelos pesquisadores e discutir a relação desse trabalho com as concepções *jurua* sobre cultura, inventário, referência cultural, etc.).

Os chefes da aldeia e os mais velhos presentes fizeram longas falas sobre a importância do projeto e sobre o *xondaro* (como deve se comportar e fazer um *xondaro*). Tupã também falou sobre o histórico das demarcações das Terras Guarani e a relação da luta política com a função do *xondaro*.

A falta de luz e chuva constante impediram as atividades que estavam programadas previamente, deixando que os presentes fizessem suas falas sem se preocupar com o tempo.

19/03 – Tupã falou sobre a ida dos pesquisadores para a Ko'enju em uma reunião da Comissão Yvy Rupa. Eles tanto trabalhariam como *xondaro* da reunião, ajudando na organização, como também aproveitariam a vinda de guaranis da Argentina e do Paraguai para fazer pesquisa e proporcionar trocas de experiência sobre o *xondaro*. A equipe se animou e todos se disponibilizaram em ir, exceto Vilmar (que estará em aula). Tupã estendeu o convite a seu Pedro Vicente, para que ele acompanhasse e cuidasse dos jovens. Seu Pedro aproveitou o ensejo e fez uma longa fala, chamando a atenção dos meninos que eles estavam brincando muito, enfatizou o modo como deviam se portar etc. Tupã também falou sobre como devia ser o trabalho...

Joana passou então a organização do material de pesquisa. Para começar lembrou com eles o que eram categorias. Joana pediu que eles falassem algumas categorias que apareceram na pesquisa e que pudessem ajudar a organizá-la, bem como serviriam de guia para a produção de textos. Apareceram as seguintes ideias que foram colocadas na lousa: *xondaro poxy*, *xondaro vai*, *xondaro porã*, *xondaro okaregua*, *xondaro opyregua*, *xondaro moã*, e aquecimento.

Joana montou quatro grupos e cada um escolheu algumas dessas categorias para elaborar um texto. A escolha da língua ficou a critério de cada grupo. [Textos produzidos encontram-se em **anexo 1**].

A tarde a equipe organizou uma apresentação de *xondaro*. Antes se apresentou o grupo de *xondaria mirim* da aldeia. Depois da apresentação da equipe de pesquisa, os *xondaro* do Silveira fizeram uma apresentação. Por fim apresentaram alguns cantos.

20/03 – Os textos escritos foram projetados, lidos e corrigidos coletivamente. Os dois textos escritos em guarani, foram resumidos em português [transcrição do resumo em **anexo 2**], os outros dois textos em português foram resumidos em guarani para apreciação de Pedro Vicente, que aproveitou cada um deles como mote para falar sobre os temas desenvolvidos.

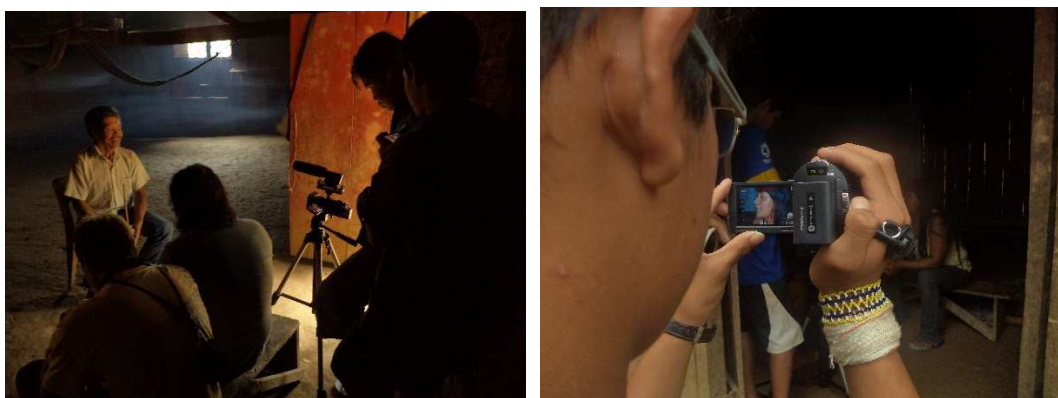
Houve uma apresentação das *xondaria*, que foi precedida por duas falas das *xondaria* *ruvixa Jurema Kerexu* e *Para*. Depois se seguiram mais falas dos *xeramoï*, dos pesquisadores, dos membros do CTI e do IPHAN que versaram sobre uma apreciação do trabalho.

À tarde assistimos ao filme “Narradores de Javé”. A partir deles fizemos uma discussão sobre os seguintes pontos: o uso político da ideia de patrimônio imaterial; o trabalho de escrita; as dificuldades enfrentadas na elaboração de um pesquisa; as diferentes versões sobre uma mesma história; o poder e responsabilidade do pesquisador; como lidar com diferentes interesses ao escrever um conhecimento, uma história...

Como os pesquisadores estavam apáticos, sem muita participação, dispersos... Joana chamou a atenção da turma, lembrando sobre a responsabilidade do trabalho deles, traçando um paralelo com a situação narrada no filme.

Tupã fez uma fala que também chamou a atenção deles e questionou o interesse de cada um em participar. Cada um deles então falou em guarani sobre o interesse e importância desse trabalho. Kerexu foi a única que falou em português: ressaltou que o interesse dela e dos demais em participar não se devia ao dinheiro da ajuda de custo (que eles nem sabiam que teria), mas sim pelo interesse em fazer a pesquisa e em fortalecer a cultura guarani; traçou alguns paralelos com o filme, falando que além do poder de escrever e fazer a pesquisa eles tinham muita responsabilidade, que ela ficou muito triste ao final do filme, pois todo o esforço da comunidade não conseguiu impedir a barragem e o alagamento do vilarejo, que estava preocupada que esse trabalho não fosse levado a sério pela equipe e que resultassem em nada, não fortalecesse seu povo.

21/03 – Joana e Lucas propuseram a realização de uma entrevista com o xondaro ruvixa Albino Fernandes. Antes os dois falaram sobre as questões que envolvem a realização de uma entrevista: planejamento das questões e temas a serem conversados; a importância de conduzir a entrevista como uma conversa; planejar o equipamento usado; se for filmar pensar no lugar, na luz, na captação de som, nos equipamentos e sua montagem; a produção da entrevista (mate, fumo, estar atento aos barulhos externos...). Listamos alguns temas a serem perguntados: xondaro py rague; xondaro opy regua; xondaro oka regua; e a origem do xondaro. Lembramos que a estratégia que estava dando mais resultado era começar a conversa a partir da trajetória pessoal do entrevistado e sua relação com o xondaro.



Depois de acertadas as tarefas que precisariam ser realizadas, passamos para escolha dos membros da equipe que desempenhariam cada função: câmera fixa (Donizete); câmera móvel / making off (Miler); condução da entrevista (Kerexu e Alexandre); foto (Edson); anotações

(Vladmir); cuidado com os barulhos externos (Vilmar e Vitalino); cuidado interno (mate, fumo e posicionamento das pessoas dentro da opy) (Silvio).

Devido ao êxito da tarefa, aproveitamos para fazer uma entrevista também com Pedro Vicente. Mudamos então as funções: câmera fixa (Vilmar); câmera móvel / making off (Donizete); condução da entrevista (Silvio e Edson); foto (Kerexu); anotações (Miler); cuidado com os barulhos externos (Vitalino e Alexandre); cuidado interno (mate, fumo e posicionamento das pessoas dentro da opy) (Vladmir).

Joana apresentou a atividade seguinte. Iriam ler um texto de um antropólogo, para começarem a entender e pensar sobre a imagem que os *jurua* têm dos Guarani e como ela é construída. Lemos os três primeiros parágrafos do texto “Se Deus fosse Jaguar” de Carlos Fausto [em **anexo 4**]. Cada parágrafo foi lido e esmiuçado seu sentido. Ressaltou dessa leitura a questão que os antropólogos fazem a respeito dos Guarani: se sua religião e cosmologia refletiam um arremedo de cristianismo, ou se trata apenas de uma aparência que esconde um pensamento e um modo de vida propriamente indígena. Seu Pedro Vicente entrevistou algumas vezes, enfatizando que os Kaiowá usavam a cruz na opy por serem “crentes”, que o sistema Guarani era diferente do sistema dos crentes.

Joana falou um pouco da estratégia que os missionários evangélicos usam na conversão dos Wajãpi: marcam a semelhança (igualdade) entre as histórias bíblicas e as narrativas míticas, equivalendo Deus a Janejarã; por meio do apagamento das diferenças, os missionários incutem a sua versão sobre a criação e os preceitos dela decorrentes, apoiando-se na autoridade da escrita. Joana conclui, assim, na esteira de Pedro Vicente, que a tarefa de tradução realizada pelos pesquisadores deveria estar atenta, e não cair em equivalências fáceis como Deus é *nhanderu*, ou Tupã *ra’y* é Jesus, que justamente apagam as diferenças entre os sistemas de pensamento e reforçam a ideia corrente de aculturação dos Guarani, ou de que seriam crentes.

Alexandre lembrou de alguns exemplos de falas guarani que vão de encontro a essa imagem evangelizada e de sincretismo: um *xeramoí* frente a um missionário que tentava lhe convencer, pegou a bíblia, folhou, e disse que o povo guarani não estava na bíblia, não havia sido eles que mataram Jesus, por isso não deveriam pedir perdão ou se arrepender. Joana comentou que esse era um bom exemplo de como o povo guarani resiste à conversão, apesar de muitos *jurua*, inclusive antropólogos, lerem a religião guarani na chave do sincretismo. Conclui que era muito importante o trabalho de tradução (não meramente linguística, mas cultural, de conceitos) que os pesquisadores devem fazer, pois por meio de boas explicações é possível construir outras imagens para os *jurua* e por meio delas fortalecer a cultura guarani e os direitos que lhes são próprios.

Joana lembrou as implicações políticas que os discursos da aculturação podem gerar, tais como a negação da indianeidade e consequentemente de seus direitos. Lembrou do caso de Guaíra que Tupã havia comentado, em que os fazendeiros argumentam que os Guarani não são de lá, vêm do Paraguai, que não são mais índios...

Seu Pedro pediu para falar um pouco sobre o “sistema guarani” e a diferença com o “sistema dos crentes”. Ele fez uma longa fala em guarani.

Joana leu um pedaço das anotações que Miler fez a partir da entrevista de Seu Pedro: “Porque o xondaro tem muito a ver com a espiritualidade da pessoa, por isso a pessoa que se torna xondaro tem que aprender a viver espiritualmente e mentalmente”. A partir desse gancho ela sugeriu que estava faltando à pesquisa enveredar mais por essa questão espiritual, da relação dos xondaro com as divindades e as regiões celestes, bem como explicar melhor o que significa a espiritualidade para os Guarani, sem cair em uma explicação que aproxime das concepções cristãs. A atividade sugerida foi que em duplas eles tentassem escrever sobre essa questão e/ou elaborassem perguntas e tópicos sobre o que eles não sabiam.

Eles começaram a organizar as duplas, mas a chegada da xondaria Jurema Kerexu mudou os planos. Como ela iria viajar cedo no dia seguinte, resolvemos aproveitar a oportunidade para entrevistá-la. Rapidamente a equipe se organizou e fez a entrevista com a seguinte distribuição de funções: câmera fixa (Alexandre); câmera móvel / making off (Vladmir); condução da entrevista (Kerexu e Silvio); anotações (Miler); cuidado com os barulhos externos (Vitalino); cuidado interno (Vilmar).

Após terminado o dia de curso, Alexandre Wera retomou a elaboração do texto que havia começado e frente a dificuldade e dúvidas que tinha fez uma longa conversa com Pedro Vicente. Em cima dessa conversa ele tentou organizar o que havia entendido.

22/03 – Retomamos a atividade de elaboração de textos sobre a relação do *xondaro/xondaria* com a cosmologia e as divindades. Joana pediu que Wera falasse sobre como fora o processo na noite anterior de elaborar um texto sobre esse assunto. Wera contou suas dificuldades e a necessidade que surgiu de conversar com um *xeramoï*. Joana então lembrou que o processo de escrita não tinha como objetivo produzir uma síntese sobre esse conhecimento, mas sim evidenciar as dúvidas e dificuldades desse tema, por isso o texto poderia ser apenas a elaboração de questões e que eles podiam recorrer aos *xeramoï* conforme sentissem necessidade. Outros pesquisadores foram atrás de Pedro Vicente nesse processo: Vilmar, Müller e Donizete.

Ao acompanhar a elaboração desses textos [em **anexo 5**], um dos aspectos que foi apontado por Joana para algumas duplas foi que a versão que estava sendo registrada era a de Pedro Vicente, alguns dos pesquisadores notaram que seus avós ou pais contam um pouco diferente. Joana insistiu sobre a necessidade de que os textos elaborados tenham uma introdução que contem como o texto foi produzido.

Após terminada uma primeira versão desse esforço de escrita, fizemos um encerramento do curso, acertando agenda, abordando as próximas atividades e o cuidado que se deve ter com o equipamento de pesquisa. Por fim, nos dirigimos a *opy*, onde se deram as falas dos participantes e da comunidade. O grande final ficou por conta de uma dança de *xondaro* sobre o comando de Pedro Vicente.

6) Avaliação

Joana: Esse terceiro curso teve uma dinâmica diferente dos demais, uma vez que a comunidade do Silveira propôs mais atividades dentro da *opy* e a realização de danças de *xondaro* e *xondaria*, o que mostra que a prática tem se fortalecido. O fato da comunidade ter elaborado um grupo de *xondaria* que passou a praticar a dança para poder apresentá-la nesse curso é um dos efeitos positivos que projeto tem gerado ao passar pelas aldeias.

O grupo está muito unido e demonstrou uma excelente capacidade de trabalho coletivo na realização das entrevistas, ainda que às vezes o grupo esteja disperso com muitas brincadeiras exigindo que os formadores (guarani e jurua) chamem a atenção deles.

Destaco um importante passo na discussão sobre tradução, ao enveredarmos, ainda que apenas superficialmente, pelos temas cosmológicos e notar que a tradução de Nhanderu como Deus, pode levar a uma impressão por parte dos jurua de que os Guarani são cristãos, aculturados. Esse tema deve ser avançado no próximo curso a partir da discussão dos textos produzidos no último dia.

A prática do *xondaro* pela equipe fortaleceu-se visivelmente, com a ampla participação de todos e com a proficiência de sua execução.

7) Anexos

1. Textos Produzidos
2. Anotações de Entrevistas
3. Textos Lidos
4. Textos Produzidos 2

Título

Grupo: Alexandre, Edson, Müller

Todo ensinamento *xondaro* começa com todo mundo junto, com o tempo muda o pensamento, conforme ele vai adquirindo conhecimento muda o comportamento. A decisão é tomada individualmente se vai ser *xondaro porã* ou *xondaro poxy*, para exercer atividades na aldeia. Mas independente da função todos devem estar preparados para tudo que possa acontecer na aldeia, porque antigamente havia muito conflito com outros povos de diferentes etnias.

XONDARO PORÃ

É aquele que fica atento a comunidade ajudando os mais velhos atendendo as necessidades como trazer lenha, caça, pesca entre outros.

E ao mesmo tempo dar conselhos aos mais novos, como tratar os mais velhos, ter respeito aos próximos e ter bom comportamento, porque isso influencia muito na educação e no comportamento dos mais jovens.

XONDARO POXY

É um *xondaro* que se envolve mais com problema da aldeia. Evitando situações desagradáveis, que possam acontecer dentro da aldeia, como brigas, violência contra mulheres etc...

Sempre com intensão de fazer as coisas andarem bem.

COMPARAÇÃO

Xondaro porã é mais ativo, interage mais com as pessoas, conversa mais com todo mundo independente se é homem, mulher, jovens ou mais velhos.

Xondaro poxy é mais quieto, mais solitário, fica mais reservado.

Xondaro porã e *Xondaro poxy* não se misturavam devido a diferenças do comportamento, da maneira de ser e de pensar.

Por que ter bom comportamento é importante? Para ter melhor entendimento. Tendo bom comportamento se evita brigas, discussões, desentendimento, e também se aprende a lidar com situações de conflito. Os *xondaros* assim ajudam a manter o bom comportamento através das atividades que eles fazem.

Produção de pesquisa – Categoria (Xondaro opy regua – Oka regua)

Grupo: Kerexu, Donizete e Vitalino

Xondaro opy regua, oka regua ha'e gui xondaro py rague

Xondaro opy régua kuery ma oike ma opy'i re xamoi kuery oike he'y revê há'erami vy oike okua py ramo ma omboguapy pa'i. Há'e ma onhangareko reko há'e ranhe xamoi opita taramo. Xondaro kuery ma ovy voi, tembiguai oiko, na'i nhate'yi, yy reo o onha py. Opy'i re oike he'y revê xondaro py ojeroky ka'ary'i ramo ve oike aguã ikere'y revê ndaopeyi agua há'e gui há'e py ovy'a okuapy aguã. Xondaro opy régua ma opy re anho'i ikuai, onhanga reko kyingue re, nhaneramoi kuery re onhangareko ave'i opita'i ramo, xondaro opy'i re oporaia he'y'i re oka py kyingue omoe há'e gui ma xondaro oka régua ju onhanga reko na'i tongorei he'y aguã. Há'e javi oemba ma ramo, opu'ã'i va'e ra nda'ipo vei ma ramo ko'e rai'i ma jave ovy'a xondaro py ko'emba peve. Opita'i rire uguapy há'egui opu'ã vy ma oe opytu'u aguã. Há'e aguã ae maje opy re oike. Xondaro py ojeroky aguã ma oeka'ra xondaro oka régua.

Xondaro oka régua

Oka régua ma oiko oka rupi rive, ndoikuei opy'i re há'e gui oiko pytu há'ejavi re... re ombovy'a há'e nhomboaty há'egui opamba'e re oiko aguã... Xondaro py ojeroky aguã há'e pe oeka há'e tei há'ae py opena okare há'erami ma oka régua ikuai pyavy onhanga reko há'egui ara py ave onhanga reko há'e gui oenoi xondaro py rague rami ave... Xondaro oka régua ma opy re ndoikei, nhaneramoi kuery opu'ã'i ma ramo opy roka re ojere, nai'ai rivei ojeroky oiko vy. Opy'i gui oemba ma ramo ae ma xondaro oka régua kuery jogueroi ke opyta'i aguã, xondaro py ovy'a ta ma ramo há'e kuery rae ma jaeka okay gua. Há'e vy ma ombo'e xondaro mirim kuery. Hay ma ojeroky ta opy guaxu roka re he'i ramo há'e va'e raema nhomboa ty pa xondaro mirim kuery há'e rami aguã ju maje xondaro oka regua ikuai, opamba'ere varã matavy há'e kuery. Opy re oi va'e

ma há'e py je joguero'a pa he'i ramo ndooi nda'evei oo aguã há'eva'e py opita'i ju oiko há'era okare ikuai va'ema opa mba'e re varã ae ma ikuere'ymba há'e rami nhande kuery opy'i re nhandekuai va'e re a ema onhanga reko.

Xondaro py rague

Xondaro py rague ma nderexai ra oiko ramo va'eri há'e ma nderexa rã pyavy tei py há'e nderaky kue rã oiko, omemby kuery ndoguereko kuavei ma ramo xondaro petei va'e gui omonduka rã haky kue onhanga reko aguã, oo rive ra'e ramo ojepota aguã py guive ovae ramo há'e oikuaa há'e rami gua py ojou há'e kuery xondaro py rague, oo a'i py oo rã oma'e mamó pa oo jepi há'e já onhangareko rã há'e onhemi mombyry'i há'e oexa va'erã ime xivi oexa vyma ou omombe'u ixykuery pe há'e gui ma ixy kuery omombe'u xamoi kuery peju oka régua ae mba'emo re oikua pota aguã opamba'e teko re ramo onhanga reko tekoa re....

Xondaro opy régua xondaro mirim kuery pe ombo'e oiko aguã ko'e nhavo, ombovy voi ombojau voi'i re na'inhatei aguã ombo jeroky há'e rami ikere'y aguã onhembo'e há'e gui xondaro oiko aguã há'e gui ovixa'i rami oiko aguã.

Xondaro Oka Regua ha'e Xondaro Opy Regua

Grupo: Vladimir e Silvio

Xondaro oka régua:

Xondaro oka regua ma opamba'ere,oikuaa pota va'emba'eopa oi va'e okare. Oikuaa pota kyingue re oikuaa pota jape'a re nda'i poira oo ogueru pota, Tembi'u re oi kuaa pota ombo jyvoi agua.

Xondaro oke regua ma oikuaa pota ra oka omoatyro ra omon'ora yty .

Xondaro opy regua:

Xondaro opy regua ma oikaa pota mba'e pa oata opy re,jape'a oo ogueru,tata omoendy,yy ogueru,tuja kueue'i opy re oike'i maramo,kyrigue pe nomo nheovangua vei ma,xondaro kuery.

Xondaro opy re gua ma oi kuaa pota ra opy re oguapy va`e pe ndoejai rã ijayvu katu aguã ha'e oke ndoi pe'ariaei agua,ha'e opi`i ta ramo oi kuaa pota rã kunha karai kuery re gua pentyngware oapy aguã, Omboa xa aguã pentyngua yvy ra`ija kuery pe,ha'e opita`i pa maramo,xondaro ae ju oikuaa pota rã kunha karai kuery re yy aku vevui`i omboaxa aguã yvy ra`ija kuery opi ta`i pa maramo.

Xondaro ma yvyra'ija tarova'i omonhendu`i maramo,kunha karai kue`iry ha'e xondaro`i. Kuery ombojoyvy'i.

MANGA REKO

Grupo: Vilmar e Nilson

Os xondaro praticava (MANGA) para ter muita flexibilidade na hora da dança porque quando se joga (MANGA ou PETÉCA) precisa ter muita flexibilidade e velocidade para praticar. Por esse motivo essa prática é usada antes da prática do xondaro. Na dança há outros movimentos que são usados, como a dança do sapo, onde as pessoas dançam em círculo e agachados, essa dança se pratica para adquirir força e massa muscular. Todos esses movimentos se inclui na dança, porque o objetivo da dança é deixar os praticantes bem ágeis, fortes, musculosos . Sempre tem um mais velho para ensinar os movimentos, por exemplo; o mestre chama uma pessoa por vez onde é preciso se esquivar, pular, se abaixar para escapar dos ataques.

O objetivo dessas atividades em geral, é para ter um bom comportamento dentro da comunidade, como por exemplo: receber ordens pra colher lenhas na mata, ficar como porteiro na opy na hora da reza. Para saber como andar no mato e ficar bem atento com os perigos, para saber caçar, pescar, saber de como fazer as armadilhas. e também para poder receber as demandas da aldeia, a dança do xondaro tem muito a ver com alegria e com a espiritualidade de cada um dos membros, dançamos a noite na opy para fortalecer a o espirito.

Grupo: Kerexu, Donizete e Vitalino

Xondaro py rague é aquele que está na frente, que sabe primeiro de alguma coisa e vai contar para os outros xondaro.

Xondaro opy regua fica dentro da casa de reza e obedece xeramoï, não pode demorar a fazer as coisas, ensina as crianças a dançar fora da casa de reza à tarde antes de entrar na opy.

Xondaro oka regua ficam atentos em tudo, cuidam de várias coisas da aldeia, protegem a aldeia durante o dia e a noite. Enquanto os xondaro opy regua ficam dentro da casa de reza os xondaro oka regua ficam fora até acabarem os cantos. Eles são ensinados para tudo e estão sempre prontos e atentos para as atividades da aldeia.

Grupo: Vladimir e Silvio

Xondaro oka regua é o xondaro de fora da opy, que fica atento no que falta na aldeia, fica vigiando, está pronto para fazer qualquer coisa que precisa fora da opy. Sai para caçar. Pode cuidar da limpeza da aldeia, fica atento para a comida sair na hora certa...

Xondaro opy regua é que fica atento dentro da casa de reza. Traz lenha, ascende a fogueira, traz água. Ajuda xeramoï, traz chimarrão para xeramoï, não deixa a criançada e as pessoas falarem dentro da opy, cuida para nada atrapalhar xeramoï, não deixa a porta ser aberta a qualquer hora. As xondaria cuidam do cachimbo, os xondaro indicam para quem devem ser entregues os cachimbos. Também cantam-rezam (mborai) e acompanham os yvyraiia durante o toravai (cantos).

Anexo 2 – Anotações de Entrevista

Anotações de Edson e Vladimir – Entrevista de Albino Fernandes

Com 8 anos já acompanhava seu avô na mata.

O xondaro já vem de nhanderu, nhanderu fala “você está indo para ser xondaro”.

Hoje em dia o xondaro de antigamente já difícil. Hoje já não levamos a dança do xondaro a sério, mas o xondaro não é só a dança, todos os xondaro tem função, como xondaro okaregua, xondaro opyregua. Os xondaro de antigamente não comiam qualquer coisa, o certo é comer milho, amendoim, kaguyjy (ou seja, sopinha feita de milho). As funções que o xondaro tem é de ir buscar a lenha, caçar, pescar e ficar à disposição dos mais velhos (xeramoï). Mas hoje já é difícil voltar ao passado, mesmo assim nós guarani não vamos esquecer da dança do xondaro.

Anotações de Miller – Entrevista Jurema Kerexu

A dança das xondaria é praticada pelas mulheres, assim como os xondaro as mulheres praticam também para atender as demandas da aldeia. A dança das xondaria não é muito diferente da dos homens, também é praticada desde cedo. Assim como xondaro poxy entre as mulheres também existem as xondaria poxy que também se envolvem com todos os tipos de problema relacionados as mulheres.

Antigamente não tinha violão por isso era só usado tambor e chocalho.

Anotações de Miler – Entrevista de Pedro Vicente

No mundo guarani todo jovem quer ser xondaro. Tem que sentir dentro de si a vontade o desejo de ser um xondaro. Porque os mais velhos não decidem quem pode ser xondaro e quem não pode. Porque a prática do xondaro não pode ser encarada como uma simples brincadeira. Porque o xondaro tem muito a ver com a espiritualidade da pessoa, por isso a pessoa que se torna xondaro tem que aprender a viver espiritualmente e mentalmente.

MANA 11(2):385-418, 2005

SE DEUS FOSSE JAGUAR: CANIBALISMO E CRISTIANISMO ENTRE OS GUARANI (SÉCULOS XVI-XX)*

Carlos Fausto

Perecer é não ser mais nada daquilo que se foi; ser mudado é ser de outro modo
(Tertuliano, *De resurrectione mortuorum*, cap. LV)

Todo vir-a-ser é o perecer de algo e todo perecer é o vir-a-ser de outra coisa
(Aristóteles, *Da Geração e Corrupção* — livro I, cap. 3)

Ore kurusu ñe'ëngatu ra'y, kurusu ñe'ëngatu rajy, ore ára jeguaka ra'y — "Nós [excl.] somos filhos e filhas da cruz da boa palavra, somos filhos do diadema do tempo" — dizem de si mesmos os Kaiová, um subgrupo guarani do Brasil e do Paraguai¹. Kaiová é uma corruptela de *Kaaguá*, "habitantes da mata", termo genérico pelo qual ficaram conhecidas as populações guarani que se teriam mantido irreduzíveis ao sistema colonial. *Kurusu*, por sua vez, é a indigenização de cruz, um conceito extremamente produtivo na cosmologia atual dos Kaiová: ela é o sustentáculo da Terra que se desarmará no cataclisma final, mas também é uma pessoa, pois do morto se diz que é uma ex-cruz (*kurusu kué*), além de ser um instrumento do pajé, que a traz em uma das mãos, enquanto na outra faz soar o maracá (Chamorro 1995:61-62).

Como devemos entender a afirmação dos Kaiová de que são os filhos da "cruz da boa palavra", aqueles que brotaram da "base espumante da cruz" (Chamorro 1995:60)? Qual o estatuto dessa autodefinição e como interpretá-la? Trata-se de um arremedo de cristianismo mal compreendido ou de um mero verniz sob o qual se esconde uma verdadeira religião indígena? Essas são algumas das perguntas que assombraram a etnologia sobre os Guarani no século XX, e que já atormentavam os missionários nos primeiros séculos da colonização, para os quais a desconversão e o cripto-paganismo eram problemas tão reais quanto ensinar os mistérios da fé.

A imagem mais difundida das missões jesuíticas do Paraguai, contudo, não é essa. Ao contrário, nela, os Guaraní aparecem como aceitando docilmente a catequese, graças à virtude dos padres ou a uma espécie de pré-adaptação de sua cultura ao cristianismo. Já no século XVI, falava-se em uma maior propensão dos Guaraní à conversão (quando comparados aos Tupi), uma idéia que foi reforçada pela historiografia das missões seiscentistas e setecentistas que enalteceriam seu suposto sucesso religioso². A antropologia moderna veio ao encontro dessa imagem: "Na superfície da terra", escrevia Egon Schaden nos anos 1950, "não há, por certo, povo ou tribo a que melhor se aplique do que ao Guaraní a palavra evangélica: O meu reino não é deste mundo. Toda a vida mental do Guaraní converge para o Além" (1954a:248).

Grupo: Kerexu e Silvio

Existe várias moradas no céu espiritual como tupã, karai, nhamandu que nós guarani chamamos de ambá, todos tem a sua própria morada e quando somos enviados a yvy marae'y temos que ser batizados com os nomes da morada onde viemos e quando nós recebemos, nome é de acordo com a morada e a personalidade de cada um.

Só pelo nome podemos saber quem é o xondaro porã ou xondaro poxy.

Xondaro (espiritualidade)

Donizete

Xondaro os xondaro kuery veio de cada morada diferente e tem quatro que é morada *Karai ruete*. *Tupã ruete*, *Jakaira ruete*, *Nhamandu ruete*.

Os que vieram de uma dessas moradas têm os seus objetivos e sua missão, mas poucos deles conseguem cumprir. Do ***Tupã rete*** e do ***Karai ruete*** que são mais enviados.

Os xondaros recebem as forças espiritualmente pedindo para o Nhanderu para ter fortalecimento,... Eles só não dançam como eles praticam também o xondaro e mesmo tendo muitos só poucos irão dançar e aqueles que não dançam são os que vieram de outra morada e cada um tem seus pensamentos diferentes e cada um tem sua vontade. Têm os xondaro oka regua veio de outra morada e eles não se misturam com o de opy regua e poucos têm vontade de dançar xondaro, praticamente cada um tem suas características, suas agilidades e jeito diferente.

Alexandre

Papa tenonde foi quem gerou a terra imperfeita, depois que vem os xondaro dele que são os **Tupã ru hete**, **Karai ru hete**, **Jakaira ru hete**, **Nhanmandu ru hete**, mas cada um deles também tem os seus **xondaros**.

Cada um desses **nhanderu kuery** tem suas características. **Tupã ru hete** é um dos cuidadores da terra através da chuva, conforme como ele vê as coisas da terra, as vezes vem a chuva mais forte, com relâmpago e trovões. **Nhamandu ru hete** ele cuida mais da parte que ilumina o universo, enquanto ele ilumina a terra, também cuida de nós, imperfeitos.

Para ser **xondaro** tem muito a ver com a relação com os nomes, com as moradas dos **nhanderu**.

Morada dos nhanderu kuery

Papa tenonde ipuaka va'e

tupã ru hete

Tupã xondaro

Jepoverá reno'aa kuery

jakaira ru hete

nhamadu ru hete

karai ru hete

karai xondaro 'i kuery

Todos esses nhanderu mandam espirito para imperfeição da terra, e quando chegam, os vemos como crianças.

Aquele que foi enviado pelo **tupã ru hete** é mais ativo mais brincalhão, inquieto, aquele que faz mais bagunça, mas tem sua missão aqui na terra, que é para ser xamoi, ou para ser xondaro ou outras coisas.

Aquele que foi enviado pelo Tupã xondaro as crianças é chamado de tupã mirim, wera mirim, karai mirim que são mais medroso, tem facilidade de se assustar, mas que pode dançar xondaro, mas nem todos.

Jekupe e karai ru hete envia alguns criança para ser pajé ou para ser aquele que reza também.

Papa tenonde envia mais criança para descobrir e revelar os nomes das crianças

Jeguaka ru hete.

Mas nem todos que são enviados para terra imperfeita são para ser xondaro. Como os mais velhos dizem, estamos aqui na terra imperfeita, o que os espíritos fazem na divindade tentamos fazer aqui na terra. Vy'a, ayvu poã, mbaraete, texai, mbya'a guaxu [...] todo isso está na morada de nhanderu, mas lá é maraey, ou seja não se acaba. As vezes temos isso, mas como somos imperfeitos, as vezes acabamos enfraquecidos pelos maus espíritos...

Xondaro e sua espiritualidade

Grupo: Nilson e Edson

Xeramõi kuery dizia que os nhande kuery tem cada nhembo'e no caso de xondaro tem o xondaro aka régua e opy regua é como se fosse na aldeia mas aldeia existe vários e o amba existe só um de todos os nhande'í ou de todos os povos guarani.

Existe o tupã ruete, karai ruete.

Mas existe várias porta de entrada pra que seja como se fosse várias por isso que somos diferentes.

Por isso que existe Kara, tupã.

Por isso que somos de kara e de tupã mas os de tupã existe duas maneira mesmo sendo de próprio tupã existe o tupã mirim, tupã jekupe e também o tukumbo são os mesmo tupã kuery mas o tukumbo já é de oka regua

Oka regua existe vários tipos de xondaro como o tupã jekupe e karai jekupe são iguais.

E os que dançam são o tupã xondaro é o mestre ou e o maior de todos e também o karai xondaro e eles que ensina os mais novos okare.

Mas esse xondaro é ensinado de maneira possível não e ensinado só de um jeito porque existe tupã do bem e tupã do mau.

O tupã do mau e ele que cuida da sua comunidade e ele que cuida para que não aconteça na em casa de outras pessoas ou parente.

Relatório do 4º Curso de Formação de Pesquisadores

Aldeia Krukutu

1) Apresentação

-Responsáveis: Joana Cabral de Oliveira (CTI), Lucas Keese (CTI), Marcos Tupã (Aldeia Krukutu, Coordenador Nacional da Comissão Guarani Yvyrupa).

-Local e período de realização: Krukutu 17 a 22 de junho de 2013.

-Nome e (aldeia dos participantes):

1. Vilmar (Silveira)
2. Müller (Silveira)
3. Vitalino (Peguaoty)
4. Alexandre Wera (Peguaoty)
5. Silvio (Peguaoty)
6. Vladimir (Jaraguá)
7. Nilson (Tenonde Porã)
8. Kerexu (Krukutu)
9. Edson (Krukutu)
10. Donizete (Jaraguá)

-Presentes não-indígenas (Instituições): Daniel (CTI), Damiana (IPHAN), Ivana (IPHAN) e Juliano (IPHAN).

2) Objetivos do Curso

Dar continuidade e aprofundar apropriação da pesquisa como instrumento de fortalecimento dos saberes guarani; Produzir material audiovisual para o documentário; Planejar e estruturar a publicação; Produzir textos; Discutir o trabalho de tradução; Apresentar e discutir as categorias e concepções do INRC; Apresentar as políticas públicas de valorização cultural; Proporcionar falas dos *xeramoï* para os jovens; Fomentar a prática do *xondaro*.

3) Procedimentos e Metodologia

Aulas expositivas, movidas por perguntas constantes que visavam estimular uma formulação e reflexão dos pesquisadores; Entrevista; Leitura e discussão de parte do manual do INRC; Produção de textos; Realização de *xondaro*; Falas e aconselhamentos dos *xeramõi*.

4) Resumo das Atividades Desenvolvidas

Dia	Temas desenvolvidos
18/06/13	Apresentação do projeto, discussão sobre o <i>xondaro</i> a partir de filmagens da Ko'enju
19/06/13	Discussão sobre modos de transmissão, tradição, apresentação do INRC
20/06/13	Continuação de apresentação do INRC, discussão sobre políticas públicas culturais.
21/06/13	Textos sobre as categorias do INRC e o <i>xondaro</i> , entrevistas, planejamento da publicação.

5) Descrição das Atividades Desenvolvidas

18/06 – Foram feitas as apresentações dos presentes e a recepção pelas lideranças da aldeia.

Joana apresentou o projeto ao pessoal da Krukutu, falando de seu histórico, dos objetivos e do que havia sido feito.

Tupã fez uma fala sobre o projeto em guarani.

Joana pediu que cada pesquisador contasse um pouco sobre o que havia feito desde o último encontro da equipe em abril (2013) na Ko'enju e quais novidades tinham aprendido: Alexandre contou que fez entrevista com um *xeramõi* da Argentina e duas mulheres da aldeia Mboapy Pindo (ES), o *xeramõi* da Argentina contou sobre os movimentos e a relação de alguns deles com os *nhaderukwery*, também conversou sobre o surgimento do *xondaro*, a relação do *xondaro* com a espiritualidade e porque alguns usam o *popygua* para dançar; Edson acompanhou Alexandre nas conversas no Espírito Santo, e destacou os mesmos pontos; Vilmar escreveu alguns textos sobre o que viu e ouviu na Ko'enju, mas perdeu os arquivos e o cartão de memória do

gravador, conversou com Timóteo, que contou um pouco sobre os instrumentos e suas origens relacionadas às divindades (petyngua vem de Jakaira, popygua de Karai, tukumbo de Tupã...), tem vários xondaro e cada um usa um instrumento; Donizete conversou com algumas pessoas, mas estava sem gravador, foi para aldeia Rio Branco (SP) onde fez algumas filmagens com Pedro Vicente mostrando como o xondaro se porta na mata; Kerexu fez um texto sobre a diferença da dança do xondaro executada pelo pessoal Ko'enju e da Tenonde, conversou com algumas pessoas, mas não gravou; Nilson gravou alguns vídeos em uma aldeia de Santa Catarina; Silvio conversou com o pessoal do Peguaoty e fez alguns textos em guarani sobre as entrevistas; Teju acompanhou as atividades feitas por Vilmar.

Joana retomou as tarefas que os pesquisadores devem realizar, lembrou sobre a importância de cuidar dos equipamentos e de fazê-los circular entre os membros da equipe. Apresentou os pontos a serem trabalhados nesse curso (INRC, realização de entrevistas e prática do xondaro, discussão sobre tradução e o trabalho dos pesquisadores). Comentou sobre a dificuldade que estão encontrando em falar sobre os movimentos (origens, nomes...) e lembrou da estratégia que Alexandre usou para conseguir falar sobre isso: mostrando com o corpo e perguntando. Por isso Joana e Lucas sugeriram que uma estratégia para refletir e acumular mais conhecimentos sobre os movimentos poderia ser conversas motivadas a partir das filmagens.

Pedro Vicente falou que ele tem muita experiência, e ele se pergunta por que os jovens não o procuram para aprender e perguntar.

Donizete lembrou que na viagem até Rio Branco fez perguntas para algumas pessoas e elas não sabiam. Por isso era importante prestar muita atenção as falas dos mais velhos, para poder aprender. Lembrou que perguntou ao Pedro Vicente como um xondaro deve andar no mato, e ele explicou que a visão é para enxergar lá na frente, a audição para escutar bem longe, ouvir e ver qualquer movimento, estar atento para os perigos.

Passou-se então para a atividade com vídeo, assistiu-se a uma compilação (feita por Lucas) de imagens dos xondaro executados na Ko'enju. Depois de ver tudo, assistiu-se uma segunda vez parando para que os pesquisadores junto com Pedro Vicente discutissem as imagens. Lucas também fez observações sobre a qualidade forma de filmar.

Os comentários dos pesquisadores e de Pedro foram os seguintes:

- Alexandre: ressaltou a importância dos ritmos do mbaraka; se não há o ritmo correto, o xondaro não consegue dançar bem. Também reparou na maneira como o xondaro ruvixa Toninho chamava alguém para o centro da roda: apenas com a dança, que interrompe o ombojere (o dar voltas).

Reparou que eles dançam com o corpo mais curvado.

- Kerexu: nota que as xondarias na Ko'enju dançam em volta dos círculos de dança dos homens.

- Alexandre: na Tenonde o xondaro ruvixa aponta para chamar a pessoa para o centro, na Ko'enju o Toninho entra na frente da pessoa, interrompendo o ombojere.

- Nilson: ao dançar o pessoal da Ko'enju para um pouco no mesmo lugar e na Tenonde não. Também os ataques na Ko'enju são mais lentos.

- Tupã: comenta a importância dos movimentos dos pés, devem ser rápidos e leves para andar no mato. Também discorreu sobre a importância da sintonia entre mba'epuja e xondaros. No caso do evento da Comissão Guarani Yvy Rupa, dado que vem gente diferentes aldeias, essa sintonia fica prejudicada. Isso muda a forma da dança do xondaro – não se pode analisar a dança isoladamente, ela está inserida em um contexto complexo em que a sintonia dos diversos elementos é crucial para o seu desenvolvimento.

- Alexandre: ouviu do seu avô a importância da relação entre tocadores, dançadores e mestre xondaro.

Timóteo fez um longo comentário em guarani sobre o xondaro. Pedro Vicente também fez uma fala explicando que cada nhe'e amba tem um jeito de dançar, também enfatizou que há diferenças entre os guarani, que os jurua pensam que são todos iguais, mas não são.

Timóteo falou longamente em guarani, em seguida fez uma fala em português: “O xondaro é muito complexo, xondaro é uma emanção de nhanderu. Existia antes dessa terra ser criada. Muitas coisas mudaram com o contato, antes o guarani tinha capacidade de dominar o seu corpo, agora é mais difícil. Esse conhecimento foi passado pelos mais velhos. A opy é o centro do povo guarani, e o xondaro está ligado a espiritualidade que se pratica na opy. Adquirimos conhecimento e sabedoria dentro da dança e por meio dela. Antes de existir a terra, nhanderu já pensou como seria o povo guarani. Agora estamos no ara ymy, e o espírito guarani está dançando. No ara pyau nós desabrochamos como a flor. O xondaro está ligado a isso. Essa pesquisa é muito importante para o futuro, para registrar... Antes só aprendíamos ouvindo, quando um velho fala nós não olhamos, só ficamos com a cabeça baixa ouvindo”.

Continuando a ver pausadamente o vídeo, Joana pergunta sobre um movimento que ao invés dos participantes dançarem separadamente, eles deram as mãos e pulavam lateralmente todos ao mesmo tempo. Donizete explicou que foi ele quem puxou essa variação: “eu senti no meu coração e puxei”. Timóteo complementou dizendo que se fazia esse movimento para dar

força aos dois xondaro que estavam no centro. Tupã falou que além de força esse movimento buscava a leveza.

Motivado por esse discussão, Pedro Vicente fez uma demonstração desses movimentos e uma longa fala em guarani.

Vimos mais um trecho do vídeo e Nivaldo fez uma fala em guarani sobre o popygua e outros instrumentos usados pelos xondaro.

A partir de outro trecho começamos a conversar sobre a diferença na recepção que os xondaro fizeram para os membros da FUNAI e para as delegações guarani na Ko'enju. Destacou-se a função de recepção e de defesa dos xondaros.

Ao final, Joana questionou sobre as diferenças na forma de dançar o xondaro: Porque há tantas diferenças? Joana estimulava uma discussão sobre as diferenças sociológicas entre os Mbya com algumas perguntas mais específicas.

Pedro Vicente pediu a palavra, antes que os pesquisadores tentassem responder a questão colocada. Pedro Vicente tomou como exemplo o forró e disse que mesmo entre os jurua cada um dança de um jeito, mesmo dois irmãos dançam diferentes, e fez exemplos de como se poderia dançar forró de modos completamente distintos: balançando o tronco de um lado a outro; com um pé na frente e outro atrás, alternava um no chão outro fora, em pulos seguidos; valsando...

Joana aproveitou as colocações de Pedro Vicente para evidenciar as diferenças no modo como se compreende o conhecimento e sua transmissão. Tomando o exemplo do forró afirmou que para os jurua não é possível dançar de qualquer modo o forró: é sempre dois pra lá, dois pra cá. Já para os Guarani o xondaro não é ensinado de modo rígido, e segundo a teoria mbya de conhecimento esse saber é colocado por nhanderu no coração de cada um, por isso ninguém vai dizer a outra pessoa que ela dança errado, mas entre os jurua se a pessoa não dança de acordo com o padrão que é ensinado por um professor, ela não está dançando forró. O conhecimento científico, logo escolar, busca e estabelece um certo e errado, daí os procedimentos protocolares das escolas onde todos devem aprender a mesma coisa, da mesma maneira, o que é avaliado em provas onde se corrige e marca o certo e o errado.

Nivaldo fez uma fala em guarani apaziguando os ânimos, dizendo da importância de se falar bem/bonito...

Alexandre pediu para falar, e em guarani fez uma explicação sobre a importância de entender as diferenças entre os modos guarani e jurua para poder produzir boas explicações.

Tupã também falou, em guarani, retomando alguns pontos do primeiro curso que ressaltavam essas diferenças, que no caso dos jurua o conhecimento científico se pretende universal, buscando uma padronização...

Enfatizando e explicitando essas diferenças foi encerrado o primeiro dia de trabalho.

19/06 – Joana inicia uma discussão sobre os objetivos do curso: um de aprender a fazer explicações para os jurua, com o intuito de lutar por respeito e direitos; de outro lado valorizar e despertar o interesse deles pelo xondaro. Nessas duas vertentes contudo, não se pretende que eles aprendam o xondaro por meio da pesquisa. Não é objetivo do curso formar xondaros – isso cabe aos mestres, ao mundo guarani e sua relação com os nhanderukuery, ou seja, com um modo apropriado de apreender o xondaro. A formação dos pesquisadores busca ensinar o modo de conhecer, de argumentar, de validar conhecimentos segundo os jurua, para que, desse maneira, esses jovens possam servir de tradutores e mediadores políticos.

Tupã e Manequinho complementam essa ideia com falas em guarani, focando no papel das lideranças. Tupã, por exemplo, disse que mesmo que ele não seja um xondaro ruvixa, no momento em que ele defende a cultura guarani no mundo dos jurua ele possui o espírito dos xondaro guarani. Essa defesa ele faz traduzindo, explicando segundo o jeito dos jurua entenderem, como é a cultura guarani, e assim a defende nos diversos âmbitos da regularização fundiária, da saúde, etc.

Nesse processo de tradução Joana introduz o diálogo com o IPHAN. Apresenta o INRC e juntos leem e conversam sobre alguns trechos do manual de INRC. Após discutir os conceitos de bens culturais, inventário, referência cultural... Chegamos as categorias de bens culturais do INRC. Cada uma dessas categorias foi discutida minuciosamente, pensando em exemplos guarani. A primeira delas foi “celebração”, depois de ler e entender a definição do manual, pensando em exemplos, Pedro Vicente fez uma longa fala em guarani, onde aborda as diferenças entre o ara yma e o ara pyau – os pássaros quando cantam no tempo novo, celebram sua chegada, assim como os guarani fazem o nimongarai, que é realizado para agradecer a nhanderu.

Passamos para a categoria “forma de expressão”. Depois de apresentar a definição e discuti-la, Pedro Vicente faz uma fala em guarani sobre os modos de se comunicar com os nhanderukuery. Daniel faz uma explicação a partir da fala de Pedro Vicente, ressaltando que o xondaro é uma forma de expressão para os guarani se comunicarem com os nhanderukuery: os guarani dançam como nhanderukuery, para mostrar que não se esqueceram deles e para lembrar que são seus filhos.

Tupã também faz uma fala em guarani sobre os modos de expressão guarani.

Damiana tenta ajudar no entendimento, explicando que ideia de uma comunicação não linguística não significa que a “forma de expressão” tem que estar fora da fala, um modo de fala pode ser considerado uma “forma de expressão”, o que o manual enfatiza é que não pode ser a linguagem em abstrato.

Para ajudar passou-se e discutiu-se o filme sobre o kusiwa dos Wajãpi, que foi classificado como uma forma de expressão.

Tupã falou que ia dar um exemplo de “forma de expressão”, juntou dois pesquisadores, eles encenaram um xondaro sem música e ao fim, perguntou o que eles haviam feito, quando todos responderam que haviam dançado xondaro, Tupã concluiu: essa foi uma forma de expressão.

Passamos para “ofícios e modos de fazer”, lemos e discutimos a definição do manual, em seguida Pedro Vicente fez uma fala, destacando que ele não é mestre de xondaro como dizem, ele só mostra e ensina, mas não é mestre.

20/06 – Joana retomou um dos problemas centrais que a fala de seu Pedro na tarde anterior problematizou: que o termo mestre não é uma boa tradução para explicar e se referir as pessoas que são consideradas pela comunidade como grandes conhecedores do xondaro, chamadas de xondaro ruvixa. Esse é um problema de tradução que deve ser pensado e posteriormente solucionado.

Foi retomada a leitura das categorias de bens culturais do IPHAN do ponto onde havíamos parado: “edificações”. O tópico sobre “edificações” do manual de INRC foi lido e discutido, pensando em exemplos de edificações guarani: tava (ruínas de São Miguel das Missões). Em seguida lemos e discutimos o tópico “lugares”, os exemplos aventados no mundo guarani foi o território (yvy rupa), uma estrada antiga que leva a uma cachoeira onde se contam histórias sobre o lugar.

Joana então lembrou as cinco categorias e pediu que eles discutissem entre em qual categoria o xondaro poderia ser incluso, lembrando que poderia ser alocado em mais de uma categoria. Eles discutiram em guarani e chegaram à conclusão de que o xondaro poderia ser colocado em: “celebrações”, “formas de expressão” e “lugares”.

Em seguida eles começaram a escrever um texto justificando porque o xondaro seria uma celebração [em anexo 1]. Ao final desse texto, Inês começou a apresentar questões ligadas às políticas públicas culturais.

Inês fez uma apresentação sobre o trabalho do CTI com o patrimônio imaterial, lembrando que a formação dos pesquisadores tratou sobre a pesquisa como um modo de transmitir e produzir conhecimento, então perguntou sobre qual seria a tradução em guarani para pesquisa.

Kerexu disse que não teria uma tradução para pesquisa, pois esse jeito de aprender não é dos Guarani, não vai aprender fazendo perguntas, escrevendo...

Alexandre disse que poderia ser rekuwapota, pois se faz pesquisa porque se quer aprender algo, se quer saber uma coisa que não se sabe.

Vilmar que a pesquisa não é para aprender xondaro, mas estão aprendendo como explicar para os jurua.

Inês falou um pouco sobre os modos de aprendizado (com e sem escola na vida guarani), e o trabalho de pesquisadores guarani como um meio de enquadrar os conhecimentos e a cultura guarani no modo jurua de entendimento para conseguir respeito e direitos. Introduziu como as políticas públicas chegam nos guarani.

O que é uma política pública? Pergunta que os pesquisadores tentam responder. Inês fala um pouco sobre as políticas públicas relacionadas a cultura. Em seguida discute o conceito de patrimônio cultural imaterial (a relação com a noção de propriedade). Abordou a diferença entre material e imaterial, problematizando e complexificando a relação intrínseca entre o material e o imaterial. Apresenta a ideia de salvaguarda e problematiza a ideia de que guardar (registrar) seria uma forma de manter (preservar) uma cultura. A questão é como manter viva as práticas culturais?

Inês apresentou as articulações internacionais em torno das políticas culturais (UNESCO e ONU), abordando a convenção para salvaguarda do patrimônio imaterial, e assistiram alguns filmes sobre bens culturais reconhecidos (uma dança de um povo de Botswana, a grafia do Tibet e os trompetes de um grupo da Costa do Marfim).

Seu Pedro fez uma fala em guarani sobre os filmes e a valorização da cultura guarani.

Inês puxa uma discussão sobre as transformações e os elementos que podem ameaçar práticas culturais, ela toma como exemplo os cantos infantis para conduzir a discussão. O que foi sugerido é que televisão e a escola podem ter como efeito o desinteresse das crianças em aprender

essas músicas; a questão da terra degradada (ou não demarcada) seria uma ameaça na medida em que faltam matérias primas importantes para a manutenção de conhecimentos e práticas, ou do arrefecimento da própria relação com elementos da mata, rio etc. Seu Pedro fala em guarani sobre o milho e os alimentos e a importância desses elementos para a manutenção do modo de vida guarani. Seu Pedro conta em português que as crianças hoje em dia mechem nas plantações, colhem antes da hora, arrancam... E isso é uma ameaça. Inês faz uma conclusão, mostrando como esses elementos da cultura estão inter-relacionados e que o bem estar da vida guarani depende de ações que olhem para a totalidade desse sistema, retomando a importância do trabalho do pesquisador indígena para fazer boas explicações para que as políticas públicas respeitem o modo guarani. Por fim, explica mais sobre a ação e efeitos que um inventário e/ou a patrimonialização pode ter sobre uma comunidade, retomando o trabalho da convenção.

Ao fim da tarde houve apresentação de xondaro: primeiro o grupo de xondaro da Krukutu, em seguida o grupo dos pesquisadores orquestrado por Pedro Vicente e, por fim, o grupo da Tenonde Porã.

21/06 – Retomamos a atividade de justificar como as categorias de bens culturais do IPHAN poderiam ser usadas para explicar o xondaro para os jurua. Eles fizeram textos referentes as categorias: “formas de expressão” e “ofícios e modos de fazer” [em anexo 1].

Dos textos feitos por eles discutimos algumas traduções: o uso do termo dom para falar do conhecimento que vem de nhanderu foi problematizado, a partir de frase em Guarani, Joana sugeriu que não deveria se resumir tudo com dom, pois essa palavra falava de conhecimentos inato, mas antes explicar, fazendo um tradução mais literal de “nhanderu omõi nhande reko rã” (nhanderu colocou o conhecimento/modo de ser); outro termo discutido foi o –pya correntemente traduzido como coração, Pedro Vicente explicou que não é bem coração, mas região do peito, boca do estômago, Tupã disse que além do sentido corporal o –pya se refere a espiritualidade; Discutiui-se também a concepção de tempo (passagem do tempo sua contagem) dos Guarani, relacionando com o sentido como se gira no xondaro e na opy.

A equipe de pesquisadores organizou e realizou duas entrevistas, com Timóteo Vera Popygua (xondaro ruvixa da aldeia Tenonde) e Nivaldo (morador da aldeia Krukutu). Cada dupla ficou com uma função (câmera, produção, condução, foto e anotação).

Joana conduziu o planejamento da publicação. Definiram-se dois focos: um interno, composto por textos em língua guarani (como um meio de fortalecer a língua pela escrita, já que há poucas publicações em guarani), que intentam aguçar a curiosidade dos jovens guarani para aprender e exercerem o xondaro junto aos mais velhos; um externo, composto por textos em

português, que visam informar os jurua para que eles compreendam e respeitem a cultura guarani.

Por fim, foi acertado os próximos passos: um encontro de trabalho para final de julho na aldeia do Tupã, o último curso na Tenonde para fim de agosto e o encontro final em fim de setembro. Para atividade de julho ficou acertado que cada pesquisador vai fazer e trazer um texto: Kerexu sobre o conhecimento que vem de nhanderu para as crianças; Vilmar uma descrição do xondaro; Vladmir sobre os remédios; transcrição de trechos importantes das entrevistas que fez; Miller sobre o xondaro e a espiritualidade; Nilson sobre as diferenças na dança de cada local; Silvio sobre kyre'yimba e os remédios; Donizete sobre a diferença entre kyre'yimba e xondaro ruvixa; Vitalino sobre como se dançava antigamente; Edson sobre xondaria.

6) Avaliação

O curso transcorreu bem, alcançando seus objetivos. Estavam todos animados, mas as atividades de produção de textos coletivos foram difíceis devido ao desinteresse de parte da turma em alguns momentos.

Tiveram discussões importantes sobre a questão das formas de transmissão de conhecimento que estão em jogo nesse projeto, o que mostra um amadurecimento do entendimento e da crítica da equipe como um todo. Também tivemos discussões pontuais de tradução que evidenciaram a dificuldade e complexidade dessa tarefa. Esse é um tema que deve ser aprofundado no próximo e último curso, bem como na reunião de trabalho, a partir de termos e concepções recorrentes nos textos elaborados por eles.

A discussão em torno das 5 categorias de bens culturais propostas pelo IPHAN foi importante, na medida em que apresentou de forma concreta um desafio de tradução de lógicas distintas, evidenciando as divergências entre os modos guarani e jurua de organizar e conceber o conhecimento e a cultura. Nesse sentido, a leitura e discussão de parte do manual do INRC com suas categorias foi positiva por propiciar uma reflexão crítica por parte da equipe, e não resultar em uma mera aplicação e replicação do modelo.

7) Anexos:

1. Textos Produzidos

Anexo – 1: Textos Produzidos Coletivamente pela Equipe

1. **Celebrações:** Modo de agradecimento à nhanderu kuery pelo ara pyau, pela vida, pelo fortalecimento espiritual. Nheovanga oka regua (brincadeira no pátio) é mais frequente no tempo novo (ara pyau), porque é onde tudo se renova. A porta da morada do nhanderu kuery se abre, nhe'e kuery se enche de força, energia que passa para habitantes da terra, que querem fazer o mesmo mostrando que estão em sintonia espiritual e corporal. Celebramos a passagem do ara pyau dançando xondaro, mas tem outras formas de fazer isso como rituais: reroike celebra chegada do ara pyau e mba'e nhexyro celebra o final ciclo do ara pyau e chegada do ara yma, e o simples fato de entrarmos todo dia no opy isso também é celebrar. Celebração marca vários ciclos como nhemboery (batismo) que celebra o ciclo da vida aqui na terra imperfeita, ma'ety (plantio) também é uma forma de celebrar, plantando o avaxi hetei (milho verdadeiro), jety (batata doce)... Assim celebramos.

Celebrações: Como modo de agradecimento à Nhanderu nós celebramos. O xondaro é dançado para agradecer e mostrar para o nhanderu que nos lembramos sempre e agradecemos por essa vida, por alegria e pela saúde. Por nossos bens culturais e por sempre olhar-nos em cada momento da vida. Para nós isso é uma importância muito grande. O nosso cotidiano é assim, todo dia nos agradecemos e nas celebrações que acontecem por ano que é no mês de agosto e fevereiro (tempo novo e tempo velho). E toda vez que a celebramos o nosso espírito se fortalece mais e assim o ensinamento vem dos mais velhos ou xondaro ruvixa'i. Dentro desse conceito nós aprendemos mais coisas da vida. Agente agradece pela nossa morada sagrada onde as coisas fluem materialmente, imaterialmente e espiritualmente. Nós dançamos xondaro não só por dançar e para mostrar, e sim para pedir fortalecimento para nós e para as crianças. No xondaro não é só por dançar, isso é uma coisa espiritual que é sagrada. Ara pyau, nesse tempo a porta de nhanderu se abrem e entramos mais na casa de reza e a dança vem todo dia e mais forte. Na dança, não falamos, mas é um jeito de pedir a Nhanderu pelo coração dançando e essa sintonia usamos quando não sabemos como curar uma criança doente e contar para ele dar forças para ele e se levantar mesmo quando não levanta mais. Mbaraka mirim, tukumbo, popygua, etc. (exemplo: a gente toca pro Nhanderu e quando se estoura um tukumbo, agente está se expondo para o nhanderu, todas as coisas são mba'epu marae'y (toques sagradas), popygua todos esses instrumentos estão no amba de nhanderu). Quando a gente dança o nosso espírito se fortalece porque ele entra em sintonia com nhanderu e ele enxerga a morada sagrada. Nessa dança não é mostrar que o outro dança melhor do que um. Agente dança do jeito que agente senti no coração e esse sentimento vem de

um lugar sagrado, vem de Nhanderu e assim sentimos e cada um tem o seu jeito diferente de dançar que veio através desse sentimento. Ex: tukumbo; não é todos que sabem tocar o tukumbo e esse toque vai além da nossa morada e quem toca recebe uma força também e fortalecimento para espírito dele. Por isso que quando os tupã kuery andam pela terra há trovoadas...

2. Formas de expressão. É uma forma de mostrar que estamos felizes dançando xondaro, também pode ser uma forma de se comunicar com nhanderu kuery. Quando a dança é executada expressa corporalmente e espiritualmente como estamos nos sentindo aqui na terra, os gritos tem uma certa forma de interagir com nossos espírito na morada do nhanderu, suor do corpo e como se através do suor elimina todas energia negativas (pixua). O sentido que gente gira quando dançamos mostra que estamos seguindo para frente na concepção de tempo, o sentido do movimento sempre da esquerda para direita e o mesmo que se faz quando passa o mate, quando gira dentro da opy, essa é expressão que dá o sentido que estamos seguindo com a vida para frente. Esses movimentos e seguido no sentido do ara pyau para ara yma. Fazemos como os nhe'e kuery (os espíritos) estão fazendo na morada do nhanderu kuery para mostrar (jaexauka) que não esquecemos que somos filhos deles. A expressão acontece pelas imitações e pelas semelhanças com o jeito de nhanderu kuery dançar.

Forma de expressão. É um modo de se comunicar com nhanderu, mostrar só na dança, sentir dentro de si, é forma de agradecimento sem usar a fala. Isso mostra que nós não usamos só a fala e sim mostramos o que sentimos no coração e isso é uma comunicação que há entre-nos mesmo, ou seja, forma de expressar o que sentimos. Quando dançamos xondaro, percebem que não falamos e só mostramos o nosso sentimento e através disso sentimos no coração uma forma de dançar de cada pessoa, também que ele senti no coração e mostra. E com isso se expressa e fala do sentimento e a agradece à morada e à nhanderu. Quando o xamoï fuma em volta do altar, ele fala o que senti sem falar e é uma forma de expressão porque ele não fala pelas palavras e se comunica pelo sentimento, coração e fala, agradece a ele. E com essa expressão eles recebem de nhanderu um sentimento e ele sabe do que vai acontecer amanhã ou o que vai acontecer futuramente e ele tem essa força de curar as pessoas e esse poder ele recebe de nhanderu. O nhanderu muito antes de nós nascermos, ele sabe como vai ser a nossa vida, ele sabe de todos os passos da nossa vida. E assim o xamoï recebe uma inteligência do nhanderu e tem essa sabedoria e ele recebe pela forma que ele expressou e sentiu. A palavra expressão tem muito sentido, até o passarinho faz, quando amanhece, ele reza e canta depois ele sai à procura de alimento, isso também faz parte da expressão. Xondaro ruvixa kuery, mestre dos xondaro não existe só uma

pessoa, existe dois ou três pessoas, eles não tem a mesma forma, cada um deles tem forma diferente para ensinar crianças, essa forma é de expressar também, ou seja, forma de sentir e ensinar e mostrar. Nos instrumentos também expressamos o nosso sentimento e através disso nos comunicamos com nhanderu. Nós dançamos para mostrar a nhanderu que lembramos sempre e com isso ele fica alegre e feliz e da mais fortalecimento para nós. (Na dança nós dançamos com a alegria de mostrar para o nhanderu que isso é importante para nós, assim ele nos vê e fica feliz e da mais fortalecimento, força, etc. Para nós é importante porque foi ele que deu esse conhecimento através do xamoï kuery e ele nos ensinou e isso é muito importante e que veio dele e assim nós valorizamos muito esse conhecimento. Expressamos assim na dança, nos falamos pelo coração, de sentimento e nos comunicamos e agradecemos, assim o nosso corpo se esquentava e ficamos mais fortes e leve).

3. Ofícios e modos de fazer. Saberes e os conhecimentos desenvolvidos pelos conhecedores de técnica como dançar o tangara e de ser xondaro não são aprendidos. Alguns já vem com esse espírito de ser o xondaro, e esse conhecimento é colocado por nhanderu (nhanderu omõi nhande reko rã) nosso nhande py'apy (no fundo do nosso coração), com o tempo desenvolve e exerce aqui na terra ensinando outras pessoas. Assim também com os instrumentos musicais, quem sabe fazer, tocar isso é um conhecimento colocado por nhanderu (nhanderu omõi nhande reko rã) que precisar ser praticado e ensinado. Mas para se identificar com os instrumentos ninguém vai falar e obrigar a tocar aquele instrumento, mas sim você sente no coração a vontade de tocar, assim você pega o conhecimento do instrumento e o modo de tocar.

Há uma diferença entre os ensinadores e o mestres de xondaro .

O ensinador (xondaro ruvixa) apenas fala como é feito e mostra os movimentos da dança do xondaro . mas o mestre(kyre'yimba) já tem o conhecimento completo do xondaro, sozinho consegue se livrar de qualquer ameaças em qualquer situação de risco. É uma pessoa considerada que atingiu todo o nível de conhecimentos e saberes sobre o xondaro ou o que é ser xondaro, mas todo esse conhecimento ele também aprendeu de outros xondaro ruvixa e também dos xamoï kuery. Para se tornar esse grande mestre do xondaro ele é orientado pelos xamoï kuery e o conhecimento ele recebe de nhanderu depois que pratica ou ensinado pelo xondaro ruvixa. Ele é orientado para não fazer coisas ruins e ele saber usar o que tem também porque não é para usar para isso. O que ele tem, ele usa com sabedoria e através do conselho que ele recebe, ele aprende isso.

Para ser esse grande mestre é dado vários tipos de remédio(casca de tartaruga, esquilo, muçum, etc.) depois que ele nasce e ao crescer mais, é ensinado pelo xondaro ruvixa e ao ficar adulto ele se torna esse grande mestre. Quando ele chegar na parte de adolescente, ele é ensinado de um jeito mais rápido para ser forte e assim ele é ensinado para ser mestre xondaro (kyre'ymba).

Relatório do 5º Curso de Formação de Pesquisadores

Aldeia Tenonde Porã

1) Apresentação

-Responsáveis: Joana Cabral de Oliveira e Lucas Keese

-Local e período de realização: Aldeia Tenonde Porã, 31 de agosto a 04 de setembro de 2013.

-Nome e aldeia dos participantes:

Vilmar (Silveira) chegou dia 31

Alexandre (Mboapy Pindo) chegou dia 31

Kerexu (Krukutu) chegou dia 01

Vladimir (Jaraguá) chegou dia 02

Silvio (Peguaoty) chegou dia 02

Edson (Mboapy Pindo) chegou dia 02

Nilson (Tenonde Porã) chegou dia 02

Miller (Silveira) chegou dia 02

- Presentes não-indígenas (instituições): Damiana (IPHAN) e Daniel (CTI)

2) Objetivos

O principal objetivo desse último curso era fechar a publicação, refinar e discutir a tradução de alguns conceitos, fazer o roteiro do filme a partir de um mapeamento do material audiovisual, ver o preenchimento da ficha do INRC e organizar o encontro final.

3) Procedimentos e Metodologia

Revisão e construção coletiva dos textos; discussões a partir dos textos e das imagens produzidas pela equipe, realização do xondaro.

4) Resumo das Atividades Desenvolvidas

Dia	Temas desenvolvidos
31/08	Trabalho de revisão e elaboração de textos; organização das entrevistas em vídeo.
01/09	Continuação revisão e elaboração de textos; realização de filmagem sobre os movimentos da dança.
02/09	Continuação revisão e elaboração de textos; elaboração do roteiro do documentário; reunião com os chefes da Tenonde; dança xondaro.
03/09	Continuação revisão e elaboração de textos; preenchimento da ficha do INRC;
04/09	Organização do evento de fechamento; organização de atividades para finalização dos produtos finais; preenchimento da ficha do INRC.

5) Descrição das Atividades Desenvolvidas

31/08 – Como só havia chegado Vilmar e Alexandre, resolvemos trabalhar diretamente com a revisão e discussão dos textos que compõe o livro, tomando do ponto em que havíamos parado.

Entre os tópicos discutidos nesse processo, destaca-se a reflexão sobre a melhor forma de tradução e explicação das categorias de xondaro oka regua e opy regua. O texto dava a entender que se tratavam de pessoas especializadas, e por tanto pessoas individualizadas que exerciam essas funções separadamente. Joana questionou sobre isso e Pedro Vicente falou um pouco para os meninos sobre isso. Chegou-se à conclusão de se tratavam de funções desempenhadas pelos xondaro de um modo geral, que não há uma especialização. Então isso foi arrumado e melhor explicado no texto.

Outro ponto discutido foi em relação ao xondaro pyrague. Havia também algumas dúvidas em relação a essa figura. Fomos ouvir um trecho de uma entrevista sobre esse tema. Pedro Vicente ao ouvir disse que não conhecia dessa maneira o xondaro pyrague. Segundo ele pyrague é praticamente um inimigo dos xondaro. Foi enfático dizendo que seu pai, seu avô nunca falaram desse xondaro pyrague. Frente a essa situação Joana questionou os meninos sobre qual seria a postura deles frente a essas divergências. Alexandre disse: “Cada um tem a sua verdade. Ele não

aprendeu dessa maneira com os pais, o outro aprendeu... Eu acredito que tem xondaro pyrague”. Joana então problematizou que é preciso deixar claro no livro que há divergências, que os textos não são referentes a uma totalidade unânime dos conhecimentos guarani. Lucas apontou que tem alguns assuntos que apresentam maior homogeneidade e unanimidade, mas que outros (como no caso do xondaro pyrague) há mais divergências.

Lucas conduziu uma organização por temas das entrevistas realizadas em vídeo. Lendo os resumos de cada uma foi se separando trechos em alguns grupos temáticos (instrumentos; espiritualidade; xondaro antigamente; funções etc.).

01/09 – Nesse dia se juntou ao trabalho de revisão e composição de textos Kerexu. Frente ao desânimo dos três, Joana tentou entender o que estava ocorrendo. Devido ao descompromisso dos demais com o trabalho, eles estavam se achando injustiçados. Joana tentou animá-los dizendo que o trabalho era para o crescimento deles, eles estavam aprendendo e isso era o mais importante, aqueles que não estavam participando não estavam aprendendo.

Passaram então a trabalhar com o texto sobre as xondaria. Joana pediu que eles falassem mais sobre as diferenças que eles observaram nas danças da Ko’enu e do Silveira. Pedro Vicente falou um pouco sobre o tangara e as danças femininas, aproveitando que eles estavam escrevendo e corrigindo textos sobre esse tema.

Aproveitamos que Pedro Vicente falou sobre os nomes dos movimentos e pedimos para que ele reproduzisse sua explicação para filmarmos. Kerexu ficou responsável pela câmera e Alexandre conduziu a conversa para que ele explicasse e demonstrasse os movimentos.

Lucas retomou a atividade de organizar em grupos temáticos os trechos das entrevistas.

02/09 – Demos continuidade ao trabalho de revisão e complementação dos textos. Divididos em grupo, enquanto alguns revisavam a trabalhavam sobre o material já elaborado, outros escreveram um texto de apresentação, falando sobre o trabalho dos pesquisadores guarani.

Pedro Vicente conversou um pouco com eles sobre o trabalho e vontade deles terminarem o trabalho já que muitos faltaram nos primeiros dias. Também falou sobre as diferenças entre os vários grupos guarani (Kaiowa, Xiripa, Nhandeva...), tema pelo qual haviam passado pela manhã no trabalho com o livro.

Lucas passou a trabalhar com a elaboração de um roteiro do filme, partindo dos grupos de temas presentes nas entrevistas (roteiro esboçado em anexo).

03/04 – Continuamos a revisar e complementar os textos do livro.

Após terminar um primeiro fechamento dos textos que comporão o livro, passamos a discutir o preenchimento das fichas do INRC.

Joana retomou as categorias de bens culturais do IPHAN trabalhadas no último curso. Após uma rememoração da proposta do INRC, da metodologia e das categorias, Joana mostrou as fichas e apontou que a partir da pesquisa feita por ele iriam preencher uma delas. A questão que se apresentava era justamente em qual ou quais categorias o xondaro deveria ser inscrito, uma vez que no curso anterior, haviam chegado a proposição de que xondaro caberia em três categorias: Celebrações; Ofícios e modos de saber; e Formas de expressão.

Houve uma discussão em guarani entre os pesquisadores, Tupã e Pedro Vicente. Eles perguntaram se eles fizessem só uma ficha qual seriam as consequências, se os demais aspectos do xondaro não seriam levados em consideração. Joana explicou que além da ficha seria entregue um relatório, o qual poderia apontar as dificuldades de enquadrar o xondaro em uma única categoria, além disso, Damiana lembrou que há bens que foram registrados em mais de um livro o que possibilita que em uma ficha se ressalte a complexidade do bem descrito. Também foi dito que essa escolha não precisava ser definitiva, caso adiante os Guarani desejem pedir o registro do xondaro poderia se rever e discutir essa classificação do bem.

Diante disso houve duas posições polarizadas, de um lado Alexandre Wera que acha que deviam preencher mais de uma ficha, para mostrar a complexidade do xondaro, e Tupã que achava que a melhor estratégia era preencher apenas uma de maneira cuidadosa, já que há pouco tempo para isso. Joana disse que a orientação de Ivana, uma das responsáveis pelo INRC no IPHAN, disse que achava desnecessário o preenchimento de mais de uma ficha, que o relatório poderia resolver os limites impostos pela ficha. Frente a isso e a dificuldade de decidir, o grupo chegou ao acordo de que preencheriam uma ficha, e caso achassem necessário e houvesse tempo poder-se-ia posteriormente inscrever o xondaro em uma segunda categoria.

Passou-se a discussão de qual ficha seria preenchida. A partir dos textos que eles haviam escrito no curso anterior sobre como o xondaro se encaixava nas três categorias de bens culturais citadas, Joana ponderou que cada uma delas enfatizava um aspecto do xondaro: Celebrações, a dança e a ligação do xondaro com os demais rituais e com os ciclos temporais; Formas de expressão, a relação do xondaro com as divindades e sua dimensão espiritual; Ofícios e modos de fazer, os papéis e funções desempenhados pelos xondaro.

O grupo discutiu mais um pouco em guarani. A posição de Tupã acabou sendo acatada, a ficha a ser preenchida seria de Celebrações.

Projetando a ficha passamos então a um preenchimento coletivo dos campos, recorrendo aos textos que haviam sido escritos por eles e a discussões com Pedro Vicente.

04/09 – Seguiu-se para a discussão e preenchimento da ficha de Celebrações.

Passamos a uma organização do evento final. Decidiu-se: quem seriam os convidados (as aldeias onde houveram entrevistas – Silveira, Peguaoty, Ko'enju, Jaraguá, Tenonde Porã, Krukutu, Mboapy Pindo; o local – Boa Vista, Ubatuba; data – de 30 de outubro a 2 de novembro; a programação e as responsabilidades de cada um.

Foram acertadas as atividades pendentes e as finalizações dos produtos a serem feitas pela equipe.

6) Avaliação

Apesar de terem faltado a maior parte dos pesquisadores nos dois primeiros dias, isso não foi um inconveniente já que Alexandre, Vilmar e Kerexu são pesquisadores que têm se destacado nos trabalhos com texto e vídeo. Como essa oficina se concentrou em elaborar os produtos a ausência dos demais não foi prejudicial.

O trabalho alcançou seu objetivo uma vez que boa parte das tarefas de finalização foi realizada. A dificuldade encontrada foi o incomodo entre a equipe de que alguns pesquisadores estão trabalhando mais do que outros.

7) Anexos

1. Esboço do Roteiro

Anexo 1 - Esboço do Roteiro

Início – Sobre o conhecimento do xondaro:

Tem xondaro em todas aldeias, no Paraguai e argentina (é uma boa para montar com xondaros desses lugares distantes. (Pedro) **OU** Fala que esses comentários estão longe de esgotar o assunto, que a mesma pessoa pode seguir acrescentando mais informações sobre o xondaro (Timóteo) /// **OU** antes dessa terra, já tinha xondaros que tinham seus poderes. Cada um tipo de diferente e neles mesmos (Timóteo) ///

Mba'epuja regua: Os tocadores cada um tem um toque, a velocidade influi, quanto mais rápido, é melhor, pois fica mais fácil (Antônio) ///

Movimentos: [mostrar imagens do xondaro na ko'enju com o Antônio] /// Alexandre pergunta como se esquivar melhor? fala sobre vantagem de estar próxima para esquivar. (Antônio) /// fala sobre a esquivar, de como na região devido a intensidade dos conflitos com karai kuery (jurua) a dança de xondaro expressa isso. (Guaíra)

Aprendizado: onde ele relata como ele aprendeu a dançar, na observação, sentindo dentro de si a vontade de dançar (Pedro) /// [imagens do seu Pedro conduzindo xondaro com as crianças] /// [seu Pedro explicando e mostrando os movimentos – tenonde]

Xondaro e espiritualidade

Nhanderu amba regua: fala que os guarani já vem de sua morada com conhecimentos para colocar em prática na terra. a pessoa senti vontade de fazer aquilo que trouxe consigo da morada sagrada. (Antônio) /// fala que para dançar a pessoa tem que sentir em si. Fala que nhe'e kuery precisa da força do nhanderu, mas o corpo está mais ligado nesse mundo. (Pedro) /// para chegar no kyre'yimba, não depende do remédio. os pais usavam isso mais por proteção. depende mais de uma dedicação "espiritual", aquele que faz remédio para ser valente, não adquire conhecimento dos nhanderu kuery, mas sim dos yvyregua kuery, esses são xondaros vai, mais vaidosos, menos paciente, etc. (Timóteo)

Diferentes funções do xondaro: o xondaro vai não se preocupa com a condição dos outros, e si próprio, se estão doentes ou não, não importando também se é homem, mulher ou criança. não tem pena. nanhanemboaxyi (impiedoso) o xondaro vai não bondoso, é bravo (ivaija) (Nivaldo) /// fala sobre xondaro opyroka regua. que fica só por fora da opy, usa o tokumbó. que usa para afastar os mal espíritos das proximidades. (Antônio) /// uma das formas do xondaro oka regua ajudar o xeramoí seria trazendo doentes de outra aldeia, ou levando o xeramoí. (Nivaldo) /// fala do xondaro ou tembiguai (que é também uma forma chamar o xondaro) função dele é cuidar dos seus parentes, aldeia. (Pedro) [sugestões para edição: montar com o xarura /// diferença xondaro vai, xondaro porã. o primeiro vigia a aldeia, acompanha o cacique, se preocupa com os conflitos na aldeia. o opy regua, pratica a dança okapy, e a noite a dança na opy - jeroxy, jerojy. (Nivaldo) /// fala que os xondaros ficavam nas portas, da opy, dois em cada uma das duas portas da opy, e outros nas proximidades em volta da opy. Se amanhecem na opy, todos os xondaros também devem fazer o mesmo. (jurema) ///

Xondaria regua: as xondarias fazem de tudo na casa de reza, queimam o cachimbo, preparam o mate, (jurema) / xondaria (opyregua) não é pra ser preguiçosa, pra ficar "se achando", ser soberba (jurema) / as xondarias não se misturavam com os xondaro durante a dança, ficavam em volta sua própria dança (jurema) / fala sobre conseguir fazer todos os trabalhos que os homens fazem, roçar, carpir. (jurema) / Fala que antes tinham todos os tipos de xondaria, porã, poxy, oka regua. cuidando dos problemas da aldeia em relação as mulheres. (jurema) / As xondaria antigamente brigavam, também "se achavam" (jerovia) como os homens, mas hoje já não se vê muito isso. (jurema) /

Ymaguare: fala que as mais novas não entravam na casa de reza porque os demais receavam que alguma doença pudesse passar pra elas durante as rezas, curas. ela, por exemplo, quando criança

não entrava na opy, ela somente dançava no pátio da casa de reza. (jurema) / fala sobre que antes dificilmente se usava petyngua (os xondaro), ele por exemplo demorou pra usar o petyngua. os xondaro se protegiam mais espiritualmente com o tokumbo, por exemplo. (Nivaldo) /// [fala do Nivaldo sobre xondaros com tokumbo em volta da opy, estourando 3 vezes para espantar os males espíritos – ver fala no vídeo]

Xondaro e espiritualidade: fala que os xondaros ficavam nas portas, da opy, dois em cada uma das duas portas da opy, e outros nas proximidades em volta da opy. Se amanhecem na opy, todos os xondaros também devem fazer o mesmo. (jurema) /// fala sobre tembiguai, - opy regua e oka regua. Também que tem um que usa o tokumbo, outro yvyraiembe (Timóteo) / os xondaros usavam yvraimbe para andar na mata, guvyrapa. faziam hu'ynhexyro para pedir mais caça. (Timóteo) /// xondaro na opy, um que fica ao lado da porta com tokumbo, outro com o popygua andando próximo ao amba'I (Pedro) / fala sobre popygua no tangará e para além dele, dá coragem, força (Antônio) /// o xondaro ruvixa, quando está ensinando, usa o popygua, fazendo barulho. esse barulho acompanha a sua fala, e já indica a necessidade dos mais jovens se concentrarem, ojapixaka. (Nivaldo)

Aprendizado: fala sobre provas difíceis, em últimos estágios, como passar no meio do arco do guyrapa (Timóteo) / xondaro não pode ser preguiçoso, para assim aprender a fazer várias coisas como casas, etc. tem que dançar com vontade. penekyreivei (tenham mais vontade) o kyreimba (aquele que tem vontade em tudo. (Nivaldo) /// fala que xondaro não só a dança. xondaro tem tipo de comportamentos que não poder desrespeitar as mulheres, não falar besteira.. (Pedro) /// descrição do xondaro, fala da própria experiência, como foi ensinado. início bem novo, em grupos (de idades) cada qual com seu mestre. usavam brincadeiras para fazer trabalhos na aldeia. alternando a dança, com ajudas na aldeia. Levavam os grupos de kunumigue para ajudar a terminar casas em outras aldeias, completando o trabalho de outros grupos. (os jovens faziam a armação e as crianças barreavam). (Timóteo) / fala sobre remédios, os pais que opoão em seus filhos (para variados fins, conforme nos textos: agilidade, visão, leveza, etc). (Timóteo)/ os mais novos começam aprendendo a dança, depois que passam para as demais habilidades. (Timóteo)/ ele fala de remédio pohã. um colírio tirado de uma espécie de bromélia. (Cara de Guaíra)

Alimentação: a comida de antigamente era mais saudável, então não precisava fazer muitas dietas pra ficar mais leve, a carne vermelha por exemplo, deixa o py'a pesado, fazendo mal ao nosso próprio corpo. (jurema)

Xondaro e espiritualidade: Jeroky anhetengua: calor que vem da dança, relação com as divindades / Fala sobre o corpo aquecido (nhandereteraku) servir para afastar os maus espíritos. (cara de Guaíra) /// é o suor que elimina sujeiras do espírito, fortalecendo, dando mais saúde. (Nivaldo) / **[procurar mais nas entrevistas sobre celebrações dos ciclos]** / os xondaros seguem os xeramois, quando os rituais cessam no ara yma, também os xondaros não dançam. assim como os pássaros que cantam mais em ara pyau. (nivaldo) / fala sobre tekojoja. igualdade na forma de viver), depois da chegada dos jurua isso teria se modificado um pouco. Mais mando, conflito entre os xondaros, etc / [fala do xeramoí Adolfo nas ruínas sobre xondaro reko rovai (uso da estratégia dos jurua para combatê-los) – procurar no vídeo]

Falas para conclusão: antigamente, as xondaria não dançavam só por dançar. Não dançavam pra mostrar pra jurua... (jurema) / As mais novas estão dançando mais ao verem ela dançando. (jurema) /// tendo a inspiração, pode começar o xondaro mais tarde que mesmo assim irá dançar. (Timóteo) /// fala que tem xondaro em todas aldeias, no py e arg. (é uma boa para montar com xondaros desses lugares distantes. (Pedro) / ijayvu ma nhanderu gui gua ma iporã vaipa ete, va'eriaxy vaipa ete avi. (Pedro).

Relatório de Acompanhamento de Pesquisadores – Aldeia Jaraguá

1) Apresentação

-Responsáveis: Adriana Queiroz Testa

-Local e período de realização: Terra Indígena Jaraguá, São Paulo, SP (29/10/2012; 01/11/2012-04/11/2012; 19/11/2012; 21/11/2012)

-Nome e aldeia dos participantes: Nilson Verá Popygua (TI Jaraguá); Vladmir Wera Mirim (TI Jaraguá)

-Presenças não-indígenas (Instituições): Joana Cabral de Oliveira (CTI) – presente no primeiro dia de trabalho.

2) Objetivos

- Acompanhar o início do trabalho de pesquisa dos dois pesquisadores;
- Desenvolver com eles uma metodologia para as diferentes atividades de pesquisa;
- Fazer uma avaliação desta etapa

3) Procedimentos e Metodologia

- Análise conjunta do trabalho que os pesquisadores desenvolveram antes de começar o acompanhamento;
- Preparação das entrevistas, incluindo: discussão sobre os objetivos da pesquisa; identificação de pessoas que poderiam trazer conhecimentos sobre os temas que interessam aos pesquisadores; elaboração e seleção de questões a serem abordadas nas diferentes entrevistas; preparação dos equipamentos.
- Realização de entrevistas.
- Registro e armazenamento dos arquivos digitais das entrevistas realizadas.
- Análise e discussão das entrevistas para percepção dos temas que foram abordados, identificação de eventuais problemas e preparação de próximas entrevistas.
- Transcrição de duas entrevistas.
- Discussão sobre desafios envolvidos na tradução.

4) Resumo das Atividades Desenvolvidas

Dia	Temas desenvolvidos
29/10/2012	Conversa com lideranças sobre o projeto; conversa com os dois participantes responsáveis pelo projeto sobre o andamento do trabalho já iniciado por eles e os próximos passos da pesquisa.
01/11/2012	Início do trabalho; ajuste de equipamentos; análise das primeiras entrevistas feitas anteriormente pelos pesquisadores; realização de entrevistas-ensaio entre os pesquisadores e Adriana; análise desta experiência; roteiro de pessoas a serem entrevistadas e apontamento de questões iniciais que podem ser desenvolvidas com cada uma delas.
02/11/2012	Realização e análise de entrevistas.
03/11/2012	Realização e análise de entrevistas.
04/11/2012	Realização e análise de entrevistas.
19/11/2012	Transcrição.
20/11/2012	Transcrição e tradução de entrevistas.

5) Descrição das Atividades Desenvolvidas

Primeiro dia (29/10/2012)

Conversa inicial com Joana sobre a pesquisa na TI Jaraguá.

Segundo dia (01/11/2012)

O trabalho teve início com a participação de Nilson numa reunião sobre a demarcação da TI Jaraguá, em que observamos um mapa da proposta de área, discutimos as áreas e apontamos a necessidade de fazer caminhadas de identificação por estas áreas, como condição para fechar a proposta de delimitação. Ao final da reunião, foi formada uma equipe para fazer esse trabalho de identificação e as lideranças sugeriram que os dois pesquisadores também participassem destas atividades. Avalio que sua inclusão nestas atividades é importante em dois sentidos. Primeiramente, porque lhes dará oportunidade para conviver com algumas lideranças mais velhas, aprender com elas sobre materiais, plantas, remédios e outros aspectos das paisagens percorridas, assim como formas apropriadas como os *xondaro* devem proceder em caminhadas pela mata, na

identificação e relação com diferentes espécies e aspectos das paisagens e também formas apropriadas de coleta e uso de materiais encontrados pelo caminho. Neste sentido, os pesquisadores imaginam que seja possível realizar entrevistas com membros desta equipe de identificação durante sua participação nestas atividades. Em segundo lugar, a participação no trabalho de demarcação lhes dá um lugar específico e reconhecido num trabalho que é valorizado pelas demais lideranças e outros moradores do *tekoa*. Enquanto o papel deles como jovens pesquisadores guarani ainda está em construção e é uma novidade para todos, inclusive para eles mesmos, e não constitui uma prioridade nas atividades cotidianas para o conjunto maior de moradores da aldeia, o envolvimento na demarcação pode ser uma via importante de acesso aos saberes, práticas e relações que eles estão buscando.

Encerrada a reunião, fomos até a *opy* para dar início às atividades da pesquisa. Testamos todos os equipamentos e diferentes configurações de uso para registro das entrevistas. Nilson e Vladimir compartilharam comigo as sugestões que receberam do Lucas para uso da câmera e do gravador e observamos que essas orientações realmente fazem muita diferença na hora de trabalhar com os equipamentos, armazenar e reproduzir as entrevistas. Fica claro que o domínio destas técnicas e tecnologias é importante na execução do trabalho.

Nilson já havia realizado um conjunto de entrevistas desde que voltou do encontro em Peguaoty, por isso, partimos destas entrevistas (do seu conteúdo, forma e também das experiências envolvidas na sua realização) para organizar o trabalho. A discussão destes materiais foi muito importante para gerar alguns questionamentos sobre a execução da pesquisa e estabelecer um bom plano de trabalho.

Uma das entrevistas foi uma conversa com Emília, avó do Nilson. Ele contou que acordou cedo e começou a perguntar para ela algumas coisas sobre os *xondaro*. Ele não pretendia realizar uma entrevista com ela naquele momento, por isso, sequer pegou o gravador. Mas ele percebeu que o fato de levantar este assunto e demonstrar interesse despertou uma grande vontade na avó, que passou a contar muitas coisas importantes para ele sobre a temática. A conversa fluía de modo que ele percebeu que não deveria interromper sua avó para pegar o caderno e gravador, mas priorizar, naquele momento, as informações que ela estava compartilhando com ele. Por este motivo, depois da conversa com ela, ele fez anotações no caderno de campo.

Depois de ouvirmos as entrevistas que foram gravadas e conversamos sobre a entrevista com Emília, os dois pesquisadores perceberam que estavam constantemente usando informações que aprendiam numa entrevista para gerar novas perguntas. Também perceberam que não conseguiam abordar muitas questões de uma vez só com um único entrevistado, mas que poderiam iniciar por uma questão mais geral e “seguir o caminho” da conversa que se desenvolve a partir da resposta. Em entrevistas posteriores com o mesmo entrevistado, como o Nilson

observou, é possível abordar temas mais específicos, conforme passamos a entender os interesses do entrevistado e que tipo de coisas ele sabe mais.

Enfatizo que neste momento, a preocupação da Adriana não estava centrada nos conteúdos destas primeiras entrevistas, mas em desenvolver uma reflexão com os dois pesquisadores sobre escolhas que tomaram na definição das pessoas que foram entrevistadas e analisar com eles alguns aspectos que decorrem destas escolhas, das formas como conduziram as entrevistas, das perguntas que foram feitas, etc. Isto é importante, porque gera um entendimento maior de diferentes aspectos concernentes ao trabalho de pesquisa e pode, em futuras etapas deste processo, permitir uma comparação mais apurada com diferentes modos de conhecer, por exemplo, comparar os modos de conhecer presentes na escola, numa pesquisa acadêmica, numa pesquisa feita num projeto deste tipo, em conversas cotidianas, nos rituais, etc.

Na análise das entrevistas já realizadas, dedicamos bastante atenção à escolha das pessoas entrevistadas. Embora Nilson não tivesse percebido inicialmente, suas escolhas foram motivadas por aspectos que são extremamente relevantes para entender os processos de circulação de conhecimento. Num primeiro momento, ele procurou falar com pessoas que fazem parte da sua rede de parentes. São pessoas com quem ele tem familiaridade e a quem tem acesso mais fácil e frequente. Sem perceber, ele estava criando um caminho para superar um dos primeiros obstáculos para realização deste tipo de trabalho. Ele explicou que se não tivesse procurado pessoas próximas teria muita dificuldade em lidar com a vergonha que sentimos quando abordamos uma pessoa que não conhecemos bem. Como ele definiu: *“Quando estamos num lugar e não conhecemos ninguém, aí temos muita vergonha e não conseguimos fazer nada.”*.

Embora os dois pesquisadores tivessem dito que muitas pessoas da aldeia já sabem desta pesquisa porque houve uma reunião inicial sobre isso em que os dois foram escolhidos pela comunidade para participarem do trabalho e irem para o encontro que teve em Peguaoty, também observamos que Nilson se sentiu mais à vontade para fazer as primeiras entrevistas com pessoas que estavam participando diretamente da pesquisa. Por isso, ele procurou conversar com Hortêncio e Carlito, duas pessoas mais velhas que estavam dispostas a compartilhar seus saberes sobre *xondaro* com ele, inclusive, porque se envolveram em etapa anterior do projeto, já sabiam do que se tratava e deixaram claro para os dois pesquisadores que reconhecem a importância do trabalho que estão desenvolvendo.

Houve também uma preferência por falar com pessoas mais velhas, embora no roteiro posterior que elaboramos, os dois pesquisadores tenham incluído algumas pessoas jovens. A inclusão destes jovens se deu, principalmente, porque realizamos entrevistas entre nós e percebemos que, embora os dois pesquisadores sejam jovens, eles também possuem conhecimentos sobre a temática e conhecem outros jovens na aldeia que podem contribuir para

as informações que estão investigando. Os dois pesquisadores enfatizaram que não procurariam quaisquer jovens, mas aqueles mais envolvidos com atividades relativas às práticas de *xondaro* e aqueles que convivem muito com os mais velhos.

Nesta busca por entrevistar pessoas mais velhas, Nilson teve oportunidade de conversar com o cacique de Parati Mirim, Miguel, que estava em visita ao Jaraguá. Ele contou que procurou o Miguel porque por ser uma pessoa muito idosa e ter vivido em vários lugares diferentes, ele poderia ajudar a entender mais sobre as atividades e experiências dos *xondaro*. Ele também valorizou o fato de Miguel viver em outra aldeia, onde as pessoas podem ter experiências diferentes.

Nilson e Vladimir também observaram que quando vão falar com as pessoas mais velhas, é importante observar algumas maneiras de falar e agir. Disseram que os mais velhos ficam muito felizes quando são procurados para falar do que conhecem, mas que eles devem ser abordados com muito respeito. Os mais velhos não são frequentemente procurados pelos mais jovens para conversar e, por outro lado, eles também não “saem por aí”, falando tudo que sabem, nem procurando os jovens para ensiná-los algo. O jovem precisa ir até o mais velho se quiser aprender. Eles também explicaram que não podem querer impor aos mais velhos um assunto, é importante deixar que os mais velhos falem livremente e aproveitar para explorar mais os temas que eles mesmos levantam.

A partir da análise destas primeiras entrevistas, percebemos que as questões levantadas no primeiro encontro em Peguaoty não estavam sendo usadas como um roteiro de entrevista que se desenvolveria no estilo direto (pergunta-resposta), mas como guia para pensar algumas questões iniciais e, posteriormente, para refletir sobre o que tinham aprendido através da pesquisa.

Quando nos preparamos para realizar entrevistas entre nós mesmos, discutimos quais destas questões seriam interessantes abordar numa conversa entre nós. A partir desta discussão, Vladimir fez uma seleção de perguntas que ele anotou no caderno de campo e usou para realizar a entrevista com Nilson. Depois de realizarmos esta primeira entrevista (em que Vladimir fazia perguntas para Nilson), ouvimos a entrevista, discutimos a forma como ela se desenvolveu e Nilson chegou à conclusão de que não usaria um roteiro prévio de perguntas, mas partiria de uma pergunta direta e específica: “*Ndee pa xondaro* (você é *xondaro*)?” Para, então, explorar outras questões, como: com quem você aprende a ser *xondaro*, o que faz um *xondaro*?

Os pesquisadores também fizeram uma entrevista filmada comigo, mas esta entrevista, diferente das demais foi em português. Este ponto é importante destacar porque nesta fase (com exceção desta entrevista) estamos trabalhando exclusivamente em guarani. Fizemos uma discussão inicial sobre tradução e reconhecemos que a tradução não é um processo automático: não se traduz exatamente uma palavra para outra língua, como se ela fosse automaticamente

“convertida”, e existem ideias que precisam ser explicadas quando se procura expressá-las em outra língua. Adriana destacou alguns exemplos de ideias-conceitos guarani que são extremamente difíceis de traduzir para o português. A partir desta discussão, resolvemos que o trabalho de tradução será feito num momento posterior da pesquisa, portanto, analisamos o conteúdo das entrevistas sem traduzi-las e também elaboramos questões para entrevistas exclusivamente em guarani.

Realizadas as três entrevistas, pudemos compará-las (principalmente em termos da sua forma) e chegamos a algumas conclusões:

- A entrevista não pode começar de maneira direta, é importante “preparar a conversa”. Nilson explicou que quando ele foi falar com as pessoas mais velhas, elas prepararam o *petyngua* para ele e o deixaram para à vontade para falar. Os rapazes também explicaram que não dava certo já começar a entrevista com perguntas. Eles contaram que primeiro precisam cumprimentar a pessoa direito, procurar saber como ela está se sentindo. Em seguida, passariam a explicar o trabalho que estão fazendo e o que os motiva a procurar aquela pessoa para conversar.
- Em cada entrevista, é possível se concentrar em algumas questões principais e, depois, quando ouvimos a entrevista, podemos elaborar novas questões para serem abordadas numa próxima conversa com a mesma pessoa.
- Observamos que teremos que tomar alguns cuidados com os equipamentos na hora de realização da entrevista para que tenhamos registros de boa qualidade e também desenvolvemos algumas formas de armazenamento e organização dos materiais coletados.
- Assim como existem formas melhores para iniciar a entrevista, também é importante observar alguns cuidados na sua condução e no encerramento. Este ponto é tão corriqueiro para os dois pesquisadores que eles não se davam conta de que isso está diretamente relacionado às formas de transmissão de conhecimento. Para eles, os modos de ouvir um interlocutor, interagir com ele, não interrompê-lo, não suprimir os silêncios que se intercalam enquanto o interlocutor desenvolve sua fala eram observados sem que percebessem que esta não é uma forma “universal” de comunicação. Por exemplo, entrevistas gravadas nos telejornais não seguem esses modos de comunicação; conversas entre jovens também nem sempre se desenvolvem assim.

Encerramos as atividades do dia, elaborando uma lista de pessoas que pretendemos entrevistar e discutimos algumas questões que poderiam ser abordadas com cada uma delas. Na indicação de pessoas, observamos os motivos de cada escolha, por exemplo, grau de familiaridade; idade; tipos de conhecimentos e práticas que essa pessoa desenvolve e pelos quais é reconhecida. Na sugestão de questões, conversamos sobre os lugares onde cada uma dessas pessoas viveu, para ver se podemos incluir na entrevista perguntas concernentes às experiências que a pessoa teve nesses lugares e se ela percebe diferenças entre os modos de viver de um lugar e outro ou de uma época e outra. Esta discussão se deu porque Adriana perguntou para os pesquisadores sobre os lugares onde eles já viveram e como era a vida em cada um desses lugares, o que os levou a darem maior importância a este aspecto na construção da pesquisa. A familiaridade que nós três temos com as pessoas a serem entrevistadas contribuiu muito para que pudéssemos pensar sobre questões a serem abordadas com cada uma delas.

Terceiro dia (02/11/2012)

No início da manhã, recebemos notícia da morte de Moacir, o segundo filho mais velho da finada Cacique Jandira. Algumas das pessoas com quem pretendíamos conversar neste dia se deslocaram para os ritos fúnebres no Krukutu ou estavam cumprindo resguardos relativos à morte do Moacir. Mesmo as pessoas que não participavam dos ritos ou resguardos, nos contaram que estavam tristes e pouco dispostas. O filho de uma das pessoas que pretendíamos entrevistar hoje nos contou que sua mãe havia tido um sonho muito ruim e, por isso, seus pais estavam recolhidos. Nós mesmos pudemos constatar isso quando nos aproximamos da sua casa e fomos recebidos com silêncio. Os pesquisadores perceberam que este tipo de acontecimento afeta profundamente as condições de realização da pesquisa, trazendo consigo a necessidade de redefinir, provisoriamente, alguns aspectos do plano inicial. Por outro lado, perceberam que os resguardos também fazem parte dos modos de circulação de conhecimento.

Outro acontecimento também marcou nosso trabalho no período da manhã, pois um dos pesquisadores foi alvo de uma reunião com vários membros da comunidade. Adriana e o outro pesquisador não participaram desta reunião, porque perceberam que era uma questão muito particular que ele não quis compartilhar conosco. Embora soubéssemos através de outras pessoas do que havia ocorrido, o pesquisador envolvido preferiu não conversar sobre o assunto e procurou se concentrar na realização do trabalho, conforme havíamos planejado no dia anterior.

No final da manhã, fomos até a casa de Hortêncio, pai da Para Adriana e sogro de Natalício. Encontramos parte daquele grupo de parentes reunidos do lado de fora da casa, tomando chimarrão. Adriana sugeriu que os pesquisadores entregassem um pacote de erva mate para Hortêncio, porque no dia anterior ele havia nos contado do seu desejo de tomar chimarrão,

mas que não tinha uma boa erva para toma-lo. Consideramos que isso fazia parte do processo de “preparar a conversa”, de que tanto conversamos no dia anterior.

Nilson começou a explicar para Hortêncio o motivo da nossa visita e lhe contou que queríamos aprender mais sobre o *xondaro*, desde que os dois rapazes participaram da reunião em Peguaoty. Nilson perguntou se Hortêncio poderia conversar um pouco conosco, enquanto isso, Vladimir preparou os equipamentos.

Os dois pesquisadores têm muita cumplicidade entre si. Embora não tivessem uma relação muito forte anterior a este trabalho, no decorrer da pesquisa, estão desenvolvendo formas muito boas de se ajudarem. Neste dia, Vladimir, que é mais jovem e parece mais tímido, cuidou mais dos registros e da definição do plano de trabalho, enquanto Nilson fez a maior parte das perguntas e também escreveu observações e comentários no caderno de campo. Cada um dos pesquisadores tem seu próprio caderno de campo, mas ambos disseram que preferem fazer as anotações no caderno da Adriana, que ficará com eles quando ela for embora.

Enquanto os dois pesquisadores conversavam com Hortêncio, Adriana sentou um pouco mais distante com a filha do Hortêncio (Para) e sua nora (Ara). Conseguíamos ouvir o relato de Hortêncio e, enquanto ele falava, as duas mulheres complementavam e faziam seus próprios comentários. Pouco tempo depois, Natalício (genro de Hortêncio) chegou e foi complementando a conversa.

A partir das discussões do dia anterior, os dois pesquisadores ficaram atentos para desenvolver uma conversa que seguisse o próprio caminho colocado pelo entrevistado, uma vez que este já estivesse informado sobre o assunto que interessa. Como em muitos casos, Hortêncio começou seu relato contando de como era sua vida no Paraguai, depois ele foi nos contando sobre experiências em diferentes lugares do Brasil, principalmente no Paraná. Seu relato seguia os lugares que havia percorrido ao longo da sua vida. Ele nos deu uma excelente oportunidade de perceber um aspecto recorrente neste tipo de pesquisa, porque em muitos momentos ele não falava diretamente sobre *xondaro*, mas sobre aspectos como a construção de casas e o modo de ocupação espacial. Com isto, os pesquisadores terão o desafio de procurarem conexões entre o que ele falou e os temas centrais da pesquisa, inclusive, tentando entender porque ele falou destes temas que eles originalmente não haviam previsto. Depois deste trabalho de interpretação, é possível que eles mesmos tracem suas próprias conexões entre estes temas, na hora de apresenta-los.

Natalício nos contou sobre o que aprendeu com sua avó e da sensação que tem de que se ela ainda fosse viva agora, quando ele já é adulto, ele teria muito mais condições de entender o que ela dizia e lhe fazer perguntas muito importantes. Ele falou para os pesquisadores que é importante fazerem o trabalho que estão desenvolvendo nesta fase da vida, em preparação para o que terão de aprender quando forem mais velhos e quando terão oportunidade de passar seus

próprios saberes para os mais jovens. Ele também nos contou que quando um jovem começa a fazer este trabalho, ele pode aprender muitas coisas, mas as pessoas não terem ainda confiança nele. No entanto, ele deve continuar porque está se fortalecendo e conseguirá, futuramente, usar este conhecimento para proteger sua família, cuidar das pessoas que precisam dele, ser uma boa liderança e dar bons conselhos para os mais jovens.

Natalício explicou que quando ele perguntava para seus avós e bisavós, eles diziam que nunca os Guarani tinham o costume de se pintarem, diferentemente de outros povos. Ele aprendeu que os *xondaro* guarani não fazem uso de pintura porque, diferente de outros povos, eles não tinham o hábito de guerrear entre si. Em vez de terem lideranças que disputassem o poder e o território entre si, os Guarani procuravam seguir seus *xamoi* e, quando não concordavam com algum outro grupo, se mantinham afastados. Nisso, a pintura estaria, no seu entender, diretamente relacionada à guerra e a conflitos políticos e territoriais. Natalício também nos contou do uso de elementos do cotidiano durante os resguardos relativos ao nascimento de crianças.

Depois de falarmos com Hortêncio, Nilson e Vladimir convidaram Karai Poty Donizete (filho de Ara e Maurício) para fazer uma entrevista. Esta iniciativa partiu da reflexão que fizemos no dia anterior sobre os conhecimentos e as experiências dos jovens, o que motivou os pesquisadores a incluíram também alguns jovens no plano de pessoas com quem querem conversar. Donizete foi muito cuidadoso em nos explicar que talvez não tivesse conhecimento para responder adequadamente todas as perguntas, por ainda ser muito jovem, mas ficou animado em participar. Ele explicou que quase tudo que aprendeu foi através da sua convivência com seu avô, Karai Poty José Fernandes. Ele perguntou para os dois pesquisadores como estavam organizando o trabalho, o que lhes deu uma oportunidade muito boa para descreverem o processo todo e também refletirem sobre ele. Donizete pediu para ver os cadernos de campo e, antes de começar a entrevista, leu o roteiro inicial de questões, dando novas sugestões, embora o Nilson lhe explicasse que tratava-se apenas de um roteiro, mas que não estavam seguindo diretamente uma metodologia pautada nestas perguntas.

Foi nesta entrevista que Vladimir conseguiu fazer mais perguntas, embora, para tanto, ele se referisse ao roteiro de perguntas, provavelmente porque isso lhe trazia alguma segurança.

Ao final da entrevista, Donizete conversou com os dois pesquisadores sobre a entrevista e lhes deu várias sugestões, desde aspectos técnicos, como formas melhores de usar os equipamentos para obter registros mais audíveis e imagens melhores, até aspectos da condução das entrevistas. Seu interesse pelo trabalho dos dois pesquisadores gerou um pouco de curiosidade que logo foi resolvida quando ele revelou que também queria ter participado do trabalho desde o princípio, mas que não pôde ir para o encontro em Peguaoty porque não podia faltar às aulas na escola que frequenta fora da aldeia.

Fizemos uma última entrevista com Yva Cecília que está vivendo no Jaraguá, mas que antes morava no Rio das Cobras (PR) e, por um período, morou com seu finado marido na aldeia Tangará (litoral sul de São Paulo). Ela é irmã mais velha do Sebastião Karai Tataendy e avó paterna do Nilson. Antes de entrevistarmos a Cecília, Nilson nos contou que ela é sua avó, mas que para ele é como se fosse sua mãe. Atualmente, ele está morando com ela. Nisso, Adriana o instigou a pensar um pouco sobre a lista de pessoas que tinha sugerido para entrevistar e analisar qual a relação dele com elas, porque suspeitava que fossem todas parentes próximas com quem ele tem muita familiaridade. Foi então que ele nos contou que além da Emília que é sua avó materna, ele se tornou muito próximo de Hortêncio, não por parentesco, mas por ter convivido com ele no Paraná e por ele ser uma pessoa que gosta de conversar bastante. Ele contou que Carlito é considerado seu tio, porque cresceu e viveu muito com seu pai e, por isso, o trata como se fosse filho ou sobrinho. No caso de Miguel, ele contou que não tem nenhuma relação de parentesco, mas que encontrou Miguel sozinho na *opy* quando voltou de Peguaoty e como ele estava muito animado com o que tinha acontecido naquela reunião, ele começou a conversar com Miguel sobre o encontro e acabou fazendo uma entrevista com ele.

Vladmir nos falou que gostaria de fazer uma entrevista com seu tio, Pedro Macena, porque é o parente mais próximo na aldeia que ele acha que pode lhes ensinar mais sobre a temática. Ele lamentou muito que o avô paterno dele, Mario, não estivesse mais no Jaraguá, porque ele é o mais idoso da família e já morou em muitos lugares, podendo contar para eles sobre as experiências que teve em cada uma das aldeias.

Depois desta conversa, Nilson passou a apontar para nós as pessoas que ele identifica como parentes, sempre que as encontrávamos na aldeia ou quando nos referíamos a elas. Ele também comparou os diagramas de parentesco que os antropólogos fazem com o jogo da velha que ele fazia para passar o tempo quando estudava.

Na entrevista com Cecília, ela nos contou como eram as práticas de *xondaro* quando ela era criança e jovem, as técnicas e os instrumentos que eram usados. Ela também falou de brincadeiras que as crianças tinham naquela época e de como era o cotidiano nas aldeias: como os mais velhos se dirigiam aos jovens, como os jovens deveriam se comportar quando entrassem na *opy*, como eles se preparavam ao longo da vida para desenvolver diferentes atividades. Adriana lhe perguntou em guarani se os *xondaro* usavam algum tipo de remédio para fazerem *xondaro* ou para se fortalecerem e, a partir da sua resposta, notamos algo muito interessante. Embora a entrevista fosse toda em guarani, quando Adriana (que não é Guarani) fez uma pergunta sobre remédio, a entrevistada automaticamente imaginou que estivesse sendo perguntada sobre remédios dos brancos e, por isso, respondeu que os *xondaro* não precisavam desses remédios, usavam apenas seus próprios instrumentos. Percebendo o equívoco, Nilson refez a pergunta,

perguntando se havia remédios do mato que eram usados pelos *xondaro*, e recebemos uma resposta completamente diferente.

Quando terminamos a entrevista, Vladimir comentou sobre a maneira muito diferente como ela nos respondeu e pudemos constatar que, embora a pergunta estivesse correta, é muito importante considerar quem faz a pergunta, pois o entrevistado vai responder de acordo com o que imagina que a outra pessoa seja capaz de entender. Por isso, passamos a refletir sobre os modos como pesquisas feitas por pesquisadores não indígenas e pesquisadores guarani podem se diferenciar. Este ponto tem sido recorrente em conversas que tivemos com muitas pessoas da aldeia, e a entrevista com a Cecília foi um ótimo exemplo.

Ao constatarmos que as outras pessoas com quem pretendíamos conversar estavam cuidando de outras preocupações, resolvemos apenas conversar com elas sobre a possibilidade de fazermos entrevistas com elas nos próximos dias, quando estivessem mais dispostas. Foi importante tomar cuidado para que os dois pesquisadores percebessem que esses adiamentos e a reorganização do plano de trabalho fazem parte de uma pesquisa, mas não a inviabilizam nem tampouco expressam uma rejeição por parte da comunidade em relação ao seu trabalho.

Também combinamos que nos próximos dois dias trabalharemos com transcrição e análise das entrevistas. Os dois pesquisadores disseram que estão muito preocupados com a tradução dos relatos, mas Adriana explicou que seria bom primeiro nos concentrarmos em trabalhar com todo o material em guarani para depois pensarmos em modos de fazer traduções. Os dois pesquisadores contaram que sentiram mais dificuldade em fazer o trabalho quando estavam com a Joana porque ela pedia para que eles contassem para ela em português tudo que as pessoas diziam e eles tinham que pensar muito rapidamente nas duas línguas. Mas, enfatizaram que gostam muito da Joana e de fazer o trabalho com ela, só que experimentaram muita dificuldade em traduzir rapidamente as ideias para o português. Adriana lhes contou que é muito provável que a Joana tivesse feito esse exercício com eles para que pudessem estar mais atentos para os desafios da tradução, mas que ela também trabalha com pesquisadores que desenvolvem todo o trabalho na sua própria língua e depois selecionam o que vão traduzir, pensando muito sobre como vão fazer essa tradução.

Os dois pesquisadores lembraram, então, do texto dos Wajãpi que foi lido durante a oficina em Peguaoty, dizendo que provavelmente foi um trabalho longo de tradução, mas que eles tiveram dificuldade para entendê-lo, mesmo sendo em português.

Quarto dia (03/11/2012)

Iniciamos o dia de trabalho com a organização do material registrado no final do dia anterior, e retomamos o planejamento do trabalho que faríamos hoje. Percebemos que um aspecto fundamental da preparação das entrevistas é conversar com a pessoa a ser entrevistada com antecedência para explicar sobre o trabalho e combinar a conversa para o dia seguinte. Independente da faixa etária do entrevistado, todos conseguem conversar muito mais conosco quando tiveram um tempo para se preparem. Por isso, no dia anterior, já havíamos combinado com algumas pessoas que faríamos este trabalho juntas no dia seguinte.

Muitas dessas pessoas foram fazer feira no começo da manhã, por isso resolvemos conversar com Pedro Macena, que é irmão do avô paterno do Vladimir. O Pedro conversou com Adriana e Joana no primeiro dia, quando apresentamos o trabalho que os pesquisadores fariam. Nesta ocasião Pedro compartilhou conosco muitas informações sobre as formas como adquiriu diferentes saberes, sobre as diferenças entre a vida contemporânea e aquela que ele conheceu quando era mais jovem, ou sobre a qual ouviu contar por seus avós e sobre a situação dos jovens no Tekoa Pyau. Desde esta conversa, ele se dispôs a contribuir com os dois pesquisadores na realização do seu trabalho.

A entrevista com o Pedro foi muito boa, inclusive foi uma das entrevistas mais longas que gravamos até agora. Ele não se ateve a questões diretamente relacionadas às práticas dos *xondaro*, mas também falou sobre as formas de adquirir e transmitir saberes e cuidados com as relações entre parentes. Os dois pesquisadores foram orientados por Adriana, após o término da entrevista, a registrar algumas informações sobre a entrevista, não apenas seu conteúdo, mas também outras observações que tiveram sobre a realização dela ou ideias para futuras conversas. Adriana percebeu, no entanto, que eles registram pequenos resumos do conteúdo que foi relatado, ainda sem grande atenção para os outros aspectos.

Quando terminou a entrevista, os dois pesquisadores estavam muito ansiosos para ouvi-la e armazená-la no computador, inclusive porque queriam ter certeza de que tinham conseguido registrar tudo. Enquanto estávamos na *opy*, fazendo esta atividade, Pedro foi nos procurar e complementou sua entrevista, desta vez em português (provavelmente para que Adriana pudesse aproveitar melhor o conteúdo). Durante esta conversa, que não foi gravada, os dois pesquisadores apenas ficaram ouvindo a longa conversa entre Pedro e Adriana.

Enquanto ouvíamos as gravações e filmagens, percebemos que ruídos externos atrapalham na captação e na reprodução dos registros, por isso, os dois pesquisadores resolveram fazer esforços para que os entrevistados viessem até a *opy* ou outro lugar mais silencioso para as entrevistas. Isso nem sempre é fácil, pois as pessoas costumam nos receber em suas casas ou mesmo na parte externa da residência e é às vezes difícil convencê-las a irem para um outro lugar,

principalmente porque se sentem mais confortáveis em falar dos seus conhecimentos e experiências na intimidade das suas casas, onde têm mais privacidade.

Conseguimos fazer as próximas duas entrevistas na *opy*, mas sempre fomos até as casas dos entrevistados para chama-los e conversar com os parentes delas que lá estivessem, antes de caminharmos juntos até a *opy*. Estas conversas com os parentes dos entrevistados têm contribuído para que mais pessoas saibam da pesquisa e se interessem, inclusive, dando suas sugestões e contribuições para o trabalho.

Fizemos uma entrevista com Karai Ronaldo Lima que nos contou sobre sua participação nas atividades relacionadas à *opy*, desde quando era pequeno e seu pai tinha sua própria *opy* em Ubatuba. Ele também nos contou das atividades que os *xondaro* desenvolvem e dos motivos pelos quais agem assim. Karai Ronaldo nos deu sugestões de outras pessoas com quem poderíamos conversar, após pedir informações sobre as pessoas com quem já tínhamos conversado (tudo isso antes de começarmos a entrevista).

Quando terminamos a entrevista, Nilson comentou que ficou surpreso com a maneira como Karai Ronaldo conversou conosco, pois algum tempo atrás ele era muito tímido e quase não falava sobre o que conhecia, mas desta vez ele conversou muito conosco e transmitiu segurança e autoridade no que falava. Os dois pesquisadores também observaram que ele se preparou bem antes de falar conosco.

A próxima entrevista foi feita com Tupã Mirim Evandro. Ele começou nos contando que está muito interessado em desenvolver seus próprios trabalhos com os jovens da aldeia, inclusive para valorizar mais o trabalho do Nilson e do Vladimir. Ele perguntou para eles como eles estavam desenvolvendo o trabalho e pediu para ver o roteiro de perguntas, quando eles contaram para ele que tinham algumas questões que estavam discutindo com as pessoas em cada conversa. Isso foi particularmente interessante porque os dois pesquisadores não costumam usar este roteiro na realização das entrevistas, mas usam como uma espécie de referência. Nilson percebeu que ele realmente prefere apenas contar para o entrevistado sobre o projeto e os temas que têm despertado o interesse e a curiosidade deles para depois fazer uma pergunta geral e deixar que o entrevistado fale mais livremente. De acordo com o que é dito, ele elabora novas perguntas, interagindo com as respostas do entrevistado. Nisso, a entrevista se aproxima da forma de uma conversa. Vladimir parece ter um pouco mais de dificuldade para realizar a entrevista e coloca várias dúvidas sobre as perguntas que deve fazer para cada entrevistado. Ele prepara um conjunto de perguntas e, em algumas circunstâncias não fazia nenhuma pergunta, deixando que o Nilson assumisse a direção, enquanto ele cuidava dos registros. Por este motivo, Adriana e Nilson resolveram que com alguns entrevistados (aqueles com quem Vladimir tivesse mais familiaridade e que estivessem mais informados sobre o trabalho) Vladimir seria responsável por realizar a maior parte da entrevista.

Este foi o caso na entrevista com Tupã Mirim Ivandro. Vladimir cuidou de fazer as perguntas, mas sua timidez fez com que ele frequentemente se reportasse às perguntas que tinha anotado no caderno. O entrevistado foi extremamente generoso ao perceber suas dificuldades e procurou auxiliá-lo, inclusive, contando piadas e fazendo brincadeiras. Ao final da entrevista, Tupã Mirim lembrou para os pesquisadores que eles deveriam conversar mais com as mulheres, pois o conhecimento deles só seria mais completo quando conseguissem falar sobre os *xondaro* e as *xondaria*, como eles se diferenciam e como se complementam. Os dois pesquisadores perguntaram quem eles deveriam procurar para falar sobre isso e Tupã Mirim sugeriu que falassem com Para Virgínia. Os dois contaram para ele que Adriana já os havia aconselhado neste sentido e que eles cuidariam de falar com Para Virgínia para ver se ela poderia ajudá-los.

Depois de organizarmos o material gravado durante o dia, Adriana orientou os dois pesquisadores a prepararem um texto para o dia seguinte em que fizessem uma reflexão sobre o desenvolvimento do trabalho, dificuldades que encontraram até agora e o que aprenderam sobre as atividades de pesquisa. Como eles já fizeram algumas anotações sobre os conteúdos das entrevistas, eles poderiam se reportar a elas para escreverem o que aprenderam e o que gostariam de pesquisar mais.

Esta ênfase em tentar explicitar para os dois pesquisadores algumas diferenças entre os conteúdos da pesquisa e as formas de transmissão de conhecimento é importante neste momento porque, embora não sejam dissociadas, estar atento para cada um destes aspectos pode contribuir para que pensem melhor sobre diferentes formas de circulação de saberes e também como os conteúdos estão relacionados às formas de circulação (aquisição, circulação, contexto, sujeitos, etc.).

Outro aspecto que deve ser ressaltado neste relatório é que conseguimos, ao longo destes dias, criar uma percepção muito positiva, por parte dos outros moradores e lideranças da comunidade, sobre o trabalho que os dois pesquisadores estão desenvolvendo. É frequente que pessoas carinhosamente se refiram a eles como “nossos pesquisadores” e perguntem como está o andamento da pesquisa. Isto tem sido possível por conta da grande dedicação dos dois pesquisadores e da maneira como estamos gradativamente tornando visível as diferentes etapas do trabalho, assim como os primeiros resultados. O apoio e o reconhecimento da comunidade é fundamental para que os dois pesquisadores possam dar continuidade a este trabalho quando tiver passado esta fase de acompanhamento, pois em vez de parecer ser uma atividade do CTI ou da Adriana, que já têm alguma credibilidade entre as lideranças, está se constituindo como um trabalho de dois jovens daquela aldeia. Talvez seja por isso, também, que os dois pesquisadores têm refletido e falado muito sobre suas próprias histórias de vida, ao longo destes dias de trabalho.

Eles estão constantemente pensando sobre os tipos de relações que têm nesta e em outras aldeias e analisando suas escolhas e as coisas que estão aprendendo.

Finalizamos o trabalho, falando com a Para Virgínia para combinarmos uma conversa para o dia seguinte.

Quinto dia 04/11/2012

Discutimos algumas questões que poderíamos abordar durante a entrevista com Para Virgínia. Quando fomos até sua casa, ela preparou um lugar para conversarmos em frente à casa, mas Vladimir percebeu que havia muito ruído lá e propôs que fizéssemos a entrevista na *opy*. Virgínia nos contou sobre as atividades das *xondaria*, sobre instrumentos que eram usados antigamente e atualmente e das dificuldades de encontrar, atualmente, remédios e plantas.

Depois da entrevista, começamos a fazer a transcrição da entrevista gravada com Pedro Macena. Esta atividade nos ocupou o resto do dia e não conseguimos concluí-la, mas os dois pesquisadores ficaram de terminá-la nos dois próximos dias, quando teríamos um intervalo do trabalho. Conversamos sobre algumas estratégias de transcrição. Decidimos fazer a transcrição em guarani e não traduzir este material para o português, por enquanto. No entanto, depois de ouvirmos um curto trecho, os dois pesquisadores automaticamente começaram a fazer uma tradução, que na verdade era um resumo da fala. Nisso, Adriana insistiu para que ouvissem novamente o trecho e escrevessem em guarani o que foi dito, o que trouxe alguns resultados interessantes. Primeiro, descobrimos que Nilson tem muita facilidade para escrever em guarani e fazer transcrição. Isso chamou atenção porque, embora ele fale muito bem o português, ele tem alguma dificuldade para escrever em português. Também notamos, após pouco tempo, que ele tinha tanta facilidade para fazer o trabalho que começou a “pular partes que considerava menos importantes, para terminar mais rápido”. No entanto, Adriana lembrou que o procedimento de transcrição é um exercício de pesquisa que precisamos conhecer, e, embora futuramente possamos selecionar partes do relato, editá-las e resumi-las, neste momento seria mais interessante trabalhar com o relato integral. Talvez ela tenha sido demasiadamente enfática quando perguntou aos dois pesquisadores se, depois de tanto conversarem com os mais velhos sobre a importância de ouvir e respeitar suas palavras, não seria estranho cortarmos as palavras que nos confiaram. Inclusive, mais tarde, o próprio Pedro Macena perguntou para Adriana se não estavam editando e recortando seus conselhos. Esta questão da edição e também das práticas de resumir, explicar e sintetizar as informações coletadas serão temas interessantes para discutir futuramente. Depois de refletirmos um pouco sobre isto, resolvemos que faríamos uma transcrição íntegra desta entrevista.

Vladmir teve um pouco mais de dificuldade para fazer a transcrição. Ele escreve muito bem, mas com bastante cuidado, o que torna este um exercício mais lento. Sua preocupação com a escrita faz com que ele tenha mais dificuldade para dividir a atenção entre o que está escutando e escrevendo. Nós repetimos os vários trechos muitas vezes para que pudesse completar seu registro. Também adotamos a estratégia de comparar o que Nilson, Vladmir e Adriana tinham escutado e escrito. O texto do Nilson acabou servindo de referência para o grupo, porque estava sempre mais completo. Embora não estivéssemos trabalhando com tradução, ocasionalmente Adriana pedia para os dois pesquisadores explicarem algumas palavras e ideias que estavam presentes no relato. Quando isso acontecia, Vladmir elaborava ótimas explicações, inclusive dando exemplos contextualizados de quando uma expressão pode ser usada. Com isto, percebemos que os dois pesquisadores têm habilidades que se complementam muito bem, e Adriana sugeriu que eles continuassem trabalhando juntos no decorrer da pesquisa, tanto na realização das entrevistas, como nas demais atividades, embora talvez tenham um pouco de dificuldade para conciliarem seus horários.

Quando encerramos o dia de atividades, organizamos o material para que cada um dos pesquisadores tivesse uma cópia de todos os arquivos e Nilson propôs uma forma de organizar as pastas que facilitará muito o acesso e o uso dos materiais.

Sexto dia, 19 de novembro:

Havíamos combinado que os dois pesquisadores teriam completado a transcrição da entrevista com Pedro Macena desde nosso último encontro. Isto não aconteceu porque eles passaram os arquivos do cartão de memória do gravador para um computador do CECI e depois para seus pen-drives. Neste processo, os arquivos não foram copiados, mas sim removidos do cartão de memória. Por conta disso, não conseguiram mais ouvir os arquivos no gravador e, tampouco, têm acesso suficiente aos computadores do CECI para fazer atividades mais longas, como é o caso de transcrições. A tentativa de passar os arquivos novamente para o gravador também foi inútil, pois o cartão de memória do gravador está protegido.

Considerando que os dois pesquisadores realizaram várias entrevistas e que seria proveitoso completar uma experiência de transcrição para que pudessem ter contato com esta metodologia e usá-la na sua pesquisa, inclusive para reconhecer algumas diferenças significativas entre a forma escrita de uma fala e sua forma oral (isto será retomado mais adiante), Adriana optou por dar continuidade à transcrição da entrevista com Pedro Macena. A entrevista tem cerca de 40 min. de duração, mas a transcrição contemplou apenas os primeiros 10 min., embora tivéssemos dedicado longas horas a este trabalho. Além de ouvirmos o arquivo, pausar e repeti-lo várias vezes para podermos escrever no caderno o que havia sido dito, também fazíamos uma

revisão de cada trecho que era escrito, de modo a perceber se fazia sentido, se estava completo e se todo mundo havia registrado o mesmo conteúdo.

Durante esta atividade, Adriana observou que Nilson tinha muito mais facilidade em fazer esta atividade do que o Vladimir e que Vladimir passava a depender cada vez mais das anotações do Nilson para completar suas próprias anotações, até chegar ao ponto em que Vladimir ficou tão inibido que não fazia mais registros, apenas copiava o que Nilson tinha anotado. Percebendo que o Vladimir não tinha dificuldade nem desinteresse com relação à transcrição, mas apenas ficava constrangido com a diferença de ritmo entre ele e o Nilson, Adriana sugeriu que Vladimir trabalhasse na transcrição de uma outra entrevista. Juntos, escolhemos a entrevista da Para Virgínia e passamos o arquivo para um gravador extra que Adriana tinha trazido. Vladimir resolveu trabalhar sozinho num canto da *opy*, usando os fones de ouvido e, realmente, enquanto ele trabalhava sozinho o trabalho fluiu com muito mais facilidade.

Os dois pesquisadores transcreveram os primeiros 10 min. de cada entrevista e depois revisamos as anotações para que Adriana pudesse passa-las para o computador. Nesta primeira revisão, não tínhamos percebido que não havia qualquer marca de pontuação ao longo de toda a transcrição. Isso aconteceu porque ainda estávamos com as falas na cabeça e fazíamos as pausas e ênfases durante a leitura em voz alta. Foi apenas ao passar as transcrições para o computador que Adriana notou isso, e começou a pontuar o texto por sua própria conta. Mas, percebendo que uma conversa sobre o uso de pontuação poderia ajudar a explicitar algumas diferenças entre a comunicação oral e escrita, Adriana resolveu deixar parte de cada um dos textos sem pontuação para que no dia seguinte usassem o trecho com pontuação e sem pontuação para fazer um exercício.

Sétimo dia, 20 de novembro de 2012

Havíamos programado uma caminhada para identificação de limites da TI, mas os dois rapazes acabaram não participando da caminhada, então resolvemos dar continuidade ao trabalho que iniciamos no dia anterior. Adriana entregou as duas transcrições impressas para os dois pesquisadores, com o intuito de desenvolver a atividade que havia planejado, mas Nilson estava um pouco adoentado e muito triste com algumas coisas que tinham acontecido com ele na noite anterior e falou que queria trabalhar sozinho. Ele queria começar a traduzir a entrevista, a partir da transcrição e, embora tivéssemos pensado em fazer esta atividade todos juntos posteriormente, experimentando diferentes metodologias, julgamos que seria melhor respeitar seu desejo e deixar que sua experiência servisse como ponto de partida para futuras discussões sobre os desafios da tradução. Ele trabalhou a tarde toda sozinho na tradução de um trecho da entrevista que ele mesmo

transcreveu. Curiosamente, na versão em português, ele colocou pontuação e separou a entrevista por parágrafos, dividindo de acordo com mudanças sensíveis no tema, etc.

Adriana e Vladimir trabalharam juntos na revisão da transcrição da entrevista de Para Virgínia. Adriana mostrou a forma como tinha pontuado o início da entrevista e resolvemos ouvir novamente a entrevista para perceber se esta pontuação seguia (aproximadamente) as pausas, continuidades e ênfases que estavam colocadas na forma oral. Fizemos isso para o resto da entrevista e transcrição e Vladimir explicitou as escolhas que fazia no caso de cada ponto, por exemplo, por que ele achava melhor juntar algumas ideias e dividir outras, etc. Ele também notou que, num texto editado, provavelmente teria que excluir algumas ideias que eram repetidas e explicar melhor outras que não ficariam claras para o leitor (mesmo que estivesse em língua guarani).

No final do dia, tínhamos uma transcrição que estava revisada, de acordo com as escolhas que o pesquisador fez na ortografia, pontuação e organização do texto; uma transcrição ainda não revisada, mas, cujo início o pesquisador traduziu, trazendo vários elementos interessantes para uma discussão sobre tradução.

6) Avaliação

Vários pontos relevantes para a avaliação estão descritos detalhadamente acima e não serão reiterados aqui, porque precisam de uma contextualização maior. Por isso, destaco alguns pontos que ainda não foram mencionados, mas que podem contribuir para futuras etapas do projeto. Neste sentido, constituem, sobretudo, sugestões que surgiram durante este trabalho de acompanhamento. Algumas destas sugestões partiram dos próprios pesquisadores e são incorporadas aqui.

Os dois pesquisadores se mostraram muito empenhados e interessados neste trabalho, e percebemos que algumas medidas podem contribuir para que realizem o projeto com mais êxito. Por exemplo, quando nos aproximávamos do final da etapa de acompanhamento, frequentemente os dois perguntavam o que deveriam fazer depois que tivéssemos encerrado esta etapa e estivessem trabalhando sozinhos. Aparentemente, o trabalho de acompanhamento, com o planejamento diário de atividades, colocava um norte e um ritmo para a pesquisa que lhes pareceu proveitoso. E, embora o planejamento fosse discutido com eles, era largamente orientado pelas iniciativas da Adriana e suas ideias sobre como desenvolver uma “breve aprendizagem em metodologia de pesquisa”.

Daqui pra frente, é importante que os próprios jovens pesquisadores se apropriem do planejamento, da realização e da organização da pesquisa com autonomia. Para que isso aconteça, temos as seguintes sugestões:

Nas reuniões com os outros pesquisadores e os coordenadores, poderiam ser traçados alguns objetivos, com um cronograma flexível de atividades para serem realizadas num período determinado de tempo, com vistas, inclusive, a compartilhar alguns dos resultados destas atividades num próximo encontro. Nilson e Vladimir trabalharam com a ideia de selecionar e preparar alguns materiais para compartilhar com o grupo todo na próxima reunião coletiva. Isso não apenas contribuiu para o planejamento das atividades, como também ajudou a pensar em formas de tornar o trabalho e seus resultados mais acessíveis às pessoas da comunidade que não estão diretamente envolvidas com o projeto.

A divulgação deste trabalho para a comunidade é um ponto muito importante que não é resolvido apenas com a realização de uma reunião de apresentação. Isso é fundamental até mesmo para que o trabalho se realize bem. Nós experimentamos várias estratégias ao longo do processo de acompanhamento, e percebemos que este terá que ser um esforço contínuo para que não haja uma perda de força, apoio e interesse.

Outro ponto sobre o qual os dois pesquisadores têm dúvidas e reflexões é a atividade de tradução. Acreditamos que seria muito proveitoso ter uma oficina específica com o conjunto de pesquisadores para tratar deste tema e desenvolver alguns exercícios que explicitem os desafios envolvidos. Acredito que nesta atividade também surgirão questões envolvendo as relações entre oralidade e escrita, principalmente considerando as diferentes experiências que os pesquisadores têm com a escrita.

Os dois pesquisadores solicitaram que fossem feitas camisetas para os membros deste projeto, como forma de tornar seu trabalho mais visível e reforçar o papel que estão construindo como pesquisadores. Seria interessante que isso fosse discutido com os demais membros do projeto e a coordenação para avaliar esta proposta, mas, sobretudo, para discutir melhor com os jovens a natureza deste trabalho e a relação dele com outras práticas de conhecimento, assim como o lugar ou o papel dos sujeitos destas práticas.

Também avaliamos que o acompanhamento deste projeto por pessoas que tenham familiaridade com os Guarani e com a língua contribuiu muito para o desenvolvimento do trabalho, inclusive, para construir um trabalho que é valorizado por outras pessoas da comunidade e criar formas para que elas se envolvam na sua realização.

7) Anexos

Transcrição da Entrevista do Pedro Macena com uma breve experiência de tradução;

Transcrição da Entrevista de Pará Virgínia.

Todas as fotos, gravações e vídeos estão com os pesquisadores, que irão selecioná-las para compartilhar com o grupo no próximo encontro.

Aqui estão duas fotos: a primeira selecionada pelos dois pesquisadores, a segunda por Adriana.



Foto dos dois pesquisadores



Foto dos dois pesquisadores

Transcrição Entrevista com Para Virginia

Local: TI Jaraguá

Entrevistadores: Nilson Verá Popygua e Vladimir Wera Mirim

Transcrição: Vladimir

Digitação: Adriana

Revisão: Adriana e Vladimir

Oporandu: Yma ramo pa xondaria kuery oporai rive terã ojerky?

Omombe'u: Xee ma aexa karamboa'e xondaria kuery ikuai va'e oka re ojeroky va'e ae vi. Aexa karamboa'e, mba'emo no'õ oĩ ramo ha'e kuery xondaro oka re nhua'ã rã pa kunha gue ojeroky ovy. Karamboa'e, va'e ri ijeyvy rupi ojeroky omongora pe ava kue ojeroky hyvy rupi va'e ri aỹ ava rami rive ojeroky ha'e rami e'ỹ. Xee aexa karamboa'e ae he'i e'ỹ aỹ ava rami rive ojeroky karamboa'e aexa jave. Ha'e ojerojy ae va'eri ha'e kuery pa nami joyxy porãi oo ha'e gui opo opo reve meme ojeroky karamboa'e, ha'e rami ojeroky ramo aexa va'e kue aetu marã São Vicente oĩ va'e Rarina ha'e ma orembojeroky va'e kue, xee voi aetu ojeroky karamboa'e va'e kue tavy.

Oporandu: ojeroky va'e pa mba'e mo oiporu raka'e kunhague?

Omombe'u: inhakã regua reve ma ojeroky ha'e kuery. Ha'e gui ka'aru ri ojeroky ndopytu'ui py ha'e rami haku va'e kuery ko nhanderu ete oupity oka py ve oity, oity va'e oity rã pa opy ogueroike ha'e rami rive oguereko karamboa'e xee aexa ma ha'e rami amboae ha'e rami ndaexai ojeroky ramo, xee ma aiko va'e.

Oporandu: xondaria kuery pa ava kuery rami ae vy pa onhepoano va'e?

Omombe'u: Ha'e rami gua oipoanoõ va'e kue oma'ẽ atã va'e tu joo rami aetu xondaro rami aetu. Xee ma ndaikuaai xepoanoa pyre terã anỹ xee ndaikuaai va'e ri ama'ẽ atã va'e ri tavy xee mba'emo ete ndajapoukai tavy ndajapoukai ha'e rami pa yma ve ikuai va'e kuery aỹ pa ha'e rami e'ỹ. ha'e gui ndaexai avi karamboa'e pe tangara'i rami ojeroky rã ndoikoi karamboa'e ha'e jave aỹ kue'i rai rai gui maetu xee aexa ha'e rami kunhague ojeroky rã.

Oporandu: Yma xondaro ojeroky va'e rã mbaraka pu re?

Omombe'u: anỹ, angu'apu re rive ma ojeroky. Angu'apu ha'e gui mbaraka rive ha'e gui pe popygua va'e rive oguereko va'e ha'e ma ha'e jave pa mbaraka ndokoi, opyi re teĩ pa mbaraka ndoguerekoai.

Oporandu: Mba'exa gua poã tu ha'e rami gua py jaiporu?

Omombe'u: Haxy rima koo rupi jajou aguã aikuaa aetu mba'exa gua poã aikuaa va'e ri ndajoui rã ha'e ma xe pa aikuaa amongue henda mba'emo rei aikuaa ete poã poã ramo rei tu.

Oporandu: Yma ramo mba'e tu xondaro ojapo?

Omombe'u: Xondaro kuery ma kunhague rami eỹ ikuai ma xondaro kuery ma ivare aguã rami gua ombo'e ramo. Ompamba'e py ma xondaro rembiapo, jape'a omono'õ, ovy voi, hexaĩ mba'mo rembiguaia ramo ojapo já mbeguei e'ỹ. kurive'i va'e ỹ, xondaro ma já xondaro ha'e ma. Mba'emo rembiguaia aỹ hi aĩ já oo ojevy rive'i aguã, ha'e rami gua pe ma xondaro he'i yma, aỹ tu hery rive ete ae ma jaiporu.

Oporandu: mba'etu xondaria?

Omombe'u: Xondaria ma oiko ikuai xondaria rembiapo ha'e ma ikuai xondaro'i kuery rembiapo ha'e rami omboja'o. Xondaria kuery rembiapo ma nami yvyra ija ikuai va'e, tuja kueve ikuai va'e omõgua'y'u, petỹgua oapy, oka oipei. Ha'e rami gua xondaria kuery rembiapo amongue onheani ma jape'a ogueru ha'e ma já ovare rã oikuaapota vy, xee ma opamba'e ajapo ha'e rami ha'e vy ma ajapokuaa pa rei mba'emo va'e ri xee ma xeropy aĩ xeropy rive'i xee mbae'eve aikuaa rami e'ỹ aĩ va'e ri mba'e mo ramo aikuaa nhõ ha'e va'e ri.

Oporandu: yma pa nhembo jegua pa raka'e?

Omombe'u: ha'e ma oiko ete ha'e ma aỹ teĩ ae pa ha'eve ae kunumigue, kunhataĩgue inhe'ẽ guxu va'e okuapy ramo nhamojegua aguã ha'eve ri ijegua rã pa ndojajoui. Ha'e va'e ma jajapo aguã ndaxyi va'e ri haxy koo rupi jajou aguã. Paraná re ma aỹ teĩ jajerure ete'i ramo ojapo va1e rã, xee aikuaa teri teĩ. Ijegua va1e ma ijegua ete ae ma.

Oporandu: Mba'exa gua gui tu mbo'y rami gua ojapo?

Omombe'u: Kapi'i'a ma oiko ve'i eri yma guive. Ha'e va'e ma nhande kuery po'y heri ae nho. Ha'e rã yva'ũ rima ndaikuaai kue rai gui ma aexa rire ndaikuaai. (11.23).

Transcrição Entrevista com Pedro Macena

Local: TI Jaraguá

Entrevistadores: Nilson Verá Popygua e Vladmir Wera Mirim

Transcrição: Nilson e Vladmir

Digitação: Adriana

Tradução inicial: Nilson

Oporandu: Mba'e tu ndejaryi kuery nembo'e raka'e?

Omombe'u: Yma xe kunumĩ jave ma xejaryi kuery, xeramoĩ kuery, xetuty kuery omombe'u yma ve mba'e xa raka'e. Omombe'u xetujarãre mba'e xa pa xeray kuery arekokuaa aguã. Xeramoĩ ijayvu nhanekyrĩ rie irama ha'e ramo. Renhembra'e rã mba'e mo rejapokuaa agüã he'i xevy pe. Ajaka, mbo'y, guyrapa, mba'emo ajapokuaa aguã re ma xembo'eve va'e kue. Ha'e vy ma xeray kuery amõgakuaa aguã aikuaa. Hama êty aguã re ma xembo'eve va'e kue mba'e ta remenda va'e rã py, he'i.

Ha'e vy rae ma nderay kuery pe ju ha'e va'e kue remombe'u aguã reikuaa re reko porãi aguã re rekokuaa porã mĩ ayvu xemombe'u va'e kue. Rejoapy vy na ema nderay kuery pe ju remombe'u aguã rekuua, he'i xevy pe va'e kue.

Ra'e ramĩ yma xejaryi kuery xemongueta va'e kue. Ha'e rami he'ỹ nderejapyxakai vy ma ndereikuaai rã mba'exa pa nderay kuery remongueta aguã, he'i. Remboguapy vy ma ijayvu aỹ ramĩ e'ỹ. Karã aỹ py ndaijayvuive ha'e jave ma ijayu mboapyi he'ỹ guive ijayvu.

Va'e ri orereko rã meme py ijayvu ha'e jave py xeramoĩ aipo he'i xevy pe. Nhemongueta e'ỹ py kova'e he'i ha'e vy ma aipo he'i kova'e ma nderko rã meme ma kova'e he'i. Reiko porãi aguã ma, he'i xevy pe va'e kue. Ha'e vy a'e ma yma guare vei aiporu. Yma xepyrei jurua mba'e aipory va'e kue y xe'e.

Ha'e rami vy a'e ma xe'e ndaxepoapyi regua kuai mba'emo. Jurua kuery mba'e rei ndaiporukuaai kuei-kuei gui maetu aiporu xeramoĩ kuery ma ha'e ramĩ gua oipory kuaa va'e kue ỹ, aipo he'i. ha'e ramĩ gua ma nhanderu kuery ndoexaxe va'e, he'i. ha'e ramĩ gua nhanderu kuery ndoexaxe va'e rive ma peiporu, he'i.

Jurua ramĩ hete peiko aguã e'ỹ ma nhanderu nhamombe'u va'e kue, he'i ma xevy pe karã. Ha'e vy ma opamba'e re ijayvu he'i. karuai reaxa jaxa va'e rã meme. Ha'e ma ndekua'i, he'i. Porãmĩ ma xevy pe ijayvu karã. Ha'e rami teĩ ma nda'evei re reropoxyrei aguã nderu kuery pe ju ma reroporandu mba'emo rejou aguã. Ka'aguy rupi riko monde rejapo, nhoã rejapo ramo voi, koẽ-koẽ voi ma nerembai na ema mba'e ta ija va'e meme py vixoi kuery voi. Ha'e ramĩ gua ha'e jai kãtueĩ re ijayvu he'i kue xevy pe.

Ijayvu yvyra ha'e ramĩ gua mĩ gua re xemomba'e kuy va'e kue y yvyra poty re ita re opamba'e re yvy re, opamba'e re ne mba'e vy kuy emẽ. yvyra ijayvuky emẽ, tove tai kuai'i, he'i. Inhe'ẽ porã va'e ma, remondo parei ramo inhe'ẽ vai ramo nda'evei na, he'i. ypy rejau vy voi ma rejau porãi ma ra mã rejau pa vy reẽ ha'e gui já reju ju ma apy, y rembe re voi jaiko vai pa rei va'e e'ỹ ma y tu ija va'e ma y jajavy kuy rei va'e y ma, he'i pa va'e kue. Ha'e ramĩ gua kãtueĩ xeramoĩ kuery xevy pe omboaxa. Ha'e ramo xe ma yvyra romboguai rive agũa voi ndoejai ha'e kuery. Emboguai emẽ yvyra, reiporu va'e rã rima ha'eve remboguai agũa ha'e ri reiporu agũa vy tavy ha'eve reakeo agũa harã reiporu va'e rã e'ỹ ma tove, he'i pa va'e kue xevy pe. Ha'e ramĩ rupi xee akakua va'e kue, ha'e ri xee voi aỹ ramo vi xe arandu ve avy xee xeaã re xearandu'a amoĩ porã heravy. Jaikuapota voi havi mba'erã pa nhaneramoĩ kuery ijayvu. Xee ma ndaxeayvui xeray kuery pe ndaxeayvui vaipai. Va'e ri xee rive ma ndaikuaipotai amongue py anhenõ ma ajupy vy mae ma xeray kuery pe. Xeramoĩ kuery xevype omboaxa va'e kue re xema'endua. Mba'ere pa xeramoĩ kuery ijayvu raka'e ha'e gui ju py xee aikuaa heravy. Ha'e ramĩ vy ha'e ma nderay kuery remonguetakuaa.

Ha'e ri aỹ gui ma ndaijayvuvei jurua retã re rei py nhandekuai, nhandeayvu ndajaiporuveima guive ha'e ramĩ gua re guive nhaneramoĩ aỹ gui ijayvu nhandereko etei porãi ndajarekoveima nhe'ẽ kuery rive py apy nhandekuai jurua kuery nõvaẽ vaipai py. Apy ma, nhandereko vei jaiporu mba'emo voi. Aỹ jajou teri ka'aguyre va'e ri orekuery romanõ mbai na ema. Pende ta pendekuai tenondeve re voi jurua kuery voi oikueve rã nhande rekoare. Ha'e vy ma nhanderekoa opa ve ma ovy na ha'e vy ha'eve mĩ pendekuai.

Namĩ ramo pe ha'e ma xeramoĩ kuery ijayvu raka'e. tenondeve re ma amboa'e ramĩ na peixa agũa pe havã pe xe ma raka'e. amboa'e ramĩ ha'e ri tenondeve re ma já amboa'e ramĩ marã nhandereko.

Nhandereko ova pa ma ovy, he'i ma xevy pe karã. aỹ ma e ma arovia xe ha'e vy ma nhaneramoĩ kuery ijayvu va'e ma ha'eve arupi meme ijayvu. Nandetuja javy va'e rã meme ore ramĩ ma pendea rã mba'ere ramĩ ma pepyta peovy.

Anhete kova'e rupi pende voi peikuaapota ramo nearandu potai ramo ore gui jepe ndetujave na ndetujairã ne kyrĩ hague reupity na reovy, ha'e agũa ma teĩ kue ndee voi reikokuaa re. Reikokuaarã nderay kuery ha'e vy na ema ndetujai are nderay kuery remonguetakuaa. Ha'e ramĩ gua pe ha'e ma nhanderu kuery nhanemongueta. Nhanemongueta vy ma aipoei tereo kue ne kunumĩ reve kue ejovy ju he'i kue e'ỹ ma nderukuery nhandetujai, nhandekyrĩ hatue jaupity vy ma jajevy pa ju va'e rã ha'e ma peteĩ-teĩ ndekuai. Nhaneramoĩ nhanemongueta ha'e rire vy ma ema jaikokuaa oreayvu a na pe japy peneakã re pemoĩ pende py'a re pemoĩ poramĩ ayvu opoi va'e ma ayvu porã ropoi peneakã ma ayvu porã nho ma peneakã pemoĩ porã. (10:04).

Tradução (a seguir tem uma primeira tentativa de tradução do começo da entrevista):

Antes, quando eu era jovem, as minhas avós, avôs e tios me contaram como foi antes no passado. Me contou como vai ser quando eu ser a pessoa adulta e como cuidar dos meus filhos. Meu avô falou que quando a gente é criança tm que aprender a fazer de tudo, aprender a fazer cesto, colar e flechas. Tudo isso que eu sei fazer aprendi deles. E foi assim que eu criei meus filhos. Para

plantar e colher aprendi deles, foram eles que me ensinaram e eles sempre diziam que um dia eu ia casar.

E assim você um dia possa passar isso para seus filhos e para saber cuidar dos seus filhos. É isso que eles me contaram. Se guardar tudo isso que a gente está falando, um dia você vai saber contar para os mais jovens. Foi isso que eles me falaram.

E foi assim há muito tempo atrás os meus avós falaram isso para mim. Se você não ouvir o que a gente fala, você não ouvir o que a gente fala, você não vai saber como vai falar para seus filhos.

Nós sentávamos enquanto eles falavam não era como hoje em diante, não fala mais. Naquela época falavam e muito. Mas o que eles falaram é para nosso bem que eles falaram.

Naquele época o meu avô falou para mim, ele disse: É para seu próprio bem. Tudo isso um dia você vai passar, faz parte da vida. É para você saber sobreviver.

Ele disse isso para mim. É por isso que sou como os mais antigamente. Antes não usava nada do que os brancos usam. É por isso que eu não uso pulseiras e tudo que os brancos usam. Eu não consigo usar. Mas agora já estou usando também. Mas meus avós disseram que o deus não gosta disso, mas a gente está usando.

O deus nos enviou para sermos o que a gente é não para ser como os outros. Foi assim que meus avós me falaram. E assim ele falou de tudo para mim, que tudo eu ia passar, como passar fome, tudo isso eu ia passar. E foi assim que me falaram.

Mas, mesmo assim, não pode você ficar zangado. Você pede para deus para encontrar comida. Se você estiver no mato, fazendo mondeu, laço, mas todos os dias você não vai pegar. Por quê?

Porque os animais também têm donos todos os animais têm dono. Tudo isso eles falaram para mim.

Relatório de Acompanhamento de Pesquisadores – Aldeia Krukutu

1) Apresentação

-Responsáveis: Jan Eckart

-Local e período de realização: Krukutu de 11/11 até 16/11/2012

-Nome e aldeia dos participantes: Kerexu Mirin, Edson Jekupe

2) Objetivos

Acompanhar os pesquisadores da aldeia: compreender como as pesquisas estão sendo desenvolvidas, esclarecer dúvidas; ajudar nas dificuldades; incentivar o trabalho. Fazer com que os pesquisadores tivessem autonomia de dar continuidade à pesquisa após o término do acompanhamento.

3) Procedimentos e Metodologia

Como metodologia me baseei primeiramente no relatório do curso realizado na aldeia Peguaoty para sugerir discussões e saber a compreensão dos pesquisadores sobre os temas abordados durante o curso. Posteriormente incentivei e auxiliei o início da pesquisa quando ela ainda não havia sido iniciada. Busquei, dentro do possível, seguir e esclarecer aos pesquisadores as “etapas de uma pesquisa” tal como apresentado durante o curso no Peguaoty. Como as pesquisas estavam no início ou nem haviam sido iniciadas, decidi concentrar as atividades nas primeiras etapas.

4) Resumo das Atividades Desenvolvidas

Dia	Temas desenvolvidos
11.11.12	Conversa com Olívio Jekupe e Joana (CTI) sobre o acompanhamento.
12.11.12	Chegada na aldeia Krukutu. Reunião no opy central, apresentação do acompanhamento.
13.11.12	Acompanhamento individual com Kerexu; entrevistas.
14.11.12	Acompanhamento individual com Kerexu; início das entrevistas.
15.11.12	Conversa com Marcos Tupã. Acompanhamento com Kerexu e Edson que começou a fazer entrevistas.

16.11.12	Acompanhamento com Kerexu e Edson; organização das gravações e transcrição.
----------	---

5) Descrição das Atividades Desenvolvidas

11/11 – Eu e a Joana (CTI) fomos ao encontro das lideranças e pesquisadores da aldeia Krukutu para conversar e esclarecer as atividades do acompanhamento. Não encontramos o Marcos Tupã, a cacique Francisca e o pesquisador Edson, estavam em uma reunião em outra aldeia. Conversamos com o Olívio Jekupe e com a Kerexu esclarecendo como seria feito o acompanhamento.

12/11 – Chegada na aldeia Krukutu.

À tarde o Olívio e a Kerexu me levaram para andar pelo “centro” da aldeia e me apresentaram a algumas pessoas. À noite fomos à *opy* central onde o Arlindo e a Kerexu falaram sobre o projeto e me apresentaram às pessoas, me apresentei também. Do que entendi, o Arlindo falou sobre a captação de imagens e áudio, que é para guardar e usar para aprender. A Kerexu, me explicando melhor, disse que ele falou que a câmera deve ser utilizada como uma ferramenta e não só como brincadeira, que hoje em dia os jovens não estão aprendendo muitas coisas e por isso é importante guardar e registrar as falas e conhecimentos tradicionais. Segundo a Kerexu, o Arlindo disse que quer ajudar, principalmente a traduzir e a escrever.

Na ocasião, a Kerexu aproveitou para falar com o Mirĩ e com o Miguel Kuaray sobre a possibilidade de entrevistá-los. Eles concordaram em ajudar. O Mirĩ disse que o aprendizado do *xondaro* é longo e devagar, se aprende aos poucos. Ela também me mostrou algumas mulheres que pretende entrevistar, o Arlindo a orientou a entrevistar a esposa do Nivaldo também. Disse pra ela que, diferentemente do que afirmou semana passada na Tenonde, ela sabia sim, de várias pessoas para entrevistar. Disse que é por que estava meio “perdida”.

13/11 – Falamos (eu e a Kerexu) sobre como poderíamos trabalhar durante o acompanhamento. Ela me mostrou seu caderno do curso e conversamos sobre as perguntas que foram formuladas e as etapas da pesquisa. Disse que poderíamos trabalhar com foco nas primeiras seis etapas, principalmente as etapas “4” e “5”. Ela mostrou um pequeno texto escrito em guarani, está muito bem escrito, embora ela também afirme não saber escrever. Fica claro que ela (e provavelmente outros Guarani) sabem escrever em guarani, mas não há uma regra “oficial/universal” e isso parece deixá-los inseguros. A Kerexu disse que nunca teve aula de escrita, escreve apenas “de ouvido”, além disso, divergências entre pessoas que adotam diferentes escritas à deixa confusa; seu pai diz que se deve adotar as normas do português (p.ex.: “Mirin” ao invés de “Mirĩ”), por outro lado, Arlindo diz que há três normas, mas que uma é a mais correta (a que se escreve “mirĩ”, não usa “dj” ou “tx” e usa “nh” no lugar de “ñ”). Essa última é a que se utiliza com mais frequência nas aldeias da capital (ao menos em Parelheiros) e veio com os Guarani provenientes do Paraná. A Kerexu parece não ter problemas em escolher com que letras vai escrever, mas fica na dúvida quando tem que decidir entre juntar ou separar algumas palavras.

Fizemos uma pequena lista com os nomes das pessoas com as quais ela poderia começar as entrevistas. Na lista apareceram várias mulheres, incentivei-a a pesquisar sobre as *xondaria*, não só por sua lista, mas também por ser a única mulher entre os pesquisadores.

A Kerexu disse que a noite na *opy* central iria entrevistar o Miguel e o Mirĩ. Disse que queria incentivar a prática do *xondaro*, tentando fazer os homens e rapazes dançarem mais tarde, devido ao mal tempo, o *xondaro* seria realizado dentro do *opy*. Como o mau tempo piorou no fim da tarde, com garoa e frio, não fomos à *opy*.

14/11 – De manhã fomos tentar marcar entrevistas, como o mau tempo de frio e garoa persistiram não havia muitas pessoas fora de casa andando pelo “centro”, mas a Kerexu conseguiu combinar com o Mirĩ de entrevistá-lo em sua casa à tarde.

A Kerexu entrevistou sua mãe, no pátio de sua casa. A entrevista, foi uma conversa, Kerexu começou perguntando sobre o que sua mãe sabia e tinha visto em sua infância e juventude sobre os *xondaro*, sobre a dança do *xondaro*. A partir daí foi fazendo algumas perguntas, não durou muito, depois de algum tempo ficou sem perguntas e pediu que eu perguntasse. Sugerí que falassem sobre as *xondaria*. Ela fez algumas perguntas da lista de questões feitas durante o curso, perguntou sobre os remédios (*nhepu'anõ*) e sobre os adornos (*jegua*). Após algum tempo, sua mãe passou a se dirigir a mim falando em português.

Depois fomos a casa do Mirĩ que resistiu um pouco mas depois respondeu às perguntas da Kerexu. A conversa foi no pátio da casa dele e ocorreu como a conversa com a mãe da Kerexu, mas ele não se dirigiu a mim.

Fomos a casa do *xamõi* Laurindo. De início a Kerexu não queria ir, disse que como ele é *xeramõi*, uma liderança devia conversar com ele primeiro. Acho que se animou com as duas conversas anteriores e fomos falar com ele. Ele disse que falaria à noite na *opy*, para que todos escutassem, essa seria a forma apropriada dos Guarani transmitirem conhecimentos. Falou comigo em português e disse que queria mostrar um vídeo realizado numa aldeia Guarani, mas por um imprevisto não mostrou. Fomos à *opy* à noite, mas a energia elétrica na aldeia acabou e ele não apareceu. O Edson Jekupe chegou e me pediu desculpas, justificou sua ausência. Disse para não se preocupar, marcamos de nos encontrar na manhã seguinte.

15/11 – Eu e a Kerexu fomos à casa do Marcos Tupã, conversei com ele, na presença do Edson, sobre o acompanhamento; sobre como pensava em realizar o trabalho e de como o estava realizando. Ele disse que levou o Edson Jekupe com ele na reunião, mas que agora ele estava a “nossa disposição”. Fomos ao CECI, lá retomei alguns pontos do curso: a posição de pesquisador e as etapas da pesquisa. Falei sobre como poderíamos trabalhar, perguntei a ele o que estava pensando sobre o assunto, com quem estava pensando em conversar, etc. Ele não se mostrou muito interessado pela discussão, testamos e “exploramos” o gravador, passei as gravações feitas no meu aparelho para o deles. Ele me perguntou sobre como lidar com falas que divergem sobre um mesmo assunto. Disse que devia transcrevê-las e guarda-las todas, buscar entender o que elas têm em comum e de diferente e perguntar também para outras pessoas. Eu e o Edson fomos a casa do *xamõi* Nivaldo (seu avô), a Kerexu foi jogar bola, ela disse que merecia uma folga e nós dois concordamos. No caminho fomos abordados pela esposa do *xamõi* Laurindo, ele explicou por que não fora à *opy* na noite anterior e disse que estava disposto a falar a qualquer momento, dissemos que voltaríamos mais tarde. Não participei da conversa inicial com o *xamõi* Nivaldo, fiquei do lado de fora da casa, os dois conversaram rapidamente, o Edson explicou que foi fácil, pois ele já havia sido informado do projeto pelo Marcos Tupã.

Depois do almoço fomos ao encontro do *xamõi* Nivaldo, conversamos sentados na mureta atrás do *Ojere* (casa redonda ao lado do CECI). Eles falaram só em Guarani, não durou muito, em um dado momento o Edson me perguntou se já estava bom, disse que eles é que sabiam e que poderiam voltar a conversar em outras ocasiões. O Edson Jekupe me explicou que o *xamõi* Nivaldo havia contado só um pouco, pois era a primeira conversa, dessa forma o pesquisador em questão poderia refletir e buscá-lo posteriormente com novas questões.

Fomos à casa do *xamõi* Laurindo, ele também falou só um pouco, disse que falaria mais no *opy*. Expliquei brevemente que os pesquisadores eram o Edson e a Kerexu, que eu só estava ali para ajudá-los nesse começo de trabalho, etc. A noite o *xamõi* Laurindo fez sua fala, que foi gravada pelo Edson Jekupe. No início de sua fala ele explicou que seria feita a gravação (e que eu iria gravar, falou sobre como hoje em dia os *jurua* querem ver, ouvir e gravar falas e cerimônias dos Guarani; apontando para mim “ele quer gravar, deixe-o gravar”), avisou quando era para começar a gravar e após a gravação falou de novo. Depois falou sobre outros temas em português para que eu entendesse e pediu que eu me levantasse para falar. Agradei a fala do *xamõi* e tentei deixar mais claro que a pesquisa estava sendo realizada pelo Edson e pela Kerexu que só estava acompanhando/ajudando, que ela fazia parte de um projeto de formação de pesquisadores guarani que envolvia outras aldeias e que ela era destinada aos próprios Guarani. Não sei até que ponto isto ficou claro, o Olívio Jekupe se levantou e explicou o que é um “curso de formação”.

16/11 – Ouvimos as gravações, organizamos as faixas e eles começaram as transcrições. Mostrei como exemplo uma transcrição minha feita em guarani, incentivei-os a escrever independentemente de incertezas ortográficas. Os dois escrevem bem em guarani, transcreveram sem grandes dificuldades. Os dois se revezaram no teclado, depois a Kerexu preferiu fazer à mão em seu caderno, não contrariei, esse método foi mais rápido. Escutando as gravações (sobretudo as do *xamõi* Laurindo) os dois apontaram que ele passava de um tema a outro, falando um pouco de cada, pensaram em meios de inibir este comportamento (recorrente entre todos os mais velhos); fazer perguntas que não permitam essa variação, que puxem o interlocutor de volta ao tema *xondaro*. Não me opus mas, sugeri que isso não devia ser necessariamente feito, que é importante dar liberdade de voz ao entrevistado, que eles poderiam encontrar coisas interessantes mesmo em falas que não tratam diretamente sobre o tema da pesquisa.

Preferiram escolher os trechos das falas a serem transcritos ao invés de transcrever tudo. Tentei sugerir ou suscitar a relevância de temas (outros que não *xondaro*); eles podem estar indiretamente relacionados ao tema da pesquisa; disse que mesmo não transcrevendo a fala toda, poderiam resumir as partes não transcritas.

Escutando as falas do *xamõi* Nivaldo e do *xamõi* Laurindo, os dois riram ao ouvirem os velhos se referirem ao pesquisador com “*jurua*”: não ficou claro para eles que o pesquisador não era eu, ainda que tenha dito isto aos dois. Levantei a importância de o Edson e a Kerexu deixarem claro este ponto. A Kerexu disse que o fará “na *opy*, falando aos poucos, um pouco de cada vez”, disse que “não é todo dia que eles chegam na *opy* pedindo as coisas, que as pessoas estão acostumadas com os *jurua* perguntando as coisas”. Os dois já programam novas entrevistas e transcrições.

6) Avaliação

O acompanhamento foi de bom rendimento, realizamos atividades todos os dias, e os dois deram início à pesquisa, não tivemos dificuldades. Penso que os dois pesquisadores formam um boa dupla, suas qualidades e características se combinam.

Ao contrário do que escutei na Tenonde Porã, inclusive de pessoas distantes do projeto, não penso que o Edson será uma decepção, me falaram do filho do Manequinho como uma opção “bem melhor”, é um rapaz “interessado”. A má fama do Edson parece vir de sua postura na escola, escutei que os próprios professores da Tenonde não aprovaram a escolha. Sua falta de interesse pelas atividades do curso ou pelas discussões propostas por mim não implicam necessariamente falta de dedicação com a pesquisa.

A Kerexu é bastante responsável e interessada, fala e escreve bem nas duas línguas. Tem talento e gosto pela pesquisa e pela tradução. Em uma conversa livre ela me explicou determinado assunto usando o termo “menarca”, o que me chamou atenção. Ela se dedica e participa de bom grado às discussões, busca refletir sobre e responder questões levantadas por mim e também levanta questões tanto sobre *xondaro* como sobre ‘pesquisa’. Com ela, as discussões que fizemos sobre alguns pontos do curso, sobretudo “pesquisa” e “pesquisador guarani” foram aproveitadas. O Edson por outro lado, não demonstra paciência para este tipo de atividade, não participa, não interage. Contudo, além de frequentador assíduo do *opy*, ele demonstra bastante interesse às atividades ‘práticas’; conversar, gravar, escutar e transcrever, sobretudo com a primeira é bastante cuidadoso. Tenho a impressão que entende um pouco melhor a fala dos mais velhos. Talvez por suas características pessoais, o Edson não tenha demonstrado dedicação durante o curso, no entanto durante o acompanhamento ele mostrou comprometimento com a pesquisa. O Marcos Tupã disse que começou a levar seu filho nas reuniões, e o próprio Edson disse que está começando a acompanhar os mais velhos, isto provavelmente contribuirá positivamente para a pesquisa. A Kerexu ficou bastante aborrecida com sua ausência nos primeiros dias do acompanhamento o que mostra suas expectativas com ele.

Um ponto importante e que merece atenção é a falta de esclarecimento das pessoas da aldeia sobre o projeto e os objetivos da pesquisa a ser realizada pelos dois. O acompanhamento e o projeto foram apresentados na *opy* central pelo Arlindo e ela Kerexu, além de não estar cheia e nem ser frequentada por todos, não sei o quanto os dois conseguiram se fazer claros. Os dois *xamõi* que aparecem no relatório não estavam presentes o que justificaria, sua incompreensão se um deles não fosse sogro do Marcos Tupã, que inclusive o informou a respeito. O Marcos Tupã me disse que não poderia se envolver no acompanhamento por falta de tempo e que por ser da aldeia ele poderia pressionar demais os pesquisadores ou ser “levado por eles”, também disse ao Edson que não seria ‘informante’. Contudo, creio ser oportuno que ele (ou outra pessoa) se manifeste em reunião para esclarecer os objetivos do projeto e da pesquisa. Por outro lado, talvez esse entendimento “se dê aos poucos” como disse a Kerexu. Além disso, é provável que a continuidade da pesquisa na ausência de um *jurua* acompanhando leve à compreensão de que os pesquisadores são a Kerexu e o Edson.

Na Tenonde Porã todos parecem dar ênfase ao ‘fortalecimento’ do *xondaro* na expectativa de que a pesquisa poderá contribuir para a transmissão de conhecimentos entre os próprios Guarani, uma vez que métodos mais convencionais não estão sendo suficientes. Os jovens não estão aprendendo muitas coisas, entre elas os conhecimentos sobre *xondaro* e, em muitas aldeias não se vê nem se pratica mais *xondaro*, nesse contexto a pesquisa poderá contribuir para a manutenção ou revitalização do *xondaro*. Nessa aldeia sobretudo o *xamõi* Pedro Vicente parece empolgado com essa perspectiva. Já no Krukutu, esse ponto me pareceu mais diverso, enquanto a Kerexu e o Arlindo parecem ter expectativas como as descritas à cima, outras pessoas entendem que a pesquisa supre o desejo *jurua* de ver e pesquisar a cultura guarani. Outro ponto que destaco é o fato de os pesquisadores enfatizarem a importância da pesquisa para a transmissão de conhecimentos entre os Guarani e ao mesmo tempo terem uma certa obsessão (precoce no meu entender) em traduzir para o português. Este último aspecto pode derivar tanto da resistência de escrever em guarani como do fato de que ‘pesquisas’ são modos de aprendizado característicos dos *jurua* e que servem logicamente aos seus interesses e demandas. Não digo ser este o caso do

projeto, mas acho que a ideia de uma pesquisa que se destine prioritariamente aos próprios guarani ainda parece distante do pensamento de várias pessoas com os quais convivi durante o acompanhamento.

Ambos começaram a realizar a pesquisa; a coleta de dados, a organização e transcrição de gravações, planejam fazer novas gravações, refletem sobre como lidar com dificuldades (por exemplo divergências entre os informantes). Os dois pesquisadores, mas principalmente a Kerexu, tinham expectativas de que com o acompanhamento conseguissem dar início à pesquisa, o que de fato ocorreu. Penso que o acompanhamento foi muito importante, apesar de os dois terem demonstrado que já tinham capacidade para dar início à pesquisa, estavam um tanto inseguros.

7) Anexos

NÃO HÁ ANEXOS

Relatório de Acompanhamento de Pesquisadores – Aldeia Tenonde Porã

1) Apresentação

-Responsáveis: Jan Eckart

-Local e período de realização: Tenonde Porã de 04/11 até 09/11/2012

-Nome e aldeia dos participantes: Ara; Osmar Tupã; Cristian

-Presenças não-indígenas (Instituições):

2) Objetivos

Acompanhar os pesquisadores da aldeia: compreender como as pesquisas estão sendo desenvolvidas, esclarecer dúvidas; ajudar nas dificuldades; incentivar o trabalho. Fazer com que os pesquisadores tenham autonomia para dar continuidade à pesquisa após o término do acompanhamento.

3) Procedimentos e Metodologia

Reunião prévia com os pesquisadores e lideranças para esclarecer o trabalho e combinar atividades.

Adequar as atividades do acompanhamento à maneira como as pesquisas estão sendo realizadas, ou seja, auxiliar os pesquisadores naquilo em que estão fazendo ou incentivar o início da pesquisa.

Como metodologia me baseei primeiramente no relatório do curso realizado na aldeia Peguaoty para sugerir discussões e saber a compreensão dos pesquisadores sobre os temas abordados durante o curso. Posteriormente incentivei e auxiliei o início da pesquisa quando ela ainda não havia sido iniciada. Busquei, dentro do possível, seguir e esclarecer aos pesquisadores as “etapas de uma pesquisa” tal como apresentado durante o curso no Peguaoty. Como as pesquisas estavam no início ou nem haviam sido iniciadas, decidi concentrar as atividades nas primeiras etapas.

4) Resumo das Atividades Desenvolvidas

Dia	Temas desenvolvidos
04.11.12	Reunião com os pesquisadores e lideranças
05.11.12	Reunião com os pesquisadores; esclarecimentos sobre o acompanhamento, discussão sobre o curso e sobre as pesquisas. Roda de conversa com “informantes”.
06.11.12	Acompanhamento individual com cada pesquisador.

07.11.12	Acompanhamento coletivo, mutirão de limpeza, “trabalho de campo” com a Ara, acompanhamento individual com o Cristian.
08.11.12	Acompanhamento individual com o Cristian; organização das gravações e início das transcrições.
09.11.12	Acompanhamento individual com o Cristian; transcrição.

5) Descrição das Atividades Desenvolvidas

04/11 - Chegada na aldeia Tenonde Porã.

Reunião com lideranças e pesquisadores para esclarecer o trabalho do acompanhamento e saber como a pesquisa estava sendo realizada por cada pesquisador. Compareceram à reunião o Lucas do CTI, a Jera, o Cláudio Vera Pires, o *xamõi* Pedro Vicente e o pesquisador Cristian. O Osmar prestara a prova do ENEM e não voltou para a aldeia em tempo, a Ara (Jacira) não foi encontrada e os presentes não sabiam ao certo se ela estava ou não participando.

Pouco antes da reunião conversei com o Cristian explicando a ele o que seria o acompanhamento e perguntando como estavam sendo suas atividades. Segundo ele; já entrevistou o Timóteo, o Cláudio e o Ricardo Tata’i, “faltando só o *xamõi* Pedro”. Ele disse que sua dificuldade é a tradução e por isso estava deixando essa tarefa para o Osmar.

O Lucas começou retomando pontos da proposta do projeto e situando o trabalho de acompanhamento. Expliquei no que consistia minha participação e por que tinha pedido a reunião. Falei sobre a tradução que os pesquisadores iriam realizar, que ela é distinta de uma tradução “comum” pois não se limita a substituir uma palavra guarani por uma em português. Consiste em tornar ideias guarani acessíveis aos *jurua* sem simplificá-las, reduzi-las ou acomodá-las à compreensão *jurua* o que acabaria por distorcer o sentido original da palavra ou ideia.

Embora incentivado por mim e pelo Claudio, o Cristian não se manifestou na reunião, expressou apenas seu contentamento em participar do projeto e aprender *xondaro*. A Jera ressaltou como diferença entre pesquisadores Guarani e pesquisadores *jurua* o fato de que os primeiros devem, além de explicar, experienciar o *xondaro* e aprende-lo na prática.

O Cláudio lembrou ao Cristian a importância de que ele se manifestasse, da importância de todos falarem. Afirmou que eu e Lucas deveríamos levar aos coordenadores do projeto a questão de que aqueles pesquisadores que não se envolvem devem ser substituídos, ele se referia mais especificamente ao Edson do Krukutu.

O *xamõi* Pedro fez uma fala sobre o *xondaro* ressaltando a importância de aprender o *xondaro* na prática e não apenas escutando, gravando, escrevendo. Disse que antigamente ele próprio aprendeu *xondáro* praticando, não escrevia e não gravava. Ele próprio não permitia que sua fala fosse gravada, só o permite hoje pois são os próprios Guarani ou os *jurua* amigos dos Guarani que querem gravar. Perguntei o que mudava na maneira como os saberes sobre *xondaro* eram transmitidos na sua juventude e hoje com os pesquisadores Guarani gravando e escrevendo. “Não muda nada, é igual! Só muda que tem que escrever, antigamente não precisava, mas hoje *jurua* quer que escreva, só isso, o resto é igual.”

O Cláudio argumentou que a tecnologia ajuda muito os Guarani, principalmente por que eles tem que mostrar aos *jurua* que eles existem. Disse que o fato de os pesquisadores serem Guarani facilita e potencializa a pesquisa; além de poder ser feita na língua, muitos Guarani

desconfiam dos *jurua* que usariam o material coletado para ganhar dinheiro e esqueceriam os próprios Guarani.

A Jera marcou uma roda de conversa na casa do *xamõi* Pedro no dia seguinte, no fim da tarde, com os pesquisadores, o Timóteo e ela própria. Combinei com o Cristian de nos reunirmos na manhã seguinte com os outros pesquisadores.

05/11 – Nos reunimos de manhã no CECI, eu e os pesquisadores.¹⁸ Comecei explicando sobre minha participação no projeto dizendo que ficaria essa semana na Tenonde e semana que vem no Krukutu. Pedi que falassem brevemente os motivos para estarem participando, o que estavam fazendo e/ou já tinham feito, avanços e dificuldades, o que acharam do curso.

O Osmar afirmou não ter dificuldades, sua pesquisa caminha bem, já sabe bastante sobre *xondáro*, só falta coletar algumas informações, com o Germano, sobre os instrumentos. Disse que já está escrevendo, em português, sobre aquilo que ele já sabe e já respondeu a maioria das perguntas levantadas no curso. Recusou-se a mostrar seu texto enquanto não estiver terminado, argumentei em vão. Traçou como metodologia entrevistar dois experientes (o Cláudio Fernando e a *xaryi* Jaxuka Idalina), dois intermediários (a escolher) e duas crianças (que podem ser qualquer uma), um de cada sexo. O objetivo é compreender o desenvolvimento das pessoas no *xondaro*. Apresentou também questões a serem investigadas:

- Há três tipos de *xondáro*, os do *opy*, os do *oka* e os que iam para a guerra, desses últimos sabe muito pouco pois não existem mais há muito tempo, por isso terá que pesquisar.
- Cada *xondaro* nasce com um dom, mas esse tem que ser desenvolvido, aperfeiçoado. Como é esse aperfeiçoamento?
- Qual o motivo das diferenças entre cada *xondaro*, entre cada *xondaroruvixa*? Por que cada um tem um movimento de dança (*penhêva'ã*) próprio? Qual relação com a proveniência dos nomes?
- Como é a preparação mental dos *xondáro*? Como são capazes de sentir um obstáculo sem vê-lo?

Afirmou que quer compreender as diferenças entre o *xondaro* praticado antigamente e o *xondaro* praticado hoje em dia e *por isso* irá entrevistar pessoas como o *xamõi* Pedro, o Timóteo e o Cláudio Fernando. Segundo o Osmar, não adiantaria entrevistar pessoas como o Claudio Vera e o Ricardo Tata'i, pois eles não saberiam fazer essa comparação. Argumentei que ele é quem deve ser o autor da comparação, ainda que pessoas mais velhas possam fazê-la, ele como pesquisador não deve apenas reproduzir respostas, mas elaborar sua própria explicação e para isso seria válido saber também o que os jovens pensam a respeito do *xondaro*. Isso vale também para as perguntas elaboradas no curso, as respostas não devem ser apenas coletadas e reproduzidas, os pesquisadores devem refletir sobre as falas e sobre suas próprias experiências para elaborar suas próprias respostas. Osmar disse concordar, os outros observaram apenas.

Fui pedindo a fala de cada um. A Kerexu disse ter escrito, em português, algo sobre as coisas que já sabe. Ainda não conseguiu entrevistar ninguém, no dia em que conseguiu levar o Edson junto, os *xamõi kuery* não estavam na aldeia. Disse ter dificuldades com a tradução, usou como exemplo a palavra “angústia” que, em outra oportunidade, tentou, mas não conseguiu traduzir bem para o guarani. Aproveitei para retomar a discussão sobre o tipo de tradução que fariam em suas pesquisas, como no dia anterior. Incentivei/ falei sobre a escrita de um caderno de campo. Sempre que possível, escrever diariamente sobre suas experiências e sensações no *xondaro* e

¹⁸ Da Tenonde e do Krukutu. Tanto a Kerexu quanto o Edson do Krukutu estudam na Tenonde Porã, o último no entanto, não foi a aula apesar de ser avisado pela colega sobre a reunião. A Ara chegou um pouco depois.

também sobre suas entrevistas, as que deram certo, as que não deram, os motivos, a maneira como os entrevistados se comportaram, o ambiente em que foram realizadas.

Incentivei a escrita em Guaraní, todos disseram ter dificuldades nesse ponto. Principalmente a Ara que afirmou não saber escrever. No entanto, o Osmar escreve em Guaraní e a Kerexu traduz textos do português. Argumentei que o mais importante nesse momento é tentar escrever em guarani sem se preocupar tanto com detalhes ortográficos desde que o texto ficasse compreensível. Usei como exemplo a palavra “*Jeroky*” que em outras regiões aparece grafada com “dj” (*djeroky*) sem que isto comprometa a compreensão.

A Ara quando chegou perguntou se poderia participar da pesquisa, ela ainda não tinha certeza sobre sua participação, disse que se ela estivesse mesmo decidida já estava tudo certo. Ela confirmou seu interesse e demonstrou bastante dedicação. Disse que já sabe algo sobre o *xondáro*, quando era nova e vivia em Santa Catarina ela dançava *xondária* e seu avô a ensinava. Disse que queria entender por que fica alegre quando dança, por que a dança espanta a tristeza.

O Cristian não estava participando muito. A dinâmica não estava rendendo muito, não quiseram falar muito do curso, do que haviam aprendido, do que lembravam. Achei melhor pararmos, pedi a Kerexu que trouxesse na manhã seguinte, suas anotações. Combinei com o Cristian de nos encontramos depois do almoço para ouvir suas entrevistas com o objetivo de organizar seu material. Combinei com a Ara de nos reunirmos para tentar escrever/organizar as informações que ela já tem sobre o *xondaro*. Ao Osmar lembrei apenas da reunião na casa do *xamõi* Pedro no fim da tarde.

Não consegui me encontrar com o Cristian na hora marcada, procurei ele mas não encontrei.

Com a Ara tentei estimulá-la a escrever aquilo que já sabia, mas ela não tem o hábito de escrever. O máximo que conseguiu depois de vários minutos e contanto com minha ajuda para soprar quase que letra por letra, foram três linhas. Percebi que ela realmente não escreve em Guaraní. Como estava me contando muitas coisas, sugeri que ela me explicasse em Guaraní e que gravássemos sua fala para depois escutar e resumir e organizar os pontos principais (eu escrevi):

- *Xeramoĩ kuery oikuaapota xondárorã*. (trd.livre: “os *xeramõi* pesquisam/descobrem quem serão os *xondaro*”)
- *Oporandu Nhanderu pe*. (trd. livre: os *xeramõi* pedem para *Nhanderu*)
- *Mboapy xondáro: opy regua, oka regua, ka’aguy regua*. (trd. livre: há três tipos de *xondaro*; os do *opy*, os do pátio, e os da mata)
- *Xondaro ma nhambojaru rei va’erã e’ỹ. Opita’i va’e kuery rami ae nhambojeroviarã herekovy*. (trd. livre: não se deve desrespeitar os *xondaro*. Eles são como os *xeramõi*; deve-se respeitá-los.)
- *Nhanderu oikuaa va’e kue havi há’e ma xondáro*. (trd. livre: *Nhanderu* sabe quem são os *xondaro*.)

Sozinha, ela levantou a questão: “se são todos diferentes, por que são todos *xondáro*? Por que cada um não tem um nome diferente?” Sugeri que ela escrevesse um pouco sobre cada um dos três tipos de *xondáro* para organizar aquilo que ela sabe sobre cada tipo e tentar perceber o que há de comum e o que há de diferença entre cada tipo. Sugeri que se estivesse muito difícil escrever em Guaraní que escrevesse em português mesmo. A ideia nesse momento não seria tanto o de fazê-la produzir algum conhecimento novo, mas, sobretudo, treiná-la a escrever e organizar informações. Quando o Osmar ouviu que ela estava com essa questão, disse que essa era a pergunta mais fácil.

Encontramo-nos na casa do *xamõi* Pedro, um pouco depois chegou o Germano, à chamado do Osmar, para falar sobre os instrumentos. Quando fomos começar, o Osmar esperava

de mim uma postura de “coordenação” da atividade, me perguntou o que eles deviam perguntar. Retomei então a proposta do acompanhamento, expliquei ao Germano e ao *xamõi* Pedro quem são os pesquisadores, que só estou ali para ajudar, que a proposta daquela conversa específica havia sido da Jera e que naquele momento os pesquisadores iriam perguntar, gravar e fazer anotações. Essa minha fala fez com que o Cristian e a Ara pegassem seus cadernos e ficassem tentando escrever o que o *xamõi* Pedro e o Germano falavam. O Osmar começou fazendo perguntas ao Germano, ele falou um pouco e logo foi embora, tinha algum compromisso. O *xamõi* Pedro falou bastante, sua satisfação era bem visível, a cada pergunta falava sem restrições. O Osmar foi quem perguntou mais, depois estimulamos (eu e ele) a Ara e o Cristian a fazerem perguntas também. A noite chegava e, com exceção do Osmar, os pesquisadores se mostravam cansados e impacientes. Em um dado momento o Osmar perguntou pra mim se já estava bom, devolvi a pergunta aos pesquisadores, mas não consegui evitar a prerrogativa de “finalizar” a conversa. Destaquei o bom andamento da conversa, o interesse dos pesquisadores em perguntar e agradei ao *xamõi* por sua fala, os pesquisadores tinham escutado bastante, poderiam então refletir sobre as informações e retomar a conversa em outra ocasião.

Observação: A dinâmica em grupo teve alguns problemas. As diferenças entre os pesquisadores: a Kerexu e sobretudo o Osmar falam muito bem em português e escrevem nas duas línguas, os dois tem alguma atuação como liderança, os dois já haviam escrito alguma coisa. O Cristian não fala muito, não é liderança, não consegui ainda ter muito acesso a ele, sobre o que ele entende de todo este processo. A Ara não tinha começado nada, nem sequer tinha certeza sobre sua participação. O Osmar acaba ofuscando os outros pesquisadores, responde questões que eles pretendem investigar. Por um lado ele está muito engajado, ajudou a organizar nosso encontro, estimula os companheiros ao trabalho. Por outro lado, pode acabar fazendo pelos outros aquilo que para ele é mais fácil e para eles mais difícil, como por exemplo escrever e traduzir. Ele se prontificou a ajudar a escrever em Guarani, o que poderá ser ótimo embora possa inibir o aprendizado dos outros pesquisadores. Também por isso, achei melhor ter momentos individuais com cada um.

06/11 - Me atrasei para o encontro com o Osmar e a Kerexu. O Osmar ficou incomodado, disse ter ficado desestimulado com isso e que não queria mais participar. Depois de um tempo conversando com a Kerexu ele chegou e se sentou, não prestou atenção, abriu o computador e ficou entretido no texto que está escrevendo.

A Kerexu me mostrou o texto que fez, fala sobre a importância dos *xondáro* antigamente e sobre os dois tipos, os do *opy* e os *xondáro* vai. Ela terminou o texto com uma pergunta: “Por que os remédios usados pelos *xondaro* são sempre de animais?” Estimulei-a a continuar por esse caminho, buscando resolver a questão por ela proposta. Retomei a discussão sobre a tradução perguntando a ela sobre o uso da palavra “remédio”. Ela própria tomou a iniciativa de me mostrar com vários exemplos que essa palavra não era suficiente para transmitir os significados da palavra que ela traduziu do guarani: “*nhepu’anõ*”. “Essa palavra não é uma palavra, mas várias.” Através de seus próprios exemplos me explicou que “*nhepu’anõ*” não é o *remédio* (*po’ã*) propriamente dito, mas “o processo” no qual se utiliza o *remédio* (*po’ã*) para variados fins, de cura, fortalecimento e para os *xondaro* adquirirem certas qualidades ou habilidades como resistência e agilidade. Tentei dar continuidade com a discussão sobre tradução com a participação do Osmar, ele disse que substituiu a palavra “remédio” por “simpatia”, tentei mostrar que poderia dar no mesmo. Pedi a ele que nos contasse um pouco do que estava escrevendo, e a partir do que ele lia questionei sobre o uso da palavra “sagrado”, pois ela, assim como a palavra “remédio” podia estar ocultando várias palavras. A coisa não funcionou como o esperado, ele pareceu ofendido (para piorar o mal-estar causado pelo meu atraso) e disse que substituiu a palavra, argumentei que não era o caso, mas foi em vão.

Depois do almoço me encontrei com o Cristian, sugeriu que trabalhássemos na *Opy Guaxu*. Como não encontrou o gravador não realizamos o que havíamos combinado (organizar as gravações). De início me disse que não tinha trazido as anotações que fizera na casa do *xamõi* Pedro, com o tempo se soltou e quando foi me mostrando seu caderno nos deparamos com as tais anotações! Falei com ele sobre a importância de organizar as gravações, não apenas com títulos e datas, mas com pequenos fichamentos, que por hora poderiam substituir as transcrições. Sugerir que ele fizesse descrições da dança do *xondáro* a partir de suas próprias experiências. Das questões elaboradas no curso no Peguaoty ele me mostrou 9 que havia circulado, segundo ele por conta própria, sugerir que escolhesse algumas, ou pelo menos uma para escrever o que sabe sobre ela. Conversando comigo ele mostrou saber sobre algumas delas, por isso a sugestão. Aproveitei para retomar a conversa sobre as perguntas, que elas servem como orientação da pesquisa e que elas devem ser respondidas pelo próprio pesquisador a partir do que ele sabe e aprende de suas entrevistas e observações. O Cristian disse que queria ter mais perguntas como aquelas, mas não sabia fazer. Pedi também que ele escrevesse um texto sobre a entrevista do dia anterior, descrevendo como foi, como os entrevistados se comportaram, sobre o que falaram. Além disso, pedi um pequeno texto em que descrevesse a dança do *xondaro* e o que sente nela.

Após isso me encontrei com a Ara, que chegou com um pouco de atraso. Retomei com ela passo a passo, mas de maneira reduzida, as distinções entre modos de aprendizado e transmissão de conhecimento entre os Guaraní e os *jurua*. Sugerir uma discussão sobre o que é uma pesquisa, conversei com ela todos os passos da pesquisa (conforme consta no relatório). A partir do que ela falou e do texto que mostrou, discuti os passos. Ela própria apontou semelhanças entre a fala de seu avô e um trecho da fala do *xamõi* Pedro que ela anotou durante a entrevista. Expliquei que isso que ela estava fazendo fazia parte da organização e comparação dos dados. Falei com ela sobre a distinção entre os “dados” (falas/palavras coletadas) e seu próprio trabalho. A pesquisa implica numa reflexão sobre os dados e resultará num texto que consiste nas próprias palavras do pesquisador e não apenas na transcrição de falas coletadas. Ela me falou que pretendia conversar com o “seu Miguel” e me disse como estava pensando em conseguir realizar isso. Aproveitei para mostrar como isso faz parte da estratégia e planejamento da pesquisa.

No fim da tarde, quis combinar com o Osmar algum horário para o dia seguinte, como haveria mutirão para limpeza e preparação do *opy guaxu* para o encontro dos dias 10 e 11, ele sugeriu que fizéssemos trabalho de campo. Como estratégia para integrar o Osmar nas atividades, concordei e elogiei a ideia. Falei sobre isso com a Ara e ela disse que adiaria uma ida a cidade para resolver questões burocráticas para poder participar da atividade.

07/11 – Na manhã seguinte, o Cristian foi o primeiro a chegar no mutirão, foi capinar e não interferir. Depois, chegou o Osmar que demonstrou descontentamento com a falta dos “xondaro maiores” no mutirão. Perguntou pra mim o que eles deviam perguntar. Percebi que ele não tem muita clareza do que é “trabalho de campo”, sinto que falta uma “iniciativa própria” dos pesquisadores. Tentei explicar pra ele que não sou eu que vou decidir *o que eles devem perguntar ou quem eles devem entrevistar*, que são eles que devem constituir suas próprias perguntas e meios de respondê-las, falei sobre “observação participante”. Achei melhor reunir os pesquisadores para conversarmos.

Reunimo-nos no CECI, a Kerexu só chegou um pouco antes de ter que ir embora, mostrou o texto que fez sobre a importância do pesquisador guaraní e partiu, nesse dia o Edson também apareceu brevemente. Não insisti na participação deles, pois já avisara que teremos toda uma semana para trabalharmos na aldeia deles.

Primeiro retomei novamente (pois só havia feito isto sozinho com a Ara) os pontos/etapas da organização de uma pesquisa, incentivei o Osmar nos falar sobre isso. Sem interesse, preenchia

documentos de um trabalho que fará no CECI. O Cristian e Ara por outro lado, demonstravam atenção, pedi que os dois mostrassem/lessem ao grupo o que eles haviam escrito.

O Cristian mostrou o texto que fez sobre a dança, menos do que uma descrição, o texto falava da importância de valorizar o *xondaro*. A descrição da entrevista foi na verdade um resumo da fala do Germano. A Ara mostrou o texto que fizera sobre as falas de seu avô, do *xamôî* Pedro e do Germano. Pedi a ela que falasse da comparação que fizera entre as falas de seu avô e do *xamôî* Pedro. Incentivei-a e o Cristian a compararem a descrição que fizeram da fala do Germano, o que havia em comum e o que cada texto podia contribuir com o outro. Aproveitei para mostrar como dois pesquisadores diferentes podem reter diferentes informações, ter diferentes impressões e reflexões sobre uma mesma fala (isso com a intenção de desfazer o receio expresso pela Ara de não poder entrevistar uma pessoa já entrevistada por outro pesquisador). Pedi ao Osmar que participasse conosco e nos falasse o que achava do que os outros pesquisadores tinham escrito sobre a fala do Germano e o que ele próprio tinha notado na entrevista. Não estava prestando atenção, não escutou o que os outros pesquisadores disseram, revezava entre preencher os documentos e escrever seu texto sobre *xondaro*. Pedi então que nos falasse sobre o que havia entendido sobre a fala do *xamôî* Pedro, e que tentasse explicar algumas palavras mais difíceis (pouco utilizadas no linguajar cotidiano) que o Cristian não havia entendido (isso no intuito de inseri-lo de alguma forma na dinâmica do grupo, achar um lugar para ele).

Começou a falar em Guarani, o Cristian só escutava e a Ara participou com comentários. Do que retive da conversa eles falavam da diferença entre a maneira como os *jurua* aprendem (querem aprender tudo de uma vez, fazem perguntas diretas e constantes) e a maneira como os Guarani aprendem com os *xeramôî* (aos poucos e sem ficar perguntado). Pedi que ele me explicasse melhor sobre o que tinham conversado. Disse que os *xeramôî* sempre dizem que não é preciso escrever sobre a vida, mas somente vivê-la. Os Guarani não perguntam “por quê” aos *xeramôî*. Disse que o *xamôî* Pedro tinha falado fácil, de maneira simples, que ele havia entendido tudo, o que dispensaria uma explicação. “Os *xeramôî* não explicam, mas te fazem entender, eles falam em enigmas sem explicar diretamente, mas isso faz a pessoa chegar por si só ao entendimento.” Elogiei a discussão deles ressaltando sua importância. Sugeri então que escrevessem um texto sobre esse tema. Osmar disse que eles já fizeram bastante isso no curso e não precisavam fazer de novo. Perguntei ao Osmar o que ele achava que eles deviam fazer, como eu deveria ajudar.

Nesse momento o Edson Jekupe tinha chegado da escola e observava em pé a atividade. (Tinha encontrado com ele um pouco antes e disse que se quisesse ver como estávamos trabalhando, podia ir no CECI, mas que não devia se preocupar pois teríamos a outra semana para fazer isso no Krukutu.). Osmar disse então que eu devia mandar o Edson fazer alguma coisa, já que ele não estava fazendo nada. Vendo o Edson desconcertado, intervi dizendo que não, ele estava ali só para observar e teríamos a outra semana para trabalhar, aquele momento era para os pesquisadores da Tenonde Porã.

O Osmar disse que deviam fazer trabalho de campo, mais uma vez aceitei a proposta, sempre tentando evitar o dissenso. Dessa vez, ao invés de me perguntar o que *eles deviam perguntar*, o Osmar decidiu o que a Ara devia e o Cristian devia fazer. Elogiei sua iniciativa de propor atividades ao grupo.

Descemos novamente ao pátio do *opy guaxu*; o Cristian foi capinar com seu pai e o Osmar se juntou aos *xondaro* maiores que faziam o portal de entrada, não interferi. A Ara me chamou e disse que o Osmar havia dito que ela devia “descrever o tamanho do pátio de dança”, incentivei-a a fazê-lo. Em sua descrição oral, começou a falar sobre como era o *xondaro* antes, por que o pátio era pequeno, como é o *xondaro* hoje, ela disse que queria pesquisar sobre isso. Sugeri que escrevesse o que me falava. Aproveitei a situação para mostrar os passos de uma pesquisa. Assim

o tema por ela escolhido seria, o “*xondaro* antes e o *xondaro* hoje”, o Osmar se aproximou e disse em Guarani que ela não devia pesquisar sobre “como era o *xondaro* antes”, pois isso eles já sabem, ela devia perguntar como é o *xondaro* hoje. Continuamos dentro das especificações do Osmar. Sugeri então, que estabelecido o “Tema/ a primeira etapa”, passássemos ao segundo passo; “organizar o conhecimento prévio”. Pedi a ela que me contasse o que sabia sobre o *xondaro* hoje, disse que não sabe muito. Argumentei que isso era bom pois assim ela teria o que pesquisar, pedi que me dissesse o que observava. À medida que ela me falava ia pedindo que escrevesse. Uma observação dela sobre a *opy guaxu* ela não quis escrever pois poderia ofender alguém. Disse que se ela achasse relevante poderia escrever no seu caderno, aquilo que ela escrevia era para ela própria e que o texto que mostraria às outras pessoas seria outro texto e que aí ela poderia retirar o que julgasse conveniente, ela não escreveu e eu não insisti. Em um certo momento ela disse que era aquilo que sabia e que devia passar às perguntas. Antes de passarmos à essa outra etapa ela se cansou e fechou o caderno, sugeri uma pausa e combinamos de nos encontrarmos mais tarde na *opy guaxu* para continuar, mas ela não apareceu.

O Osmar havia estabelecido que nos reuniríamos às 18:00 horas no CECI para conversar sobre o “trabalho de campo”, ninguém apareceu. Passei perto do campo e o Cristian, ao me ver, foi me encontrar, fomos ao CECI. Sugeri que fizesse uma descrição da dança do *xondaro*. Tentei explicar o que é uma “descrição” fazendo eu mesmo, como exemplo, a descrição de uma casa. Ele escreveu um pequeno texto sobre a dança e me mostrou, pedi então que descrevesse com mais detalhes os pontos que apareceram no seu trabalho. Logo no começo ele afirmou não saber o que era o “aquecimento” que inicia a dança ou para que serve, mas o Vera Cláudio Pires e o Tata’i Ricardo Pires saberiam explicar pois conduzem o *xondaro* dos pequenos. Ele disse que poderia encontrá-los à noite no *opy guaxu*. Aproveitei para mostrar como eles também podem falar sobre *xondaro* e mostrar o que sabem e pensam a respeito. À noite, na *opy guaxu*, o Vera e o Tata’i demoraram pra chegar e o Cristian decidiu entrevistar o Cláudio Fernandes. A entrevista foi realizada durante o *xondaro*, com os dois sentados no banco lateral bem perto ao *amba*, logo em seguida o Cristian foi dançar.

08/11 – Não encontrei nem o Osmar nem a Ara. O primeiro foi à Parelheiros e a segunda preferi não procurar em sua casa, não quis pressionar. Encontrei o Cristian e marcamos de trabalhar depois do almoço. Como o Lucas estava na aldeia nos encontramos na casa da Jera e ele nos ensinou a mexer no gravador. O Cristian e eu ficamos lá para trabalhar, transferimos os arquivos para o computador e organizamos os arquivos nomeando e datando-os. Mostrei parte de uma transcrição que fiz para mostrar como ele próprio deveria ser capaz de fazer posteriormente. Sugeri começar com a entrevista do Cláudio. A transcrição propriamente dita parecia impossível, tentamos mas não funcionou, deixei ele escrever em português, apenas as perguntas que ele próprio fez na gravação pedi que ele escrevesse em guarani. Fizemos uma espécie de fichamento. Com a chegada de pessoas e crianças, fomos à casa dele. Tanto na casa da Jera quanto na casa dele o trabalho rendeu bastante, ele ficou bem mais solto. Em espaços como o do CECI ou da *opy guaxu* há muita distração e o Cristian parece um pouco intimidado com as pessoas olhando seu trabalho, perguntando o que ele está fazendo, etc. Conseguimos transcrever/fichar toda a entrevista do Cláudio de cerca de 20 minutos. Quando ele não conseguiu traduzir a palavra “*nhova’ã*” sugeri que deixasse no original, no fim da gravação ele já estava preferindo escrever em guarani, embora eu tivesse que soletrar praticamente letra por letra.

09/11 – Não trabalhei com o Osmar, logo que encontrei ele achei melhor não tentar, ele não estava amigável. Fui na casa da Ara e ela não estava, voltei mais tarde e ela me disse que tinha se sentido mal e por isso não voltou à *opy guxu* no dia 07. Disse também que tinha trabalhado no dia anterior e que iria trabalhar hoje em uma casa próxima a aldeia. Mas disse que “já sabia o que perguntar ao Seu Miguel”.

Encontrei-me com o Cristian no CECI e transcrevemos/fichamos a pequena entrevista que fizera com o Ricardo Tata'i. Ele preferiu fazer em guarani, em pouco tempo ele já foi escrevendo com pouca ajuda minha, copiava palavras que ele já tinha escrito. O trabalho não rendeu tanto, ele se cansou logo, mas terminou a transcrição. A interferência das pessoas que passam por perto e dos curiosos atrapalha. Ele me disse que pouco antes de eu chegar na sua casa ele acabara de fazer uma entrevista com o Timóteo. O Osmar foi na casa dele e mandou ele fazer a entrevista, ela foi realizada no CECI. Pedi que me dissesse o que havia perguntado, mas ele não lembrava, foi o Osmar que fez a pergunta. O áudio não estava bom, a gravação ficou muito baixa e o Cristian disse não entender a maior parte, mesmo aquilo que dava pra escutar. Por isso sugeri trabalhar a fala do Ricardo Tata'i, além de pequena e de fácil compreensão argumentei que poderia se relacionar com a fala do Cláudio Fernandes trabalhada no dia anterior.

6) Avaliação

Tive grades dificuldades de trabalhar com o Osmar como mostra o relatório. Já com o Cristian e a Ara foi bem diferente, os dois estão bem abertos a escutarem o que tenho a dizer e receber sugestões. A dificuldade vem da posição do Osmar em relação aos outros pesquisadores. Será importante pensar as atividades e encontrar uma maneira de organizar o trabalho através das relações entre eles. O Osmar assumiu uma posição de “liderança” na pesquisa, penso que isso deve ser tratado com cuidado, explorado e discutido com eles, algo que até o momento não sei como fazer. A maneira como o Osmar assume essa posição pode se tornar muito produtiva, mas penso que a forma como se concretizou durante o acompanhamento não trará bons resultados.

Não consegui trabalhar com eles em grupo, no meu entender as atividades que renderam foram os acompanhamentos individuais. O Osmar parece estar se dedicando, mas não compartilha com os outros pesquisadores, quer delegar funções aos outros, quis afastar o Edson e trazer a Kerexu para perto; “é melhor ela ficar conosco pois no Krukutu está muito sozinha”. Foi por esse motivo que decidi trabalhar individualmente com cada pesquisador, se esta estratégia deu certo por um lado, por outro faltou trabalhar com eles coletivamente. Cada um está fazendo uma coisa, mas para juntá-los será necessária colaboração do Osmar. Não acho que sua postura de simplesmente mandar o Cristian gravar uma fala de alguém contribua. O Cristian nem mesmo soube me dizer que pergunta o Osmar havia feito ou sobre o que o Timóteo falava. Se a participação do Osmar na pesquisa será de “coordenar” as atividades dos pesquisadores na Tenonde Porã, isso deve ser discutido, trabalhado e combinado com ele. Busquei nesses dias estimular a autonomia dos pesquisadores, coisa que a postura do Osmar parece inibir.

Penso que pode ser produtivo discutir com os pesquisadores possíveis dinâmicas de grupo, se for o caso, como dividir ou atribuir distintas “tarefas” a cada um, ou como trabalhar coletivamente nas mesmas “tarefas” ou como as pesquisas de cada um podem se auxiliar reciprocamente. Como o Cristian demonstrou não ter clareza do que é uma “descrição”, talvez isso seja uma dificuldade de outros pesquisadores também e por isso seja oportuno trabalhar este ponto com eles.

Não sei até que ponto a Ara dará continuidade à sua pesquisa, nem como ela fará isso, nem como ou se ela irá trabalhar em conjunto com o Cristian e o Osmar. Ela não está usando o gravador.

O Osmar já havia começado a escrever e provavelmente dará continuidade a este processo. É provável que continue buscando o Cristian para que ele faça gravações, espero que

ambos escutem o que for gravado, mas não sei se isso acontecerá, o que acho que pode ser pouco produtivo.

O Cristian já havia começado a fazer gravações, acho que foi com ele que o acompanhamento rendeu mais, ela começou a organizar as falas e a transcrever. No primeiro momento ele nem sequer conseguia transcrever em guarani, por isso começamos com “fichamentos” em português, mas em pouco tempo ele começou a escrever em guarani e já está substituindo os “fichamentos” por transcrições propriamente ditas.

Havia uma expectativa de que eu faria os pesquisadores trabalharem e em certa medida acabei assumindo esse papel. Pode ter sido bom pois, a Ara e o Cristian começaram atividades que ainda não haviam começado, por outro lado, não sei até que ponto isso pode ter afastado a Ara, ou se ela se ausentou exclusivamente por suas responsabilidades familiares. Ao mesmo tempo em que assumi esse papel, tentei me desvincular dessa posição afirmando em vários momentos que só estava ali para acompanhar e auxiliar os pesquisadores naquilo que eles estão fazendo.

7) Anexos

NÃO HÁ ANEXOS

Relatório de Acompanhamento de Pesquisadores – Aldeia Peguaoty

1) Apresentação

-Responsáveis: Joana Cabral de Oliveira

-Local e período de realização: Aldeia Peguaoty de 03 a 06 de dezembro de 2012.

-Nome e aldeia dos participantes:

Silvio (Peguaoty)

Vitalino (Peguaoty)

2) Objetivos

Acompanhar o andamento da pesquisa; registrar o contexto e forma como o trabalho está sendo realizado; auxiliar nas dúvidas e dificuldades; reforçar aspectos da formação.

3) Procedimentos e Metodologia

Conversas entre os pesquisadores e o assessor; atividades de escrita (transcrição, tradução e elaboração de textos); realização de entrevistas; avaliação e reflexão sobre as entrevistas; participação na roda de *xondaro*.

4) Resumo das Atividades Desenvolvidas

Dia	Temas desenvolvidos
03/12/12	Como conduzir as entrevista; o trabalho do pesquisador; entrevista com Alcides; elaboração de texto.
04/12/12	Transcrição; tradução; entrevista com Ilda.
05/12/12	Reunião com a comunidade para falar do trabalho dos pesquisadores, dança do <i>xondaro/xondaria</i> , entrevista com Paulo.
06/12/12	Tradução, avaliação das entrevista, planejamento,

5) Descrição das Atividades Desenvolvidas

03/12 – Conversamos com o cacique Luiz Eusébio, lembrando que essa era uma atividade do projeto de pesquisa sobre o *xondaro*. Como ele havia participado do primeiro encontro (realizado na Tenonde Porã) e o primeiro curso de formação havia sido na aldeia Peguaoty, ele estava sabendo bem sobre o projeto e se prontificou em ajudar.

Joana fez uma primeira conversa com Silvio e Vitalino. Primeiro eles falaram um pouco sobre as pessoas com quem conversaram e sobre como foi a conversa. Vitalino conversou com sua mãe e disse que ela contou que antigamente eles faziam o *xondaro* tocando apenas o maracá e o *takuapu* – quando eram os homens que dançavam. Joana perguntou porque ele escolheu começar pela mãe: “porque é mais fácil, conversei com ela a noite em casa... Também não tenho vergonha...”. Silvio conversou com Seu Amantino, Dona Julia e Seu Luiz Eusébio. Disse que escolheu conversar com eles pois eram os mais velhos, que tinham “mais experiência” e eram mais sabidos.

Mas eles não gravaram as entrevistas por questões técnicas (o gravador ficou em posse de Alexandre que viajou ao longo do período em que eles trabalharam). Ambos escreveram algumas coisas a partir das entrevistas, mas ambos perderam seus cadernos. Vitalino ainda tinha um texto em português escrito por ele (reproduzido em anexo).

Ambos contaram que começaram a entrevista perguntado o que era *xondaro*. Eles disseram que as pessoas falaram pouco. Joana lembrou a partir da experiência de entrevistas no Silveira, que a melhor estratégia era perguntar sobre o *xondaro* a partir da trajetória da pessoa como ela aprendeu, onde, com quem, se usou algum remédio etc.

Aproveitando a presença do Professor Leonardo, Joana propôs que eles fizessem uma entrevista em português para treinar alguns aspectos. Vitalino e Silvio se mostraram bastante envergonhados, mas Silvio começou se apresentando em guarani, depois pediu para Leonardo explicar o que era *xondaro*. Leonardo falou um pouco e parou. Joana enfatizou que eles deveriam perguntar mais sobre a trajetória de Leonardo, como ele aprendeu *xondaro*, e a partir daí ir fazendo mais perguntas como em uma conversa. Os dois tiveram muita dificuldade e vergonha em conduzir a conversa, então Joana fez algumas perguntas a Leonardo.

Joana lembrou que as perguntas elaboradas no curso deveriam servir apenas como base para a conversa, mas que aquelas perguntas tinham que ser transformadas em uma conversa que respeite o jeito guarani. Leonardo falou que a pergunta escrita muitas vezes não é entendida pelos mais velhos, e que tem um jeito certo de falar na *opy* e fora da *opy*, que deveria ser respeitado se eles quisessem conseguir mais informações.

Leonardo lembrou que os mais velhos falam as coisas misturadas às vezes e que, por isso, eles tinham que prestar muita atenção na conversa. Joana lembrou que as perguntas do roteiro poderiam servir justamente para organizar as informações que eles estavam registrando e para depois comparar o que cada pessoa disse.

Organizamos uma lista das pessoas com que eles achavam que seria importante conversar. Leonardo disse que eles deveriam primeiro ir falar com a pessoa e marcar um horário para conversar, assim as pessoas se preparavam para falar.

Também foi lembrado que era preciso falar sobre o projeto e o qual era o trabalho do pesquisador guarani. Joana pediu que eles contassem como entendem o trabalho do pesquisador e Silvio disse que explicava aos mais velhos que ele gostaria de aprender sobre o *xondaro* para depois ensinar outros.

Fomos entrevistar um Seu Alcides que é da aldeia de Cananéia e estava fazendo uma visita. O pai de Vitalino se juntou a nós na conversa incrementando a. E fez uma observação em português ao final dirigida a Joana: “agora não tem mais *xondaro* grande porque mudou a alimentação”.

Silvio começou perguntando algumas coisas sem o uso do caderno, depois Vitalino foi completando as perguntas, sempre olhando em seu caderno e seguindo as perguntas que estavam escritas.

Comentei a entrevista, falando da necessidade de ficarem atentos aos barulhos, de que foi muito bom eles se ajudarem, por isso é importante que eles trabalhem juntos.

Aproveitando que o senhor havia falado um pouco sobre os remédios que se usa, Joana pediu que os dois sistematizassem os remédios usados, explicando como são usados e para que servem. Escreveram em guarani.

04/12 – Começamos organizar o que seria falado sobre o projeto na reunião do dia 15. Para isso Joana recuperou o que seria o trabalho dos pesquisadores. Como Vitalino e Silvio lembraram que a função do pesquisador guarani é de registrar e fortalecer a cultura: servindo de exemplo para outros jovens, bem como produzindo um registro que possa auxiliar na memória e na transmissão de conhecimentos; Joana enfatizou a importância do trabalho deles como mediadores/tradutores para poder explicar aos *jurua* o modo de vida guarani e exigir que as condições necessárias para sua (re)produção sejam respeitadas e contempladas pelas políticas públicas.

Joana propôs que eles fizessem um roteiro sobre o que iriam falar na reunião e eles organizaram alguns tópicos.

Passamos então ao trabalho de transcrição da entrevista realizada com Seu Alcides. Joana explicou que era importante escrever o que estava sendo dito por ele, exatamente como ele estava falando. Vitalino tomou a frente na escrita e Silvio tentou acompanhar. Apresentando mais dificuldade, ficou parado observando Vitalino. Joana sugeriu que eles trabalhassem em conjunto, um ajudando o outro. Celso que estava por perto falou em guarani que Silvio poderia ouvir com atenção a fala e ir ajudando Vitalino a escrever. Eles passaram a fazer assim.

Ao final, Joana foi olhar como eles haviam feito e percebeu que eles não estavam transcrevendo, mas haviam feito uma seleção (tirando repetições e retendo o que achavam importante). Joana explicou que o que eles fizeram era uma possibilidade de transformar o áudio em escrita, mas que não era uma transcrição, falou da importância de escrever a fala igual ao que foi dito, sendo fiel às palavras dos mais velhos.

Joana propôs que eles experimentassem fazer uma transcrição de fato com a última gravação que era mais curta. Eles então experimentaram a dificuldade de fazer isso.

Joana retomou a questão da tradução e da importância política de uma boa tradução. Lembrou o texto de Davi Kopenawa que eles haviam lido e de como esse Yanomami fazia traduções que impactavam os brancos.

Como exercício propôs que eles traduzissem a expressão *anhemomby'a*. Eles disseram que é “eu penso”. Um rapaz que assistia nossa conversa falou que poderia dizer para pensar também *xepy'a re aendu*. Joana tomou esse último exemplo e falou que uma tradução poderia ser pensar, como eles propuseram, mas que poderiam também ir decompondo essa frase em pequenos pedaços, o que ela fez com a ajuda deles: *xe* (meu) *py'a* (peito/coração) *re* (em) *a* (eu) *endu* (ouvir). Joana concluiu que outra tradução possível seria: “eu ouço no meu coração”. Joana explicou que não há uma tradução correta, mas existem diferentes modos de traduzir que devem ser escolhidos de acordo com a audiência. Joana perguntou qual é o lugar do pensamento para os *jurua*; Vitalino e Silvio responderam de pronto que era a cabeça. Joana perguntou se para os guarani era igual: Silvio disse que sim, mas Vitalino disse que era o coração.

Joana lembrou da fala que Seu Pedro Macena do Jaraguá, fez a ela: “Eu aprendi ouvindo as palavras de *nhanderu*, depois essas palavras foram para a cabeça e desceram para o coração. Ai que eu aprendi mesmo e essas palavras puderam sair pela minha boca”. Joana disse que muitos guarani dizem que o coração é que guarda o conhecimento e os pensamentos, e a segunda tradução (“eu ouço com meu coração”) expressava essa teoria.

Joana propôs que eles tentassem traduzir o texto escrito no dia anterior – sobre os remédios usados pelo *xondaro*. Eles fizeram a tradução do primeiro parágrafo, eles leram junto com Joana e ela corrigiu alguns erros de português.

Aproveitando a chegada do terceiro pesquisador – Alexandre Wera – pegamos o gravador e fomos fazer uma entrevista. Eles escolheram falar com a mãe de Vitalino, Ilda. Alexandre conduziu a maior parte da conversa, sem usar as perguntas ou o caderno. Vitalino também fez algumas perguntas. Assim encerramos o dia de trabalho.

05/12 – Foi organizado uma dança de *xondaria*, *xondaro* e *tangara*, aproveitando que as quartas não há aula pois é “dia cultural”. Depois das *xondaria*, teve *xondaro* com a participação de *xondaro ruvixa* da argentina, que estava de passagem pela aldeia, em seguida teve um treinamento de *xondaro* para os meninos pequenos, por fim o *tangara*. Tudo realizado no pátio em frente a *opy*.

Seguiu-se a reunião, onde aproveitamos (Joana, Vitalino e Alexandre) para falar do projeto e do trabalho do pesquisador guarani. A reunião seguiu com falas sobre a reunião da Comissão Yvy Rupa, questões de demarcação, sobre a escola...

Alexandre combinou de conversar/entrevistar o *xondaro ruvixa* da argentina, Paulo.

Joana conversou com Alexandre se ele pensa na produção de um filme ao fim do trajeto de pesquisa e como ele seria. Alexandre falou que gostaria de mostrar que o *xondaro* não é só a dança, que tem jeito certo de se portar, de comer etc. Ele pensa em fazer um documentário enfocando esses aspectos. Joana lembrou sobre a importância de Alexandre já começar a acumular um material filmado sobre o *xondaro* em vista a suas ideias.

Ao final da tarde Alexandre (acompanhado de Joana e Vitalino) conduziu uma conversa com Paulo, seu pai e sua esposa.

06/12 – Passamos os arquivos gravados para computador e para os pen drives dos pesquisadores. Joana ensinou a baixar os arquivos do gravador e organizá-los (colocando nomes e datas).

Passamos para a tradução do texto sobre remédios de *xondaro* iniciada anteriormente (em anexo).

Joana fez um fechamento falando dos próximos passos da pesquisa e de como trabalharem. Ressaltou a importância deles trabalharem juntos, não só produzindo os registros, mas conversando sobre o que estavam aprendendo, somando as forças de cada um.

Fizemos um planejamento das próximas entrevistas. Joana sugeriu que Silvio e Vitalino tomassem a frente nas próximas entrevistas para ganharem experiência, e que evitassem levar os cadernos e se concentrassem na conversa. Joana lembrou que eles também podem produzir textos durante esse processo conforme o interesse e as novidades que venham aprendendo. Além disso, conforme forem fazendo as entrevista podem transcrever partes delas.

Fizemos uma avaliação sobre o andamento do trabalho, descrita abaixo.

6) Avaliação

Silvio disse estar gostando do trabalho, mas tem tido dificuldade em “convencer os mais velhos a contarem o que sabem”, sendo essa a única dificuldade encontrada até então.

Joana comentou que eles têm que estar muito atento em como conduzir a conversa. Joana notou que eles abordam os mais velhos indo direto ao ponto e as perguntas previstas. Enfatizou

que a entrevista nada mais é do que uma conversa. Alexandre que facilidade em abordar os mais velhos, disse que ele primeiro pergunta como a pessoa está, se sonhou, se a família está bem, e aos poucos vai perguntando sobre como a pessoa aprendeu o *xondaro* e as dúvidas que ele tem sobre o assunto. Joana lembrou que talvez seja bom eles irem sem caderno, pois ficaram muito presos ao que estava escrito, sem prestar a devida atenção à conversa.

Vitalino também se mostrou contente com o trabalho e apontou a dificuldade no processo de tradução. Joana lembrou que eles estão começando e que essa é uma tarefa difícil, que vai ter muito espaço para trabalhar isso nos cursos e nas próximas atividades.

Alexandre disse estar muito animado com a pesquisa e que tem aprendido muitas coisas. Notou que ele não está aprendendo só sobre o *xondaro*, mas que o *xondaro* tem relações com muitas coisas da vida guarani e que ele não sabia disso. Contou que naquela manhã havia escutado Seu Amantino conversar com seu filho de o trabalho que ele, Vitalino e Silvio era muito interessante.

Joana disse que era muito legal a percepção de Alexandre sobre complexidade do *xondaro*, e que um dos resultados esperados desse trabalho era estimular o interesse de outros jovens para as práticas culturais guarani.

Quanto ao trabalho de acompanhamento os três gostaram muito, pois eles não conseguiram até essa ocasião se concentrar para fazer o trabalho e a ida de Joana proporcionou o foco e a aproximação entre eles.

Joana avaliou o trabalho positivamente, e viu neles um interesse e esforço evidentes. Lembrou que cada um tem um ponto forte (Vitalino tem facilidade para escrever, Alexandre para conversar e Silvio é um *xondaro* aplicado) e por isso eles deveriam trabalhar juntos.

7) Anexos

Texto escrito por Vitalino

Antigamente os mais velhos ensinavam suas crianças desde cedo.

Os mais velhos, enquanto dançavam, as crianças ficam observando como são praticadas as danças, os movimentos, técnicas de defesa, como atacar o adversário. A partir de 6 anos de idade as crianças já podem praticar a dança do *xondaro*.

Antes de praticar a dança, os mais velhos orientam para suas crianças que o objetivo da dança é para que seu corpo fique mais leve, mais ágil etc...

Assim que toda orientação é passada para as crianças eles começam aprender a dança na prática. Assim que aprende a dançar *xondaro*, ela começa a desenvolver sua própria habilidade observando a dança dos mais velhos. Assim que ela já tem conhecimento de como é a dança de *xondaro*, ela já pode ensinar os mais jovens.

Todo o dia o povo guarani utiliza dança de *xondaro* para fortalecer cultura do povo guarani.

Texto: Xondaro poã regua.

Tuguaipe'i hae'e tangara'i joo ramigua ha'e jaiporu hagua. tangara nhandy kue'i há'i tuguaipe'i gui ma ha'e hexapykà pire'i nhamboi há'e ipire gui hae ju jajapo rã voko'i há'e nhamboyru'i ha'e jareko rã nhandekuáre ha'e nhandejyryvire.

Taguato ma nhanderexapyxo hagua jaiporu ra'ã hexa nhandy kue'i nhamona rã nhanderexa'ai ry.

Karumbe pytã'i coraxo gue'i ma nhamoko rã, ha'e va'e ma nhanenupã tei nanhaendui hagua.

Ko yvy vai re nhyande kuai va'e ma xondaro py jajeroxy nhanderu hete reko rovai rami, há'e kuery voi ma ikuai xondaro porã há'e xondaro poxy. Xondaro porã ma ou ko yvy vai re oikuaa pota mba'emo oexa tei mba'eve rei ndojapoi. Há'e rã xondaro poxy ma ou há'emba'emo ndexajei harami oexa vy imbokapu há'e ojuka va'e ojuka.

Tradução do texto: Xonadro poã regua

Remédios para xondaro

Esquilo e tangara'i são iguais, remédios muito importantes para o xondaro usar para ter habilidade e para movimentar o corpo. Deve usar banha desses dois animais selvagens para passar nas pálpebras.

Esquilo a gente tira a pele da região dos olhos. Também tira a pele para fazer bolsinha para guardar pele que tirou da região dos olhos e sempre mantém bolsinha na cintura.

Gavião é para aperfeiçoar a visão, usa a gordura dos olhos do gavião para passar na pálpebra.

Coração de tartaruga pequena a gente tem que engolir para quando nos baterem aguentarmos.

Quem vive nessa terra, nós homens, pratica dança do xondaro como do jeito de nhanderu. Nhanderu também dança xondaro e tem dois tipos de xondaro: xondaro porã e xondaro vai. Xondaro quando vem da sua morada nessa terra imperfeita, vê coisa errada e mesmo assim simplesmente vê. E xondaro poxy é diferente quando ele vê algo errado simplesmente mata.

Relatório de Acompanhamento de Pesquisadores – Aldeia Ribeirão Silveira

1) Apresentação

-Responsáveis: Joana Cabral de Oliveira

-Participação: Lucas Keese no dia 18 de novembro; Marcos Tupã e Edson (aldeia Krukutu) no dia 17 de dezembro.

-Local e período de realização: Aldeia do Ribeirão Silveira de 15 a 18 de novembro e 17 e 18 de dezembro de 2012.

-Nome e aldeia dos participantes:

Vilmar (Silveira)

Miller (Silveira)

2) Objetivos

Acompanhar o andamento das pesquisas, registrar o contexto e forma como o trabalho está sendo realizado; auxiliar nas dúvidas e dificuldades; reforçar aspectos da formação.

3) Procedimentos e Metodologia

Conversas entre os pesquisadores e o assessor; atividades de escrita (transcrição); realização de entrevistas; avaliação e reflexão sobre as entrevistas.

4) Resumo das Atividades Desenvolvidas

Dia	Temas desenvolvidos
15/11	Planejamento; conversa sobre o projeto.
16/11	Preparação para apresentar o projeto à comunidade. Conversa com o cacique Adolfo.
17/11	Entrevistas.
18/11	Discussão sobre as entrevistas; novos pontos de investigação; transcrição.
17/12	Apresentação do projeto na reunião; entrevista com o cacique; planejamento das outras entrevistas.
18/12	Entrevistas; organização de um cronograma de atividades.

5) Descrição das Atividades Desenvolvidas

15/11 – Chegada à aldeia. Conversa inicial com Vladimir sobre como seria o trabalho, combinamos de que ele e Miller apresentariam o projeto na reunião da aldeia na segunda feira.

16/11 – Pedi para que Miller contasse se havia começado a pesquisa. Ele apenas planejou as pessoas com quem gostaria de conversar, mas não tinha começado. Ele já havia explicado um pouco do trabalho ao vice cacique, Mauro, e ainda não encontrara o cacique Adolfo. Concordamos que a primeira coisa seria, então, falar com Adolfo antes de começar o trabalho pela aldeia.

Antes retomei com eles o que era o projeto e qual o seu propósito. Eles lembraram bem acerca da ação de valorização da prática do *xondaro*. Joana retomou a importância de explicar aos *jurua*, sobretudo ao Estado, sobre aspectos da cultura guarani para que os brancos a compreendessem e respeitassem. O projeto possui dois eixos de ação um interno (guarani) e outro externo (*jurua*).

Vilmar fez várias perguntas sobre o que é o IPHAN e como começou esse projeto. Joana explicou as ações do IPHAN (falando sobre a diferença entre patrimônio material e imaterial), e lembrou-os que a relação dos Guarani com o IPHAN começou no Rio Grande do Sul, concentrando-se nas questões da patrimonialização das Missões de São Miguel (Tava).

Levantamos o nome de algumas pessoas com quem conversar, relembramos de como eles poderiam usar as questões formuladas no curso e marcamos de entrevistar Karaí (um *xondaroruvixa*).

Uma vez lembrado o contexto e os objetivos do projeto, seguimos à casa de Adolfo.

Por tal motivo, resolvemos esperar a conversa antes de dar início às entrevistas. A conversa com Adolfo começou um pouco difícil por ele afirmar que desconhecia o projeto, indagar sobre questões financeiras e sobre como haviam sido escolhidos Miller e Vilmar. Depois de apresentado o projeto e dos dois pesquisadores afirmarem que forma indicados na reunião da Tenõnde Porã devido ao interesse que eles demonstraram em participar, Adolfo não se opôs ao trabalho e nos convidou para retornar na tarde do outro dia para conversar mais.

Marcamos a primeira entrevista com Karaí para a manhã do dia 17, devido ao atraso que as questões mal resolvidas com Adolfo nos impuseram. Também começamos a pensar em organizar um *xondaro* no domingo, chamando os jovens para dançar e fazer sua execução no pátio do Adolfo.

17/11 – Vilmar e Miller entrevistaram Karaí partindo das perguntas elaboradas no curso.

Devido a morte de um *xeramõi* da aldeia, as outras entrevistas planejada foram suspensas e Miller ficar com sua família que era diretamente ligada ao falecido.

Vilmar aproveitou a presença de um tangará (pássaro), para filmá-lo já que uma dança ligada ao *xondaro* leva o seu nome por imitar os movimentos da ave.

Vilmar falou que alguns *xeramõi* não gostam de falar por achar que eles ganham dinheiro em cima de seus conhecimentos. Ele já tinha ido filmar em outra ocasião algumas pessoas que pediram dinheiro para falar e, por isso, estava com receio de entrevistar alguns mais velhos. Falei que ele precisava explicar bem o objetivo do trabalho e enfatizar que era uma pesquisa para fortalecer a própria comunidade – feita pelos guarani para os guarani. Que ele e Miller estavam fazendo uma formação para serem pesquisadores, o trabalho era pois revertido para o empoderamento da comunidade. Vilmar lembrou que o projeto também tinha uma ação para fora, e perguntou como seria isso. Falei que o processo de tradução – sobre quais informações vão ser mostradas aos *jurua* e ao governo – é uma tarefa que eles (pesquisadores) vão realizar. Trata-se

de uma seleção que deve ser feita tendo em vista o que significa o *xondaro* na vida guarani e como o governo entende a cultura indígena, como são as ações ligadas a política de direitos culturais.

Encontramos seu Sergio Macena, que ao saber do projeto se prontificou em colaborar e nos chamou para ir a sua casa no fim do dia. Em sua *opy*, antes de começar os cantos seu Sergio falou um pouco sobre como ele já se envolveu em projetos relacionados a valorização cultural e como ele achava importante esse tipo de trabalho. Vilmar aproveitou para conversar um pouco com ele sobre o *xondaro*. Serginho falou um pouco e disse que aquele não era um bom dia para conversarem devido aos ocorridos.

18/11 – Devido a impossibilidade de fazer entrevista e promover a prática do *xondaro*, propus que Vilmar comesse a transcrever a entrevista de Karai. A partir dessa entrevista aventamos outros aspectos a serem investigados mais detidamente: os movimentos feios pelo *xondaro* e seus nomes/origem já que ele falou sobre os movimentos do macaco que são imitados (*kai jyroky*) e do esquilo; lembramos junto com a participação de Lucas sobre as saudações (*xarura*) que são ditas pelos *xondaro*.

Comparando a entrevista de Karai e Sergio, tentamos pensar porque a segunda entrevista não rendeu, apesar do convite para conversar ter partido do próprio Sergio. O modo como Vilmar iniciou as duas entrevistas diferiram significativamente: como Karai é um jovem, Vilmar começou perguntando sobre o envolvimento e o aprendizado do *xondaro*, fazendo com que o rapaz rememorasse a sua trajetória pessoal nessa prática; com Sergio, Vilmar pediu apenas que ele contasse o que sabia sobre o *xondaro*, aventamos que talvez a generalidade com que foi abordado o tema talvez tenha dificultado que o entrevistado falasse. Enfatizei a importância de conduzir a entrevista a partir da trajetória e da história pessoal do entrevistado com a prática do *xondaro* – de acordo com o próprio discurso proferido por alguns Guarani no contexto do projeto, de que se transmite apenas o conhecimento que foi adquirido pessoalmente (ou seja de sua relação com os *nhanderukery* e de sua experiência pessoal). Joana chamou a atenção para a própria forma como Vilmar se postou para entrevistar Sergio: depois da conversa inicial e da fala de Sergio sobre a importância da valorização cultural, Vilmar pegou uma cadeira e colocou na frente de Sergio e empunhando o gravador na direção dele pediu que falasse sobre o *xondaro*. Na entrevista com Karai, Vilmar conduziu as perguntas e Miller posicionou a o gravador em um maço de palmitos no local da entrevista. Joana lembrou que é preciso deixar o entrevistado a vontade para falar e por isso é preciso estar atento para todos esses detalhes.

Aproveitando a formação em áudio visual de Vilmar, Joana perguntou quais ideias ele tinha sobre uma produção fílmica desse projeto. Vilmar falou que pensava na possibilidade de fazer uma ficção mostrando um menino aprendendo o *xondaro* desde pequeno até se tornar um *xondaroruvixa*. Conversamos um pouco sobre como a pesquisa deve embasar o filme, detalhando, nesse caso, os processos de transmissão dessa prática.

Conversamos um pouco sobre a importância da tradução e de um uso cuidadoso do português para conseguir impactar e explicar aos *jurua* aspectos da cultura guarani, respeitando a beleza das formulações guarani (diferença entre uma tradução de conteúdo e uma tradução que cuida forma, e segue uma rota mais literal); Joana lembrou do texto de Davi Kopenawa, lido no curso, como um exemplo de uma tradução cuidadosa, que visa elaborar um discurso para os brancos e com isso tentar defender a posição e os interesses de sua comunidade. Joana propôs que Vilmar tentasse traduzir trechos da entrevista de Karai tendo em vista esses cuidados.

Por fim devido a todos os contratempos e a impossibilidade da participação de Miller, decidimos adiar os últimos dois dias de trabalho, transferindo a finalização dessa etapa para meados de dezembro.

17/12 – Joana, Tupã, Miller e Edson apresentaram o projeto na reunião da comunidade: o cacique, Adolfo, abriu a reunião falando sobre os assuntos que seriam tratados; Tupã fez uma longa fala em guarani explicando o projeto, o contexto, a parceria, os objetivos, os participantes e os produtos finais; Joana também abordou alguns aspectos do projeto enfatizando o funcionamento do terceiro curso (que ocorrerá em fevereiro de 2013 no Silveira), convidando a comunidade a participar, enfatizou a importância dessa pesquisa que está sendo realizada pelos próprios guarani que pode, futuramente, reverter em ações de valorização cultural promovidas pelo Estado, comentou que como o *xondaro* era mais do que apenas uma dança, é também um comportamento, uma atitude, que essa turma de pesquisadores estava incorporando isso e poderiam se tornar futuras lideranças; Miller se apresentou e falou sobre seu interesse em participar do projeto; Edson também se apresentou como pesquisador da Krukutu.

Fomos conversar com o *xeramoï* Higino e marcamos de entrevistá-lo no dia seguinte.

Entrevistamos (as perguntas foram feitas por Joana, Tupã e Miller) Adolfo: falou um pouco sobre o *xondaro poxy* e as guerras antigas, comentou que esse tipo de *xondaro* já não existe mais, mas que deveríamos pensar em um modo de retomá-lo, como meio de controlar a aldeia; também contou a origem do *xondaro* (que foi de *Nhanderu*); falou sobre a alimentação e os remédios usados pelos *xondaro*.

18/12 – De manhã fomos chamados a participar de um mutirão para barrear a casa do cacique Adolfo.

Joana e Miller conversaram um pouco sobre o *xondaro*, como um aquecimento para as entrevistas marcadas. Joana questionou um pouco sobre a importância da leveza que todos falam, qual seria o objetivo de se tornar leve. Miller disse que era para poder se esquivar bem nas batalhas...

À tarde conversamos com os *xeramoï* Jido e Higino. Higino contou algumas coisas que Miller disse não ter ouvido ainda: mesmo que a pessoa queira ser *xondaro*, tenha essa vontade e vá atrás, *Nhanderu* envia algumas almas que serão *xondaro*, esse enviado é que serão grandes *xondaro*; falou de dois remédios o *jui* (tipo de sapo) que para o *xondaro* conseguir pular longe e um tipo de bagre que ‘e para ficar forte, disse haver muitos outros tipos de remédios.

Organizaram quais seriam os próximos passos a serem realizados por Miller: entrevistar Jurema e Ivanilda, e Ricardo (cunhado de Adolfo). Além disso deveria escrever a entrevista de Higino.

Ivanilda, sogra de Miller, sabendo do projeto, que incluía também os conhecimentos sobre as *xondaria*, organizou algumas mulheres na *opy* para falar sobre o tema. Primeiro Miller falou um pouco sobre o que gostaria de saber e Jurema fez uma fala contando como aprendera dançar e qual a função da *xondaria*; em seguida Rosalina se postou e fez uma longa, espontânea, fala sobre o tema entre outros assuntos; por fim Ivanilda se sentou e Miller fez um conjunto de perguntas e ela fez uma fala.

Depois as pessoas foram chegando para a reza e as atividades da *opy* seguiram. Ao final, já tarde da noite, os adultos que permaneceram na *opy* começaram a discutir um pouco sobre o *xondaro* e a *xondaria*, sobre quais seriam suas funções e diferenças, entre outros aspectos. Miller infelizmente já não estava presente para aproveitar a oportunidade.

6) Avaliação

Joana: Apesar de conturbado devido a diversos imprevistos o trabalho foi bom, destaco a qualidade das entrevistas e a superação das dificuldades de abordagem para realizar essa atividade.

Tanto Miller como Vilmar conseguiram fazer boas entrevistas, sem ousar as perguntas escritas, conduzindo-a como uma conversa. A estratégia de Miller foi falar um pouco sobre o que ele gostaria de saber e não fez perguntas depois; já Vilmar foi fazendo várias perguntas.

Ambos mostraram disposição para o trabalho e muito interesse. O trabalho foi bom apesar dos diversos contratemplos existentes ao longo desse acompanhamento.

Destaco o envolvimento do núcleo familiar de Ivanilda, que além de participar teve iniciativa própria em organizar atividades que achavam pertinentes. Isso demonstra que o projeto tem despertado interesse da comunidade, produzindo um efeito para além da equipe de pesquisadores.

Relatório de Acompanhamento de Pesquisadores – Ko'enju

1) Apresentação

- Responsáveis: Joana Cabral de Oliveira e Lucas Keese; Seu Pedro Vicente e Seu Hortêncio.
- Local e período de realização: Ko'enju, São Miguel das Missões, RGS (de 06 a 12 de abril de 2013)
- Nome dos participantes: Vladmir, Kerexu, Vilmar, Donizete, Edson, Alexandre e Miller.

2) Objetivos

Proporcionar aos pesquisadores a possibilidade de pesquisar junto a Guarani de outros Estados e da Argentina. Desempenhar a função de xondaro, sobre a orientação de Pedro Vicente e Hortêncio, nos preparativos e durante as atividades da assembleia da Comissão Yvy Rupa.

Acompanhar a assembleia e auxiliar em seu registro. Acompanhar o diálogo com o IPHAN sobre o registro da Tava.

3) Procedimentos e Metodologia

- Desempenho das funções de xondaro;
- Realização de entrevistas;
- Registro das atividades envolvendo xondaro;
- Participação nas atividades da assembleia.

4) Resumo das Atividades Desenvolvidas

Dia	Temas desenvolvidos
06/04	Chegada, participação e registro do xarura. Conversa inicial sobre a semana precedente.
07/04	Visita à Tava e acompanhamento da conversa com IPHAN.
08/04	Participação e registro da assembleia, registro e participação na dança de xondaro.
09/04	Participação e registro da assembleia, organização das entrevistas.
10/04	Participação e registro da assembleia, realização das entrevistas.

11/04	Participação e registro da assembleia, realização de entrevistas, registro e participação da dança de xondaro.
12/04	Participação e registro das atividades do xondaro na recepção da FUNAI.

5) Descrição das Atividades Desenvolvidas

06/04 – Chegada de Joana e Lucas na aldeia Ko'enju. Primeira conversa com a equipe de pesquisadores. Eles contaram um pouco do trabalho que fizeram na semana precedente, quando vieram para exercerem a função de xondaro e auxiliar na preparação da assembleia: eles foram tirar taquara na mata para fazer os alojamentos, buscar lenha... Os trabalhos foram coordenados por Pedro Vicente e Hortêncio, que também puxaram danças de xondaro todas as noites. Alexandre Wera também aproveitou a semana pré-assembleia para conversar com seus avós sobre o xondaro e começou a escrever parte do que eles contaram.

Passamos então a programar as atividades de pesquisa que se seguiriam: a primeira delas registrar e acompanhar a participação dos xondaro na recepção das delegações; fazer entrevistas; puxar danças de xondaro; registrar as atividades ligadas ao xondaro; e ajudar na documentação da e participar da mesma. Conversamos um pouco sobre atividade do IPHAN em relação ao registro da Tava, o que era que estava sendo proposto e como se ligava ao projeto do INRC no qual estavam inseridos, ressaltamos a importância da equipe acompanhar essa discussão.

No meio da manhã chegou a primeira delegação e deram início ao xarura (as saudações). Parte da equipe se dedicou a registrar e parte participou como xondaro do xarura.

De tarde até à noite chegaram mais três delegações e a equipe se manteve acompanhando o trabalho dos xondaro na recepção.

07/04 – Todos os Guarani presentes foram para as ruínas das Missões de São Miguel. Na parte da manhã visitaram as ruínas, entrevistaram e registraram os depoimentos que seus parentes davam sobre a Tava.

À tarde foi realizada a conversa com representantes do IPHAN sobre o que é o registro de Patrimônio Imaterial e qual suas implicações. Seguiu-se a apresentação de um documentário sobre a Tava. Após o filme se deram as falas dos Guarani sobre a Tava e a possibilidade de seu registro. Os Guarani sugeriram a constituição de uma comissão para pensar e discutir com o IPHAN sobre a política de patrimonialização.

08/04 – Eles participaram e registraram a assembleia, que se focou na apresentação do estatuto da Yvy Rupa. Tivemos mais uma conversa da equipe, pensando em quem seria interessante entrevistar. Falamos um pouco sobre o trabalho que deveria ser realizado em equipe, e que apresentava a dificuldade do tempo estar corrido devido à grande agenda de atividades da assembleia. Combinamos que seria feito um esforço para não sobrepor as atividades pesquisa à assembleia. Após a lista de xondaro, xeramõi, xondaria e xejaryi que poderiam ser entrevistados, alguns pesquisadores ficaram responsáveis por combinar as entrevistas.

À noite teve danças de xondaro e xondaria no pátio, os pesquisadores participaram e registraram.

09/04 – Como os pesquisadores não estavam muito concentrados e haviam marcado duas entrevistas para o dia seguinte, Lucas, Joana e Pedro Vicente fizeram uma conversa com eles.

Joana começou lembrando como eles deveriam organizar a equipe (dividindo funções e pensando nas questões a serem aprofundadas). Joana havia levado o livro “Através do Mbaraka – Música, Dança e Xamanismo Guarani” de Deise Lucy Montardo e aproveitou para ler um trecho sobre o xondaro e a explicação que a pesquisadora elabora a partir de exegeses de seus interlocutores, o trecho lido trazia uma explicação sobre diferentes etapas da dança do xondaro e sua relação com nomes e movimentos de diversos pássaros. Como as entrevistas não haviam explorado esse lado da movimentação, da relação com os pássaros, Joana sugeriu que eles aproveitassem as próximas entrevistas para investigar esse aspecto. Lucas, foi embora, deu algumas recomendações e sugestões sobre os registros em vídeo e cuidados com os equipamentos. Lucas e Joana ajudaram a organizar as equipes de trabalho para as entrevistas.

Seu Pedro Vicente fez uma fala em guarani, aconselhando, orientando e chamando a atenção dos pesquisadores que estavam muito dispersos.

A noite estava programado mais danças e apresentação de xondaro, mas devido às atividades da assembleia e filme que terminaram muito tarde, a dança passou para a próxima noite.

10/04 – Foram realizadas as duas entrevistas que estavam programadas: uma com Toninho, xondaro ruvixa da Ko’enju, e outra com Sergio, xondaro de Guaíra.

As entrevistas tiveram ampla participação de todos, que se revezaram e se ajudaram nas funções de filmagem, condução e produção da entrevista.

À noite eles se dedicaram a participar e registrar algumas danças de xondaro

11/04 – Foi realizada mais uma entrevista com o xeramõi mais velho presente, morador de uma aldeia do Rio Grande Sul. Entrevista com uma xejaryi da delegação da argentina. Ambas conduzidas e propostas por Donizete.

Registro de dança do xondaro, com destaque a performance de dois xondaro da região de Guaíra (Oeste do Paraná), que fazem uma dança bem distinta.

Devido à tormenta da noite as danças de xondaro foram mais uma vez canceladas.

12/04 – Parte da equipe se dedicou ao registro e outra participou das atividades de treinamento e aquecimento dos xondaro, que se preparavam para recepcionar o pessoal da FUNAI. Registro e participação na recepção e cobrança da equipe da FUNAI. Ficou a certeza de uma entrevista com um xondaria da aldeia Ko’enju, ser realizada no dia 13 de manhã antes da partida dos pesquisadores.

6. Avaliação

Apesar das dificuldades de se realizarem os trabalhos propostos inicialmente (entrevistas, registro das danças de Guarani de diferentes regiões), pois as atividades da assembleia tomaram o dia inteiro e algumas noites. Todos os pesquisadores foram unânimes em afirmar que haviam aprendido muito. Foi uma possibilidade única de entrevistar e ver a dança de xondaro dos Guarani da Ko’enju, Guaíra e da Argentina.

A equipe trabalhou muito bem nas entrevistas, ajudaram um ao outro nas funções desempenhadas e participaram ativamente. Os registros também foram feitos de forma sistemática. Destaca-se nesse período Donizete por sua ampla participação como xondaro e pesquisador.

Relatório: O Audiovisual no curso de Formação de Pesquisadores

1) Apresentação

- Responsável pela coordenação na formação audiovisual: Lucas Keese (CTI)

- Responsáveis pela coordenação geral dos cursos: Joana Cabral de Oliveira (CTI), Marcos Tupã (Aldeia Krukutu, Coordenador Nacional da Comissão Guarani Yvyrupa).

- Local e período de realização:

I - Cursos 1. Peguaoty, de 12 a 16 de outubro de 2012; 2. Jaraguá, de 9 a 14 de dezembro 2012; 3. Ribeirão Silveira de 18 a 22 de março de 2013.

II - Acompanhamento em viagem 1. Ko`enju, de 6 a 12 de abril de 2013; 2. Rio Branco, de 30 de maio a 1º de junho de 2013.

- Nome e aldeia dos pesquisadores:

1. Vilmar (Silveira)
2. Müller (Silveira)
3. Vitalino (Peguaoty)
4. Alexandre Wera (Peguaoty)
5. Silvio (Peguaoty)
6. Vladimir (Jaraguá)
7. Nilson (Tenonde Porã)
8. Kerexu (Krukutu)
9. Edson (Krukutu)
10. Donizete (Jaraguá)

2) Objetivos

A utilização das ferramentas de criação e registro audiovisual como uma forma de pesquisa, proporcionando aos pesquisadores discussões teóricas, exibição de filmes e exercícios práticos que fomentem uma apropriação dessas tecnologias audiovisuais e suas formas de linguagem; Produção de registros em vídeo que complementem o trabalho de pesquisa seguida de um processo de edição para compor dois diferentes produtos (DVDs), um para circulação interna às aldeias, e outro como filme de divulgação da pesquisa.

3) Metodologia

Decidiu-se junto aos coordenadores guarani do projeto por não haver uma separação rígida de pesquisadores e vídeo-documentaristas entre os jovens indígenas participantes. Desse modo, o processo da capacitação audiovisual foi estruturado para acompanhar a formação mais geral dos pesquisadores. Nos primeiros cursos, optamos por abordagens teóricas e discussões através da projeção de filmes. A partir do 3º curso iniciamos atividades práticas buscando um treinamento da situação de entrevista com câmera e o trabalho em equipe. A proposta é que, a partir dos exercícios práticos, o interesse e a disposição dos pesquisadores conduza a um processo

de especialização de funções e uso de equipamentos sem comprometer um aprendizado geral do vídeo e, sobretudo, do papel de pesquisador indígena por todos do grupo.

4) Tabela de material audiovisual captado e filmes projetados nas atividades

	1º Curso Peguaoty	2º Curso Jaraguá	3º. Curso no Silveira	4º Curso Krukutu	Viagem Ko'enju	Viagem Rio Branco
entrevistas			1. Wera Albino; 2. Pedro Vicente; 3. Jurema Kerexu	4. Nivaldo; 5. Timóteo	6. Antônio; 7. Sérgio; 8. xeramoi Adolfo; 9. xejaryi argentina	10. Pedro Vicente
registros		Xondaro dos pesquisadores no encerramento	Diversos Xondaros e Xondarias realizados na Opy do cacique, grupos locais e dos pesquisadores	Xondaros no encerramento. Grupos da Tenonde, do Krukutu e dos pesquisadores	Diversos Xondaros, grupos de RS, SP e Guaíra; Xaruras (recepções)	Caminhada pela mata do Rio Branco, Pedro Vicente ensinando crianças
filmes projetados	O Arpão e o Anzol; Desterro Guarani	Kene; Ojepota rai va'e regua; Xondaro ha'e gui Xondaria jerokey	Narradores de Javé	Material bruto xondaro ko'enju; Sobre o Kusiwa; Bens culturais reconhecidos pela Unesco	Jaguata pyau; Xondaro ha'e gui Xondaria jerokey Obs: projetados no contexto da assembleia	



Filmagem de xondarias no Jaraguá

5) Descrição e Análise de Atividades

1º Curso Peguaoty, de 12 a 16 de outubro de 2012 e 2º Curso Jaraguá, de 9 a 14 de dezembro 2012 (parte teórica)

Forma audiovisual e pesquisa

Nesse curso, as primeiras atividades relacionadas ao audiovisual foram projeções de filmes: *O Arpão e o Anzol*, documentário curta-metragem sobre dois tipos de pesca no estuário do Amazonas, registros brutos da realização de Xondaro na aldeia Tenonde Porã e o filme *Desterro Guarani*, documentário sobre a expropriação das terras guarani no sul do Brasil.

Além dos interesses específicos de cada filme no momento do curso, buscou-se no debate posterior às exibições sempre atentar para duas questões: 1. Encontrar o que havia no filme que era específico da linguagem audiovisual, quer dizer, que apenas através das relações complementares e/ou antagônicas entre imagem e som é que determinada sequência da narração se realiza; e 2. Em que aspectos o filme possuía processos de construção análogos ao da pesquisa.

Tais questões exercem uma função introdutória para se pensar o audiovisual não apenas como um apêndice do processo de pesquisa, mas como uma linguagem que deve sustentar sua própria razão de ser. Trata-se de sensibilizar os jovens pesquisadores para a questão da forma. Por que filmar algo, que diferença vai fazer em comparação a um registro escrito ou apenas através do áudio? Como filmar, que diferenças fundamentais podemos produzir através de distintas escolhas?

No curta *O Arpão e o Anzol*, por exemplo, apesar das imagens serem constantemente acompanhadas por uma narração explicativa, os pesquisadores puderam notar que muitas das imagens contribuíram para uma compreensão que ia além das ideias vinculadas pela narração.

No caso do filme *Desterro Guarani*, uma percepção foi mais adiante na interpretação formal: foi notada a escolha do filme representar a mata através de uma imagem de uma área desmatada, ou seja, através de sua ausência.

Conforme descrito no relatório desse curso, as discussões que se seguiram ao filme buscavam a comparação com o processo de pesquisa (definição do tema, estratégia, entrevistas, organização, montagem, etc), e evidenciar especificidades do audiovisual. Quer dizer, como há uma “gramática” consolidada sobre esse tipo de linguagem que contribui para definir os graus de

ambiguidade dos discursos, mas como, ao mesmo tempo, é possível desenvolver uma estética própria, uma apropriação da linguagem audiovisual pelos Guarani que melhor expresse seu modo de ser. Entretanto, foi necessário sublinharmos para todos, que para isso é necessário um grande domínio dessas ferramentas e técnicas.

Documentário x ficção

No segundo curso, no Jaraguá, a discussão concentrou-se sobre formas mais ficcionais de narrativa audiovisual em comparação com o documentário, e a relação dessas formas com o processo de pesquisa. Mesmo em trabalhos ficcionais, ficou claro, é necessário o trabalho de pesquisa: como ambientar uma ação? como trabalhar determinado tema? A fala de um dos pesquisadores sobre uma vontade de realizar uma ficção sobre o conflito entre xondaros de diferentes grupos indígenas evidenciou a necessidade do processo de pesquisa para não incorrer em representações errôneas e/ou superficiais que, além de possivelmente ofenderem os grupos ali representados, contribuiriam para profusão de estereótipos e preconceitos com os indígenas.

Seguindo nessa linha de raciocínio, outro debate importante ocorrido no curso, fomentado sobretudo pela exibição do curta *Ojepota rai va'e regua* (Sobre aquele que quase se transformou), foi sobre representações ficcionais ambientadas em tempos passados ou no presente.

O curta, realizado por um coletivo da aldeia Tenonde Porã em contexto de oficinas de vídeo, narra a história de um rapaz recém-casado que quase sofre o processo de transformação em animal, no caso, uma onça. Processo que os Guarani denominam por *-jepota*. Os realizadores optaram por contar a história nos tempos atuais, caracterizando o figurino dos atores e as locações dessa forma (uso de roupas e utensílios não tradicionais).

A questão, portanto, era avaliar quais eram as diferenças proporcionadas nessa escolha de representação em contraposição à escolha mais comum no caso de ficções indígenas que é ambientar num passado imemorial, mítico e/ou pré-colonização?



Projeção de filme durante curso

A construção da forma do filme, puderam entender os pesquisadores, tinha como consequência a própria noção de cultura tradicional incutida na narrativa. Conforme eles haviam acabado de discutir no curso, cultura não é um conjunto de elementos e características imutáveis, mas um “modo de ser”, que varia no tempo e se articula com as condições diversas de cada época. O filme, então, colabora no trabalho de “tradução cultural”, um dos objetivos dos pesquisadores,

de maneira mais efetiva que o caso das ficções ambientadas em tempos pré-contato, em que uma possível interpretação de pureza cultural pode prejudicar na compreensão da legitimidade do modo de ser guarani hoje, em tempos de intensas relações interculturais.

Outra questão importante desenvolvida no momento e que também está relacionada à aprendizagem formal é o uso do som. Há um conceito importante na linguagem audiovisual que é o extracampo, que remete a todo o conjunto de representações efetuadas pelo filme mas que encontram-se fora do quadro visual, para além da imagem. Tais construções podem ser feitas de variadas maneiras, através de olhares sugestivos ou ângulos que pressupõe determinados pontos de vista subjetivos, mas sobretudo podem ser atingidas através do som como material criativo.

No curta *Ojepota...* a cena final é resolvida principalmente através do uso do som, que representa a existência da onça sem mostrá-la. Tal percepção é de suma importância no aprendizado da linguagem audiovisual, pois tanto em documentários como em ficções, a construção do extracampo através do som e as relações de contradição entre campo visual e campo sonoro são processos que enriquecem o discurso e muitas vezes são cruciais para que a narrativa atinja a verdade almejada.

3º Curso Ribeirão Silveira de 18 a 22 de março de 2013 e 4º Curso Krukutu, 17 a 22 de junho de 2013

Prática audiovisual

O terceiro curso, realizado na aldeia Ribeirão Silveira no litoral de São Paulo, contou com as primeiras atividades práticas de produção e realização audiovisual. Além dos registros em vídeo das inúmeras apresentações de *xondaro* e *xondarias*, foram realizadas três atividades de entrevista com vídeo. Nelas, os pesquisadores dividiram-se em funções. A necessidade dessa divisão por funções foi conversada, já que os trabalhos de filmagem podem render mais e atingir melhores resultados quando efetuados em equipe.



Pesquisadores entrevistando no Silveira

A partir dessa compreensão, dividimos a equipe nas seguintes funções discutidas:

1. produção. Na conversa de preparação, estabelecemos dois trabalhos ligados à função de produção que seriam realizados por duas pessoas diferentes. Um relativo às necessidades de produção e organização próximas ao local em que estaríamos realizando a entrevista: apoio e posicionamento da equipe e pedidos do entrevistado, como, por exemplo, preparar e fornecer um *petyngua* (cachimbo). Outro, seria do responsável com as questões externas: cuidar para que não haja barulho nas proximidades, controlar o trânsito de pessoas próxima à entrevista de maneira que não a atrapalhe, etc.

2. câmera principal. É a pessoa responsável por filmar a entrevista. No caso, escolhemos a filmagem utilizando o tripé. As atribuições dessa função incluem: ajudar a decidir onde será filmada a entrevista, tendo em mente sobretudo as condições luminosas; montar o equipamento; propor o enquadramento e ajustá-lo quando necessário durante a filmagem; testar as condições de gravação de imagem e som antes de iniciar a entrevista; comunicar qualquer problema durante a realização da filmagem à pessoa responsável pela produção.

Além disso, essa função, devido às características dos equipamentos que optamos por usar, acumulou também a tarefa da captação do som direto, ligado à câmera. É, portanto, quem deve estar atento também às questões sonoras. (ruídos externos, qualidade da gravação no dispositivo, etc)

3. câmera secundária. Essa câmera fica mais livre, podendo ser filmada na mão. O objetivo é fazer planos gerais e planos detalhes do processo da entrevista que possam servir tanto para a montagem da mesma, quanto para a composição de um filme de *making of*. Cabe comentar que essa função é uma ótima oportunidade para um exercício mais criativo de enquadramentos e fotografia. Além da câmera de filmagem, decidimos também por utilizar uma máquina fotográfica para registrar o processo do trabalho. A pessoa responsável, no entanto, teria que realizar essa função sem utilizar o recurso do flash, que pode atrapalhar a entrevista e prejudicar a filmagem.

4. direção. O diretor é o responsável não só pela condução da entrevista, mas é quem deve se responsabilizar por todas as escolhas, mesmo que coletivas, relativas à filmagem (local, enquadramento, etc). A relação com o entrevistado também é um dos focos do trabalho de direção, desde o convite para a entrevista, preocupando-se para que ele se sinta à vontade, até o término do trabalho.

Sendo também quem realiza a entrevista, a direção tem que estar preparada quanto à maneira como vai conduzi-la, quais as principais perguntas, que estratégias de conversa vai usar, etc.

É claro que essas funções tem que ser pensadas dentro do contexto específico em que estamos realizando o trabalho. Lembrando que trata-se de um grupo de jovens indígenas que estão aprendendo e que, portanto, qualquer tipo de cobrança não deve reproduzir uma noção de profissionalismo extraída da sociedade envolvente. O êxito nas tarefas tem que ser obtido principalmente a partir do modo próprio dos Guarani se organizarem e trabalharem, em que uma obrigatoriedade de emular padrões e regras hierárquicas exógenas pode, por vezes, comprometer um bom andamento dos trabalhos, já que estes são realizados dentro das normas e relações de conduta típicos ao mundo guarani. Tais padrões e hierarquias organizacionais da carreira audiovisual, devem, portanto, servir de referência para se pensar e avaliar o trabalho de equipe e não como uma imposição de formas.



Entrevistando Pedro Vicente

Avaliação das entrevistas

Esses exercícios foram práticos tiveram um processo e resultados excelentes. Ainda que alguns erros técnicos tenham ocorrido, a interação de trabalho em equipe e o êxito na relação com os entrevistados conseguiram garantir um material de boa qualidade audiovisual ademais de grande utilidade para a pesquisa sobre o xondaro.

Uma das funções a ser ressaltada foi a atuação do “produtor de set”, que em nosso caso, foi o jovem responsável por garantir a organização do ambiente da filmagem e suprir as demandas do entrevistado, deixando-o bem à vontade. O pesquisador Sílvia, do Peguao, destacou-se positivamente nessa função.

Todos entrevistadores também se saíram muito bem, a primeira dupla, Kerexu e Wera Alexandre, mais acostumados com esse tipo de processo, além de bem familiarizados, sobretudo Wera com o uso da câmera, souberam conduzir muito bem a entrevista e o trabalho da equipe. Entretanto, há uma observação importante em relação a dupla seguinte de entrevistadores, Sílvia e Edson. Ainda que de temperamento oposto à primeira dupla no âmbito da pró-atividade que se espera de diretores, o bom desempenho deles exemplifica muito bem a questão levantada acima sobre um modo próprio dos guarani em realizar essas funções audiovisuais. Com a tarefa de entrevistar o ancião, Pedro Vicente, de personalidade não tão fácil, a característica mais introvertida (algo comum entre os guarani) de Sílvia ajudou a proporcionar uma excelente condução de entrevista. Com a fala mais breve e uma voz quase sussurrada, a direção conseguiu obter um rico depoimento e deixar o entrevistado à vontade e feliz com o processo.

O mesmo processo de entrevistas filmadas repetiu-se no curso 4, no Krukutu. Lá, os pesquisadores novamente realizaram com êxito a tarefa, em que foram conduzidas duas entrevistas: uma com Timóteo Vera, um dos xondaros ruixas da Aldeia Tenonde Porã e outra com Nivaldo, ex-cacique do Krukutu.



Pesquisadores aproveitam luz que vem da janela para entrevistar Nivaldo



Timóteo conversa com pesquisadores no Krukutu

Em comparação com a experiência anterior no Silveira, foi possível perceber que algumas questões técnicas relativas a filmagem foram melhor incorporadas pelos pesquisadores. No momento de posicionar a câmera, por exemplo, não foi necessária nenhuma intervenção didática, eles sozinhos expressaram a necessidade de posicioná-la dentro da Opy (casa de reza) de acordo com uma boa fonte de luz que, no caso, foi uma das janelas. Outro aspecto bem incorporado foi a organização silenciosa da equipe, que conseguiu estender a mesma postura silenciosa aos demais presentes no local.

Ver e conversar

No curso na aldeia Krukutu fizemos uma atividade utilizando material filmado pelos pesquisadores na viagem à aldeia Ko'enju. Devido ao fato desse encontro ter reunido xondaros de diversas localidades, as filmagens dos momentos de dança tiveram especial interesse por

permitir uma análise comparativa das características regionais e/ou pessoais dos modos de se dançar xondaro.

A proposta da atividade era, portanto, assistirmos juntos a uma seleção de imagens desse material bruto e debatermos diversos aspectos do processo de pesquisa, de descrição e comparação dos movimentos da dança e do xarura. Aproveitamos, também, para avaliar aspectos formais da filmagem, sempre relacionando forma e conteúdo, insistindo para os pesquisadores se questionarem sobre as escolhas formais que tem que fazer de acordo com o que ocorre concretamente diante deles e o interesse em relação ao que querem expressar.

Assistimos cinco blocos de imagens, um com os xondaros da Ko'enju dançando, outro com os da Tenonde Porã, Guaira e mais dois momentos relacionados à recepção (*xarura*).

Essa atividade possibilitou uma discussão mais pormenorizada dos movimentos do xondaro que até então não havia ocorrido, trazendo para o processo do curso essas propriedades relacionados à indiciabilidade da imagem, e seus potenciais descritivos, que tornam o audiovisual fundamental em associação ao trabalho de pesquisa.

Viagens / Acompanhamentos: 1.Ko'enju, de 6 a 12 de abril de 2013; 2. Rio Branco, de 30 de maio a 1º de junho de 2013.

Ko'enju

O grupo de pesquisadores viajou em abril à aldeia Ko'enju, RS. Lá foi realizada uma assembleia da organização política dos guarani, a Comissão Yvyrupa (CGY). Foram dois os objetivos da viagem para o grupo: 1.auxiliar nos preparativos do encontro; 2. realizar atividades de pesquisa, aproveitando que lá estariam xondaros de diversas aldeias do território guarani. Dessa forma, ainda que os jovens não estivessem ali unicamente para realização dos trabalhos de pesquisa, e que o próprio foco do evento não deixasse muito tempo e espaço para a realização dessas tarefas específicas, o fato deles terem sido convocados para ajudar na produção desse encontro os colocou na posição de "xondaros", o que possibilitou integração e aproximação prática com os demais xondaro e xeramoï lá presentes, tanto nos momentos de dança, como nos de entrevista.



Alexandre e xeramoï na ruína de S.Miguel

Ao todo, na Ko'enju, foram realizadas quatro entrevistas filmadas. Sendo elas, duas entrevistas com Xondaros (Antônio, xondaro da Ko'enju e Sérgio, xondaro de Guaira); uma com o xeramoï Adolfo de RS; e outra com uma *xejaryi* da Argentina. Essas duas últimas foram de

iniciativa do pesquisador Donizete, que demonstrou interesse com o audiovisual desde sua primeira participação no grupo, no curso na aldeia do Rio Silveira.

Rio Branco

As lideranças da aldeia Tenonde Porã, durante os anos 2012 e 2013, realizaram projetos de fortalecimento do Xondaro. Tais atividades, ainda que focadas em participantes dessa aldeia e realizadas paralelamente ao projeto dos pesquisadores, várias iniciativas e encontros foram compartilhados entre esses projetos. A própria reunião inicial dos pesquisadores realizou-se junto a um desses encontros organizados pelas lideranças da Tenonde.

No final de maio, fomos informados de uma pequena viagem de dois dias para a aldeia Rio Branco, no litoral, e que os xondaro da Tenonde fariam o percurso pela trilha na Serra do Mar que liga o planalto à baixada. Devido ao fato que o Donizete não havia ainda passado por nenhum acompanhamento de pesquisa, e levando em conta também seu interesse em realizar filmagens, julgamos que seria uma boa oportunidade acompanhá-los nessa viagem. Seria também uma boa ocasião para o registro de imagens dos Xondaro no contexto da mata (*ka'aguy re*), algo que ainda não conseguimos realizar.

Apesar do tempo chuvoso ter cancelado a proposta de descermos pela trilha, resolvemos mesmo assim aproveitar a viagem. Lá, Donizete pode filmar um pequeno percurso de trilha feita às margens do Rio Branco e, posteriormente, realizar uma entrevista com Pedro Vicente, que também acompanhou os xondaros da Tenonde Porã nessa viagem.

Embora pequena, a atividade da trilha foi bem interessante e distinta do que havíamos presenciado no curso até então. A atividade foi conduzida por Pedro Vicente, que ensinou às crianças que o acompanhavam sobre o comportamento de um xondaro ao caminhar no mato, e sobre algumas plantas e suas utilidades. Esses assuntos serviram também como inspiração inicial do tema que mais tarde seria desenvolvido na entrevista filmada com Pedro. Vale ressaltar que Donizete optou por fazer a câmera conjuntamente à condução da entrevista. Ainda que tal procedimento imponha algumas dificuldades e limitações, achei positivo seu engajamento na tarefa e a possibilidade dessa composição compacta proporcionar mais cumplicidade à conversa.



Donizete entrevistando Pedro Vicente

6) Avaliação geral

As atividades relacionadas ao audiovisual, de capacitação na linguagem e de apoio ao processo de pesquisa, puderam ser realizadas em consonância com as demandas específicas do curso. Desse modo, foi possível equilibrar as práticas audiovisuais entre as dinâmicas e interesses específicos dos pesquisadores, variados ao longo dos cursos, com o compromisso de realizarmos o produto já definido, um filme documentário em duas versões, guarani e *jurua*.

O processo de formação em audiovisual ocorreu de modo progressivo, em que as orientações foram sendo cada vez menos impositivas, priorizando questões na abordagem e estimulando uma apropriação das técnicas, mantendo também o objetivo de estender o debate e a avaliação crítica do processo nas projeções de material bruto e na edição e finalização dos conteúdos gravados.

Acumulamos, até agora, um bom conjunto de entrevistas e um vasto material de registro das apresentações de xondaros e xondarias. Todo o trabalho de registro, assim como as entrevistas, foram conduzidos e realizados pelos pesquisadores, com raras exceções.

Nesses processos, destacam-se as entrevistas filmadas, não só pelo aprendizado e os bons resultados técnicos adquiridos, mas pelo trabalho em equipe, cujo caráter colaborativo fez com que os pesquisadores aprendessem entre si. Ao acompanhar um colega com bom desempenho na entrevista, por exemplo, os demais aprendiam e ganhavam confiança para conduzir entrevistas em outras oportunidades.

As próximas etapas da formação estarão focadas no processo de edição, relacionando a montagem audiovisual com o trabalho de organização e tradução do tema pesquisado.